



东游

**ROTAS A
ORIENTE**

REVISTA DE ESTUDOS
SINO-PORTUGUESES

东游·中葡国别研究

Road to the East. Journal of Chinese-Portuguese Studies

ROTAS ORIENTE

REVISTA DE ESTUDOS
SINO-PORTUGUESES

东游 · 中葡国别研究

Road to the East. Journal of Chinese-Portuguese Studies



FICHA TÉCNICA 图书编目数据 TECHNICAL INFORMATION

TÍTULO 书名 TITLE

Rotas a Oriente. Revista de estudos sino-portugueses

东游·中葡国别研究

Road to the East. Journal of Chinese-Portuguese Studies
2 (2022)

EDITORES-CHEFES 主编 CHIEF EDITORS

Carlos Morais

Universidade de Aveiro

Cheng Cuicui

Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian

EDITORES ASSOCIADOS 副主编 ASSOCIATE EDITORS

Ran Mai

Universidade de Aveiro

Ying Han

Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian

CONSELHO EDITORIAL 编委会 EDITORIAL BOARD

António Manuel Ferreira (Universidade de Aveiro);

Carlos Morais (Universidade de Aveiro); Carlos Rodrigues

(Universidade de Aveiro); Cheng Cuicui (Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian); Fu Qiong

(Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian); Han Ying

(Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian); Maria do Carmo Vieira da Silva (FCSH, Universidade

Nova de Lisboa); Maria Fernanda Brasete (Universidade de Aveiro); Nuno Dias (Universidade de Aveiro);

Ran Mai (Universidade de Aveiro); Rosa Lídia Coimbra

(Universidade de Aveiro); Shao Xiao Ling (Universidade de Aveiro); Zélia Breda (Universidade de Aveiro).

COMISSÃO CIENTÍFICA 学术委员会 SCIENTIFIC COMMISSION

António de Abreu Freire (CLEPUL, Universidade de

Lisboa); António dos Santos Queirós (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Câmara de Coopera-

ção e Desenvolvimento Portugal-China e Observatório da China); António Manuel Lázaro (Universidade do

Minho); Carlos Ascenso André (Instituto Politécnico de Macau e Universidade de Coimbra); Cristina Zhou

(Universidade de Coimbra); Enrique Huelva Unternbä-

men (Universidade de Brasília); Fernanda Ilhéu (ISEG

e Amigos da Nova Rota da Seda); Han Lili (Instituto Politécnico de Macau); Henrique Barroso (Universidade do Minho); João Paulo Silvestre (Universidade de Aveiro); João Veloso (Universidade do Porto); Lola

Geraldes Xavier (Instituto Politécnico de Macau/Instituto Politécnico de Coimbra); Luís Filipe Barbeiro

(ESECS, Politécnico de Leiria); Luís Filipe Barreto

(Universidade de Lisboa); Manuel Célio Conceição

(Universidade do Algarve); Maria Teresa Cid (Universidade de Lisboa); Maria Teresa Roberto (Universidade de Aveiro); Micaela Ramon (Universidade do Minho);

Mo Guo (Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau); Paulo Osório (Universidade de Beira Interior);

Paulo Pereira (Universidade de Aveiro); Rosa Bizarro

(Universidade do Porto); Song Haoyan (Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau); Sun Jianrong (Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau); Sérgio

Guimarães de Sousa (Universidade do Minho); Vera Borges (Universidade de São José de Macau); Wang Suoying (Universidade de Aveiro); Xu Yixing (Universidade de Estudos Internacionais de Xangai); Yao

Jing Ming (Universidade de Macau); Zhang Yunfeng

(Instituto Politécnico de Macau) e os membros do Conselho Editorial.

EDIÇÃO 出版社 EDITION

UA Editora – Universidade de Aveiro

PERIODICIDADE 出版周期 PUBLICATION FREQUENCY

Anual 年刊 Annual

CONCEÇÃO GRÁFICA 版面设计 GRAPHIC DESIGN

Carlos Gonçalves

IMPRESSÃO 印刷 PRINTING

Clássica - Porto

TIRAGEM 印数 COPIES IN THIS EDITION

200 exemplares

DEPÓSITO LEGAL 法定寄存 LEGAL DEPOSIT

489209/21

ISSN

2184-9900

e-ISSN

2795-4080

URL

<https://proa.ua.pt/index.php/rotasaorient>

www.rotasaorient.pt

E-MAIL

revista@rotasaorient.pt



Licença Creative Commons: Atribuição 4.0 Internacional

知识共享许可证: 国际许可协议 4.0 版

Creative Commons License: Attribution 4.0 International

CORRESPONDÊNCIA 联系地址 CORRESPONDENCE

Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro

Campus Universitário de Santiago

3810-193 Aveiro (PORTUGAL)

Dalian University of Foreign Languages

6 Xiduan Lushun Nanlu

Lvshunkou District, Dalian – Liaoning Province

CHINA 116044

© Os direitos permanecem com os autores

© 作者保留版权

© Authors retain copyright



universidade de aveiro
instituto confúcio



大连外国语大学
DALIAN UNIVERSITY OF FOREIGN LANGUAGES



ÍNDICE

- 7** Editorial / 序言
- 11** O contacto dos extremos e as vivências dos sabores nas relações luso-chinesas
The contact between people of very different backgrounds and the mingling of flavours in Luso-Chinese relations
Jorge Tavares da Silva
- 31** Entre o Oriente e o Ocidente: o inviável regresso e a via a cumprir
Between East and West: the impossible return and the road ahead
Renato Epifânio
- 43** Asas para Oriente. A primeira viagem aérea de Portugal a Macau (1924): texto, contexto e pretexto
Wings to the East. The first flight from Portugal to Macau (1924): text, context and pretext
Isabel Morujão
- 69** Uma paixão de Vieira pelo Oriente no tempo da protoglobalização?
Did Vieira nurture a passion for the Orient during the first globalisation?
José Eduardo Franco
- 93** Tradição musical das Bandas de Sopros em Macau: breve introdução
A brief introduction to Wind Instrument Bands in Macau
Dingcheng Dai

- 101** **Alterações das Rotas da Seda ao longo do tempo: mudanças climáticas e impérios**
Transformations in the Silk Routes throughout the ages: climatic and empire changes
António de Abreu Freire
- 113** **A Rota da Seda da Saúde e o 14.º Plano Quinquenal da República Popular da China**
The Health Silk Road and the People's Republic of China's 14th Five-Year Plan
Anabela Rodrigues Santiago
- 127** **The Importance of Cooperating with China in the Global Health System**
A Importância da Cooperação com a China no Sistema Global de Saúde
Simon Ming-Yuen Lee, Lin Li, Jiayin Deng, Kit Ieng Kuok, Hio Kuan Lao, Dongmin Lin
- 149** **Traditional Chinese Medicine and its role in Preventive Medicine**
Medicina Tradicional Chinesa (MTC) e o seu papel na Medicina Preventiva
Ana Varela
- 169** **Economia Circular para Cidades Saudáveis**
Circular Economy for Healthy Cities
Carlos Borrego
- 187** **Modalidade *b-learning* no ensino-aprendizagem de PLE na China: o caso da Universidade de Hubei**
B-learning model in Portuguese teaching and learning in China: the case of Hubei University
Yilan Shen
- 205** **Aquisição da posição dos clíticos em português europeu como L2**
The Acquisition of Clitic Placement in L2 European Portuguese
Wenjun Gu

227 **Análise dos principais erros de alunos chineses no uso do conjuntivo em português**

Analysis of the main errors made by Chinese students in the use of the subjunctive in Portuguese

Ruirui Sun

251 **Orações relativas na perspectiva do ensino de português como língua estrangeira**

Relative clauses from the perspective of teaching Portuguese as a foreign language

Xu Yixing

265 **Percepção acústica de palavras homógrafas e parónimas: um estudo exploratório com alunos chineses de PLE**

Acoustic perception of homographs and paronyms: an exploratory study with Chinese students of PFL

Zhao Mengjie

Sara Pita

285 ***Hsingling* and Honour-Seeking Translatorial *Hexis* – An Interpretation of Lin Yutang’s Translation Strategies in *Six Chapters of a Floating Life***

Hexis tradutológica em *Hsingling* e na busca de honra – Uma interpretação das estratégias de tradução de Lin Yutang em *Six Chapters of a Floating Life*

Wu Yue

Editorial

Rotas a Oriente. Revista de estudos sino-portugueses é coeditada pela Universidade de Aveiro, através do seu Instituto Confúcio, e pela Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian (R. P. China), com o objetivo de promover a publicação de investigação científica no âmbito dos estudos sino-portugueses.

Com periodicidade anual e livre acesso, a revista está aberta a contribuições relativas a estudos sino-portugueses, no âmbito das seguintes áreas:

- Literatura;
- Linguística;
- Tradução;
- Ensino e aprendizagem do português e do chinês como línguas não maternas;
- Artes;
- História das relações sino-portuguesas;
- Estudos interculturais;
- Iniciativa “Uma faixa, uma Rota”.

A revista publica textos inéditos (em papel e online), não submetidos a outros periódicos, em português, inglês e chinês, de acordo com as normas estipuladas na Licença Creative Commons CC BY 4.0.

Os textos submetidos devem obedecer às regras estabelecidas no GUIA DE ESTILO da revista (*vide* <https://proa.ua.pt/index.php/rotasaorient>).

Este segundo número apresenta 16 estudos que contemplam todas as áreas temáticas previstas para a revista.

Os Editores

Editorial

Rotas a Oriente. Revista de estudos sino-portugueses (*Road to the East. Journal of Chinese-Portuguese Studies*) is co-edited by University of Aveiro, through its Confucius Institute, and Dalian University of Foreign Languages (P. R. China), with the aim of promoting the publication of scientific research in the field of Sino-Portuguese studies.

This free access journal is published annually and is open to contributions relating to Sino-Portuguese studies, within the following areas:

- Literature
- Linguistics;
- Translation;
- Teaching and learning Portuguese and Mandarin as foreign languages.
- Arts;
- History of Sino-Portuguese relations;
- Intercultural studies;
- The “Belt and Road” initiative.

The journal publishes as yet unpublished texts (in print and online), that have not been submitted to other journals, in Portuguese, English and in Chinese, under the terms of the Creative Commons License CC BY 4.0.

Submitted texts must comply with the rules established in the journal's STYLE GUIDE (see <https://proa.ua.pt/index.php/rotasaoriente>).

This second issue presents 16 studies that cover all the thematic areas planned for the journal.

The Editors

序言

《东游·中葡国别研究》系葡萄牙阿威罗大学、阿威罗大学孔子学院与中国大连外国语学院以推广中葡国别研究为目的共同策划和出版的学术期刊。

本期刊以年刊的方式面向公众发行,以中葡国别研究为主题,包含以下各专业领域:

- 文学;
- 语言学;
- 翻译;
- 对外葡语及对外汉语教学;
- 艺术;
- 中葡关系史;
- 跨文化研究;
- “一带一路”倡议。

本期刊接收葡语、英语和汉语撰写的未经发表、未向其他期刊投稿的文章。遵循《知识共享许可协议》(4.0国际版)。

稿件必须符合杂志格式规范 (参见: <https://proa.ua.pt/index.php/rota-saorienta>)。

第二期收录本学术期刊各专业领域论文共16篇。

期刊编辑

O contacto dos extremos e as vivências dos sabores nas relações luso-chinesas

The contact between people of very different backgrounds and the mingling of flavours in Luso-Chinese relations

Jorge Tavares da Silva

DCSPT, Universidade de Aveiro
jmts@ua.pt
ORCID: 0000-0002-2526-4745

RESUMO

Uma das dimensões de análise das relações seculares entre portugueses e chineses é aquela que se expressa por intermédio das trocas de alimentos, sabores, práticas de cozinha e gastronomia. O presente texto analisa o intercâmbio luso-chinês através deste domínio, os fatores que levaram a esta aproximação, as principais influências mútuas ao nível alimentar e, em particular, o legado na cozinha de Macau. Procuramos demonstrar como a herança gastronómica na Ásia deixada pelos portugueses é um testemunho vivo do relacionamento secular luso-chinês.

PALAVRAS-CHAVE

China, Portugal, Descobertas, alimentação, gastronomia, cozinha de fusão, interculturalidade.

ABSTRACT

One of the points of analysis in the relationship between the Portuguese and the Chinese is that provided by the exchange of food, flavours, cooking habits and gastronomy. This text analyses the Luso-Chinese exchange in this context, the factors that have led to this convergence, the main mutual influences with regard to food and, in particular, the legacy in Macau's cuisine. We aim to prove how the gastronomic heritage in Asia left by the Portuguese is a living testimony of the secular Luso-Chinese relationship.

KEYWORDS

China, Portugal, Discoveries, food, gastronomy, fusion cuisine, interculturality.

Introdução

Portugueses e Chineses partilham entre si uma das páginas mais extraordinárias das interações que se estabeleceram entre a Europa e a Ásia ao longo dos séculos (Silva, 2020). A aventura lusitana no Oriente ganha repercussão depois da conquista de Malaca, em 1511. A ânsia mercantil e a curiosidade, em pouco tempo, levaram os portugueses a desembarcar nas costas da China (1513), e alguns anos depois no Japão (1543), dando sentido ao fenómeno “contacto entre extremos”, assim designado por Karl Marx (1853). Por entre aventuras e desventuras, sucessos e fracassos, ocupações e desocupações de territórios, acabaram por se instalar com permanência em Macau, em 1557. Prosseguiram as interações e abriu-se espaço para uma multiplicidade de misturas. A escassez de gente de origem portuguesa obrigou o governador da Índia portuguesa, Afonso de Albuquerque, a motivar uma política de miscigenação, advindo o casamento de homens portugueses com mulheres malaias e, posteriormente, chinesas, em Macau. Das dinâmicas interétnicas surgiu o idioma *kristang* (*Cristang*), referente a “cristão”, falado por mestiços, que foi muito usado nas práticas mercantis, e em Macau formou-se o *patuá* (por vezes escrito *patoá*). Assumiu-se a “missão suprema de se caldearem as raças” e de “disseminar o conhecimento da verdade por entre os povos” (Gomes, 1968, p. 43), trocando práticas e vivências, entre múltiplas interculturalidades, misturando os sabores e criando novas culinárias. Em 1600, a influência ao nível alimentar era já muito relevante, “dava-se à boca” do outro aquilo que a nossa gostava, nem sempre com bons resultados. Por exemplo, os chineses não eram nada adeptos de produtos lácteos, uma das bases alimentares da cultura portuguesa. Diferente foi a receção aos frutos e, sobretudo, vegetais, muito disseminados nas terras da China pelas gentes de Portugal, especificamente em Macau, tais como os agriões, o feijão-verde, a batata-doce, a alface e as couves (Coates, 1991).

Um dos exemplos desta influência europeia é o amendoim, uma leguminosa cultivada no continente americano, que acabou difundida em “todos os trópicos do mundo” (Kiple, 2008, p. 165). Em 1538, há um registo da existência de amendoim na região de Suchou. Também a batata-doce, muito apreciada nas Filipinas, foi introduzida na China pelos portugueses. Em 1594, o governador de Fujian aliviou a fome da sua população com batata-doce, transportada por navios europeus a partir de Manila (Anderson, 1988). O pimentão, bem como o milho, transportado em grande escala pelos galeões espanhóis, a maçã reineta, a papaia, a goiaba e

o ananás, são outros exemplos. O cultivo destes frutos, plantas ou cereais foi-se disseminando entre os chineses, beneficiando dos climas quentes e húmidos da Ásia (Bentley, et al, 2015).

No século XVI, os contactos luso-chineses permitiram aos dois povos um conhecimento entre si dos seus usos e costumes. Para a Europa foram dados “novos mundos” ao “velho mundo”, registavam-se em papel as vivências dos contactos, em livros que passam de mão em mão a uma velocidade vertiginosa. Os testemunhos vivos davam a conhecer às elites europeias os costumes alimentares, as bebidas mais apreciadas, as técnicas e materiais usados na cozinha, prazeres gustativos, que sintetizamos em duas culturas gastronómicas distintas. A expressão “gastronomia” alude etimologicamente às regras (*nomos*) de comer e beber o que vai para o estômago (*gaster*), transposta cientificamente para a ideia de “conhecimento inteligente sobre quaisquer preocupações alimentares do homem” (Brillat-Savarin, 2011). Refere-se “não só à preparação da comida, mas também para quem, e com quem, o ser humano a consome” (Brillat-Savarin, 2011). Os próprios ditames da diplomacia envolviam a organização de banquetes, onde os anfitriões mostravam o que de melhor a sua culinária tinha para oferecer. Afonso de Albuquerque, após a tomada de Malaca, ofereceu, aos seus partidários chineses, iguarias portuguesas, que incluíam doces diversos, particularmente pão de ló, muito disseminado posteriormente na região (Rodrigues, 2018). No Japão, o pão-de-ló molhado ganhou a designação de *kasutera*, expressão derivada de “bolo do castelo”, referente à região de Castelo Branco (Kiple, 2008).

Fica assim definido o foco principal deste artigo, uma abordagem aos contactos alimentares e gastronómicos entre portugueses e chineses, procurando extrair os impactos e as influências mútuas desta experiência, incluindo a mescla intercultural e a domesticação dos palatos. Iniciamos com uma análise sobre a procura portuguesa das especiarias, a força motriz da mobilização lusa nos mares da ásia, mas também a influência destas especiarias nas duas gastronomias. Numa segunda parte, apontamos para as vivências luso-chinesas, ilustradas com exemplos de práticas, usos e costumes alimentares, cujas influências se estenderam da Europa à Ásia. Finalmente, num terceiro momento, revisitamos, em concreto, alguns exemplos culinários que resultaram, de forma direta ou indireta, do intercâmbio cultural luso-chinês, muito evidente na cozinha de Macau. O resultado corresponde a um fenómeno de transculturalidade, como lhe chama Benjamim Videira Pires (1988), uma ilustração do bom relacionamento entre portugueses e chineses ao longo dos séculos.

Na senda das especiarias, de Lisboa ao Império do Meio

Não foi o impulso da ciência, os metais nobres ou as pedras preciosas que motivaram a projeção dos navegadores portugueses para os confins da Ásia (Kulke, 2012). Na mente aventureira estava o acesso privilegiado à “ilha das especiarias” (Ilhas Molucas, atualmente na Indonésia), de onde saía a noz-moscada, o cravinho, o cardamomo, o gengibre, e o cravo-da-índia, transportados há muitos séculos por mercadores árabes até Veneza. Destaque para a canela, que foi encontrada em Ceilão (atual Sri Lanka) pelo capitão-mor Lourenço de Almeida (1480-1508), e a fez chegar à Europa com avultados lucros (Ravindran, 2017). Desde a Antiguidade que a canela estava entre a maior das ofertas reais, juntamente com a mirra, o ouro e o incenso (Boisvert e Hubert, 1996). Assim se explica que Stefan Zweig tenha deixado escrito que “a especiaria foi a pedra de toque”, o princípio da ambição que explica a mobilização dos portugueses pelos oceanos:

Entre a vulgaridade do tom maior e menor, do amargo e do doce, do picante e do insonso, perpassam de repente magníficos tons culinários, intermédios; em breve, já os bárbaros nervos platinais da Idade Média começam a sentir a necessidade dos excitantes. (Zweig, 1960, pp. 21-22)

As especiarias atingiam preços de tal forma elevados nos mercados europeus que era habitual as adulterações. Ainda hoje, por exemplo, em muitas feiras, com o mesmo objetivo, é recorrente a troca propositada de cártamo por açafraão.

A conquista de Constantinopla, em 1453, que conduziu à expansão do Islão até às portas de Viena, tornou-se um ponto de viragem no relacionamento entre a Europa e a China. As rotas da Ásia Central até ao Extremo Oriente passaram a estar controladas pelos mercadores árabe-muçulmanos. A sedução por produtos como a seda e as especiarias serviu de impulsionador da denominada Rota da Seda, assim denominada pelo Barão Ferdinand von Richthofen, espaço de trocas entre a China e o Império Romano (Altheism, 1956). Foi durante séculos um trilho de intercâmbio de povos, troca de bens e produtos, passando-se informações de uns para outros até ao destino final. Desde os séculos XIII e XIV que se consolidou uma ligação terrestre regular entre as duas extremidades por esta via, no espaço que Eduard Suess designou por Eurásia (1885), percorrida por mercadores, aventureiros e homens de fé. Por ela seguiu, por exemplo, o veneziano Marco Polo, trazendo inolvidáveis conhecimentos das terras do Catai, que mais não era do que o Império do Meio. Mas as novas circunstâncias históricas

e políticas, com o avanço turco, dificultaram estas trocas, fazendo com que os produtos ficassem ainda mais caros.

Também na China as circunstâncias seriam alteradas com a queda da dinastia Yuan (1368) e a fundação da dinastia Ming, esta menos propensa às transações comerciais com a Europa. Os mercadores foram assim obrigados a explorar alternativas, menos diretas, mais caras, pelo Levante, Mar Vermelho, Golfo Pérsico e Oceano Índico (Clark, 1997). A retração Ming deixa espaço para nações como Portugal avançarem pelos mares. Ainda que não fosse unânime a decisão, o rei, D. Manuel I, depois de convocar as cortes de Montemor-o-Novo, desafiou os mais conservadores, incluindo uma opinião pública desfavorável, e decide avançar na procura do Oriente. O grande feito é alcançado no dia 20 de maio de 1498, quando Vasco da Gama chega a Calecute (Kulke, 2012). Aos poucos os navios portugueses exploraram e ligaram os oceanos Atlântico, Índico e Pacífico, aclarando as distorções cartográficas antigas. Contribuíram decisivamente para a consolidação da conceção grega da esfericidade da terra e para o descrédito das versões fantasmagóricas das descrições medievais.

Quando Lopes de Siqueira chega a Malaca, em 11 de setembro de 1509, estavam ali ancorados quatro juncos chineses. Siqueira travou contacto com os chineses, que lhe ofereceram os bons serviços para as navegações circundantes (Jin & Wu, 2007; Rego, 1946). As boas vendas que tinham os produtos que ali chegavam suscitaram ainda mais interesse pela China. Os portugueses tornaram-se o povo mercantil mais poderoso do mundo, passaram a lidar com muita regularidade com os chineses nos protetorados e feitorais recém-conquistados: Ceilão, as ilhas da indonésia, as ilhas Molucas e Malaca, como nos mostra este testemunho:

Eram duas civilizações a enfrentar-se. Dum lado, os chineses, ciosos do seu esplêndido isolamento, não necessitando absolutamente de nada, felizes no seu viver e na sua riqueza, regendo-se por leis multiseculares e pela tradição. Doutro lado, os portugueses, bastante inquietos, inclinados a julgar à europeia quantos povos encontravam no seu aventuroso deambular, picados pelo gosto do lucro desmedido e imediato, nem sempre obedecendo às normas da Justiça e da Verdade. (Rego, 1946)

Em 1511, Afonso de Albuquerque toma o controlo de Malaca com uma frota de 19 navios e 1400 soldados. Este vice-rei tinha o objetivo de formar um vasto império terrestre através do domínio dos pontos fundamentais das rotas locais.

Os navios portugueses foram trazendo para Lisboa as preciosas especiarias, tornando-se esta uma das capitais do mundo mais ricas e poderosas:

Lisboa avantajava-se em riqueza, em população; o Tejo via-se coalhado de navios de todas as nações, que vinham trazer e levar produtos de todo o mundo. Os mercadores, operando sobre os grandes valores dos carregamentos asiáticos, venderam junto em um dia, em drogas, especiaria, setecentos mil cruzados. (Martins, 1977, p. 317)

Com poucos portugueses, Albuquerque estimula uma política de miscigenação e pacificação, que passava por um incentivo ao casamento entre lusitanos e mulheres nativas. Foi o ponto nevrálgico, de onde os navegadores lusos de instalaram e passaram a integrar as redes mercantis, que interligavam os principais portos marítimos asiáticos (Loureiro, 1999). D. Manuel I instigou o vice-rei Diogo Lopes de Siqueira, para que procurasse saber melhor quem eram esses “Chins” que ali se encontravam, saber de onde vinham e que mercadorias acartavam (Rego, 1946; Ramos, 2012):

Perguntareis pelos Chins e de que parte vêm, e de quão longe, e de quanto em quanto tempo vêm a Malaca ou aos lugares em que tratam, e as mercadorias que trazem, e quantas naus deles vêm cada ano, e pelas feições de suas naus, e se tornam no ano em que vêm, e se têm feitores ou casas em Malaca ou em outra alguma terra, e se são mercadores ricos, e se são homens fracos se guerreiros e se têm armas ou artelharias, e que vestidos trazem e se são grandes homens de corpos e toda a outra informação deles, e se são cristãos se gentios, ou se é grande terra a sua, e se têm mais de um rei entre eles, e se vivem entre eles Mouros ou outra alguma gente que não viva na sua lei ou crença e, se não são cristãos, em que crêm ou a que adoram, e que costumes guardam e para que parte se estende sua terra, e com quem confinam. (Rego, 1946)

Esta instrução, incluída no Regimento de Almeirim¹, e publicada nas Cartas de Afonso de Albuquerque, representa a génese do relacionamento luso-chinês

¹ O Regimento foi promulgado em Almeirim, a 13 de fevereiro de 1508.

(Ramos, 2012). Em 1513, foi por intermédio de Jorge Álvares², natural de Freixo de Espada à Cinta, que os portugueses, documentalmente, colocariam os pés pela primeira vez no território do Império do Meio. Ficou registado numa carta enviada ao Rei D. Manuel I, o “Rei Venturoso”, em que se dava conta que “os *chins folgam com nossa companhia*”. Tratou-se de uma viagem exploratória a partir de Malaca ao Mar do Sul da China, cujo facto é praticamente ignorado na historiografia chinesa. Prepara-se uma primeira embaixada portuguesa à China, escolhendo-se para o efeito Tomé Pires, destacado boticário. Tinha-se empenhado na seleção de especiarias que pudessem interessar e assim levar para Portugal. Em Malaca, escreveu a *Suma Oriental*, um extenso documento que descrevia as regiões por onde tinha passado (Pires, 2017). Este testemunho corresponde à primeira descrição da China registada por um português (1535-36), a revelação de uma porta que se abria a um novo mundo para os tempos vindouros.

Vivências e convivências em torno dos sabores

Com os pés no Oriente, os portugueses intensificaram as trocas com os povos asiáticos, deram a conhecer o que era “seu”, absorveram o que era dos “outros”. Portugueses e chineses são oriundos de espaços geográficos muito distantes, têm diferentes matrizes culturais, crenças, usos, costumes e sistemas de organização social. Os europeus iam registando nas crónicas de viagem que os asiáticos eram “pessoas com muito talento que não são inferiores a nós. Simplesmente são feios na aparência, com dois olhos pequeninos, vestuário quase semelhante ao nosso e usam sapatos com meias”; os chineses descreviam os europeus como “gente de nariz comprido e olhos encovados” (Morbey, 1994, pp. 134-153). Contribuíram para estas imagens as transmissões orais, muito condicionada pela forma subjetiva como cada povo interpretava o mundo onde vivia³. Os contactos, numa primeira fase, eram esporádicos e, enquanto os chineses acreditavam que os seus modos de viver eram os mais corretos, os portugueses (conhecidos por *folangji*) pareciam-lhes bizarros e desconheciam os ensinamentos tradicionais do Império do Meio. Os orientais não apreciaram a chegada dos *folangji* (europeus, estrangeiros) ao seu espaço, porque lhes perturbava o equilíbrio milenar da sua

² Importa esclarecer que, na presença portuguesa no Oriente, encontramos vários Jorge Álvares, o que, por vezes, gera dificuldades de interpretação. Cf. Smith, 1972.

³ Ver Ramúsio, 1978; e Picchio, 1984, pp. 5-21.

civilização e das relações de vassalagem com a vizinhança (sistema tributário chinês) (Castelo-Branco, 2014; Silva, 2020).

Os hábitos alimentares são igualmente diferenciados, mas o intercâmbio intercultural entre gente de extremos opostos levou à partilha de alimentos, troca de experiências gustativas, reinvenção de pratos e métodos de preparação. Entre a Europa e Ásia abriu-se um corredor de permutas de alimentos que alteraria radicalmente os hábitos da alimentação mundial. Aos poucos, a gastronomia ocidental – sobretudo nas classes mais abastadas - sofreria uma substancial transformação com a influência de novos ingredientes exóticos. Por exemplo, o uso da pimenta já tinha sido introduzido na cozinha portuguesa através dos mercadores árabes e venezianos, mas ganharia um novo fulgor com as novas cargas chegadas do Levante. A pimenta só era acessível aos mais abastados, sendo usada como moeda de troca, aparecendo registada em testamentos e dotes de casamento (Kiple, 2008). Na Idade Média, a pimenta era mais conhecida pelos atributos medicinais, como afrodisíaco, do que pelas virtudes gustativas (Boisvert e Hubert, 1996). Por resistência ao paladar e, sobretudo, pelos elevados custos, a utilização generalizada em Portugal apenas aconteceria no final do século XIX (Rodrigues, 2018).

Na relação luso-chinesa encontra-se um diferencial nos atributos dados ao mundo da cozinha. Na cultura chinesa ela eleva-se ao estatuto de arte, da mesma importância do que, exemplo, a música (Pereira-Müller, 2008). Bem diferente da cultura portuguesa, onde até ao século XIX tem uma posição muito modesta. A comida ganhou uma tal dimensão social no Império do Meio que os orientais, nos cumprimentos quotidianos, perguntam entre si, primeiro de tudo, se já comeram: 你吃了嗎 (*ni chi le ma*)?. Há um profundo respeito pela comida, transposto no dizer popular que “é melhor para um homem esperar pela sua refeição do que a refeição esperar pelo homem”. Denota também um respeito pelo homem e o direito deste em apreciar a boa comida (Buck, 1972). Fundamental neste país é o consumo de arroz, cujo cultivo remonta a cerca de 7000 anos. Uma lenda antiga do povo miao, de Sichuan, mostra a sua relevância social e espiritual. Diz que os locais, por não terem arroz, enviaram aos céus um pássaro verde. Ele voou até ao celeiro do deus do firmamento e trouxe uma semente de arroz divina. A sua relevância aparece expressa em muitas obras antigas. No *Sonho da Câmara Vermelha*, uma das mais notáveis e conhecidas obras da literatura chinesa, escrita por Cao Xueqin, do século XVIII, numa referência contida numa carta faz uma apologia à degustação de arroz com água:

Nos dias frios, quando receberdes parentes ou amigos pobres, dai-lhes primeiro uma tigela de arroz cozido em água fervente, acompanhada de um pratinho de gengibre ou de pickles. Não há nada melhor para reaquecer os velhos e os desgraçados. Nos dias de folga, tomai alguns doces de arroz esmigalhado, ou então fazei umas papas bem finas de arroz, que comereis segurando a tijela com ambas as mãos e encolhendo bem os ombros. Se a manhã tiver sido fria, sentireis invadir-vos um doce calor. Ai de mim! Ai! Quem me dera poder fazer-me lavrador pelo resto dos meus dias! (Lin, 1943, p. 309)

Um dos aspetos imediatamente notado pelos portugueses nestes primeiros contactos com as gentes do Império do Meio foi o hábito de comer com pauzinhos (Kuaizi, 筷子), que cerca de 500 milhões de pessoas no mundo ainda utilizam no seu dia-a-dia (Wang, 2015). Diga-se que Marco Polo, no seu *Livro das Maravilhas*, ignorou este facto, que inquieta aquelas que duvidam que realmente tenha andado pelas profundezas das terras chinesas. Descobertas arqueológicas recentes, em Longqiuzhuang, revelam que a utilização destes utensílios pode remontar à época do neolítico (Wang, 2015), quando na Europa no século XIII, parte substancial das populações ainda comia com as mãos (Pereira-Müller, 2008). Assim conta Fernão Mendes Pinto na sua Peregrinação:

Porém, as que mais gosto mostraram disto foram as irmãs, suas filhas, porque enquanto comemos tiveram muitos passatempos de bons ditos com seu irmão, quando viram que comíamos com as mãos, porque em todo aquele império chim se não costuma comer com a mão, como nós fazemos, senão com dous paus feitos como fusos. (Pinto, 1614)

Quem primeiro faz uma referência ao hábito de se comer com pauzinhos foi o boticário Tomé Pires (1465-1540) na sua obra *Suma Oriental*:

Comem com dois paus, tomam a porcelana com a mão esquerda, e com a mão direita e com a boca e com os paus se servem. (Pires, 2017)

Outra das referências escritas iniciais do contacto com o mundo alimentar e gastronómico chinês é o *Tratado das Coisas da China* (156), de Frei Gaspar da Cruz, missionário dominicano português (1520-1570), natural de Évora, que elaborou a primeira obra europeia exclusivamente dedicada ao Império do Meio. Viveu na ilha de Lampacau e em Cantão, antes da fundação de Macau, descre-

vendo no seu texto com rigor muitos lugares, as suas divisões administrativas, o sistema de impostos, as atividades económicas, os usos e costumes, compreendendo a alimentação. Segundo ele, os chineses gostam sobretudo de conviver à mesa, gastando tempos infinitos em lutos banquetes, que chegam a durar vários dias (Cruz, 2010).

Na China, encontrou-se uma culinária com raízes milenares, uma das mais ricas e variadas do mundo, mantendo uma relativa continuidade ao longo dos séculos. Quanto aos hábitos alimentares, diga-se que os chineses se alimentavam com tudo o que era possível de ingerir, dos caranguejos às cascas das árvores, fruto dos imperativos de sobrevivência face à escassez. Como refere o escritor Lin Yutang:

A necessidade económica é a mãe das nossas invenções gastronómicas. Sofremos de enorme superpopulação e a fome na China é uma eventualidade tão conhecida que somos levados a comer o que nos cai nas mãos. (Lin, 1943, p. 306)

Importa referir, contudo, que ainda que em muitos períodos da história, por imposição da necessidade, fosse muitas vezes imprescindível alargar o sustento a “ratos, gatos, cães, serpentes, etc.” (Crespo, 1898, p. 230), não é representativa de toda uma civilização milenar que tem no arroz uma das suas bases nutritivas. Em Macau, por exemplo, ainda que em Cantão fossem mais expressivas, não deixava de existir algumas iguarias exóticas trazidas dos hábitos alimentares do interior da China. O escritor Ferreira de Castro deixa-nos o testemunho desta realidade na sua *Volta ao Mundo* (1942, p. 485):

À porta destes restaurantes em Macau expõem-se cestos repletos de caranguejos e, numa e noutra casa, outros cestos cheios de cobras vivas, cujas triangulares cabeças assomam por entre os vimes entrançados. Nem todos os chineses comem serpentes, mas para os que comem, uma cobra possui o mesmo prestígio gastronómico que a lampreia goza na Europa.

Outro marco nos anais da história de Portugal no Oriente esteve na degustação pioneira do chá entre os europeus, Lisboa ganhou nos seus hábitos quotidiano o desfrute de o bebericar. Desta cidade, era depois enviada para outras cidades do continente (Kiple, 2007). O jesuíta Álvaro Semedo (1585-1658) foi o primeiro a fazer referência ao chá por um europeu (Ukers, 2007). Os portuque-

ses foram também os disseminadores das especiarias pela Ásia, introduzindo as mesas na cozinha de Goa e de Macau. Não admira que muitos procurassem trazer as sementes que pudessem ser criadas em território europeu as preciosas especiarias ou que se procurasse entre as plantas locais condimentos equivalentes. Foi o caso do médico Brás Luís de Abreu (1721-1756) que Camilo de Castelo Branco imortalizou como o “Olho de Vidro” (1924)⁴, que nas redondezas de Aveiro identificou a chamada “erva formigueira”⁵. Diziam os locais que quando pisada cheirava a formigas. Luís de Abreu via nas folhas desta erva as mesmas virtudes que o chá da China, embora a sua difusão nunca tenha passado desta incipiente tentativa. Melhores resultados teve a introdução da planta de chá nos Açores, no século XIX, quando se procurou no arquipélago diversificar a produção agrícola devido à chamada “crise da laranja” provocada por uma praga. O século XIX tinha suscitado enorme interesse comercial por esta bebida de origem oriental⁶. Em 1849, o botânico escocês Robert Fortune tinha percorrido a China de liteira, disfarçado de mercador chinês e mandarim mongol, espiando ao serviço de Sua Majestade. A descoberta do segredo cultivo do chá era o principal objetivo, que foi alcançado, o que para muitos representou o primeiro grande roubo industrial da história (Rose, 2010; Sangmanee, et al. 1996).

Em 1878, a Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense (SPA) contratou, através de Macau, dois trabalhadores chineses que vieram para S. Miguel (Açores), para ajudarem na implementação de técnicas orientais da planta de chá (Pessoa, 2012). Ainda Venceslau de Moraes não tinha escrito o seu *Culto do Chá*, que de forma azeda criticava a adoção do costume oriental pelo seu renegado Ocidente:

Especializando a observação ao chá, havemos de convir que este artigo de comércio, que de tão longe nos vem, propositadamente adulterado conforme o nosso gosto, no fim de contas se resume a uma detestável infusão que entrou na moda sport social, simples pretexto para repastos pelintras, para reuniões banais, para palestras vãs. (Moraes, 1905)

⁴ Ver Branco (1924).

⁵ Ver Abreu (1726).

⁶ A planta do chá tem a designação científica de *Camellia sinensis*, originalmente, descrita pelo botânico Carl Lineu (1707-1778) como *Thea Sinensis*, que tem duas variedades principais: China e Assam (Sangmanee, et al., 1996).

Na verdade, a planta do chá já era conhecida na região açoriana desde o início do século XVIII, mas não se conseguia desenvolver a plantação. Os dois chineses – Lau-a-Pau (Mestre) e Lau-a-Teng (Intérprete) – despertaram uma enorme curiosidade na população local e publicaram-se vários artigos nos jornais sobre o tema. Em 22 de Novembro de 1878 foi servido o primeiro chá micalense aos sócios da SPA, sem saberem da sua proveniência. A bebida foi recebida com toda a normalidade, estava garantido o sucesso do projeto. Depois de transmitido o conhecimento, em 1879, os dois chineses regressaram à China (Pessoa, 2012; Vieira, 2018). Ficou o legado e, ainda hoje, nos Açores, por intermédio da empresa Gorreana, permanece como o único local na Europa onde se produz chá (Silva, 2020).

Da China, os portugueses levaram também para a Europa a laranja doce (*Citrus sinensis*), que nada tinha a ver com a laranja árabe, muito ácida (*Citrus aurantium*). Ficaram tão famosas que passaram a ser conhecidas por “portuguesas” em muitos países, incluindo na Grécia (*portokali*). Foram ainda levadas para a Europa as “laranjas anãs” (*cat*), transportadas primeiro para Tânger, que na altura estava sob domínio português. Chegavam a Portugal com designação de “tangerinas” (Coates, 1991; Needham, 1989; Silva, 2020). As laranjas portuguesas eram tão caras que o rei Luís XIV adotou-as como um dos símbolos da sua glória. Não descansou até ter sua própria *orangerie*, um jardim de delicadas laranjeiras e os seus frutos excepcionalmente doces (Pellerin e Bonacina, 2009). Molière usou-as na peça “O Avarento” como exemplo de extravagância numa merenda:

Cleanto: providenciei nesse sentido, meu pai, e trouxe aqui algumas bandejas com laranjas da China, limões doces e compotas que mandei buscar em vosso nome. (Molière, 1971, p. 70).

O legado gastronómico intercultural luso-chinês

Não há melhor exemplo de interação e adaptação entre portugueses e chineses ao nível alimentar e gastronómico do que aquele que se verifica nas particularidades da cozinha macaense, considerada por Graça Jorge (2004) como uma cozinha crioula de raiz portuguesa. O território encrustado na China continental não deixa de ter na sua alma os modos de vida chineses, particularmente a comida de origem cantonesa – *dim sum* – “pequeno coração”, em pequenas unidades, por vezes vendida na rua, baseada em *dumplings*, bolinhos ou tiras de

carne, etc. (Clewlow, 1983). A escassez de lenha obrigou os cozinhados a serem confeccionados com uma só fonte de calor, usando-se um wok, igualmente fácil de ser utilizado em “cozinhas ambulantes”, que vendiam comida pelas artérias das cidades (Inso, 1936). Em Macau proliferaram igualmente, ao longo dos anos, os vendedores de fruta e legumes, de múltiplas proveniências, como testemunha Bernardo Pinheiro Correia de Melo, o Conde de Arnoso, nas suas *Jornadas pelo Mundo* (1895, p.130):

Vendedores ambulantes apregoam frutas, as belas *líchias* da cor de tijolo como os abrunhos, e com o delicado sabor das uvas moscatéis. Outros apregoam hortaliças. Um formigueiro de chinas atulha as ruas numa grande azáfama.

A gastronomia portuguesa, no seu sentido originário, tem uma boa recetividade em Macau, justificada pela existência e permanência de uma comunidade de origem europeia. É muito apreciado o vinho verde de origem portuguesa, a acompanhar os pratos salgados de inspiração lusitana, abrangendo o bacalhau, o caldo verde, ou a carne de porco à alentejana, a par com os picantes asiáticos. Também aparece o inigualável pastel de nata, por vezes conhecido na China continental como um “doce de Macau”, ou a serradura, entre as sobremesas. Diga-se que muitos chineses permaneciam fieis às tradições e cozinha continental, aqui e acolá cedendo à cozinha dita macaense:

A alimentação dos chineses de Macau [finais do século XIX] constava de tim-sâm (despertar o coração) ou *yam-ch' á* (beber chá), pela manhã, nas «casas de chá» ainda existente na Rua Nova de El-Rei (Cinco de Outubro), de duas refeições cheias, uma por volta do meio-dia e outra cerca das 18 horas, e do *siu-yé* (noite alta), antes de deitar e depois do jogo do *mahjong*. (Pires, 1988, p. 196)

Ao longo dos séculos, contudo, a cozinha macaense desenvolveu-se numa lógica adaptativa, de experimentação intercultural, de aconchego dos gostos, uma das cozinhas de fusão mais antigas do mundo, isto é, uma velha prática de combinar alimentos e sabores de fontes e origens culinárias diversas (Gibson, 2020). A aglutinação de praticas e sabores, numa tentativa de recriação gustativa e odorífica, junta ingredientes e técnicas de cozinha, tanto a cozedura a vapor ou fritura com *wok*, à *maneira oriental*, como os assados no forno, de estilo europeu (Ferreira, 2019). No rescaldo, sai uma gastronomia singular, tanto na Ásia como

no mundo. Muitos ingredientes foram transportados e difundidos pelos portugueses, a partir de África ou da Índia, tal como o colorau (também conhecido por pimentão doce ou paprika) ou o açafraão da terra (igualmente divulgado por açafraão (também curcuma ou turmérico). O traço culinário português é possível de decifrar na culinária macaense, no uso de vinho na preparação dos pratos, o refogado com cebola, o tomate e o uso excessivo de ovos na doçaria (Ferreira, 2019). Também se fizeram cruzamentos de espécies animais, tal como o porco de origem europeia e os javalis de origem chinesa, que resultou em melhoria da qualidade das criações (Coates, 1991). Referem Luís Andrade de Sá e António Falcão (1999), que o encontro cultural pela comida no Oriente é uma manifestação de nostalgia que está na alma portuguesa:

A saudade, ó sim, a saudade. À mesa que é aí que se percebe de que massa somos feitos. Do fogão ao prato está a árvore genealógica da comunidade. Surpreendente na galinha piri-piri, óbvia no porco balichão e nos caris, erudita no missô cristão e no arroz gordo, mestiça no Tchatini [bacalhau dourado ou macaísta].

Trata-se de um legado histórico que marca as relações entre o ocidente e o oriente o tempo promete apagar. Por este motivo, Wilson Kwok considera que a “cozinha macaense é uma arte de culinária em risco” (apud Jackson, 2003, p. xv). Algumas receitas antigas e práticas de cozinha vão-se perdendo com o avançar do tempo, algumas adaptando-se a novos usos e costumes. Importa referir que muitas influencias na alimentação local eram levadas também pelas criadas, muitas de origem chinesa – as *amah* – que tendiam a usar os seus conhecimentos e experiência na preparação de comida, o que nos remete para um fenómeno de fusão cultural com múltiplas proveniências.

Não querendo ser exaustivos, vamos indicar alguns exemplos de intercâmbio alimentar e gastronómico resultante das vivências entre os portugueses e chineses. Esta análise é, portanto, insuficiente, ligeira, apenas nos vamos referir a alguns exemplos de culinária dos contactos luso-chineses⁷. Desde logo, um dos pratos mais representativos desta mistura intercultural é a famosa “Galinha à portuguesa” (*galinha di português*) que junta galinha, batata, açafrão, leite de coco, vinho de arroz, pimenta e chouriço (Gibson, 2020). Um prato que integra, pelo menos, as tradições portuguesas, indianas, macaenses, chinesas e timorenses, um exemplo ímpar nas tendências globalizantes do mundo desde a era dos contactos marítimos e uma herança da troca dos sabores. Ao que parece, entre os mares da China e o Japão, os navegadores, piratas e contrabandistas de origens várias, apreciavam esta iguaria, que acabaria por ser introduzida na cozinha macaense, hoje presente em muitos menus de restaurantes de origem oriental com novos acrescentos (Rodrigues, 2018).

Outro exemplo híbrido é o molho *balichã*, *balchão* ou *balichão*, que serve de tempero, parece resultar numa combinação da tradição malaia e cantonesa, também conhecido em Goa, em que os portugueses foram um dos veículos na sua divulgação. Este tempero pastoso, que acompanha habitualmente preparados de carne de porco, tem combinações diferentes, juntando camarões esmagados, peixe, aguardente, louro, malaguetas, pimenta e sal (Jackson, 2003; Rodrigues, 2018). Neste fenómeno de propagação, incluem-se as migrações das populações na Ásia, muitas vezes forçadas, em função dos contextos políticos e militares locais, mas também a avidez do lucro de mercadores.

Outro exemplo é o “Bolo Minino”, feito a partir de biscoitos moídos, servido em dias festivos, particularmente dias de aniversários e na época natalícia. Perde-se no tempo a origem do nome, admitindo-se uma mistura linguística ágio-portuguesa que esteve na base do patoá. Atribuía-se o nome de “menino homem” aos marinheiros. A verdade é que os navegadores portugueses e a população de Macau tendiam a produzir alimentos duráveis, tanto adequados para as longas viagens marítimas, como para as possíveis cortes de fornecimento da China devido a crises sistémicas (Rodrigues, 2018). Os biscoitos eram, portanto, os bolos dos homens do mar.

⁷ Para uma análise mais detalhada ao contexto histórico de alguns pratos macaenses, aconselhamos a leitura de Rodrigues (2018).

O Tacho (*chau-chau pele*), é um prato que junta diversos tipos de carne refogada, enchidos, courato e legumes que nos faz lembrar o “cozido à Portuguesa”, mas com grande diferença e, porventura, sem relação. Henrique Senna Fernandes, no seu romance *Amor e Dedinhos de Pé* (1986, p. 50) faz referência na trama fantasiada a esta junção gastronómica a rondar este prato português:

Valeu-lhe essa sem-cerimónia, o facto de a refeição consistir no cozido à portuguesa, à moda de Macau, com batata-doce e balechão.

Segundo Manuel Fernandes Rodrigues (2018), este prato macaense parece ter uma inspiração num outro budista/taoista, o *luohan chai*, mais “puro” na utilização de carnes, vedadas por estas tradições espirituais. Os macaenses, sem restrições, juntaram os produtos de origem animal ao cozinhado. Este petisco é assim um exemplo misto de confrontação, adaptação e harmonia entre europeus e asiáticos envoltos em duas realidades espirituais distintas.

O *minchi* é outro exemplo que surge no quadro das relações luso-chinesas, que para Annabel Jackson ainda é mais do que isso, de alguma maneira, “tornou-se a personificação de Macau [...], representam os macaenses”:

Minchi como o símbolo solitário, a última memória, o último sabor do macaense: *minchi* como o prato reproduzido nas cozinhas domésticas de Lisboa a Melbourne, mas simultaneamente num Macau imaginário figurativamente habitado pelos macaenses⁸. (Jackson, 2020, p. 122)

O prato consiste em carne de porco ou de vaca picada, batata em cubos, molho de soja, com um ovo em cima. Sendo um prato genuinamente macaense, apesar de várias teorias associadas à sua origem, foi ganhando ingredientes trazidos pelos navegadores europeus de muitas origens, inclusivamente do Japão. Nos séculos XVI e XVII, o regresso ao Japão de muitos cristãos, na sequência de várias vagas de perseguições, influenciaram muitos hábitos da vida quotidiana em Macau, incluindo alimentares (particularmente após 1639, por ação do xogunato Tokugawa). O *minchi* é, portanto, um prato de fusão cultural, entre Portugal, a China e o Japão, promovido pelas incursões marítimas das *Naos do Trato*, migrações e desterrados, festas e sobrevivência (Rodrigues, 2018). Em muitos sentidos, este é uma iguaria que exemplifica bem a presença lusa no Extremo

⁸ Tradução livre do autor.

Oriente, de interligação entre o passado e o presente, de troca de sabores e dinâmicas interculturais.

Considerações finais

As relações luso-chinesas são seculares e multifacetadas, com muitos prismas de análise abertos à investigação. Uma das abordagens, tal como procurámos fazer neste texto, pode ser realizada através do intercâmbio alimentar, a troca de práticas, técnicas e ingredientes, que se traduziu em gastronomias combinadas. A rota marítima que liga Portugal ao Extremo Asiático foi a via primordial para a divulgação de muitos alimentos, alguns trazidos da América, outros de África, muitos de outras paragens asiáticas. Transportaram-se muitas frutas e legumes, de África e da América, de um mundo a tender para a globalização alimentar motivada pelo empenho lusitano na exploração marítima. A Portugal, ao longo dos séculos, foram chegando também produtos e alimentos do Oriente longínquo, para além das especiarias, o chá ou as laranjas doces. Em Macau, para além dos consumos de tradição portuguesa e chinesa, na sua versão original, encontramos uma gama de pratos de combinação cultural, uma herança gastronómica de contributo, direta ou indiretamente, lusitano, que mais não é que um marco da história transposto para as mesas de jantar. Passadas de geração em geração, muitas receitas macaenses, como a “galinha à Portuguesa” ou o *minchi*, são um pequeno exemplo vivo desta relação. Os sabores testados nestas iguarias são a experiência viva dos contactos ancestrais estabelecidos entre os portugueses e os chineses, visaram a harmonia dos palatos em amplitudes tão diferenciadas.

Referências bibliográficas

- Abreu, B. L. (1726). *Portugal medico ou monarchia medico-lusitana: historica, practica, symbolica, ethica, e política, fundada, & comprehendida no dillatado ambito dos dous mundos creados macrocosmo, e microcosmo*. Coimbra: Officina de Joam Antunes.
- Altheism, F. (1956). *A Ásia a Caminho da Europa*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Anderson, E. N. (1988). *The Food of China*. Londres: Yale University Press.
- Arnos, C. (1895). *Jornadas pelo Mundo*. Porto: Magalhães & Moniz Editores.
- Benjamim, V. P. (1988). *Os Extremos Conciliam-se*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Bentley, J. H., et al. (2015). *The Cambridge World History: Volume 6, The Construction of a Global World, 1400-1800 CE. Part 2, Patterns of Change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Boisvert, C. & Hubert, A. (1996). *ABCedário das Especiarias*. Lisboa: Público.

- Branco, C. C. (1924). *O Olho de Vidro*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
- Brillat-Savarin, J. A. (2011). *The Physiology of Taste: Or Meditations on Transcendental Gastronomy*. Taylorville: Vintage.
- Buck, P. S. (1972). *Pearl S. Buck's Oriental Cookbook*. Nova Iorque: Simon and Schuster.
- Castelo-Branco, M. (2014). Bárbaros Folangji ao Largo. In M. Castelo-Branco, *Portugal-China: 500 anos* (pp. 31-32). Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- Castro, F. (1942). *A Volta ao Mundo*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- Clark, R. P. (1997). *The Global Imperative: An Interpretive History of The Spread Of Humankind*. Abingdon: Routledge.
- Coates, A. (1991). *Macau – Calçadas da História*. Lisboa: Gradiva/Instituto Cultural de Macau.
- Crespo, J. H. C. (1898). *Cousas da China – Costumes e Crenças*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Cruz, F. G. (2010). *Tratado das Coisas da China*. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes.
- Clewell, C. (1982). *Hong Kong, Macau & Canton*. South Yarra: Lonely Planet.
- Fernandes, H. S. (1986). *Amor e Dedinhos de Pé*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Ferreira, M. J. S. S. (2019). *Macau – Turismo e Identidade*. Lisboa: Edições MGI.
- Gibson, M. (2020). *Food and Society*. San Diego: Elsevier Science Publishing.
- Gomes, L. G. (1968). Os Primeiros Contactos entre Portugueses e Chineses, *Afro-Ásia*, 6-7, 41-54.
- Inso, J. (1936). *China*. Lisboa: Edições Europa.
- Jackson, A. (2003). *Taste of Macau – Portuguese Cuisine on the China Coast*. Hong Kong: Hong Kong University Press.
- Jackson, A. (2020). *The Making of Macau's Fusion Cuisine: From Family Table to World Stage*. Hong Kong: Hong Kong University Press.
- Jin, G. P., & Wu, Z. (2007). *Revisitar os primórdios de Macau: para uma Nova Abordagem da História*. Macau: Instituto Português do Oriente/Fundação Oriente.
- Jorge, G. (2004). *À Mesa da Diáspora - Viagem Breve pela Cozinha Macaense*. Macau: Associação Promotora da Instrução dos Macaenses.
- Kiple, K. F. (2008). *Uma História Saborosa do Mundo – Dez Milénios de Globalização Alimentar*. Cruz Quebrada: Casa das Letras.
- Kulke, U. (2012). *Vasco da Gama – Em Busca da Ilha das Especiarias*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Lin, Y. (1943). *Minha Terra e Meu Povo*. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores.
- Loureiro, R. M. (1992). Introdução, Modernização e Notas. In G. Pereira, *Algumas Cousas Sabidas da China* (pp. 7-12). Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses.
- Loureiro, R. M. (1999). *Pelos Mares da China*. Lisboa: Clube do Colecionador dos Correios.
- Martins, O. (1977). *História de Portugal*. Lisboa: Guimarães & Ca. Editores.
- Marx, K. (1853). Revolution in China and in Europe, *New York Tribune*, 14 de junho.
- Molière (1977). *O Aparento*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Morais, W. (1905). *O Culto do Chá*. Kobe: Kobe Herald.

- Morbey, J. (1994). As relações entre Portugal e a China: uma abordagem bilateral aos primeiros contactos, *Seminário Internacional sobre intercâmbio cultural Oriente-Occidente* (pp. 134-153). Macau: Fundação Macau.
- Needham, J. (1989). *Science and Civilisation in China: Biology and Biological Technology: Part 1: Botany* (volume 6). Cambridge: Cambridge University Press.
- Pellerin, A., & Bonacina, I. (2009). *Les Portugais à Paris: au fil des siècles & des arrondissements*. Paris: Chandeigne.
- Pereira, G. (1992). *Algumas Cousas Sabidas da China*. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses.
- Pereira-Müller, M. (2008). *Sabores da China – História e Gastronomia*. Sintra: Colares Editora.
- Pessoa, C. (2012), Exposição sobre Chá de São Miguel mostra cultura centenária, *Público*, 29 de abril, <https://www.publico.pt/2012/04/29/jornal/exposicao-sobre-cha-de-sao-miguel-mostra-cultura-centenaria-24455295>.
- Pichio, L. S. (1984). Portugal e os Portugueses no Livro das "Navigationi" de G. B. Ramusio. *Revista da Universidade de Coimbra*, 30, 5-21.
- Pinto, F. M. (1614). *A Peregrinação*. Lisboa: Pedro Crasbeeck & Belchior de Faria Cavaleyro.
- Pires, T. (2017). *Suma Oriental de Tomé Pires* (Edição de Rui Manuel Loureiro). Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau.
- Polo, M. (2008). *Viagens*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Ramos, J. D. (2012). *Portugal e a Ásia Oriental*. Lisboa: Fundação Oriente.
- Ramúcio, G. B. (1978-1988). *Navigazioni e viaggi 1550-1559* (ed. Marica Milanese, 6 vols.). Torino: Einaudi.
- Ravindran, P. N. (2017). *The Encyclopedia of Herbs and Spices*. Glasgow: CABI.
- Rego, A. S. R. (1946). *A Presença de Portugal em Macau*. Lisboa: Agência Geral das Colónias.
- Rodrigues, M. F. (2018). *História da Gastronomia Macaense – Contributos para o Reforço de uma Identidade Singular*. Lisboa: Edições MGI.
- Rose, S. (2010). *For All the Tea in China: How England Stole the World's Favorite Drink and Changed History*. Nova Iorque: Viking.
- Sá, L. A., & Falcão, A. (1999). *Marcas da Presença Portuguesa em Macau*. Macau: Livros do Oriente.
- Sangmanee, K. et al. (1996). *ABCedário do Chá*. Lisboa: Público.
- Silva, J. T. (2020). *Portugal e a China – As Relações Luso-Chinesas, do Mundo Quinhentista ao Contexto Contemporâneo*. Macau: Instituto Internacional de Macau.
- Smith, R. B. (1972). *Jorge Alvarez the First Portuguese to Sail to China*. Lisboa: Silvas.
- Ukers, W. (2007). *All About Tea*. Morrisville: Lulu.
- Vieira, M. A. S. (2018). *Receitas à Volta do Chá*. Alfragide: Oficina do Livro.
- Wang, Q. E. (2015). *Chopsticks – A Cultural and Culinary History*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Zweig, S. (2017). *Magalhães – O Homem e o Seu Feito*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Zweig, S. (1960). *Fernão de Magalhães*. Porto: Livraria Civilização.

Entre o Oriente e o Ocidente: o inviável regresso e a via a cumprir

Between East and West: the impossible return and the road ahead

Renato Epifânio

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
ifilosofia@letras.up.pt
ORCID: 0000-0002-8007-1997

RESUMO

Neste texto, desenvolvemos uma breve reflexão sobre o diálogo entre o Oriente e o Ocidente, a partir de alguns autores portugueses de referência – em particular, José Marinho, mas também Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, Agostinho da Silva e Antero de Qental.

PALAVRAS-CHAVE

Oriente, Ocidente, José Marinho.

ABSTRACT

In this text, we reflect briefly on the dialogue between East and West, based on some Portuguese authors of reference – in particular, José Marinho, but also Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, Agostinho da Silva and Antero de Qental.

KEYWORDS

East, West, José Marinho.

Em que medida pode, realmente, um oriental ocidentalizar-se? E um ocidental orientalizar-se? E o que significa isso: ser oriental, ser ocidental? E o que pode significar, no meio de tudo isso, ser português? Tais, em síntese, as questões que motivaram a presente reflexão, feita num registo assumidamente pessoal, ainda que em constante diálogo com outros pensadores, em particular com José Marinho¹.

Que um oriental se pode ocidentalizar e, inversamente, um ocidental se pode orientalizar, eis o que pode ser, aparentemente, atestado pelos factos: há, por esse mundo fora, milhares e milhares de orientais que, em crianças ou já em jovens, se mudaram para países ocidentais e que, por via disso, em maior ou menor medida, se ocidentalizaram; de modo inverso, há, igualmente, por esse mundo fora, milhares e milhares de ocidentais que, em crianças ou já em jovens, se mudaram para países orientais e que, por via disso, em maior ou menor medida, se orientalizaram.

Para além destes exemplos, há muitos outros. Desde logo, o daqueles que, já adultos, se mudaram para um país do “outro lado” – oriental ou ocidental, con-

¹ Para além de José Marinho, convocaremos igualmente Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, Agostinho da Silva e Antero de Quental. Relativamente às obras de José Marinho, usaremos as seguintes siglas: *Aforismos (Aforismos sobre o que mais importa*, “Obras de José Marinho”, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994); *Cor.* (*Correspondência*, vol. do apêndice documental de *A meditação do tempo no pensamento de José Marinho*, Dissertação de Mestrado em Filosofia de Jorge Croce Rivera, Lisboa, UL, 1989); *Doc* (Apêndice documental de *A Doutrina do Nada: o pensamento meontológico de José Marinho*, Dissertação de Doutoramento em Filosofia de Jorge Croce Rivera, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1998); *EAS (Elementos para uma antropologia situada*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Investigação Pedagógica, 1966); *Ensaio* (*Ensaio de aprofundamento e outros textos*, “Obras de José Marinho”, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1995); *Estudos (Estudos sobre o pensamento português contemporâneo*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981); *Filosofia (Filosofia: ensino ou iniciação?*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Investigação Pedagógica, 1972); *FP (Filosofia portuguesa e universalidade da filosofia e outros textos*, “Obras de José Marinho”, vol. VIII, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007); *LNOT (Da Liberdade Necessária e outros textos*, “Obras de José Marinho”, vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006); *NISOT (Nova Interpretação do Sebastianismo e outros textos*, “Obras de José Marinho”, vol. V, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003); *PFLC (O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra: introdução ao seu estudo*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945); *PFLCOT (O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra e outros textos*, “Obras de José Marinho”, vol. IV, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001); *SVM (Significado e Valor da Metafísica e outros textos*, “Obras de José Marinho”, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996); *Teoria (Teoria do Ser e da Verdade*, Lisboa, Guimarães Editores, 1961); *TP (Teixeira de Pascoaes, Poeta das Origens e da Saudade*, “Obras de José Marinho”, vol. VI, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005); *VCD (Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1976).

forme o caso – e que, por via disso, em maior ou menor grau, se outraram – para orientais ou para ocidentais, conforme o caso. Depois, o daqueles que não se mudaram mas que passaram algumas temporadas no “outro lado”. Finalmente, o daqueles que sem nunca terem vivido no “outro lado”, sem nunca sequer lá terem posto os pés, se outraram por inteiro.

Poderíamos ainda, decerto, multiplicar os exemplos, subdividindo ainda mais os casos referidos, até chegarmos ao ponto de concluirmos que, afinal, essa distinção não faz sentido algum, dado existirem muitas pessoas que se sentem, simultaneamente, e em igual medida, ocidentais e orientais, ou nem uma coisa nem outra. Para desespero de todos os empiristas mais apressados, todos os factos são, contudo, reversíveis. Assim, tal como a existência de seres híbridos não infirma a existência das espécies de que são originários, também nenhum dos exemplos extremos referidos invalida a distinção oriental-ocidental.

Não porque a distinção não seja bastante fluida e, por isso, bastante problemática. Regressemos aos exemplos: um japonês pode ser considerado um “ocidentalizado” apenas porque gosta dos Rolling Stones, ou de Wagner, ou apenas porque se converteu ao cristianismo?; e, inversamente, um português pode ser considerado um “orientalizado” apenas porque gosta de comida chinesa, ou indiana, ou apenas porque se converteu ao budismo? Obviamente, também estes exemplos são problemáticos – pois não é decerto equivalente “apreciarmos Wagner” ou “convertermo-nos ao budismo”, apesar de, para alguns, Wagner ser um profeta e de, para muitos, o budismo não ser uma religião.

De resto, também não será porventura equivalente convertermo-nos ao budismo ou ao cristianismo. Mesmo admitindo que o budismo é uma religião, mais do que isso, uma religião oriental – admitindo igualmente que uma religião pode ser “do Oriente” ou “do Ocidente” –, o cristianismo, que para os seus seguidores é, inequivocamente, uma religião – excepto, quanto muito, para os cristãos ateus (também os há!) –, não se reclama, pelo menos pela voz da sua Igreja mais representativa (a Igreja Católica), como uma religião ocidental, mas “católica”, ou seja, “universal”. Nessa medida, um ocidental que se convertesse ao budismo estaria a orientalizar-se, enquanto um oriental, ao converter-se ao cristianismo, estaria não tanto a ocidentalizar-se mas a universalizar-se. Estaria mesmo?

Obviamente, em última instância, tudo depende da perspectiva de cada um. Assumamos pois, sem qualquer dissimulação, a nossa: consideramos que as religiões, tal como, aliás, as filosofias, serão tanto mais autênticas quanto mais enraizadas estiverem numa determinada cultura; significa isto que, no limite, as

únicas religiões autênticas, tal como as únicas filosofias verdadeiras, são aquelas que assumem, também sem qualquer dissimulação, essa radicação cultural. Por isso, recusamos instintivamente o conceito de “religião católica”, ou “universal”, que consideramos ter bem menor fundamento do que, por exemplo, o conceito de “religião lusitana”, tal como ela foi prefigurada por, entre outros, Teixeira de Pascoaes².

Significa isto que, na nossa perspectiva, aquele que se forma no seio de uma determinada cultura não pode senão depois aderir à religião – ou às religiões – e à filosofia – ou às filosofias – que nela brotaram? Não necessariamente. Para bem das próprias culturas, nenhuma delas é tão hermética que impossibilite que alguém que se formou no seu seio adira depois a religiões, ou a filosofias, mais próximas de outras culturas. É até bastante benéfico que isso aconteça. Dado que toda a identidade se tece no diálogo – e no confronto, quando é caso disso – com o outro, o diálogo – e o confronto, quando é caso disso – com outras culturas reforça a nossa própria identidade cultural. Tanto mais porque a identidade cultural – como qualquer outra – não é algo de acabado, mas, ao invés, algo que só subsiste na medida em que reiteradamente se auto-questiona. A identidade pessoal de cada um de nós é o melhor exemplo disso.

De igual modo, a identidade do ser português. Segundo Fernando Pessoa, nomeadamente, o ser português cumpre-se, aliás, no pleno encontro com o outro, com todos os outros, de tal forma que, em última instância, o ser português seria apenas na medida em que nele os outros, todos os outros, fossem, tornando-se assim ele – Portugal, em si próprio – num “espelho” em que todos se mirariam e reconheceriam sem dele se lembrarem, qual nação que assim veria cumprido o seu destino: ser não só ela como igualmente todas as outras. Como escreveu a respeito da “arte portuguesa”, do seu destino:

Arte portuguesa será aquela em que a Europa – entendendo por Europa principalmente a Grécia antiga e o universo inteiro – se mire e se reconheça sem se lembrar do espelho. Só duas nações – a Grécia passada e o Portugal futuro – receberam dos deuses a concessão de serem não só elas, mas também todas as outras. (Pessoa, 1986, vol. III, p. 702)

² Em particular, em alguns dos textos coligidos na colectânea *A Saudade e o Saudosismo (dispersos e opúsculos)*. Vd. Pascoaes (1988).

Eis, com efeito, segundo Fernando Pessoa, o destino de cada um de nós, o nosso futuro – ainda nas suas palavras:

Esse futuro é sermos tudo. Quem, que seja português, pode viver a estreiteza de uma só personalidade, de uma só nação, de uma só fé? Que português verdadeiro pode, por exemplo, viver a estreiteza estéril do catolicismo, quando fora dele há que viver todos os protestantismos, todos os credos orientais, todos os paganismos mortos e vivos, fundindo-os portuguesmente no Paganismo Superior. Não queiramos que fora de nós fique um único deus! Absorvamos os deuses todos! Conquistámos já o Mar: resta que conquistemos o Céu, ficando a terra para os Outros, os eternamente Outros, os Outros de nascença, os europeus que não são europeus porque não são portugueses. Ser tudo, de todas as maneiras, porque a verdade não pode estar em faltar ainda alguma coisa! (Pessoa, 1986, vol. III, pp. 703-704)

Tal, igualmente, o futuro que outros ilustres portugueses nos prefiguraram, como, a título de exemplo, Agostinho da Silva – daí, desde logo, o ter-nos dito que “só então Portugal, por já não ser, será”³.

Nessa medida, o facto de sermos – e de nos assumirmos – como portugueses não só não é um óbice ao encontro com o outro – designadamente, com o “outro oriental” –, como, segundo os autores citados, é mesmo uma “via aberta” para tal. Eis, aliás, como já aqui vimos, a via que Antero de Quental procurou concretizar, ao prefigurar um “budismo ocidental” – recordemos as suas palavras:

Parece-me que é esta a tendência do espírito moderno que, dada a sua direcção e os seus pontos de partida, não pode sair do naturalismo, cada vez em maior estado de bancarrota, senão por esta porta do psicodinamismo ou pampsiquismo. Creio que é este o ponto nodal e o centro de atracção da grande nebulose do pensamento moderno, em via de condensação. Por toda a parte, mas sobretudo na Alemanha, encontram-se claros sintomas desta tendência. O Ocidente produzirá, pois, por seu turno, o seu Budismo, a sua doutrina mística definitiva, mas com mais sólidos alicerces e, por todos os lados, em melhores condições do que o Oriente. (Quental, 1989, vol. II, p. 839)

³ Silva, 1989, p. 697. Daí ainda o dizer-nos que “Portugal só será quando for o mundo inteiro e o mundo inteiro o for” (Silva, 1989, p. 255).

Mas que Budismo será, em concreto, esse? A essa questão, como já aqui igualmente salientámos, o autor das *Tendências Gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX* não nos responde. Fala-nos apenas, ainda numa sua outra carta, de uma síntese do Helenismo com o Budismo, de um “Helenismo coroado por um Budismo”, síntese que enuncia da seguinte forma: “[...] o Helenismo, isto é, a vida natural, nos seus diversíssimos tipos, na riqueza da sua evolução, aproximando-se ou afastando-se mais ou menos da compreensão transcendente, cuja expressão é o Budismo, que propriamente se lhe não opõe, mas o completa superiormente” (Quental, 1989, vol. II, p. 925). Daí, em suma, a alegada “direcção definitiva do pensamento europeu, o Norte para onde se inclina a divina bússola do espírito humano”: complementar o alegado sentido helénico da diversidade com o alegado sentido unitário do budismo, ou, como escreveu José Marinho a este respeito, conciliar o “sentido da unidade do ser”, alegadamente próprio do budismo, com a “experiência e saber da variedade indefinida dos seres que a tradição europeia alcançou” (NISOT, p. 575).

Será, contudo, essa conciliação viável, verdadeiramente viável? A nosso ver, não. Desde logo, porque o Ocidente não precisa de ir ao Oriente buscar esse “sentido da unidade do ser”. O Ocidente sempre o teve, nomeadamente, em Espinosa, como, aliás, o próprio José Marinho reconhece – daí o dizer-nos, nessa mesma passagem, que o “sentido da unidade do ser” se refere tanto ao “budismo” como à “finalidade espinosista”. Simplesmente, o Ocidente escolheu, para o bem e para o mal, outro caminho: o caminho da valorização da individualidade irreduzível de todos os seres. Teve esse caminho, como qualquer outro, vantagens e desvantagens. Começamos pelas vantagens: ao defender, sobre o sentido da unidade do ser, a individualidade irreduzível de todos os seres, designadamente dos seres humanos, o Ocidente gerou, no plano político, sistemas em que os direitos humanos são mais respeitados. Obviamente, como todas as perspectivas, também esta é reversível: ao ter-se, no Ocidente, quase absolutizado a individualidade de cada ser humano, criaram-se sociedades cada vez mais destituídas de um qualquer sentido comunitário.

No Oriente, ao invés, em que a existência de cada ser humano é, em geral, sempre já perspectivada na sua relação com a Comunidade – nas suas várias formas de concretização – e, mais amplamente, na sua relação com a Natureza e, em última instância, com o Cosmos, a perspectiva perante a morte, por exemplo, tende a ser diferente, dado que, se todo o indivíduo existe em função do Todo – ou seja, da Comunidade, mais amplamente, da Natureza, em última instância,

do Cosmos –, a morte individual, mesmo a morte de uma criança, não constitui necessariamente um facto absurdo. Ao invés, no Ocidente, em que a existência de cada ser humano é, em geral, perspectivada como um fim em si próprio, sem qualquer relação, pelo menos essencial, com a Comunidade, nem, muito menos, com a Natureza ou com o próprio Cosmos, a morte individual, em particular a morte de uma criança, não pode deixar de constituir, apesar de todas as promessas cristãs de uma vida *post mortem*, um facto absurdo, irredutivelmente absurdo, tal como veio enfim, de forma certa ainda que anacrónica, denunciar o existencialismo ocidental contemporâneo, como se essa trágica visão da morte não fosse uma mera consequência do caminho trilhado pela história da filosofia ocidental, pelo menos desde o atomismo grego.

Saídas? Seria tentador, na esteira de Antero de Quental, prefigurar um regresso do Ocidente ao Oriente, de modo a que ele pudesse resgatar esse “sentido unitário do ser” que, tragicamente, perdeu. Simplesmente, não é esse – atrevemo-nos a dizê-lo – o destino do Ocidente. A nosso ver, cumprir-se-á este na extremação da cisão entre Uno e Múltiplo, entre Verdade e Ser, até esse “extremo da cisão” onde, como lapidarmente escreveu José Marinho na sua *Teoria do Ser e da Verdade*, “se sabe, enfim, todo o ser cindido da verdade, e a verdade se diz vácuca abstracção que não convém a ser algum”⁴. Eis, aliás, ainda segundo o autor da *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*, o extremo a que, historicamente, já chegámos – daí o nosso filósofo caracterizar a época histórica como a “época da cisão extrema”⁵, ou seja, como a época em que a “situação de extrema separatividade [do homem] em relação a Deus e à Natureza”⁶, e a si próprio, se cumpre plenamente, tese que, de resto, nos reiterou por diversas vezes – daí, a título de exemplo, estas suas palavras: “Roto o laço que prendia o homem a Deus, rompeu-se o laço que prendia o homem ao mundo, ao cosmos, à humanidade. Estamos hoje vivendo plenamente esta situação”⁷.

Como se depreende desta passagem, emergiu essa situação da cisão progressiva entre “Deus” e o homem, o que, por sua vez, gerou um progressivo ateísmo e, contrapolarmente, um progressivo antropocentrismo ou “humanismo”. Daí ter-se José Marinho referido ao “humanismo exaustivo”, daí ainda o ter inserido “o

⁴ Cf. *Teoria*, p. 80.

⁵ Cf., a título de exemplo, *Teoria*, p. 82.

⁶ Cf. *VCD*, p. 129 (n.1).

⁷ *PFLCOT*, p. 360.

pensamento de cisão extrema” na “linha do ateísmo e do universo mecânico”⁸ – ou seja, na linha da redução materializante, tecnicizante, do mundo⁹ –, daí ainda, enfim, o ter caracterizado a nossa época como “o ciclo do tempo abstracto”¹⁰, do “tempo dispersivo, facilmente judicioso e desatento ao essencial”¹¹, “em que tudo se polariza nos contrastes e oposições mais graves e perturbantes”¹². Eis, ainda segundo o autor da *Teoria do Ser e da Verdade*, a linha de pensamento que se veio a consagrar na modernidade, em particular a partir de Kant¹³ – e por isso o próprio Marinho expressamente se referiu, por diversas vezes, à “crise desenhada pela filosofia de Kant”¹⁴. Tal, no entanto, como todas as crises, também esta crise tem em si um oculto alcance, oculto alcance esse que este nosso filósofo procurou assinalar, recorrendo, para tal, à imagem do “médico que se sabe doente e mortal”, e que, por isso, se salva, contraposta à do “médico que se encontra muito aquém do insofismado sentido da doença e da morte”, da sua própria doença e da sua própria morte, e que, por isso, se perde¹⁵.

Eis, analogamente, todo o oculto alcance da “crise civilizacional” em que hoje vivemos – tal como Kant, ao radicalizar a cisão, toma consciência da “iniludível necessidade de solvê-la”, assim também a actual “situação de extrema separatividade em relação a Deus e à Natureza” levará – poderá levar – o homem a pugnar pela “mais pura e perfeita união” entre o homem, a Natureza e “Deus”, assim “*anulando* Deus, homem e Natureza tais quais na terra se consideram”¹⁶. Daí ainda a valorização que José Marinho faz do ateísmo enquanto fenómeno histórico.

⁸ Cf. *PFLCOT*, p. 263.

⁹ Linha que deriva, nas palavras do próprio Marinho, do “velho sonho de reconquistar o Paraíso pelos simples caminhos do saber natural e do universo mecânico” [cf. *NISOT.*, p. 340].

¹⁰ Cf. *Teoria*, p. 117.

¹¹ Cf. *VCD*, p. 219.

¹² Cf. *VCD*, p. 130.

¹³ Como por diversas vezes defendeu, foi mesmo a “crítica kantiana” que “anunciou, em termos graves e solenes, a época da cisão extrema” [cf. *VCD*, p. 167].

¹⁴ Cf., a título de exemplo, *VCD*, pp. 181 (n.1) e 244.

¹⁵ Nas suas palavras: “Kant é um autêntico e nobre crítico, consciente da profunda cisão, da crise de que a sua crítica provinha, e da iniludível necessidade de solvê-la. Ele é, assim, em imagem, o médico que se sabe doente e mortal. A situação do positivista é a do médico que se encontra muito aquém do insofismado sentido da doença e da morte, tudo ignorando, e por isso mesmo, da saúde como da vida” (*SVM*, p. 396).

¹⁶ Cf. *Aforismos*, p. 112.

Na medida em que “a crença em Deus degenerou, arrastando consigo o próprio Deus”¹⁷, o ateísmo contemporâneo acaba por ser – por poder ser – a via através da qual a humanidade purificará a sua relação com “Deus”, expurgando-a da lógica antropomórfica, antropocêntrica. Eis, aliás, a “hipótese” que o próprio Marinho equaciona em diversas passagens da sua obra – a título de exemplo, atentemos nestas: “Tudo se passa como se Deus preferisse ser negado a ser minorado em qualquer forma de antropomorfismo.”; “Deus, desde sempre, não confia na fé e no saber dos homens. Ser negado estava também nos seus desígnios.”¹⁸. A ser assim, todo esse trânsito histórico que aqui temos reconstituído não é senão o mesmo histórico trânsito através do qual o homem vem a apreender “Deus” da forma mais depurada, mais próxima, “responsavelmente mais próxima”¹⁹.

Daí, aliás, na perspectiva de José Marinho, todo o papel histórico do cristianismo: ao afirmar uma visão do divino centrado, encarnado no homem, uma visão que, extremada, conduziu ao antropocentrismo e, contrapolarmente, ao próprio ateísmo, acabou ele por extremar a situação de “extrema separatividade em relação a Deus e à Natureza” – e, por isso, na sua *Teoria*, caracterizou Marinho a religião cristã como a “religião do unívoco para a cisão extrema”²⁰, “como religião absoluta no trânsito da plena univocidade para a cisão extrema”²¹, “como religião extrema, ou, mais propriamente, [como] aquela a que foi possível realizar a síntese de toda a história e [de] toda a vida humano-divina, sendo assim a religião decisiva, ou religião do trânsito da visão unívoca [,] e do ser da visão unívoca, para a cisão extrema.”²². Daí ainda que Marinho veja no cristianismo a fase terminal, “decadente”, da nossa época histórica²³. Exactamente por isso, porém, por ser a

¹⁷ Cf. *Doc. III*, p. 281.

¹⁸ *Doc. III*, pp. 177 e 389, respectivamente. Cf., igualmente, *Doc. III*, p. 317: “Deus está mais interessado em revelar-se e ser aceite na sua Revelação do que em ser objecto de crença”.

¹⁹ Eis, igualmente, a “hipótese” que Marinho equacionou – ainda nas suas palavras: “...porque se tornou Deus o mais remoto para mim? A resposta é: para que eu me torne dele responsável mais próximo.” [*Doc. III*, p. 222].

²⁰ Cf. *Teoria*, p. 132.

²¹ Cf. *Teoria*, p. 152.

²² Cf. *Teoria*, p. 135.

²³ Nas suas palavras: “A este ciclo do tempo do ser da cisão, por certo o mais breve de todos, o ciclo do tempo abstracto, propriamente histórico, que ocultou quase inteiramente na pré-história ignota as relações do ser e do saber, preside na fase terminal e extrema o cristianismo [...]” (*Teoria*, p. 117).

“religião de uma decadência”, da nossa própria “decadência”, nela, como escreveu ainda o autor da *Teoria*, “fulge o sinal da profunda e obliterada harmonia”, “o sentido subtil da relação”, “o mais fundo vínculo de Deus, Homem e Natureza”²⁴. E, por isso, através dela, igualmente através dela, acaba por se cumprir o programa filosófico que Marinho se exorta, e nos exorta, a realizar – ainda nas suas palavras: “Nós achamo-nos hoje na consciência extrema da cisão e a filosofia, para nós, consiste, por um lado, em enunciar essa mesma cisão, e por outro lado, em restabelecer a imprescritível verdade divina”²⁵.

Eis, em suma, o destino que, segundo Marinho, nos cabe, enquanto ocidentais, cumprir.

Referências bibliográficas

- Croce, J. (1989). *A meditação do tempo no pensamento de José Marinho*, (Dissertação de Mestrado em Filosofia de Rivera). Universidade de Lisboa. [Cor.]
- Croce, J. (1998). *A Doutrina do Nada: o pensamento meontológico de José Marinho*. (Dissertação de Doutoramento em Filosofia). Universidade dos Açores, Ponta Delgada. [Doc.]
- Marinho, J. (1945). *O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra: introdução ao seu estudo*. Porto: Livraria Figueirinhas. [PFLC]
- Marinho, J. (1961). *Teoria do Ser e da Verdade*. Lisboa: Guimarães Editores. [Teoria]
- Marinho, J. (1966). *Elementos para uma antropologia situada*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Investigação Pedagógica. [EAS]
- Marinho, J. (1972). *Filosofia: ensino ou iniciação?* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Investigação Pedagógica. [Filosofia]
- Marinho, J. (1976). *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*. Porto: Lello & Irmão Editores. [VCD]
- Marinho, J. (1981). *Estudos sobre o pensamento português contemporâneo*. Lisboa: Biblioteca Nacional. [Estudos]
- Marinho, J. (1994). *Aforismos sobre o que mais importa*. In *Obras de José Marinho* (Vol. I). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda [Aforismos];
- Marinho, J. (1995). *Ensaio de aprofundamento e outros textos*. In *Obras de José Marinho* (Vol. II). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. (Ensaio)

²⁴ Cf. *Estudos*, p. 38.

²⁵ PFLCOT, p. 511. Não propriamente em “restabelecer” mas em “reconhecer” – dado que, ainda segundo Marinho: “...não está o problema em ver ou dizer como se restabelecerá a perdida verdade harmoniosa. Está em ver como ela é e como, se aparentemente se altera, nada essencialmente a afecta.” (PFLCOT, p. 247).

- Marinho, J. (1996). Significado e Valor da Metafísica e outros textos. In *Obras de José Marinho* (Vol. III). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. [SVM]
- Marinho, J. (2001). O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra e outros textos. In *Obras de José Marinho* (Vol. IV). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. [PFLCOT]
- Marinho, J. (2003). Nova Interpretação do Sebastianismo e outros textos In *Obras de José Marinho* (Vol. V). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. [NISOT]
- Marinho, J. (2005). Teixeira de Pascoaes, Poeta das Origens e da Saudade In *Obras de José Marinho* (Vol. VI). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. [TP]
- Marinho, J. (2006). Da Liberdade Necessária e outros textos. In *Obras de José Marinho* (Vol. VII). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. [LNOT]
- Marinho, J. (2007). Filosofia portuguesa e universalidade da filosofia e outros textos. In *Obras de José Marinho* (Vol. VIII). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. [FP]
- Pascoaes, T. (1988). *A Saudade e o Saudosismo (dispersos e opúsculos)*, compil., introd., fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Pessoa, F. (1986). *Obras de Fernando Pessoa* (Org. e biobibliografia de António Quadros e Dalila Pereira da Costa). Porto: Lello & Irmão.
- Quental, A. (1989). *Cartas*. In *Obras Completas de Antero de Quental* (vol. II, Org., introd. e notas de Ana Maria Almeida Martins). Lisboa: Universidade dos Açores/Comunicação.
- Silva, A. (1989). Mensagem. In *Dispersos* (2.ª ed., Introd. de Fernando Cristóvão, apres. e org. de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Asas para Oriente. A primeira viagem aérea de Portugal a Macau (1924): texto, contexto e pretexto

Wings to the East. The first flight from Portugal to Macau (1924): text, context and pretext

Isabel Morujão

Universidade do Porto/CITCEM
imorujao@letras.up.pt
ORCID: 0000-0003-0888-726X

RESUMO

Tomando como base a narrativa de Sarmento de Beires sobre a viagem aérea que, em 1924, ligou pela primeira vez Portugal a Macau, num raide pioneiro da aviação mundial, procura-se avaliar o significado deste feito no contexto da aviação internacional e da relação de Portugal com a colónia portuguesa residente em Macau, bem como o impacto que tal empreendimento teve no povo português e na vida política em Lisboa.

PALAVRAS-CHAVE

Macau, Aviação portuguesa, Sarmento de Beires, Pioneiros da aviação, Literatura de viagens.

ABSTRACT

Based on Sarmento de Beires' narrative about the journey by air, which, in 1924, first linked Portugal to Macau in a pioneering raid of world aviation, we seek to assess the significance of this daring achievement in the context of international aviation and Portugal's relationship with the Portuguese colony residing in Macau, as well as the impact that such an undertaking had on the Portuguese people and political life in Lisbon.

KEYWORDS

Macao, Portuguese aviation, Sarmento de Beires, Aviation pioneers, travel literature.

Aproximando-se o centenário da viagem aérea de Lisboa a Macau, realizada entre 2 de abril e 23 de junho de 1924 por Sarmento de Beires, Brito Pais e o mecânico Manuel Gouveia, entendemos justo e imperioso devolver à História de Portugal e à História da Aviação o que elas parecem ter desgarrado de si próprias. À exceção das camadas mais velhas da população portuguesa e da população de Macau, que ainda o recordam, o feito indiscutivelmente imenso então realizado por esses aviadores tem estado esquecido, não sendo alheio a esse facto o pormenor de Sarmento de Beires, o piloto-aviador que conduziu o avião “Pátria” por céus estranhos e inóspitos desde Vila Nova de Milfontes até Macau, se ter tornado um forte opositor ao regime saído do golpe militar de 28 de maio de 1926, que pôs termo à Primeira República. Talvez também o facto de o Governo português de então (através do seu Ministro da Guerra, o coronel Freiria) ter criado sucessivos obstáculos à partida para Macau, só dando aprovação para esta viagem na condição de ela não custar um centavo que fosse ao erário do Estado, envergonhasse, de algum modo, o Governo de Portugal, que nunca confiou nas capacidades dos aviadores e no sucesso e pertinência deste raide. É que o êxito obtido com esta viagem aérea, realizada apenas com dinheiro do povo português, das comunidades portuguesas e da fortuna pessoal do aviador Brito Paes, manchava por demais a imagem do governo português que, contrastando extraordinariamente com os governos de outros países, tudo tentou para que a viagem não se realizasse e, mesmo quando autorizou tardiamente a sua realização, nada fez para a apoiar.

A narrativa que Sarmento de Beires publicou sobre essa viagem aérea — *De Portugal a Macau (A viagem do “Pátria”)*, editada pela Seara Nova logo em 1925 e reeditada por duas vezes — encontrava-se esgotada desde a última edição de 1968, razão pela qual se entendeu fundamental reeditá-la neste século XXI, antecipando e permitindo, em 2024, as celebrações do centenário deste voo pioneiro da aviação mundial.

Macau como destino

Portugal e o Oriente partilham uma multissecular tradição de relações e intercâmbios vários que remonta aos inícios do século XVI. A Península de Macau, pela sua localização geográfica, desempenhou sempre um papel fundamental nesse contacto de mundos que o Sol ilumina de forma desfasada, tão grande é a distância que os separa. O pequeno território macaense, constituindo-se como espaço

de transição e contactos entre a China e a Europa, proporcionou uma importante plataforma para o intercâmbio das culturas ocidentais e orientais.

Já no século XVI Macau era estrategicamente crucial para os portugueses, para aceder ao comércio com a China e o Japão. Aliás, o termo “China” aparece logo em 1501, numa carta que D. Manuel escreveu aos Reis Católicos, uns anos antes da primeira chegada dos portugueses a Malaca, em 1509. Só em 1553-54 os portugueses chegaram em número considerável a Macau, tendo obtido, em 1557, a licença das autoridades chinesas para aí se estabelecerem. O impacto desta presença portuguesa em Macau era já de tal forma marcante nos finais desse século XVI, que, quando a derrota dos portugueses na batalha de Alcácer-Quibir conduziu à perda da independência nacional e ao regime de monarquia dual sob o reinado de Filipe II de Espanha (Filipe I de Portugal), a cidade de Macau manteve sempre hasteada a bandeira portuguesa e não a castelhana¹. No entanto, só em 1887 a China reconheceria oficialmente a soberania e a ocupação perpétua portuguesa de Macau, através do Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português. E foi sob administração portuguesa que o território macaense se manteve até ao final do século XX.

Não admira, pois, que, no século XX, no âmbito dos raids aéreos que então se levavam a cabo, no plano internacional, pelos países mais desenvolvidos, Macau tivesse sido o destino escolhido pelos aviadores Brito Paes e Sarmento de Beires, quando planearam empreender um voo de longo curso, para ombrear com os grandes feitos aéreos desses países.

Quando, em 2019, se celebraram os vinte anos da Transferência da Soberania de Macau para a China, que ocorrera em dezembro de 1999, a investigação que então se desenvolveu para assinalar a efeméride centrou-se, fundamentalmente, nos séculos mais recuados, desde o ano de 1557 (com o estabelecimento oficial da ocupação de Macau por portugueses) até ao século XVIII, no tempo do Marquês de Pombal. Os séculos XIX e XX foram menos estudados, mas, no entanto, foi no primeiro quartel do século XX, em 1924, que se realizou a primeira viagem que permitiu unir por trilhos aéreos estes dois pontos tão afastados na terra e por mar, tentando uma proximidade, até então inviável, entre Portugal e a comunidade portuguesa residente em Macau.

Nos anos que precederam a realização desta viagem, o primeiro impulso que moveu os aviadores Sarmento de Beires e Brito Paes, ao planearem a sua viagem

¹ Como recompensa por esta lealdade a Portugal demonstrada pela população de Macau, durante o tempo de monarquia dual, o rei D. João IV designou Macau, em 1654, como “*Cidade do Santo Nome de Deus de Macau, Não Há Outra Mais Leal*”.

aérea de longo curso, foi o de realizarem um voo que tivesse o alcance e a expressão que as grandes descobertas marítimas tinham tido no final do século XV: em 1498, a descoberta do caminho marítimo para a Índia e, em 1500, a descoberta do Brasil.

A ligação aérea ao Brasil ocorrera, entretanto, em 1922, com Gago Coutinho e Sacadura Cabral, no âmbito do estreitamento das relações com o Brasil, por ocasião do Primeiro Centenário da sua Independência. Nesse clima festivo, investiu-se institucionalmente na exaltação de Camões, que deu lugar, em 1924 (o ano em que se preparava e realizava a ligação aérea de Portugal a Macau), à celebração do quarto centenário do nascimento do poeta, que, em 1907, Teófilo Braga afirmara ter ocorrido em 1524. Assim, a 10 de junho de 1924, as cerimónias do quarto centenário do nascimento do autor de *Os Lusíadas* deram lugar a um momento particularmente significativo, com a transladação, para o Mosteiro dos Jerónimos, do que se supõe serem os restos mortais de Camões e Vasco da Gama². A associação da grandeza de Portugal, representada pela arquitetura propagandística e glorificadora do tempo de D. Manuel I, ao autor da descoberta do caminho marítimo para a Índia e, simultaneamente, ao poeta que cantou essa façanha, alimentou durante todo esse ano uma linguagem épica que contrastava com o estado de uma República degenerescente e de um povo cada vez mais insatisfeito e desanimado. A viagem de Beires e Paes expressou igualmente essa dimensão nacionalista, não só na escolha do nome para o avião ("Pátria"), como na exibição de um verso de *Os Lusíadas* ("Esta é a ditosa pátria minha amada") na tela da fuselagem.

Neste contexto, não é por isso, de estranhar, que tenha sido para o Oriente que se dirigiram os projetos dos aviadores. Com a travessia aérea Lisboa-Macau, pretendiam cumprir três objetivos: primeiro, competir, no aceso plano internacional das viagens aéreas de longo curso (em que França, Itália, Estados Unidos e Grã-Bretanha se destacavam), com um feito prestigiante, marcante, decisivo e pioneiro, à semelhança do que havia acontecido com as viagens marítimas do tempo das Grandes Descobertas, com os navegadores Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral. Por isso, procuraram a rota dos antigos navegadores, tendo pensado inicialmente na Índia como destino que, posteriormente, alargaram até Macau. Pretendia-se assim, também, preparar a viagem de volta ao mundo em avião, um sonho desde

² Para uma perspetiva histórica das celebrações do 10 de junho em Portugal, ver João, 2011, pp. 19-34.

muito cedo acalentado por Sacadura Cabral, que fora instrutor de Sarmento de Beires na Escola de Aeronáutica de Vila Nova da Rainha³.

O segundo desígnio da viagem era a vontade de afirmar Portugal junto da China (de grande influência então no plano internacional) como país cheio de energia, vitalidade e espírito de iniciativa.

Por fim, esta viagem aérea visava igualmente estreitar laços entre a metrópole e a comunidade portuguesa de Macau⁴, para onde, ao longo dos quatro séculos de administração portuguesa, houve várias correntes migratórias. Esses fluxos migratórios que se fixaram em Macau tiveram origem, fundamentalmente, em Lisboa, embora também outros pontos do país tivessem contribuído para engrossar o número das famílias portuguesas no Oriente. No século XX, esse movimento migratório encontrava-se já bastante diminuído. Em 1920, quatro anos antes da viagem aérea Lisboa-Macau, residiam em Macau 909 portugueses, o que constituía uma expressão da ordem dos 21,8% do total da população não chinesa de Macau⁵. Por pequena que fosse, essa comunidade portuguesa rejubilou com esta viagem, que significava para ela o reconhecimento de uma atenção carinhosa por parte da Metrópole e o sinal de uma proximidade mais efetiva e palpável, que, contudo, não se viria a concretizar, pois só em 1996⁶ a TAP viria a criar o primeiro voo da China para Portugal, projeto de que se retirou logo em 1998, alegando falta de lucro. Finalmente, em 2017, a *Beijing Capital Airlines* abriu uma rota Pequim-Lisboa. Sublinhe-se, pois, que é apenas sete anos antes de se cumprirem cem anos dessa primeira ligação aérea Lisboa-Macau realizada pelos aviadores pioneiros Sarmento de Beires e Brito Paes que se processam voos comerciais diretos entre a China e Portugal.

No entanto, as vantagens desta ligação tinham sido desde logo pressentidas por Sarmento de Beires, que as transcreve no relato dessa viagem aérea editado

³ Ao longo da sua viagem, Brito Paes e Sarmento de Beires percorreram um total de 16.760 Km, o equivalente a metade da volta ao mundo.

⁴ "Precisávamos de vir a Macau, terra portuguesa entre as terras portuguesas, onde Camões se inspirou para escrever *Os Lusíadas*", afirmou Brito Paes, num discurso pronunciado em Macau, em julho de 1924. Cf. Beires, 2018, p. 143.

⁵ Sobre esta matéria, ver Dias, 2018, pp. 103-113.

⁶ Em 1987, realizou-se uma viagem na esteira do *Pátria*, no âmbito do voo aventureiro e particular de Jorge Cruz Galego e mais dois companheiros, a bordo do avião *Sagres*. Demoraram 106 horas. O *Pátria* voou 110 horas no total, à velocidade média de 152 Km/hora, numa distância total de 16.760 Km (em percurso útil), em 24 etapas (14 no *Pátria I* e 10 no *Pátria II*). Comparativamente, as dificuldades não se atenuaram, apesar de decorridos sessenta e três anos entre estas viagens.

logo em 1925 pela Seara Nova. Ao perceber o acolhimento emocionado e efusivo da comunidade portuguesa na China, Beires comenta no seu livro:

E, inconscientemente, ao sentir o orgulho, o patriotismo e a saudade que se reflete em todos aqueles olhos rasos de água – oficiais, sargentos, marinheiros –, vislumbramos as benéficas consequências que resultariam do empreendimento de uma viagem aérea anual às nossas Províncias Ultramarinas, que ali levasse, nas asas de um avião, as cores da bandeira, ungidias pelo sol da Pátria distante. (Beires, 2018, p. 391)

Mais adiante, voltaria a confirmar essa intuição:

A nossa visita à capital da República Chinesa do Sul, apesar de breve, permitia-nos avaliar mais uma vez a importância da nossa viagem para os núcleos de portugueses residentes no estrangeiro. (Beires, 2018, p. 397)

Voar na instabilidade dos governos da Primeira República

Diferentemente do que sucedera com a viagem de Gago Coutinho e Sacadura Cabral dois anos antes, a viagem aérea a Macau não contava com qualquer avião sobresselente, nem os aviadores levavam consigo rede de TSF, para poderem comunicar qualquer imprevisto. Foi uma viagem sem rede, no sentido próprio e figurado desta expressão. E também sem dinheiro ou apoio do Estado.

De facto, o governo liderado por Álvaro de Castro (entre 18 de dezembro de 1923 e 6 de julho 1924) criou resistências e sucessivos impedimentos a esta viagem, com atuações contraditórias e inexplicáveis dos Ministros da Guerra — Coronel Fernando Freiria (de 16 de dezembro de 1921 a 6 de fevereiro de 1922 e, mais tarde, de 7 de dezembro de 1922 a 21 de julho de 1923) e, interinamente, António Maria da Silva. Entre março e julho de 1924, durante todo o tempo de viagem do “Pátria”, foi ministro Américo Olavo. O primeiro capítulo da obra de Sarmiento de Beires sintetiza toda essa sucessão de confusões, contrainformação, desencontros, solicitações de audiência com atraso na tramitação, etc., num registo incisivo e pontualmente irónico:

História longa e fastidiosa, mas necessária para destruir certas afirmações menos verdadeiras sobre as nossas *démarches* junto do Governo. Quando o Sr. Américo Olavo, então ministro da Guerra, declarava, em pleno Parlamento, que

nada solicitáramos do Estado, durante as horas em que, à custa de mil esforços, íamos avançando no caminho de Macau, por certo desconhecia estes factos. (Beires, 2018, p. 159)

Ao longo de doze capítulos, uma conclusão e um apêndice, Sarmiento de Beires plasma, no seu livro *De Portugal a Macau*, em registo narrativo de primeira pessoa, a experiência desta viagem, com todos os incidentes, percalços, perigos, ameaças e conquistas, que deixam o leitor preso ao fio do seu registo diarístico. À distância de um século desta viagem, o leitor de hoje espanta-se com as condições em que se fizeram estes voos pioneiros. Os aviões eram frágeis (tela, madeira e alumínio), de carlinga descoberta, deixando os aviadores diretamente expostos aos rigores do tempo (sol, chuva, neve); os campos de aviação eram escassos e, quando existiam, eram terrenos precários e sem condições, o que transformava a própria aterragem num risco imenso. Este voo a Macau, num ano profusamente marcado por diversos voos internacionais, foi particularmente perigoso e temerário, porque realizado num avião muito frágil (um Breguet X 14-BN 2), que Pelletier-Doisy, um dos aviadores que, nesse mesmo ano, cruzando-se com Brito Paes e Sarmiento de Beires em Bagdad, numa das escalas durante o seu voo Paris- Tóquio, impressionado com a fragilidade do “Pátria”, o designa posteriormente, numa entrevista ao jornal *Le Petit Parisien*, como *coucou*:

Examinei, estupefacto, o aparelho que tripulavam Brito Paes, Beires e o seu mecânico. Era um velho Breguet de bombardeamento de noite, com motor Renault de 300 CV. Quase um “coucou”. E eram três ali dentro. Sob as asas da sua casca de noz tinham instalado dois enormes depósitos cilíndricos, com capacidade para 1600 litros, e que pareciam flutuadores ligados às rodas. Não escondi aos meus camaradas portugueses a admiração que me causava a sua façanha. Ter conduzido um BN2 de Lisboa a Bagdad era qualquer coisa. Querer conduzi-lo até Macau parecia-me temeridade louca. Não conheço muitos pilotos que tivessem ousado semelhante tentativa com meios tão pouco apropriados. No entanto, Paes e os seus companheiros realizaram o seu projeto. Realizá-lo não era proeza fácil.⁷ (Beires, 2018, pp. 248-249)

⁷ Tradução feita por Sarmiento de Beires, na nota à sua segunda edição da obra, correspondente às pp. 248-249 da nossa edição.

A mesma convicção tinham os aviadores de Portugal e vários parlamentares. Aliás, a 26 de maio de 1924, ainda os aviadores voavam a caminho de Macau e ainda a Aviação Militar não se havia rebelado contra o Ministro da Guerra, no Parlamento atiravam-se culpas sobre o desamparo governamental deste raide, pediam-se esclarecimentos e cresciam as tensões. O deputado Lelo Portela interpelou diretamente o ministro Américo Olavo, que respondeu em sua defesa que a decisão de não apoiar a viagem não ocorrera durante o seu mandato:

Mas é interessante saber-se por que motivo os anteriores Ministros não julgaram digna de auxílio financeiro do Estado a viagem aérea a Macau.

Para compreender isto basta ler a ata da sessão da Comissão Técnica de Aeronáutica, convocada para o gabinete do então Ministro da Guerra, Sr. coronel Freiria, no dia 9 de julho de 1923. A Comissão, tendo apenas contra o voto do Sr. capitão Brito Paes, votou que “a viagem era impossível de realizar com os recursos da nossa aviação”.

O Sr. capitão Ribeiro da Fonseca disse mais: “é um erro que o Estado distraia para essa viagem qualquer verba orçamental, e é um crime que a Aeronáutica distraia para essa viagem qualquer parte da sua dotação”.

O ministro alongou-se em várias desculpabilizações da sua atuação e da dos seus antecessores, culpabilizando os parlamentares por omissões de pedidos de financiamento, se o julgavam necessário. Lelo Portela insurge-se.

Nunca podia S. Exa. consentir que dois oficiais aviadores que partem para uma empresa daquela natureza fossem considerados como dois particulares que vão numa empresa particular; por isso devia dar-lhes todo o apoio para desempenharem cabalmente a sua missão. Vem, porém, S. Exa. dizer-me que eu, como aviador, devia vir aqui pedir o crédito necessário. Mas que confusão faz S. Exa. entre as minhas funções de Deputado e as de aviador? Não consinto que S. Exa. confunda essas minhas funções. E por agora nada mais⁸.

Por isso, logo após a concretização do raide, a proposta apresentada pelo coronel Roberto Baptista ao Parlamento, em 24 de junho de 1924, trazia, subliminarmente, uma crítica ao Governo português, ao enaltecer o apoio concedido pelo povo:

⁸ <https://debates.parlamento.pt/catalogo/r1/cd/01/06/03/089/1924-05-26/18>, p. 13 [accedida em novembro de 2021].

— Sr. Presidente: como V. Exa. sabe, e nós todos sabemos também, os distintos aviadores Brito Pais e Sarmento Beires, auxiliados pelo sargento-ajudante Gouveia, concluíram o raide Lisboa-Macau.

Este glorioso feito levanta, se possível é, ainda mais alto o nome da Pátria; deu honra e glória à aviação militar e ao exército português.

Todos nós sabemos as condições em que esse raide foi realizado; desnecessário é, neste momento, acentuá-las. Apenas, Sr. Presidente, uma circunstância desejo salientar. Se esse raide pôde ser levado a efeito, para honra e glória da aviação militar, foi porque o povo português auxiliou patrioticamente esse empreendimento, dedicando-lhe todo o carinho, toda a atenção.

Por isso, Sr. Presidente, eu vou ter a honra de enviar para a Mesa uma proposta de saudação aos oficiais aviadores, Brito Pais e Sarmento Beires e ao mecânico Gouveia, para que V. Ex.^a se digne submetê-la à apreciação do Senado. Mas nessa proposta eu envio também a minha homenagem sincera e calorosa ao povo português que, com o seu auxílio, concorreu para que esse glorioso empreendimento pudesse ser realizado.

A minha saudação é concebida nos seguintes termos:

“O Senado saúda os oficiais aviadores Brito Pais e Sarmento Beires e o mecânico Gouveia pela conclusão do difícil e arrojado raid Lisboa-Macau, rendendo, também, a sua sincera homenagem ao povo português que, com o seu patriótico auxílio e desvelada assistência, permitiu que esse brilhante e heroico empreendimento pudesse ser realizado para honra e glória da aviação militar, do exército e do País” — R. da Cunha Baptista. Tenho dito⁹.

A ênfase colocada no povo português é intencional, para fazer contrastar a confiança no raide por parte do povo com a descrença do Governo, o apoio financeiro do país, com a mera autorização de viagem dada pelo Governo, “sem dispêndio para a Fazenda Nacional, apenas utilizando os recursos disponíveis da Aviação”. Após a viagem, Brito Pais e Sarmento de Beires referem-se ao avião em que viajaram como “um avião de esmolas”. De facto, o contributo do povo, conseguido mediante largas listas de subscrição pública para custear as despesas do voo, é tanto mais significativo quanto Portugal vivia, à época, uma crise económica sem precedentes, quer nas contas do Estado, quer no aumento do custo de vida. Recorde-se que a

⁹ <https://debates.parlamento.pt/catalogo/r1/cs/01/06/02/073/1924-06-24?sft=true#p6> [Acedido em novembro de 2021].

22 de fevereiro desse ano de 1924 se tinha realizado em Lisboa, por iniciativa das Juntas de Freguesia, uma grande manifestação contra a carestia de vida.

Já na sessão do dia anterior os parlamentares tinham tomado uma posição clara e entusiasmada de aplauso e admiração pelo êxito do voo de Portugal a Macau, onde sobressaía já uma crítica inequívoca às condições de desamparo a que o governo português tinha abandonado os aviadores, não lhes dando qualquer apoio. Estas tomadas de posição merecem ser cruzadas com as referências que Sarmento de Beires faz ao Ministro da Guerra, no seu primeiro capítulo. Transcreve-se, por isso, a intervenção de Jaime de Sousa, a 23 de junho de 1924:

— Sr. Presidente: é do conhecimento de V. Exa. e da Câmara, e conhece o país inteiro, o facto extraordinário da chegada a Macau dos ilustres aviadores Brito Paes e Sarmento de Beires, que em condições tão difíceis, sob o ponto de vista material, chegaram a terras nossas no Oriente, demonstrando a sua audácia e habilidade. Há quarenta e oito horas que Portugal inteiro vibra de entusiasmo por esse rasgo de audácia. O nosso coração de portugueses regista mais uma vez as energias duma raça.

Não é menos certo que os gloriosos aviadores Brito Paes e Sarmento de Beires demonstraram ao mundo, atônito, como, com rasgos de audácia e golpes de energia, se consegue bater todos os records, dispondo de elementos inferiores e com material, por assim dizer, improvisado. Cheios de energia e fé, porque a energia e a fé são os elementos primordiais que acompanham o génio nos grandes empreendimentos, os aviadores acabam de dar ao país um formidável e sugestivo exemplo.

Oxalá, Sr. Presidente, que esse exemplo frutifique, e que nós, inspirados nesse feito brilhante, consigamos arrear caminho e mudar de processos, consigamos esquecer todos estes dissídios que ultimamente têm avassalado a sociedade portuguesa com a feição de combates pessoais inglórios, de derrotismo permanente contra homens e situações, numa fúria louca de tudo desfazer e destruir. É preciso que, inspirados nesse exemplo grandioso, os portugueses se convençam de que é uma obra construtiva que começa e que é preciso acabar de pronto com essa atmosfera de derrotismo e desânimo que avassala a sociedade portuguesa.

Sr. Presidente: atravessamos uma fase da vida nacional em que sinais evidentes se manifestam de que a nação desperta numa ânsia enorme de progresso e civilização, e ao Parlamento da República impende a obrigação

estrita de aproveitar o ensejo que se proporciona para colaborar nessa obra de reconstrução nacional, de caminho para melhores dias. Estes devem agora começar com o gesto nobre e heroico dos gloriosos aviadores¹⁰.

Viviam-se, de facto, tempos muito conturbados social e politicamente. Os ministérios raramente se aguentavam mais do que alguns meses, o mesmo acontecendo aos governos, que se sucediam vertiginosamente uns aos outros, durando apenas dias ou escassos meses. No plano da aviação militar, existia um confronto aberto entre a Aeronáutica e o Ministério da Guerra, pois, enquanto Sarmento de Beires e Brito Paes avançavam para Macau, o Decreto-Lei de 30 de maio de 1924 determinava a destituição do Major Cifka Duarte como Diretor da Aeronáutica e afirmava que esta poderia ser dirigida por um coronel de qualquer Arma do Exército, à exceção da Aviação. A reação não se fez esperar e os aviadores recusaram-se a receber ordens do coronel Morais Sarmento, que substituíra Cifka nas suas funções, encerrando-se no campo da Amadora, de 3 para 4 de junho, e exigindo a demissão do Ministro da Guerra. Só a 7 de junho os aviadores se renderam, após o que foram presos no Forte de S. Julião da Barra. Os populares apoiavam-nos e cercaram o Forte, com protestos que reclamavam a sua libertação.

Em Hanói, a 12 de junho, Sarmento de Beires lê uma notícia num jornal francês que, embora lacónica e pouco esclarecedora, lhe permitiu perceber que a situação da Aeronáutica portuguesa era grave, encontrando aí mais um estímulo para prosseguir rapidamente até Macau:

[...] a notícia, que nos era impossível compreender em toda a sua latitude, foi mais um impulso no caminho de Macau. Intuitivamente, percebíamos que era necessário chegar, para salvar da violência e do opróbrio a Aviação Portuguesa. (Beires, 2018, p. 362)

E, na verdade, a chegada dos aviadores a Macau teve um fortíssimo impacto positivo em Portugal, permitindo mitigar as consequências da Revolta dos Aviadores no campo da Amadora, que constituía um momento de grande tensão política. É a essa tensão que se refere o deputado Cunha Leal, na sessão de 23 de junho de 1924:

¹⁰ <https://debates.parlamento.pt/catalogo/r1/cd/01/06/03/108/1924-06-23/4>, p. 4 [acedida em novembro de 2021].

Neste momento de desânimo para a vida nacional, alguma cousa agitou a sociedade portuguesa. [...] Sentiu-se de repente que no meio do desânimo, no meio das tristezas, no meio da dissolução dos caracteres, mais alto do que tudo isso, se levantam dois portugueses que demonstram que ainda a raça tinha as velhas energias, sentia as velhas responsabilidades da tradição portuguesa.

Vivemos uma hora de desânimo: olhamo-nos uns aos outros e sentimos com verdadeira vergonha de nós próprios.

E quando olhamos o passado, quando olhamos a herança que os nossos maiores nos pegaram para nós próprios, o Sr. Ministro da Justiça procura matar, em obediência a um *élan* que não é próprio, que não está na consciência portuguesa, as velhas tradições religiosas.

E, quando olhamos o Sr. Ministro das Finanças, verificamos que S. Exa. destrói o crédito português com uma sem-cerimónia assombrosa.

E enquanto todos os portugueses se regozijam por uma circunstância que nos eleva no conceito da Nação, verificamos que falta aqui o Sr. Ministro da Guerra para honrar um facto que traz tanta glória para os portugueses, para se associar - ele que é um soldado valente e brioso - ao facto glorioso que outros soldados briosos e valentes praticaram.

[...] Os portugueses nestes últimos dias têm tido fé nos seus próprios destinos, não mercê do Sr. Ministro da Guerra, mas mercê da ação de dois bravos soldados, pertencentes a uma aviação agora dissolvida, que, segundo a velha tradição portuguesa, resolveram intrepidamente, sem meios, desamparados das instâncias oficiais, lançar-se pelos ares fora, num velho avião, com o *élan*, com o interesse que é próprio de quem vive com fé, a fé que nos faz acreditar nos destinos de Portugal.

Ao mesmo tempo que esses dois bravos soldados, com as mãos fortes, agarradas ao volante, vão por aí fora, levando no coração o nome da Pátria, o Sr. Ministro da Guerra desinteressa-se desse facto. (...) O Sr. Ministro da Guerra, que é uma figura galharda do soldado português, aliado aos próprios destinos da sua terra, não acredita neles; o Sr. Ministro da Guerra, em lugar de ser o chefe glorioso do exército português, descrê dos seus destinos, abandona esses dois homens ao seu próprio esforço.

E sabe V. Exa. quem os amparou? Foi o coração magnânimo do povo português que deu aqueles doze contos. Esses miseráveis doze contos, que foram recusados pelo chefe do exército português, pagou-os generosamente esse mesmo povo.

Sarmento de Beires e Brito Paes são nesta hora os dois melhores representantes da aviação portuguesa.

O povo português pagou tudo que foi preciso para a vitória dos dois gloriosos portugueses; pagou-o com pequenas espórtulas que são aqueles que mais são de agradecer; pagou tostão a tostão, porque o povo português acredita nos seus destinos, ao passo que o Sr. Ministro da Guerra, que é chefe do exército português, descrê deles¹¹.

[...] Sr. Presidente: se quisesse podia — mas não vale a pena, porque todos já o conhecem — provar à evidência o ódio que o Sr. Ministro da Guerra tem à aviação, ódio talvez filho da má vontade do Sr. Presidente do Ministério que desde uma célebre data — o 23 de Maio — nunca mais pôde ver a aviação, porque ela não foi daquelas tropas que queriam ir com S. Exa. para uma revolta constitucional, no dizer de S. Exa., mas que não era mais do que contra o Sr. Presidente da República, por ter demitido o seu Ministério.

Desde esse dia, nunca mais o Sr. Álvaro de Castro e o Sr. Américo Olavo puderam ver a aviação portuguesa! É que ela tem marcado dentro de todo o exército este lugar: é que não vai para parte alguma, nem para a esquerda, nem para a direita; é do exército, só defende a Pátria e a República. E nada mais. (...) Agora, um Ministro da Guerra que, depois de saber que os aviadores chegaram a Macau, saiu de Lisboa para não ouvir os “morras” e os “abaixos”, esse não tem prestígio¹².

Efetivamente, o êxito da viagem contribuiu para sanar este conflito entre o Governo e a Aviação, embora tenha colocado o Ministro da Guerra numa posição desconfortável, por não ter apoiado o raide, nem ter confiado nos aviadores. Américo Olavo cairia em julho, como consequência de todos estes incidentes na Amadora e na sequência das queixas da Aeronáutica relativamente à falta de apoios do Ministério da Guerra, que consideravam um *partis pris* do ministro contra esta Arma. Recolher aqui alguns momentos do aceso debate parlamentar em torno do raide e da aviação portuguesa permite, sem dúvida, uma leitura mais integrada do contexto da obra de Sarmento de Beires.

¹¹ (<https://debates.parlamento.pt/catalogo/r1/cd/01/06/03/108/1924-06-23/6>, p. 6 [accedida em novembro de 2021])

¹² <https://debates.parlamento.pt/catalogo/r1/cd/01/06/03/108/1924-06-23/4>.

Na esteira dos nautas

Pelos discursos acima transcritos, fica-se a conhecer a perspetiva pela qual a grande travessia aérea até Macau foi olhada pelos portugueses de então: um feito heroico, capaz de exaltar o espírito da raça (origens históricas e traços psicológicos dos portugueses) então considerado abatido, proeza equivalente à grandeza das descobertas marítimas dos séculos XV e XVI. A linguagem é de exaltação, o discurso é de empolgação, os tempos eram de ânimo e de esperança, num Portugal desalentado e enfraquecido pelas discórdias, medos, traições e revoltas, pela insegurança e pela instabilidade insustentável dos governos da Primeira República.

Nos jornais, o tom de entusiasmo e euforia cresceu nos tamanhos de letra de imprensa e traduzia-se em grandes manchetes de todos os jornais (dos da capital aos das cidades do interior, dos jornais de informação aos jornais desportivos, da imprensa diária à semanal, etc.).



Imagem 1 – Jornal *Diário de Notícias*, 21 de junho de 1924

Além das fotografias dos aviadores, que se publicavam diariamente, quer nas primeiras páginas, quer nas páginas interiores dos jornais, proliferavam os rostos de Paes, Beires e Gouveia em caixas de fósforos e de sabonetes, em postais ilustrados, gravuras e cartazes, em que o imaginário das Grandes Descobertas constituía uma mensagem tão importante como a da informação sobre as circunstâncias em que decorrera o voo propriamente dito.

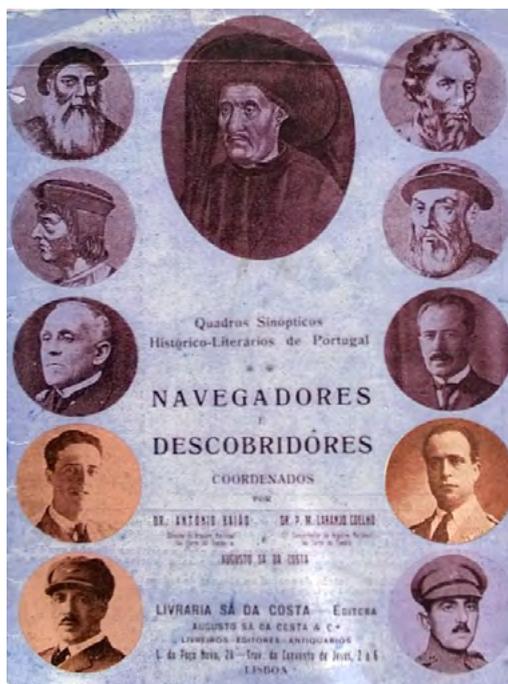


Imagem 2 – Genealogia dos aviadores, centrada na figura do Infante D. Henrique

De cima para baixo e da esquerda para a direita:

1. Vasco da Gama e Pedro 6lvares Cabral
2. Bartolomeu Dias e Fern6o de Magalh6es
3. Gago Coutinho e Sacadura Cabral
4. Sarmiento de Beires e Brito Pais
5. Manuel Gouveia e Jorge Castilho

A coroa de louros central, o arco do triunfo (de onde saem os dois avi6es que ligaram Portugal ao Brasil e a Macau), a cruz de Cristo que a Avia76o portuguesa retoma das caravelas portuguesas e que se repete como moldura das fotografias, desta vez debruada por uma corda que lembra o estilo manuelino nascido das Descobertas, todos os elementos concentram nesta gravura um imagin6rio de grandeza e de for7a, evocando fa7anhas de outrora.



Imagem 3 – Cartaz tendo ao centro a figura de Santos Dumond (considerado, geralmente, o Pai da aviação); à esquerda, o Brasil, com as fotografias de Gago Coutinho e de Sacadura Cabral; à direita, Macau, encimado pelas fotografias de Brito Paes e de Sarmiento de Beires. (Coleção particular)

Sarmento de Beires tinha como intenção preparar a volta ao mundo em avião, na esteira do que fizera Fernão de Magalhães. Com esta viagem, Beires e Paes perfizeram nove mil milhas, “quase a metade da volta ao mundo”, como afirmou Gago Coutinho, para quem “eles foram demonstrar, nessas paragens históricas, que os portugueses de agora não desmentem as tradições da sua Raça, e que os descendentes dos Capitães e Marinheiros das naus se tinham tornado aviadores, mantendo a Portugal os mesmos velhos foros de paladino do Progresso e da Civilização” (2018 [1925], p. 145).

De Portugal a Macau: o livro

Sarmento de Beires poderia ter feito apenas um relatório de voo, à semelhança de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, cingindo-se exclusivamente aos pormenores técnicos da viagem: horas de voo, velocidade em cada etapa, dispêndio de gasolina, comportamento do motor, etc. Mas escreveu um livro de viagem, fundador, em Portugal, das narrativas de viagens aéreas do século XX, acrescentando-lhe no final um “Apêndice e recapitulação técnica da viagem”, com mapa e um quadro descritivo muito extenso, em que constam minuciosamente todos os detalhes técnicos de cada dia de voo: altitude máxima, velocidade média, hora de partida e de aterragem, estado atmosférico, emprego do tempo, número de passageiros, percurso, duração do voo, quilómetros percorridos. Talvez a consciência do contexto e das condições em que voava (fragilidade do aparelho, tempestades e monções desconhecidas, mapas cuja informação era sempre insuficiente, montanhas altíssimas que havia que transpor, etc.) e o sentir-se devedor do apoio de todos os portugueses que sustentaram a viagem do “Pátria” tenham movido Sarmento de Beires a escrever a narrativa desta viagem aérea, que publica logo em 1925 pela Editora Seara Nova, e que a revista homónima publicitou ao longo dos primeiros meses de 1925, divulgando em primeira mão o último capítulo, “A última etapa”, no seu número 42¹³, de 15 de fevereiro, antecipando o prazer da leitura da obra aos seus leitores. O n.º 43, de 15 de março, publicitava a obra como “A sair brevemente”¹⁴, apresentando-a os números 45-46, de maio de 1925, como “Novidade literária”, com o sumário do livro, o número de páginas e o preço da edição de luxo: 25 escudos.

¹³ Seara Nova, n.º 42, 15 de fevereiro, pp. 104-107.

¹⁴ Na secção “À venda na Seara Nova”.

Graças à edição bilingue Português-Mandarim que se levou a cabo em 2018, ler esta obra de Sarmiento de Beires é agora de novo possível, permitindo que os portugueses acedam a este mundo aventureiro e audaz do pioneirismo aeronáutico. A tradução para Mandarim simplificado¹⁵ teve o objetivo de a tornar acessível também à comunidade macaense de hoje, que certamente desconhece detalhes sobre esta viagem que faz parte da sua História.

A narrativa de Beires apresenta um estilo bastante ritmado, com uma excelente gestão de diálogos e momentos de grande visualidade, quase *flashes* cinematográficos (a obra, aliás, daria um excelente filme, se transposta para o *écran*), que prendem o leitor até à última página. Na sua primeira edição, apresentava nove fotografias, na terceira e última, quinze. Esta reedição do século XXI mantém as quinze fotografias a preto e branco, acrescentando-lhe, no final, mais oito fotografias a cores, relacionadas com a viagem e com a narrativa. A preceder cada capítulo, criaram-se de raiz treze ilustrações a três cores (branco, vermelho e verde-oiro), da autoria de Margarida Ferreira, pensando justamente neste horizonte oriental a que a obra pretende chegar. A quietude serena do traço desta ilustradora estabelece um excelente contraponto aos momentos de angústia e tensão da história narrada, em que a vida e a morte, o êxito ou a derrota se jogaram tantas vezes em frações de segundo.

Tratando-se de uma narrativa de viagens, o narrador-aviador tem a consciência da limitação das suas palavras face às incomensuráveis dificuldades por que passaram, a bordo do avião de alumínio e tela que os levou “além da Taprobana”. De facto, ao narrar o acolhimento aos aviadores por parte do cônsul de Portugal em Hong-Kong, Cerveira de Albuquerque, Sarmiento de Beires sublinha que “[é] sob o teto amigo da sua casa que dormimos o nosso primeiro sono depois do drama, que a narrativa mal descreve, desse dia 20 de junho de 1924, em que o *Pátria II*, em meio à fúria da tempestade, voou sobre a cidade de Macau” (Beires, 2018, p. 385).

Em Macau, terra de Portugal

A atenção dos aviadores, ao chegarem a Macau, estava centrada prioritariamente na população portuguesa aí residente e naquilo que reconheciam como solo português, território nacional. Só quando a lancha “Pátria” os apanhou em Hong Kong, perto de onde tinham aterrado de urgência devido à tempestade que se fizera sentir e os impedira de aterrar exatamente em Macau, Beires sente a

¹⁵ Realizada pela Professora Yu Yong.

emoção do primeiro sinal de aconchego pátrio: “Aquela tolda é a primeira parcela de território português que pisamos, depois da largada de Vila Nova de Milfontes” (Beires, 2018, p. 391).

Não é demais sublinhar que era apenas a população portuguesa residente em Macau que importava aos aviadores, cujas primeiras reações aos chineses com que se cruzaram não foram, de facto, as mais positivas, após a aterragem acidentada do avião em que viajavam, e no desespero do cansaço, da chuva torrencial, da fome e do desconhecimento das ligações locais a Macau:

À primeira vista, os chineses parecem todos gémeos. (...) Só ao chegar me lembro que não temos dinheiro chinês. Num gesto superior, entrego-lhes a prata que nos sobrou de Hanói. Mas os demónios protestam, numa algazarra, e é necessário que [...] consigamos que o chefe da gare lhes pague, para o berreiro cessar. (Beires, 2018, p. 385)

Não era a busca do exotismo ou da cultura oriental que movia esta viagem e esta ligação de espaços e pessoas. Era Macau como espaço português e os macaenses como luso-descendentes que estava na mira dos aviadores e do país. Aliás, no Parlamento, em Lisboa, o senador eleito por Macau, o advogado Francisco Xavier Anacleto da Silva¹⁶, afirmou, na sessão de 24 de junho, em que a agenda foi dominada pelo êxito da viagem:

— Sr. Presidente: a Macau, àquele lindo pedaço de terra portuguesa engravado num recanto da China, foram os ilustres aviadores Brito Paes e Sarmento Beires e o mecânico Gouveia levar num voo arrojado as saudações da Pátria. E aquela cidade, tão profunda e tão fundamentalmente portuguesa, mais uma vez soube certamente demonstrar o seu nunca desmentido patriotismo, recebendo-os com carinhoso, com delirante entusiasmo.

Como parlamentar por Macau, não posso deixar de me associar às homenagens que a Câmara presta àqueles valentes heróis que tão alto souberam erguer o nome da Pátria, escrevendo na epopeia maravilhosa que é a sua história mais uma página bela, fulgente e épica.

O valor da raça, afirmado por Bartolomeu Dias, que dobrou o Cabo da Boa Esperança, por Pedro Álvares Cabral, que descobriu o Brasil, por Vasco

¹⁶ Foi várias vezes Presidente do Leal Senado e Senador por Macau durante a Primeira República.

da Gama, que descobriu o caminho marítimo para a Índia, perdura felizmente ainda hoje.

Quando o mundo imaginava que Portugal, o velho Portugal das descobertas e conquistas, já cansado, nada mais tinha a dar, surgem Gago Coutinho e Sacadura Cabral, aparecem Brito Paes e Sarmento de Beires, a afirmar perante esse mundo maravilhado as qualidades de uma raça que, depois de dominar os mares, domina hoje os espaços.

E permita-me V. Ex.^a, Sr. Presidente, que eu, crente e orgulhoso da minha fé, diga que os aviões que desferiram o seu voo da terra da Santa Maria para aportarem à cidade do nome de Deus não há outra mais leal, tinham por guia a cruz de Cristo, essa cruz que levou as nossas caravelas à descoberta de novos mundos, a mesma cruz que conduzirá Portugal no caminho da felicidade, trazendo para a Pátria dias de glória, como aquele que com o maior entusiasmo festejamos hoje¹⁷.

Tratava-se de uma perspetiva nacionalista e europeísta sobre Macau, representada como terra portuguesa, captando na ilha o que nela se assemelha com Portugal e não a sua diferença. Era assim que Macau era olhada na época. Aliás, um artigo de Camilo Pessanha sobre a Gruta de Camões em Macau revela justamente um olhar que procura depurar da paisagem o seu elemento local, para a reconstituir na sua semelhança com Portugal:

Assim é Macau a única terra do ultramar português em que as estações são as mesmas da metrópole e sincrónicas com estas. É a única em que a Missa do Galo é celebrada numa noite frígida de inverno; em que a exultação da aleluia nas almas religiosas coincide com o alvoreço da primavera [...]; em que a comemoração dos mortos queridos tem lugar no outono. Mais ainda: em Macau é fácil à imaginação exaltada pela nostalgia, em alguma nesga de pinhal, menos frequentada pela população chinesa, abstrair da visão dos prédios chineses, dos pagodes chineses, das sepulturas chinesas, [...] das águas amarelas do rio e da rada, onde deslizam as lentas embarcações chinesas de forma extravagante, com as suas velas de esteira fantasmáticas, e criar-se, em certas épocas do ano e a certas horas do dia, a ilusão de terra portuguesa. Quem estas linhas escreve teve, por várias vezes [...], deambulando pelo passeio da Solidão, a ilusão, bem

¹⁷ <https://debates.parlamento.pt/catalogo/r1/cs/01/06/02/073/1924-06-24?sft=true#p6>, p. 7. [acedida em novembro de 2021].

vívida, apesar de pouco mais duradoira que um relâmpago, de caminhar ao longo de uma certa colina da Beira-Alta, muito familiar à sua adolescência. [...] Ainda é Macau a única terra, de todo o Ultramar português, em que se pode ter até certo ponto a ilusão de se estar em Portugal. (Pessanha, 1992, pp. 303 e 304)

Ao chegarem à China, a recepção aos aviadores pelos portugueses aí residentes é amistosa e hospitaleira: “A Colónia Portuguesa recebe-nos no Clube de Recreio, onde o cônsul de Portugal, Cerveira de Albuquerque, nos dá comovidamente as boas-vindas” (Beires, 2018, p. 383). Nos dias que se seguem, o clima será sempre de festa, celebração, comoção, em que Beires regista, na comunidade portuguesa em Macau, “o orgulho, o patriotismo e a saudade” (2018, p. 389). O mesmo sentimento verifica em Hong Kong e em Cantão, onde o cônsul Félix Horta o apresenta aos cinquenta portugueses da cidade e onde Beires constata que “os europeus, instalados na Shameen, ilhazita que duas pontes ligam à cidade, transformaram-na em recanto da Europa perdido naquelas paragens” (2018, p. 397). É quase sempre a europeização do Oriente que o olhar português percebe e anota, como sinal da unidade e identidade criadas na distância.

No entanto, a perspetiva de Beires sobre Macau, Cantão e Hong Kong vai-se alterando à medida que o tempo passa, dando lugar à anotação do local e das gentes, em fascínio já liberto das circunstâncias de tenso nervosismo com que aterrara, em derradeiro desespero de causa (por contingências meteorológicas e também mecânicas - o gerador deixara de funcionar) no cemitério chinês de Shum-Chum. E o reconhecimento da beleza daquelas geografias longínquas assoma à superfície do texto: “A paisagem fascina”. “A baía de Hong Kong deve ser uma das mais belas do mundo” (Beires, 2018, p. 399). Já em Cantão, as “afabilidades e gentileza” de Félix Horta “permitem-nos apreciar de perto o exotismo da China. Ali nos oferecem também adoráveis recordações: xailes de bordados vistosos, *bibelots* de jade, colares e esculturas de marfim em que se revela a minuciosa paciência chinesa, ao serviço de uma arte superior” (2018, p. 399). Em Hong Kong, Beires elenca toda uma série de pratos típicos chineses, que provará por ocasião de um banquete oferecido por uma alta personalidade chinesa, que se associava às celebrações da comunidade portuguesa: “sopa de ninhos de andorinha e de alga preta, leitão lacado, ovos podres, cobra, marisco em salada, holotúrias, e não sei que mais” (2018, p. 401).

Nesse último capítulo de conclusão da obra, afloram no texto topónimos chineses, nomes de barcos que remetem para a realidade da paisagem dos rios (“*sam-pans*”, “*lorchas*” e “*tancares*”), bem como de objetos que traduzem a forma de vida

dos chineses, como os “panchões” (estalinhos), que o narrador regista a propósito das formas de celebração festiva na China.

Mas o objetivo desta narrativa de Sarmento de Beires era apenas o de contar os contornos, detalhes e incidentes da viagem aérea, razão pela qual, terminada esta e tendo os aviadores ficado na China de 20 de junho até, pelo menos, 16 de julho (data provável em que terão embarcado até Victoria, no Canadá), o narrador pouco nos informa sobre o território e os costumes. Aliás, o seu alojamento decorreu quase sempre em casa dos vários embaixadores portugueses. O que terão sido as conversas e as partilhas pessoais desses dias resta à nossa imaginação tentar suspeitar.

É, por isso, fora do enquadramento narrativo desta viagem aérea de Portugal a Macau que se consegue aceder, embora só muito pontualmente e cruzando fontes dispersas, aos pormenores da estadia dos aviadores em território chinês, particularmente em Macau. A figura de Camilo Pessanha nunca é referida na obra *De Portugal a Macau* e, no entanto, não só o poeta escreveu um texto de saudação à chegada do “Pátria” a Macau (“é a sua visita a mais honrosa que Macau recebe desde há séculos” (Pessanha, 1992, p. 307), por ocasião da receção oferecida aos aviadores em 4 de julho de 1924, como Sarmento de Beires escreveu um artigo de memórias dessa viagem a Macau, que publicou no *Diário Popular* em 1970, onde recorda a perplexidade que sentiu na conversa com Pessanha:

Com as suas palavras, Camilo Pessanha abalava profundamente a minha impressão acerca da China, sem conseguir destruí-la. (...) Brito Paes e César de Almeida escutavam-no como eu, embora talvez menos vulneráveis ao facto de ver minimizar aspetos da vida chinesa, patentes na sua poesia, na sua cerâmica, nos seus bordados, na sua pintura e nas suas filosofia e religiões. Afigurava-se-me, de resto, que, ao atribuir ao chinês cinismo, avareza, crueldade, Camilo Pessanha se situava demasiadamente na província de Kwantung, não considerando diferenças étnicas naturais em tão vasto e populoso país. Foi, contudo, Camilo Pessanha quem me fez entrever o acervo de contrastes que a China daquela época constituía.

Mais tarde, em 1929, quando passei cerca de dez meses em Hanói e tive a oportunidade de contactar com vários chineses, o ambiente era já diferente, como entre os próprios anamitas, onde a transformação se operava com rapidez que surpreendia. O próprio Camilo Pessanha tinha a intuição do fenómeno psicológico em curso.

[...] Ao sairmos, quando a cidade a formigar de gente se apoderou novamente de nós, acentuou-se mais a sensação de que Camilo Pessanha se encontrava vivendo em Macau quase como habitante anónimo, apenas admirado e venerado por aquela dezena de criaturas para quem pensamento e espírito constituem os verdadeiros fulcros da Vida. (Beires, 1970, p. 5)

A sensibilidade ao que o envolvia impeliu, todavia, Sarmiento de Beires a deixar, de onde em onde, na sua obra, os sinais inquietantes do contexto de guerrilha política que ocorria na China, naquele ano de 1924. Logo após a aterragem no cemitério de Shum-Chum, “um soldado chinês aproximou-se correndo. Trazia a arma na mão, vinha descalço, vestia uma roupa clara que lembrava um pijama, e poisava-lhe no alto da cabeça um largo chapéu que mais parecia um cesto” (Beires, 2018, p. 381). Uns dias depois da acidentada aterragem, surgem dificuldades:

O terreno em que aterrámos, incrustado numa zona conquistada havia alguns dias às tropas de Ch'ien Chiung-ming pelo exército de Sun Yat-sen¹⁸, encontrava-se ainda sob o regime de escaramuças, e o general comandante comunicara aos mecânicos que, não sabendo a quem pertencia o avião, e havendo aviadores europeus ao serviço de Ch'ien Chiung-ming, não autorizava a remoção do *Pátria II*. (Beires, 2018, p. 391)

Também em Cantão Sarmiento de Beires percebe esse contexto de tensão e mudança:

Veem-se passar, de quando em quando, automóveis com soldados nos estribos, pistolas aperradas, atitude bélica: – um importante personagem que se desloca. Por vezes um burburinho, uma algazarra, alguns tiros... É assim que a China de Sun Yat-sen vai acordando para um futuro renascimento. (Beires, 2018, p. 399)

¹⁸ Sun Yat-sen é considerado o pai da Nação Moderna chinesa. Foi o primeiro revolucionário a defender o derrube do sistema imperial Qing e a fundação de uma república democrática. Em 1924, o revolucionário nacionalista Ch'en Chiung-ming recusa-se a cumprir as diretivas de Sun Yat-sen e expulsa-o temporariamente de Guangzhou, que ocupava desde 1920.

No regresso a Portugal: o abraço às comunidades portuguesas da América do Norte

Após estas celebrações na China entre as comunidades portuguesas aí residentes, os aviadores regressaram de barco a Portugal, mas passando pela América do Norte, onde faziam escala:

Por ordem de S. Ex.^a o governador de Macau, Dr. Rodrigo Rodrigues, cujo procedimento para connosco foi de uma cortesia verdadeiramente cativante, a equipe do *Pátria* ia regressar à Metrópole via América do Norte, a fim de, visitando os núcleos portugueses de Shanghai, Tóquio e Estados Unidos, ter ocasião de satisfazer-lhes a aspiração enternecedora de nos abraçar, revigorando neles o sentimento pátrio que, naquelas paragens, atinge proporções verdadeiramente tocantes. (Beires, 2018, p. 401)

E esta é mais uma confirmação da perspetiva exclusivamente nacionalista que rodeou esta viagem, em sintonia com o tom que o regime da Primeira República colocava relativamente às colónias portuguesas, onde se pretendia uma presença mais reforçada. Não sabemos exatamente qual a origem da ordem, se de Macau, se de Lisboa, desse governo que nunca apoiara a viagem, mas que deveria querer colher dividendos, após o êxito da travessia. Nesse regresso, o “delírio frenético” de Shanghai retém a atenção de Beires. E “São Francisco, Oakland, São José e Sacramento são labaredas de alegria a receber-nos”. (Beires, 2018, p. 402). “Em parte alguma, como na Califórnia, a receção atingiu culminâncias tamanhas de entusiasmo e de generosidade” (Beires, 2018, p. 403). São, de facto, as comunidades portuguesas, essas presenças de Portugal no mundo, que organizam as festividades, é a elas que os aviadores se dirigem e é nelas que se concentra toda a sua atenção. Nesta atitude centralizadamente portuguesa, expressa por e entre compatriotas afastados pela distância geográfica, Sarmento de Beires reteve, em Sacramento, um momento que, do seu ponto de vista, fez valer a pena todo o desvio que fizeram, relativamente à rota de regresso que teriam previsto:

Num cotovelo da estrada, a marcha suspende-se. Um homem, segurando uma pequenita bandeira portuguesa, pergunta pelos aviadores. Sem uma palavra, abre a portinhola da *limousine*, e são dois braços que nos apertam, longamente, comovidamente, num silêncio enorme latejante de toda a sua saudade da Pátria longínqua, que, naquele momento, para ele representamos. É um ins-

tante breve, de alguns segundos. O cortejo prossegue, e a figura inesquecível daquele homem obscuro desaparece na poeira da estrada e fica gravada em nós. (Beires, 2018, p. 403)

[...] Por toda a parte, o mesmo entusiasmo, o mesmo carinho e essa sensibilidade lusitana que na Metrópole amolenta, mas que além-mar centuplica energias, combinando-se com a formidável adaptabilidade da raça, para lhe dar elementos de triunfo na luta pela vida, elevada ao expoente máximo em terras da América. (Beires, 2018, p. 405)

Reler, hoje, estas páginas do livro *De Portugal a Macau*, à distância de um século, revela Macau em aspetos que de há muito perdeu, com o alargamento, crescimento e desenvolvimento da cidade, mas que permitem uma revisitação da cidade como memória.

A história desta viagem aérea, que Sarmento de Beires narra em primeira pessoa, como narrador autodiegético, permite recuperar momentos de uma viagem pioneira realizada nos tempos em que os voos de longo curso constituíam um feito singular, arriscadíssimo e muito ousado. O voo de Sarmento de Beires e Brito Paes inscreveu simultaneamente Portugal e Macau na rota do pioneirismo da aviação, num arrojo único que, apesar de todas as possibilidades que abria à ligação e estreitamento destes espaços, só em 1996, quase no final do século XX, viria finalmente a tomar corpo na ligação China - Lisboa criada então pela TAP e assumida decisivamente em 2016 pela rota aberta pela *Beijing Capital Airlines*.

Referências bibliográficas

- Beires, J. M. S. (2018[1925]). *De Portugal a Macau (A viagem do Pátria)*. 从葡萄牙到澳门 (“祖国号”之旅). Edição bilingue Português-Mandarim por I. Morujão e R. P. Brito (Eds.). Porto 波尔图: Co-edição CITCEM/Afrontamento 联合出版 CITCEM/ 阿弗龙塔曼托出版有限公司.
- Beires, J. M. S. (1970). Com Camilo Pessanha em Macau. *Jornal Diário Popular*, 20 de janeiro, 1 e 5.
- Dias, A. G. (2018). Portugal e Macau, viagens e migrações. 葡萄牙和澳门, 旅行和移民. In I. Morujão e R. P. Brito (Eds.). *De Portugal a Macau (A viagem do Pátria)*. 从葡萄牙到澳门 (“祖国号”之旅) (pp. 103-113). Edição bilingue Português-Mandarim. Porto 波尔图: CITCEM/Afrontamento CITCEM/阿弗龙塔曼托出版有限公司.
- João, M. I. (2011). Dia de Camões e de Portugal: breve história de uma celebração nacional (1880-1977). *Revista de Historia Jerónimo Zurita* [Em linha], 86, Zaragoza, Institución Fernando El Católico, 19-34. <https://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/31/87/04joao.pdf>

Pessanha, C. (1992). Macau e a gruta de Camões. In D. Pires (Org.), *Camilo Pessanha prosador e tradutor* (pp. 301-305). Macau: Instituto Português do Oriente-Instituto Cultural de Macau.

Pessanha, C. (1992 [4 julho 1924]). Homenagem aos aviadores que completaram o 1.º raid aéreo Lisboa – Macau. In D. Pires (Org.), *Camilo Pessanha prosador e tradutor* (p. 307). Macau: Instituto Português do Oriente-Instituto Cultural de Macau.

<https://debates.parlamento.pt/catalogo/r1/cd/01/06/03/108/1924-06-23/4>

<https://debates.parlamento.pt/catalogo/r1/cs/01/06/02/073/1924-06-24?sft=true#p6>

[https://debates.parlamento.pt/catalogo/r1/cd/01/06/03/089/1924-05-26/18,](https://debates.parlamento.pt/catalogo/r1/cd/01/06/03/089/1924-05-26/18)

Uma paixão de Vieira pelo Oriente no tempo da protoglobalização?

Did Vieira nurture a passion for the Orient during the first globalisation?

José Eduardo Franco

Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta
CLEPUL-Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
eduardofranco.ceg@gmail.com
ORCID: 0000-0002-5315-1182

RESUMO

Este artigo parte de uma pergunta que se tornou uma hipótese de pesquisa: o Padre António Vieira teria tido uma paixão e um interesse devotado pelo Oriente, no plano intelectual, missionário ou cultural, e, neste horizonte geográfico, de modo especial pela China? A averiguação da vida e de toda a vasta obra escrita de Vieira permitir-nos-á responder e analisar as referências ao Oriente e, particularmente, as percepções, as alusões e as representações do império chinês, de modo a extrair e compreender os significados da presença deste povo e deste imenso país nos escritos deste renomado missionário do Brasil e pregador régio do rei de Portugal, D. João IV. A partir desta recolha, da classificação das referências sínicas e da sua análise, o nosso estudo ponderará criticamente até que ponto e de que modo poderemos ou não afirmar que Vieira teria tido uma paixão pelo Oriente, à semelhança do que aconteceu com muitos dos seus confrades jesuítas no período moderno e que motivou uma significativa vaga de missionários ocidentais para aquele quadrante geográfico do mundo, então em fase de protoglobalização.

PALAVRAS-CHAVE

Vieira, Jesuítas, missão, Oriente, China, representações.

ABSTRACT

This stems from a question that later became a research hypothesis: did Father António Vieira have a passion and an interest in the Orient, on an intellectual, missionary or cultural level, and particularly in China? The study of Vieira's life and vast written records will allow us to analyse the references to the Orient and, particularly, the perceptions, allusions and representations of the Chinese empire. In this way, we can understand the meaning of the presence of this people and of this immense country in the writings of the renowned Brazilian missionary and royal preacher of the King of Portugal, D. João IV. Starting from the classification of references to China and their analysis, our study will critically consider to what extent and in what way we can affirm that Vieira had a passion for the Orient. This is similar to what happened to many of his Jesuit brothers during the modern period and was also what motivated a significant wave of Western missionaries to reach out to that geographical quadrant of the world in a stage of early globalisation.

KEYWORDS

Vieira, Jesuits, mission, East, China, representations.

A China é um país imensamente grande, povoado de pessoas muito inteligentes e por numerosos sábios [...]. Eles são tão apegados ao saber que o mais instruído é o mais nobre [...]. Se Deus quiser, escreveremos em detalhe sobre os negócios da China: como fomos recebidos e quais as predisposições oferecidas por este país para a expansão da nossa fé.

Francisco Xavier (1987)

O céu estrela o azul e tem grandeza
Este, que teve a fama e a glória tem,
Imperador da língua portuguesa,
Foi-nos um céu também.

Fernando Pessoa (2013)

1. Introito: Vieira, a sua vida e as suas paixões

A vida e a ação política, religiosa, social e cultural do Padre António Vieira (1608-1697) fizeram deste grande pregador do século XVII – que o poeta Fernando Pessoa elevou ao *podium* de “Imperador da Língua Portuguesa” (Pessoa, 2013, p. 80), na sua obra intitulada *Mensagem* – uma figura singular e marcante da história portuguesa e internacional. Muitas das qualidades principais que caracterizam alguém com capacidade de iniciativa e de realização podem ser identificadas na biografia do mais famoso jesuíta português. Espírito de iniciativa, capacidade de liderança e de criação de redes, maior concentração nas soluções do que nos problemas, resiliência, assertividade, criatividade, mobilidade, eficácia e flexibilidade são alguns dos talentos que Vieira pôs em prática em diferentes contextos, cenários geográficos e culturas para intervir em favor de transformações do foro político, religioso e social.

Nascido em Lisboa, junto à Sé, ponto nevrálgico da vida religiosa e social da capital portuguesa, Vieira viu-se obrigado, em 1614, a viajar para o Brasil, a fim de acompanhar a sua família, a qual se foi juntar ao pai, que tinha sido destacado para exercer funções de escrivão da Alfândega da Baía. Foi nesta capital da colónia brasileira que teve a oportunidade de ingressar no Colégio dos Jesuítas e de fazer todo o percurso formativo para se tornar padre daquela que era então considerada a ordem mais universalista da Igreja Católica.

A Companhia de Jesus criou, na Modernidade, um modelo de colégios e multiplicou-o numa rede que ultrapassou as fronteiras europeias. Em quase todos

os palcos do globo onde os Jesuítas desenvolveram e consolidaram atividade missionária fizeram acompanhar a sua presença religiosa organizada com a edificação de instituições educativas. O colégio jesuíta e o seu ideário pedagógico, uniformizado por um método testado no terreno e depois aprovado superiormente no final do século XVI, com o nome de *Ratio Studiorum*, foram reproduzidos planetariamente ao sabor da expansão da atividade proselitista da Ordem de Santo Inácio. O investimento poderoso no ensino fazia parte integrante da sua estratégia de evangelização, assente na aposta numa formação intelectual qualificada. O modelo de colégio jesuíta constitui a primeira e mais extensa experiência de globalização pedagógica conhecida desde a Modernidade. A rede de colégios criados em Portugal e no mundo entre os séculos XVI e XVIII representa uma parte importante desse fenómeno extraordinário de globalização de um modelo pedagógico estandardizado. Charles Boxer, historiador inglês da expansão portuguesa, viu na Companhia de Jesus – como depois aprofundou ainda mais Dauril Alden, nos seus estudos sobre a construção de uma empresa – uma espécie de multinacional moderna, que antecipou, em orgânica e métodos de gestão, conceitos que guiam as empresas multinacionais contemporâneas (Alden, 1996).

Vieira acaba por tornar-se, num contexto luso-brasileiro, uma figura emblemática daquela marca distintiva dos membros da Companhia de Jesus, enquanto ordem de circulação e atuação global. De facto, este pregador barroco identificou-se com o modelo definido por Chris Lowney no seu curioso livro sobre a história da Companhia de Jesus, escrita à luz das categorias linguísticas e conceptuais do universo epistemológico da gestão e da economia contemporâneas: “Os Jesuítas abraçavam o mundo; inseriam-se na vida quotidiana, viviam nas cidades e centros culturais, viajavam e trabalhavam com as populações” (Lowney, 2006, p. 134).

Com efeito, a Companhia de Jesus imprimiu, na Modernidade, uma forte e decidida viragem no modelo de vida monástica clássica, já encetada na Baixa Idade Média pelas ordens mendicantes, de que é herdeira. Em vez da medieval e beneditina *fuga mundi*, os Jesuítas apostaram fortemente na *vita in mundo*. Nestes e noutros aspetos, a Ordem de Santo Inácio de Loyola revela-se bem moderna e ajustada aos desafios impostos à Igreja pela abertura globalizante da vida humana no planeta Terra.

Foi, de facto, num dos colégios mais importantes dos Jesuítas que Vieira se formou e se revelou como um excelente orador, subindo às tribunas do tempo, que eram os púlpitos das igrejas, com grande sucesso. Tornou-se um mestre da palavra e um *opinion maker* do seu tempo, no dizer da nossa gíria jornalística

atual. Como padre e pregador de renome, o seu percurso não ficou preso ao bem dizer e ao bem criticar, antes associava a palavra à intervenção. Já durante a sua formação em humanidades, filosofia e teologia, para aceder ao sacerdócio, o seu talento para o estudo e a sua inteligência acima da média mereceram-lhe a autorização dos seus superiores para poder redigir as sínteses a partir dos diversos autores e para compor as suas sebtas do estudo próprio. Como missionário junto dos índios, que era a vocação fundamental para que se sentia chamado, fez tudo o que estava ao seu alcance para promovê-los pelo acesso à fé cristã e pela sua elevação a um grau civilizacional que considerava superior. Para o efeito, não só inventou estratégias missionárias adequadas às diferentes realidades tribais, como elaborou manuais de instrução cristã nas línguas nativas, que se esforçou por aprender. Além disso, não teve receio em defender os seus missionandos da voracidade escravagista que então grassava na colónia brasileira, afrontando os excessos dos senhores de escravos. Os seus sermões, muito ousados, de crítica social são um eloquente testemunho das mudanças sociais que sonhava implantar, à luz dos valores em que acreditava. Aliás, a sua obra parenética encerra uma verdadeira utopia social, que antecipa preocupações fundamentais que vão ser consagradas na proclamação dos Direitos Humanos e nos projetos de reforma social europeia e extraeuropeia.

A Restauração da Independência de Portugal obrigou-o a regressar a Lisboa em 1641. A capital portuguesa, e depois a própria corte, rendeu-se ao poder sedutor da sua oratória sagrada. O rei D. João IV convidou-o para seu pregador real e, depois, também para seu conselheiro político e até para participar em algumas missões embaixatoriais no centro da Europa. Aí revelou-se um estratega e um empreendedor de reformas em ordem à reabilitação de Portugal (cf. Vainfas, 2011).

As diversas viagens que Vieira teve de realizar entre a América e a Europa, passando por África – tornando-o, de facto, um dos intelectuais portugueses que mais viajaram no século XVII –, abriram-lhe horizontes que funcionaram como fatores de aprendizagem e fontes de inspiração e confrontação para gerar soluções progressivas para a sociedade do seu tempo. Neste domínio, são de destacar as suas viagens por diferentes países europeus que estavam em situação de emergente afirmação imperial e considerável progresso social, económico e científico-tecnológico, como eram os casos dos Países Baixos e de França.

Da visão global dos empenhamentos da vida do Padre António Vieira, podemos aferir que este magno escritor teve duas grandes paixões que guiaram a sua vida: a paixão pela Companhia de Jesus e pela sua causa missionária e a paixão

pela causa de Portugal, que não era contraditória com a primeira, pois entendia Portugal como o país missionário por excelência. Dentro da sua paixão pela Companhia de Jesus, devotava e confessava a sua paixão que se traduziu num ideal de vida de juventude: a evangelização dos ameríndios.

A obra escrita que Vieira nos legou, produzida em pleno tempo de proto-globalização, constitui-se como caixa de ressonância de uma mundividência em expansão. Embora o Padre António Vieira nunca tenha estado no Oriente e os seus círculos de mobilidade tenham estado circunscritos à Europa e ao Brasil, passando esporadicamente pelo continente africano, nas rotas das suas viagens interatlânticas, era membro de uma ordem global, a Companhia de Jesus, presente através da rede intercontinental de missões e de colégios, que recolhia e fazia circular entre os seus membros informações sobre os vários povos e civilizações do mundo, funcionando como um autêntico observatório da globalização em curso (Franco, 2020)¹. A sua multifacetada obra escrita, nos seus diferentes géneros literários e tipologias textuais (epistolografia, parenética, tratados, apologias, defesas judiciais, relatórios e projetos políticos, pareceres, poesia e teatro), faz ressonância de miríades de assuntos, desde aqueles em que Vieira está profundamente envolvido até aos que diziam respeito à sua geopolítica global, à sua Ordem, à Igreja Católica e ao esforço missionário em curso em diferentes pontos do mundo. É a partir do observatório global que, no seu tempo, a Companhia de Jesus era de facto, que Vieira recolhe informações e traduz perceções do Oriente, em geral, e da China, em particular, não deixando de fazer as suas considerações e apreciações. Percorreremos o conjunto da sua obra, identificaremos e analisaremos as referências sobre o Oriente e a China, assim como os seus significados no quadro dos diversos contextos e etapas cronológicas da vida do autor e da história do seu tempo.

2. Presença e significados da China na obra de Vieira

O Oriente e, em particular, a China, estando no horizonte do projeto de expansão global do cristianismo em que os Jesuítas estavam envolvidos e no qual muito investiram em termos de recursos missionários, humanos e materiais, eram sobejamente conhecidos da Companhia de Jesus, que fazia chegar informações

¹ Esta parte do nosso artigo, que aqui termina, recupera e recompõe pesquisa e análise já escrita e publicada noutros lugares pelo autor, em edições elencadas nas referências bibliográficas.

regulares à Europa através de cartas, mapas, relatórios, crónicas, tratados, histórias, gramáticas, dicionários, traduções e gravuras.

Vieira integra, na sua obra, a China no horizonte da pregação universal da fé, como bem ilustra este passo interessante, em que fala dos diferentes perfis de missionários: os que trabalham *ad intra*, em terras tradicionalmente cristãs, e os que laboram *ad gentes*, ou seja, junto de povos não conhecedores do cristianismo. Assim explica este pregador:

Para quem lavra com Deus até o sair é semear, porque também das passadas colhe fruto. Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que semeiam sem sair são os que se contentam com pregar na pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. (Vieira, II, II, p. 44)²

A China e os “chinos” (assim eram então denominados os chineses) são referenciados mais de 130 vezes na *Obra Completa* de Vieira – quer na sua epistolografia e na sua parenética, quer ainda nos seus escritos proféticos e nos escritos políticos –, a diversos propósitos e com diferentes funcionalidades. Podemos equacionar tipologicamente as referências, as perceções, os usos e os significados da China na obra vieirina em sete campos de sentido:

- I. Espanto e descrição da imensidão do império chinês;
- II. Curiosidades de um país exótico com significados morais e cívicos;
- III. Impenetrabilidades vencidas e epopeia missionária;
- IV. A China integrada na nova ordem global da utopia do V Império;
- V. Território de experimentação de metodologias e de disputas missionárias;
- VI. Comparação e reivindicação: a geoestratégia missionária jesuíta;
- VII. Espaço de conflito político e comercial.

I. Espanto e descrição da imensidão do império chinês

Não eram apenas do tempo de Vieira as notícias que chegavam e impressionavam a Europa sobre a China, pela sua grandeza e pela singularidade da sua civilização. Havia séculos que o império chinês suscitava a curiosidade dos

² Referenciaremos desta forma simplificada as citações de Vieira da sua *Obra Completa*, descrita nas referências bibliográficas: tomo, volume e página.

européus, tendo as célebres viagens de Marco Polo na Baixa Idade Média, mas não só, sido um momento importante para abrir janelas de curiosidade para esse conhecimento. Todavia, foi no dealbar da Época Moderna europeia, com as suas viagens marítimas, que estabeleceram redes comerciais com zonas do império chinês, que esse conhecimento começou a aprofundar-se. Para tal muito contribuíram não só comerciantes e aventureiros, como o ex-jesuíta português Fernão Mendes Pinto e a sua emblemática obra *Peregrinação* (Pinto, 2018), mas especialmente um número significativo de missionários ocidentais de ordens religiosas, podendo destacar-se os Franciscanos, os Dominicanos e mormente os Jesuítas. Estes últimos conseguiram entrar na China nas últimas décadas do século XVI, depois de tentativas falhadas por parte de missionários católicos, e iniciar um trabalho longo de implantação da sua presença missionária, com alguns frutos significativos, embora com altos e baixos, em termos do seu projeto de evangelização cristã. Os missionários da Companhia de Jesus foram responsáveis por oferecer à Europa, através da rede de informação e comunicação da sua ordem religiosa, novos dados sobre o império chinês, nunca até então tão amplos e diversificados.

O Padre António Vieira, tendo acesso privilegiado à informação que circulava pela iniciativa dos confrades da sua ordem, fez eco da mesma nos seus escritos, sendo de destacar, desde logo, a perceção cada vez mais amplificada da imensidão desse país distinto, o que lhe permitiu classificar a China, com rigor, como o maior império da Ásia. Num sermão de ação de graças pelo nascimento de um novo infante real, D. António, filho do rei D. Pedro II, a 15 de março de 1695, o velho pregador dos antigos reis de Portugal, então a viver na Baía de Todos-os-Santos, escreveu, perspetivando a promissora terra de missão que representava para o cristianismo este imenso território: “Nau para a China a unir à mesma Igreja já aberto o maior império da Ásia” (Vieira, II, XIII, p. 309). Alguns confrades jesuítas já estavam a atuar na China desde a entrada pioneira, cerca de 15 anos antes, a partir de Macau, dos missionários italianos da Companhia de Jesus Michele Ruggieri e Matteo Ricci. Ao longo dos seus escritos, redigidos entre 1626 e a sua morte, em 1697, Vieira foi fazendo referências, aqui e acolá, à China, indicando até dados estatísticos sobre a sua população e a sua organização territorial. Dava a saber que a China se ordenava administrativamente em 15 províncias e que contava com uma população de “118 milhões de vassalos”. Depois, mais para o fim do século XVII, chegou a apontar, na sua obra profética, que este país teria 150 milhões de habitantes. Embora seja acertada a perceção da sua grandeza territorial e da sua população descomunal, que reconhece facilmente que é mais

numerosa que a de todos os países da Europa juntos, a China é impropriamente caracterizada, à semelhança do Japão, como dispendo de uma unidade linguística, que hoje sabemos não ser verdadeira, pois neste país falam-se diversos idiomas. Assim dá conta no “Sermão do Espírito Santo”, pregado em São Luís do Maranhão:

Manda Portugal missionários ao Japão, onde há cinquenta e três Reinos, ou sessenta, como outros escrevem; mas língua, ainda que desconhecida, é uma só [...]. Manda Portugal missionários para a China, império vastíssimo, dividido em quinze Províncias, capaz cada uma de muitos reinos, mas a língua, ainda que desconhecida, é também uma. (Vieira, II, V, p. 255)

Quando Vieira se refere à China para caracterizar este espaço geográfico e civilizacional usa sempre superlativos, para oferecer uma perceção da grandeza invulgar deste país. O processo de globalização do conhecimento do planeta Terra então em curso – no qual os Jesuítas participaram, contribuindo para a constituição da primeira base de dados global para o conhecimento do mundo – suscitou a paulatina revisão da história universal em perspetiva eurocêntrica, integrando o conjunto cada vez mais alargado das histórias dos povos e civilizações de toda a Terra. Vieira demonstra bem este exercício de revisão da história universal e até dos conteúdos de alguns relatos bíblicos quando, por exemplo, defende, no “Sermão da Epifania”, que na iconografia do Presépio representativa do nascimento de Jesus devia surgir um quarto Rei Mago, um rei ameríndio, para contemplar e representar os novos povos descobertos pelos europeus na América. Também no que respeita ao Oriente, mostra a necessidade de revisão do número e do nome dos grandes impérios da história da humanidade, tendo por referência a simbólica profética atribuída ao sonho da estátua do rei Nabucodonosor, descrito no livro bíblico veterotestamentário do profeta Daniel, considerando, a dado passo na sua obra profética:

Disse que sabe que segundo a opinião mais comum dos Doutores na visão da estátua de Nabucodonosor eram significados quatro impérios a saber: o primeiro foi dos Assírios, o segundo dos Persas, o terceiro dos Gregos, e o quarto dos Romanos. E que também sabe que sentença de alguns Padres, e teólogos, que o Império Romano há de durar até ao fim do mundo. E que sabe que afora estes, tem havido e há ainda hoje outros impérios no mundo, quais são os do Turco, Mogol, China, e Tártaro. (Vieira, III, IV, p. 124)

Em alguns passos da sua obra, inclui recorrentemente a China entre os impérios mais “ricos” e mais “soberbos” do Oriente (Vieira, II, XII, p. 50).

Realmente, Vieira é um exemplo bem emblemático, como testemunham os seus escritos que chegaram até nós, da expressão do espanto ocidental perante as notícias e os dados cada vez mais detalhados que missionários, navegadores e comerciantes iam fazendo chegar aos círculos intelectuais, políticos e religiosos europeus, que olhavam para a China com curiosidade e interesse crescente, reconhecendo-a como um império singular, que devia ser tratado com atenção na geoestratégia das relações e das considerações de um mundo então conhecido globalmente.

II. Curiosidades de um país exótico com significados morais e cívicos

Aqui e acolá ao longo da sua obra, nomeadamente nos seus textos de oratória sagrada ou parenéticos (vulgo “sermões”), o Padre António Vieira evoca cenas, histórias, adágios, notícias e dados curiosos de outros povos do mundo – fornecidos, quase sempre, pelos seus confrades missionários –, não tanto a título informativo, mas para deles tirar ilações morais, éticas, cívicas e religiosas, elevando-os ao estatuto de *exempla*. Curiosidades da cultura e da sociedade chinesas também são invocadas para este efeito, baseando-se em informações dadas, como refere amiúde, pelo Padre Trigáucio, ou Nicolas Trigault, SJ (1577-1628), ou ainda Trigautius, como era designado em latim, ou, em mandarim, Jin Nige. Este jesuíta francófono, originário da região valónica então sob o domínio de França e que mais tarde integrará a Bélgica, foi um importante missionário na China, chegando a liderar o empreendimento evangelizador da Companhia de Jesus no Império do Meio e fazendo trabalho relevante como tradutor. Ficou conhecido pelo seu projeto tentado de romanizar o alfabeto chinês, à semelhança do que fizeram os Jesuítas com o alfabeto nativo anamita do Vietname.

Vale a pena referir aqui dois exemplos dessas histórias e dos seus usos na oratória sagrada de Vieira. A primeira é a cena constituída como alegoria moral, cívica e religiosa do homem cego que carrega um homem manco, que, como alega, seria habitual encontrar nas estradas chinesas. Assim conta Vieira, num dos seus sermões:

Quando o Padre Trigáucio andou pela China, viu que uns homens levam outros aos ombros: e advertiu que os levados aos ombros eram mancos, e

os que os levavam eram cegos. De sorte que o manco, porque tinha olhos, emprestava os olhos ao cego; e o cego, porque tinha pés, emprestava os pés ao manco; e deste modo inventou a necessidade de fazer de dois homens defeituosos um homem inteiro. Assim o devemos nós fazer, obrigados da mesma necessidade. O Sacerdote suprirá o que falta ao Irmão, e o Irmão o que falta ao Sacerdote: o Sacerdote sem língua administrando os sacramentos, e o Irmão com Língua instruindo, e ensinando os que os hão de receber. (Vieira, II, V, p. 236)

Neste sermão, dedicado ao Espírito Santo, Vieira defende uma estratégia missionária – nem sempre consensual porque criticada pelos advogados da mais estrita ortodoxia católica – usada pelos padres jesuítas tanto na América como na Ásia e na África. Os missionários, quando não dominavam a língua nativa, recorriam à ajuda de irmãos não sacerdotes conhecedores das línguas locais, que, assim, exerciam as funções de mediadores e tradutores da liturgia sacramental, nomeadamente do sacramento da confissão ou da reconciliação.

No seu sermão preparado para abrilhantar a festa de São Lucas Evangelista, médico e padroeiro dos médicos, relata histórias de doenças, nomeadamente de altas figuras da corte, como D. Sebastião. A este propósito, também fala das doenças dos imperadores chineses e do modo como eram tratadas com distinção do ponto de vista da estratégia da comunicação político-social. Explica assim Vieira:

É polícia da Corte da China darem-se às doenças do Rei os mesmos títulos que à pessoa Real. E assim dizem os Médicos: a muito alta, e muito poderosa febre de Vossa Majestade, Rainha sobre todos os Reis, e Imperadora sobre todos os imperadores, ou está mais remetida, ou mais alterada. E como nas doenças dos Reis se cura a Majestade, e não a natureza, e o respeito aplica os medicamentos, e não o juízo; por isso a mesma natureza, que no viver, e morrer fez a todos iguais, não costuma obedecer senão àqueles remédios (posto que mais austeros) onde ela depositou a virtude, e pôs a eficácia. (Vieira, II, XI, p. 238)

Com efeito, os sermões de Vieira estão bem recheados de história e histórias e das mais diversas informações, até no plano das novidades científicas que estavam a acontecer no seu tempo, usadas para enriquecer o discurso parenético, reforçar o processo argumentativo e, assim, captar o interesse dos seus

diferentes auditórios, em ordem a uma maior eficácia na transmissão da mensagem fundamental, que visa, em última análise, a transformação cristã da vida dos seus ouvintes e leitores. Por isso, a oratória sagrada de Vieira tem interesse não apenas do ponto de vista religioso, mas também por poder constituir um manancial riquíssimo para as ciências literárias, para a história da ciência, para a arte, para a política e para o conhecimento da geoestratégia deste tempo da aurora da globalização.

III. Impenetrabilidades vencidas e epopeia missionária

Vieira confirma reiteradamente a percepção dominante em toda a literatura missionária do seu tempo que fazia da China um território imenso, com uma ordem social assente em normas complexas, rígidas, com pouca abertura a estrangeiros e a influências exteriores. A China tinha um elevadíssimo conceito de si mesma. Entendia-se como o Império do Meio, o Jardim do Mundo e do Filho do Céu, detentora de uma civilização milenar com leis, uma cultura desenvolvida e superior à de todos os povos estrangeiros, caracterizados como bárbaros e inferiores. As intromissões, as presenças e as influências estrangeiras eram normalmente vistas com desconfiança e entendidas como uma ameaça à estabilidade do império da China, não trazendo, geralmente, nada de bom para a sociedade deste país. Só havia uma tolerância necessária em relação aos estrangeiros para efeitos de intercâmbios comerciais úteis à China, na medida em que lhe trouxessem produtos de que carecia e que redundassem em riquezas, através de benefício económico decorrente das dinâmicas de importação e exportação. Em suma, os estrangeiros só eram tolerados na medida em que trouxessem mais-valias à China.

Os Jesuítas, no século de Vieira, já conheciam bem – depois de décadas de presença na China e do que tinham investido em arte e engenho, em recursos humanos e materiais – o que era preciso fazer e vencer para alcançar alguma aceitação naquele território e entre os círculos mandarínicos. De tal modo que já tinham até conseguido auferir um inédito acolhimento na corte imperial. Podemos até afirmar que a China se tornou, na Época Moderna e na história da missão jesuíta, o maior desafio para o projeto evangelizador da Companhia de Jesus ao tentar integrar, inicialmente com alguns resultados animadores, as gentes do Império do Meio no rebanho da Igreja Católica. Vieira dá conta, nos seus escritos, deste empenho e até mesmo desta paixão missionária dos Jesuítas, que procuraram entrar e realizar o seu projeto missionário em terras da China consideradas,

até quase ao fim do século XVI, como impenetráveis para os missionários cristãos (cf. Vieira, II, X, p. 240). Não só as leis e a mentalidade social eram pouco hospitaleiras para estrangeiros, como a sua língua e a sua escrita contribuíam para essa imagem de impenetrabilidade. De par com a língua dos vizinhos nipónicos, a escrita chinesa é comparada por Vieira, em ordem a acentuar a sua dificuldade, à escrita hieroglífica do império egípcio (cf. Vieira, II, V, p. 257).

A entrada dos Jesuítas na China foi abundantemente descrita pelos escritores da Companhia, na sua epistolografia e nos seus relatos missionários, como uma ação épica, que surpreendia a opinião pública católica e, particularmente, os círculos cultos das elites culturais ocidentais. O próprio Vieira, em linha com os seus confrades internacionais, pinta com cores épicas, nos seus sermões, as tentativas e algumas realizações dos Jesuítas na China. A título de exemplo, podemos destacar aqui o tom épico que conferiu ao que escreveu sobre o pioneirismo e o ardor missionário de São Francisco Xavier e sobre o seu empenho, guiado pela sua vontade heroica de tentar penetrar na China disfarçado de comerciante:

Quando Xavier com tão grande, ou imensa resolução intentou a conversão não menos que do vastíssimo império da China; todos os Práticos das severíssimas Leis com que não admitiam entrar lá estrangeiro algum lhe persuadiam que no dia em que fosse conhecido o seu disfarce, enquanto não o condenavam à morte, o meteriam carregado de ferros em uma estreitíssima prisão. (Vieira, II, XII, p. 376)

Embora tenha acabado por morrer na ilha de Sanchoão, avistando esse vasto império, abriu um caminho simbólico para os Jesuítas futuros, que viriam depois de si, seguindo os seus passos e plenificando o seu gesto, como escreve Vieira num dos sermões da série que dedica a São Francisco Xavier:

Concedeu-lhe que morresse, como acabou a vida em Sanchoão, nas portas da mesma China: e concedeu-lhe que por meio, e merecimento da sua morte entrassem nela seus companheiros, como ele tinha prometido, ou profetizado. A porta do Castelo de Lisboa chama-se a porta do Moniz, em memória de um cavaleiro do mesmo apelido, o qual, concorrendo muitos Mouros para a cerrar, dando, e recebendo feridas se deixou cair morto nela, com tal acordo, que por cima dele entraram os Cristãos, e se fizeram Senhores do Castelo. Tal Xavier caindo morto às portas da China que batia. (Vieira, II, XII, p. 240)

Vieira demonstra, de forma significativa e bem representada no exemplo do denodado Francisco Xavier, a paixão dos missionários jesuítas pela missão da China, atendendo ao ideal definido pelo seu Fundador, Inácio de Loyola, que propunha que os Jesuítas deveriam aspirar e procurar as missões mais difíceis. A morte de Francisco Xavier não teria sido em vão, pois é apresentada por Vieira como um sacrifício redentor e necessário para vencer e abrir as portas fechadas da China à missão cristã, sendo assim descrita epicamente, com referência a ações mitificadas da Antiguidade Clássica grega:

A força da sua morte, que não pôde contra ela sustentar fechadas as portas a mesma China, entrada, e presidida deles muito a seu pesar no princípio, e muito a seu prazer no progresso. E se nos lembrarmos da comparação do atrevido, e disfarçado Grego, sendo cada navio, que hoje chega de Portugal à China, um cavalo de madeira, como o Troiano, fornecido de valorosos Soldados; dele se pode dizer, pois Xavier assim o tinha maquinado: *Scandit fatalis machina muros* [A máquina fatal transpõe as muralhas]. (Vieira, II, XII, p. 241)

O investimento retórico de Vieira ao dedicar a Francisco Xavier um volume inteiro de sermões, no qual descreve a paixão e a ação missionária multimoda deste santo jesuíta em terras do Oriente, em particular do Extremo Oriente, é entendido, por alguns autores, como uma projeção modelar daquilo que estava também a acontecer no Extremo Ocidente, com as missões dos Jesuítas junto dos ameríndios, em que se destacavam então o protagonismo e a liderança de Vieira. De algum modo, Vieira toma Xavier, entretanto canonizado pelo papa Gregório XV, em 1622, como seu heterónimo, enquanto exemplo de grande ator missionário que viria a tornar-se modelo inspirador para muitos que vieram depois. Neste sentido, escreve Mário Garcia:

A palavra “heterónimo”, neste contexto, traduz uma fraterna emulação. [...] Vieira, falando de outro, fala de si, porque, falando do outro, fala do outro que ambiciona ser numa escala quase infinita de entusiasmo, diante do seu Herói, e de sincero exame de consciência diante de si mesmo. Por isso, Xavier é o seu verdadeiro heterónimo. Distinguem-se, mas não podem separar-se. Herdeiros da mesma tradição, Vieira projeta em Xavier vivências pessoais, idealizadas; afasta-se dele, para melhor o admirar, em súplica intercessora, em comunhão de vida. Degraus da única escada para Deus, a da santidade,

que ambos, a seu modo, sobem de mãos dadas. Acima de qualquer continência, são ambos filhos da mesma Companhia de Jesus. (Garcia, 1997, p. 439)

Esta passagem ilustra bem a densidade épica que Vieira confere ao empreendedorismo missionário de Xavier, em que podemos ver também espelhados muitos dos caminhos e das dificuldades sentidas e vencidas por Vieira nos territórios difíceis dos sertões do chamado Novo Mundo americano:

A primeira terra que deixou saindo de Lisboa, e navegando ao sul, foi a Costa de Berbéria até à Guiné, toda à mão esquerda, e à direita o mar Atlântico. Dali até o Cabo de Boa Esperança, e voltando o mesmo Cabo até o estreito de Meca, por uma, e outra parte a terra era África sempre à mão esquerda, e à direita o mar Etiópico. Daquele estreito até o Seio Pérsico, e foz do Eufrates, à mão esquerda a Arábia Feliz, e à Direita o mar Arábico. Da garganta do mesmo Seio até à primeira foz do Indo, a Carmânia parte da Pérsia, à mão esquerda, e à direita o mar Pérsico, por nome mais geral Eritreu. Do Indo começa a terra, a que ele dá o nome, chamada Índia, e se estende até ao Cabo de Camorim, à mão esquerda toda, e à direita o mar Índico. Do Cabo de Camorim dá volta, e corre a contracosta do Reino de Narsinga, ou Bisnaga, até a foz do Ganges ao mesmo modo à mão esquerda, e à direita o mar, ou golfo de Bengala. Seguindo o grande arco que faz aquele golfo pelas Costas da mesma Bengala, Pegu, e Sião até o estreito de Singapura, o mais austral de todo o Oriente, todas aquelas terras ficam à mão esquerda, e o mar por onde se navegam, que é o mesmo golfo, à direita. Finalmente continuando depois de Malaca os Reinos de Camboja, Champá, e Cochinchina, e o vastíssimo Império da China, todo este grande trato de terras demoram à mão esquerda, e o mar, ou mares do Oceano Chinense até o Japão à direita. E como naquela universal, e total derrota que Xavier fez desde os últimos fins de Europa até os fins também últimos da Ásia, as terras estavam, e estão lançadas a tão diferentes rumos, já de Norte a Sul, ou do Sul ao Norte, já de Poente a Levante, ou de Levante a Poente, já de todos os outros ventos, e suas partidas, demorando sempre todas à parte esquerda, como os mesmos mares à direita; por isso esta é a razão natural, e demonstração geográfica, e este o sentido literal, necessário, e forçoso, sem nenhum outro mistério, ou interpretação, por que o Anjo que representava a Xavier apareceu não mudando, ou trocando os pés, senão firme, e constantemente com

o esquerdo sempre sobre a terra, e o direito sempre sobre o mar. (Vieira, II, XII, pp. 139-140)

Vieira pretende mostrar a grande escala geográfica que Xavier abrangeu na sua aventura missionária, percorrendo, em poucos anos, as mais diversas terras do Oriente para anunciar o Evangelho entre diferentes povos, reinos e impérios. Com esta descrição literariamente bem construída, procura conferir uma dimensão épica às realizações missionárias deste pioneiro das missões jesuítas do Oriente.

IV. A China integrada na nova ordem global da utopia do V Império

Uma componente importante do legado intelectual do Padre António Vieira é o seu pensamento utópico, patente nos densos e longos escritos sobre o V Império, em que merecem destaque, pela originalidade, profundidade e influência na cultura posterior, a *História do Futuro* e a *Clavis Prophetarum (A Chave dos Profetas)*. O seu pensamento teleológico sobre o futuro de Portugal e do mundo no seu conjunto foi desenvolvido na fase da sua maturidade intelectual, na segunda metade do século XVII. Neste quadro de especulação futuroológica, atualiza o pensamento utópico anterior e integra a extensão geográfica do mundo, então cada vez mais globalmente conhecido. Por isso, a sua utopia de paz e de concórdia, assente no projeto de edificação de um novo império global de fraternidade e não de domínio, o V Império projetado na profecia do livro bíblico de Daniel, integra os novos impérios cartografados e reconhecidos amplamente pelos europeus nas suas viagens marítimas globais. A China e o seu regime político imperial são integrados na projeção do V Império de Vieira e a sua identidade política e civilizacional é respeitada, já que o pensador jesuíta idealizava que todos os povos fossem admitidos na nova ordem mundial deste império, liderado por Portugal, não para dominar mas para estabelecer, enquanto autoridade internacional respeitada, a pacificação e a cooperação perfeita com vista à assunção de uma era feliz sobre a Terra, em que haveria harmonia das comunidades humanas entre si e com a natureza, sendo favorecida por uma graça especial dos Céus.

Nesta nova ordem mundial, nenhuma forma política mudaria, apenas seria aperfeiçoada a qualidade da humanização das relações entre todos, havendo somente uma partilha de soberania no que aos interesses da paz e da concórdia dissesse respeito. Para este fim, Vieira explica:

E ainda na mesma suposição que perdesse o Imperador da Alemanha a autoridade que ao presente tem, de nenhuma maneira perderia o nome de Imperador, como nem os imperadores do Mogor, da Pérsia e da China. Os restantes ficariam, como os outros reinos, sujeitos ao Imperador universal, o qual decidiria as controvérsias com que hoje se destroem, e manteria todo o mundo na paz de Cristo, tão celebrada pelos profetas, a qual por este modo viria a ter o seu inteiro cumprimento, segundo a ordem monárquica, com que a Divina Providência a governa e dispõe tudo suavemente. (Vieira, I, V, p. 84)

O sonho do V Império de Vieira é uma das mais generosas utopias da Modernidade resultantes do processo gnosiológico de conhecimento global do planeta Terra, que passa todo ele a estar englobado como território desta utopia. Raymond Cantel (1960), célebre estudioso francês de Vieira, considerou que este projeto utópico antecipou os planos, dos séculos XIX e XX, de criação de autoridades mundiais, como foi o caso da ONU, para resolver diferendos e estabelecer a paz entre as nações do mundo.

V. Território de experimentação de metodologias e de disputas missionárias

Na verdade, a Europa estava a ser inundada, no tempo de Vieira, pela circulação impressa e manuscrita de notícias e obras diversas sobre o Oriente, entre as quais se destacavam os escritos de controvérsia da chamada querela dos ritos chineses, ou seja, sobre as dúvidas e acusações de pouca ortodoxia dos métodos adaptacionistas aplicados pelos Jesuítas na evangelização da China. Vieira assume, em vários passos dos seus escritos, a defesa das metodologias e estratégias missionárias que os Jesuítas estavam a ensaiar em diferentes pontos do globo. Tratava-se de territórios de missão marcados por especificidades culturais e religiosas, que requeriam novas abordagens no processo de propagação do Evangelho. Não resultavam, em termos de eficácia, os velhos métodos de anúncio direto, que traziam consigo muita roupagem cultural típica da civilização ocidental que envolvia as formas de vivência dos conteúdos doutrinários da fé cristã.

Os Jesuítas, querendo levar o mais longe possível o esforço de realização da utopia de universalização do cristianismo, mas percecionando as implicações e dificuldades do perfil destes povos que haviam escolhido para destinatários da sua catequização, desenvolveram uma visão vanguardista do processo missionário. Agiram motivados pelo ambiente de militância proselitista impulsionada pela

Contrarreforma, consagrada pelo Concílio de Trento (1543-1563), mas acabaram por ser vítimas da deriva ortodoxizante que a viragem tridentina acentuou.

O perfil mais maleável da organização da Ordem de Santo Inácio, vocacionada para a ação concertada em vários cenários de missão, e o investimento que a mesma fez na formação intelectual dos seus membros predispunham os Jesuítas a reinventar soluções para os novos desafios missionários que a Modernidade lançou à Igreja. Como explica Luís Filipe Thomaz, realçando as vantagens da Companhia em relação às outras ordens:

Os Jesuítas tinham uma organização muito mais desenvolvida e eficaz do que os religiosos que os tinham precedido. Por outro lado, compreenderam muito depressa a necessidade de conceberem novos métodos de evangelização e de empreenderem esforços de adaptação que lhes permitissem conquistar, aqui como na Europa, as elites regionais. (Thomaz, 1998, p. 253)

Completa esta avaliação global destacando os protagonistas deste progresso metodológico:

Os artífices desta adaptação foram, na Índia como na China, sobretudo italianos – Ricci na China, Nobili no Malabar –, mais clarividentes a este respeito do que os Portugueses, mal colocados para separar os interesses da Igreja dos do Estado de que faziam parte e discernir a fronteira entre a evangelização e a assimilação à cultura portuguesa. No entanto, um pouco mais tarde, as suas pisadas foram seguidas por Jesuítas portugueses como São João de Brito (1647-1693), que viveu como um asceta hindu para melhor atrair ao cristianismo as castas cultas, que viram assim a sua posição salvaguardada. (Thomaz, 1998, p. 253)

Foi neste ambiente especialíssimo, pela sua complexidade e peculiaridade, que rebentou uma das maiores controvérsias da Modernidade entre instituições missionárias e correntes divergentes da Igreja Católica, envolvendo Estados, príncipes e elites intelectuais e transbordando, com significativo impacto, para a opinião pública europeia. Os que discordavam do *modus procedendi* dos padres da Companhia de Jesus e lhes devotavam pouca simpatia souberam aproveitar este seu arrojo para deteriorar a sua fama, tirando daí muitos dividendos em favor do movimento antijesuíta, que, no quadro destas polémicas, adquiriu uma maior expressão. Com efeito, a Companhia de Jesus estava, no século XVII, a ser

fustigada por missionários de outras ordens e da muito conservadora corrente jansenista pela sua experimentação de diversos métodos de adaptação do cristianismo ao contexto cultural e social da China, passando pela adoção de termos próprios do universo teológico-cultural sínico para traduzir, em linguagem compreendida pela mentalidade dos missionandos sínicos, conceitos doutrinários da teologia cristã; pela adaptação de alguns aspetos da liturgia, da indumentária e da arquitetura dos templos; e pela tolerância em relação à continuação da prática, por cristãos convertidos, de ritos confucianos entendidos como ritos cívicos e não como rituais religiosos.

A utilização das redes comerciais, e até, em alguns casos, o recurso a práticas comerciais, para favorecer o esforço de expansão missionária tornou-se uma estratégia recorrente da Companhia de Jesus, dando frutos. Todavia, este procedimento precisou de ser sucessivamente defendido perante as suspeitas e a crítica dos mais ciosos de uma visão tradicional do que deveria ser próprio das funções de um membro de uma ordem religiosa, o qual não devia imiscuir-se nem “sujar” as mãos em atividades comerciais consideradas menos dignas. Compreende-se, neste contexto de polémica, o empenho de Vieira em mostrar como o comércio ajudava a difusão da fé e a fé favorecia o engrandecimento do comércio, caminhando os dois de mãos dadas, ao serviço de um ideal maior:

O primeiro rei de Portugal que se intitulou “rei do comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia” foi o que introduziu a fé na Índia, na Pérsia, na Arábia e na Etiópia. Se não houvesse mercadores que fossem buscar a umas e outras Índias os tesouros da terra, quem havia de passar lá os pregadores, que levam o do Céu? Os pregadores levam o Evangelho, e o comércio leva os pregadores. São Tomé, que houve de levar do Brasil à Índia o Evangelho, quando não havia comércio, houve de caminhar (como é tradição) por cima das ondas, porque não teve quem o levasse. E o segundo apóstolo do Oriente, querendo pregar na China, traçou que o pregador entrasse como negociante para que a fé tivesse lugar como mercadoria. Assim começou Deus a espalhar o conhecimento de Sua fé pelo mundo e assim deu princípio àquele admirável comércio com que depois, tomando de nós o que tínhamos na terra, nos enriqueceu com o que trazia do Céu. (Vieira, III, I, p. 498)

Este grande missionário do Ocidente, papel que Vieira, de algum modo, assumia, também retrata, num dos seus sermões xavierianos, a já atrás referida

estratégia dos Jesuítas que passava por se qualificarem com o conhecimento científico avançado que se produzia na Europa e oferecerem os seus préstimos técnico-científicos aos altos poderes dos impérios do Oriente, nomeadamente da China, para conquistar as suas boas graças e abrir portas à difusão da fé cristã:

Alcançou-se primeiro esta licença dos Imperadores Chinas, e depois dos Imperadores Tártaros. E por que meio? Não do Evangelho descoberto, mas escondido debaixo das ciências Matemáticas, com que lá penetram os sucessores de Xavier, Religiosos da Companhia, famosos Astrónomos, e Astrólogos, e vencendo as suas demonstrações com evidência às dos que lá professavam as mesmas Artes, estes são os que têm mais francas, e familiares entradas nos encantados Palácios do Supremo Senhor, aonde Ele por grande favor de dentro das cortinas do Seu Trono mostra um dedo. Assim que estes foram os meios naturais, e não Divinos, com que Deus aprovando o discurso de Xavier, e como seguindo o seu conselho pelo Céu da Lua, pelo Céu do Sol, e pelo Céu das Estrelas, levou as Almas dos Chinas ao Império. (Vieira, II, XII, p. 377)

Vieira faz eco da relevância das inéditas conquistas de alguns sábios jesuítas ocidentais, entre eles Adam Schall e Tomás Pereira, que, sendo estrangeiros, conseguiram, como antes não havia notícia, chegar à liderança, por convite da corte imperial chinesa, de instituições científicas daquele império, nomeadamente do Tribunal das Matemáticas, em virtude do reconhecimento da superioridade do seu saber científico nas suas áreas de especialidade, que poderia beneficiar o progresso da ciência chinesa.

Efetivamente, os Jesuítas compreenderam bem que a resistência da mentalidade chinesa aos estrangeiros só poderia ser vencida se trouxessem alguma mais-valia à sua civilização, que era, de facto, muito complexa e avançada. Deste conhecimento da cultura sínica e da percepção clara da necessidade de encontrar na civilização ocidental contributos úteis e mais avançados para a civilização chinesa é que decorre a estratégia de investimento na oferta da inovação científica que estava a suceder na Europa à ciência chinesa. Dando nota deste investimento científico dos Jesuítas e dos seus bons resultados, para aliviar a proibição de missionação cristã na China, assim escreve Vieira, em carta ao Marquês de Gouveia, de 1 de agosto de 1671, estando em Roma:

Por Holanda vieram novas da China, em que o Imperador havia levantado o desterro aos pregadores católicos, e admitido a grande familiaridade três padres da Companhia, que iam quase todos os dias ao palácio a fazer-lhe demonstrações astronómicas, de que é muito afeiçoado. Já isto são princípios de levantar os olhos ao céu. (Vieira, I, III, p. 118)

Os passos lentos dos Jesuítas, mas com alguns avanços, na tentativa de abertura da China à evangelização cristã nem sempre eram bem compreendidos pelos seus adversários, que não entendiam a dedicação de missionários, durante anos, ao exercício das ciências modernas, em vez de gastarem o seu tempo na pregação direta da doutrina cristã. Faltava aos críticos desta estratégia da Companhia uma visão de fundo e de longo alcance, que acabaria por começar a dar frutos. Só não foram mais consistentes e duradouros devido às interferências de agentes missionários de novas instituições católicas dedicadas à missionação global fora da alçada do Padroado Português, sob cuja tutela atuavam os Jesuítas. A Propaganda Fide, sob a autoridade da Santa Sé, e a Sociedade das Missões Estrangeiras de Paris, sob a tutela de França, começaram a projetar missionários para as missões do Oriente e a concorrer com o trabalho dos Jesuítas, pondo em causa a sua estratégia missionária. Estas novas instituições missionárias católicas de alcance global, ao lado dos críticos das outras ordens religiosas, acabaram por influenciar as orientações da Santa Sé, que, no final do século XVII e na primeira metade do século XVIII, viria a conter e até proibir as metodologias adaptacionistas da Companhia de Jesus, com graves prejuízos para o sucesso já alcançado na implantação do cristianismo na China.

VI. Comparação e reivindicação: a geoestratégia missionária jesuíta

Vieira leva-nos a depreender, pelas observações feitas sobre as missões da Companhia de Jesus no Oriente, particularmente na China, que a sua ordem teria especial empenho nestes territórios missionários do outro lado do globo terrestre. Aliás, Vieira chega mesmo a mostrar-se queixoso pelo menor investimento de recursos humanos missionários no Brasil quando comparado com o do Oriente, maior em número e em qualidade, nomeadamente na China e no Japão. Com efeito, o Governo Geral dos Jesuítas, no quadro geoestratégico da missionação promovida na chamada Assistência Portuguesa da Companhia de Jesus, promovia fortemente a seleção de jesuítas especializados em matemática, astronomia e outras ciências apreciadas pelas elites chinesas para serem enviados para a

missão da China. Este investimento fazia parte de uma estratégia que estava a revelar-se bem-sucedida, a qual consistia em oferecer serviços científicos de grande interesse para a China, nomeadamente para a corte imperial, para criar boas relações, que, por essa via, ajudassem a granjear alguma abertura para a realização do objetivo missionário, que era, ao fim e ao cabo, anunciar o Evangelho de Jesus Cristo aos povos deste imenso país.

Vieira lamenta ainda que os progressos realizados nas missões do Oriente tenham alcançado mais visibilidade e fama na Europa do que o trabalho missionário que era desenvolvido nas extensas regiões do Brasil, das quais pouco se escrevia e divulgava, em comparação com as notícias abundantes que chegavam do Oriente ou da chamada América Espanhola. Assim se queixa Vieira, em carta ao superior provincial do Brasil, de 1 de junho de 1656:

Porque o ler um curso, ou o fazer quatro sermões, não é o que nos honra, singulariza, ilustra, senão as conquistas da fé, e as almas convertidas a Deus, que é a matéria que há tanto tempo tem faltado à nossa Província, e pela qual me perguntaram muitas vezes os padres das nações por onde passei, espantando-se de ouvirem tantas relações do Japão, da Índia, da China, do Paraguai, do Chile e das outras Províncias da América, e só do Brasil não se escrever nada. (Vieira, I, II, p. 219)

De facto, este desabafo de Vieira demonstra, recorrendo a uma linguagem dos nossos dias, que o Brasil ainda não estava na moda no século XVII, como, pelo contrário, estava o Oriente, com particular destaque para a China, que suscitava grande interesse dos círculos culturais e religiosos europeus (Cf. Doré, 2017). O século seguinte, chamado Século das Luzes, vai começar a colocar o Brasil na ribalta, em virtude da descoberta de minas de ouro e diamantes, atraindo a atenção do velho continente, que passou a beneficiar grandemente com a exploração destas riquezas.

VII. Espaço de conflito político e comercial

A China surge também referenciada na obra de Vieira a propósito dos holandeses. A Holanda, com o seu poderio imperial em plena expansão, estava a ameaçar e a carcomer territórios sob o domínio do império português a nível intercontinental. As novas redes comerciais construídas a nível global pelas companhias holandesas e as suas poderosas e avançadas frotas navais eram um fator

de desestabilização política, mas também causavam perturbações nos projetos missionários católicos em curso.

Os conflitos com os holandeses estão omnipresentes nos escritos de Vieira, que dá conta da sua projeção global nesta passagem eloquente de uma carta ao Marquês de Nisa, que escreveu, de Paris, a 11 de março de 1646:

E acrescentava que ainda quando o Brasil se nos desse de graça era matéria digna de muita ponderação ver se nos convinha aceitá-lo com os encargos da guerra com Holanda em tempo que tão embaraçados nos tem a de Castela, porque são homens os holandeses com quem não só vizinhamos no Brasil senão na Índia, na China, no Japão, em Angola e em todas as partes da terra e do mar onde o seu poder é o maior do mundo. (Vieira, I, I, p. 164)

Sabemos que Vieira viveu em cenários de guerra aberta com os holandeses em terras do Brasil, mas ainda esteve envolvido, nas suas viagens marítimas, em episódios de ataque e captura por corsários da Holanda em alto-mar.

Este povo, maioritariamente de confissão cristã protestante, foi encarado, ao longo do século XVII, como a grande ameaça que espreitava os domínios de Portugal em todo o mundo. A adesão dos holandeses ao protestantismo e os seus interesses comerciais, concorrendo com os dos portugueses, em que procuravam abrir novas rotas de negócio na China e no Japão, levaram a que promovessem uma propaganda contra o trabalho dos missionários católicos, nomeadamente contra o dos Jesuítas. Comerciantes holandeses procuraram desacreditar os missionários católicos junto dos poderes destes países, criando intrigas e acusando-os de esconderem projetos de dominação política da parte das monarquias católicas ocidentais.

3. Conclusões

O mote deste estudo era, inicialmente, o de tentar perceber se na vida e na obra do Padre António Vieira haveria uma paixão, ou atração, pelo Oriente, à semelhança do que moveu muitos missionários jesuítas seus confrades desde a primeira década de fundação da Companhia de Jesus, em 1540. Durante a Época Moderna, o ideal missionário da evangelização dos povos do Oriente asiático gerou vagas sucessivas de missionários com destino àquelas paragens, contribuindo para alterar as perceções e as imagens patentes na cultura europeia sobre os rei-

nos e impérios daquela região do mundo, então em processo de conhecimento e de consciência global do planeta Terra no seu conjunto.

Poderíamos pensar, à partida, que Vieira, sendo jesuíta, também poderia ter sido movido por esta atração missionária do Oriente, em geral, e da China, em particular. Da análise feita à sua obra, exposta neste artigo, não podemos confirmar esta hipótese. Em sentido estrito, não se pode falar de uma paixão de Vieira pelas missões do Oriente, pois o seu foco, em termos de trabalho missionário e de relação afetiva, estava no projeto missionário do Ocidente, o chamado Novo Mundo. No entanto, em sentido lato sim, podemos dizer que Vieira não deixou de dar uma atenção especial – com o interesse e a paixão que lhe eram característicos quanto aos assuntos que à sua ordem diziam respeito – aos progressos da missionação no outro extremo do mundo, o Extremo Oriente. Sendo a missionação a grande paixão da sua vida, revelava o mesmo sentimento também pela atividade missionária em curso no Oriente, em particular na China, na medida em que estava integrado no horizonte missionário da Companhia de Jesus, a que tinha devotado a vida. Neste quadro, a China acaba por ter uma presença significativa na obra escrita de Vieira, beneficiando, fazendo eco e servindo-se para diversos fins, como vimos ao longo deste artigo, das informações patentes nos discursos que circulavam através da rede de comunicação global da Companhia de Jesus.

Referências bibliográficas

- Alden, D. (1996). *The making of an enterprise: The Society of Jesus in Portugal, its empire and beyond, 1540-1750*. Stanford: Stanford University Press.
- Cantel, R. (1960). *Prophétisme et messianisme dans l'oeuvre d'Antonio Vieira*. Paris: Éditiones Hispano-Americanas.
- Doré, A. (2017). A Ásia no Papel Forte do Padre Antônio Vieira. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, 12, 51-66.
- Franco, J. E. (2006-2007). *O mito dos Jesuítas em Portugal, no Brasil e no Oriente* (2 Vols.). Lisboa: Gradiva.
- Franco, J. E. (2020). 1540 – Os Jesuítas e a primeira base de dados global. In C. Fiolhais, J. E. Franco & J. P. Paiva (Dirs.), *História global de Portugal* (pp. 379-384). Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates.
- Franco, J. E. & Fiolhais, C. (2016). *Jesuítas, construtores da globalização: Uma história da Companhia de Jesus*. Lisboa: Correios.
- Garcia, M. (1997). Xavier, heterónimo de Vieira. *Brotéria*, 145, 437-467.
- Lowney, C. (2006). *Liderança heróica*. Lisboa: Verbo.
- Pessoa, F. (2013). *Mensagem*. Lisboa: Bertrand.

- Pinto, F. M. (2018). *Obras pioneiras da cultura portuguesa* (Vol. 19 – *Primeira obra de aventura e contactos intercivilizacionais: Peregrinação [Fernão Mendes Pinto]*, Coord. A. Polónia & R. Capelão). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Thomaz, L. F. F. R. (1998). *De Ceuta a Timor* (2.^a ed.). Lisboa: Difel.
- Vainfas, R. (2011). *Antônio Vieira, jesuíta do Rei*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Vieira, A. (2013-2014). *Obra Completa* (30 Vols.). Dir. J. E. Franco & P. Calafate. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Xavier, F. (1987). *Correspondence (1535-1552)*. Org. H. Didier. Paris: Desclée de Brouwer.

Tradição musical das Bandas de Sopros em Macau: breve introdução

A brief introduction to Wind Instrument Bands in Macau

Dingcheng Dai

Universidade da Cidade de Macau
dingchengdai3225@gmail.com

RESUMO

Macau é a primeira paragem onde a música ocidental europeia se dissemina no Oriente, e é também o ponto de encontro em que a música chinesa se desloca para a região Sul, a partir da China continental. É um lugar onde as culturas chinesa e ocidental se encontram, coexistem e se misturam. Desde o século XVII, já existiam registos do desempenho da banda de instrumentos de sopro (também conhecida como “banda de prata”) e das atividades de grupo correspondentes. Seja o registo da vinda da banda de música militar ocidental, seja a história das bandas de sopro locais, são raros e preciosos os factos históricos da música da diáspora chinesa pelo mundo. Porém, este conteúdo é, geralmente, deixado em branco nos livros de história da música chinesa.

Este artigo considera que, em termos dos diferentes níveis de relacionamento entre local, regional, nacional e internacional, a investigação sobre a história das bandas de sopro em Macau e o desenvolvimento de toda a cultura *Lingnan* deve ser inserida no quadro da história da música chinesa. Pelas suas características de convergência entre a música chinesa e a música do Ocidente, é necessário analisá-la e discuti-la a partir de uma perspetiva internacional e de um estudo comparativo correspondente.

PALAVRAS-CHAVE

Tradição da música de Sopro em Macau, Música chinesa, História da música de Macau, Disseminação da música ocidental no oriente, Convergência das culturas chinesa e ocidental.

ABSTRACT

When Western European music spreads to the East, Macau is the first port of call, as well as also being the meeting point where Chinese music moves to the southern region from mainland China. It is a place where Chinese and Western cultures come into contact, coexist and mix. Ever since the 17th century, there have been records of wind instrument bands (also known as “silver bands”) and of their activities.

Historical facts regarding music and the Chinese diaspora around the world are rare and of great value, be it the record of the arrival of Western military music bands or the history of local wind bands. However, this content is usually left blank in the history books of Chinese music.

Therefore, in terms of the different levels of local, regional, national and international relationships, this article maintains that research on the history of wind bands in Macao and the development of the entire Lingnan culture should be inserted within the framework of the history of Chinese music. Moreover, due to the characteristics of convergence between Chinese and Western music, it should be analysed and discussed based on an international perspective and on a corresponding comparative study.

KEYWORDS

Musical tradition in Macau, Chinese music, History of music in Macau, Spread of western music in the East, Convergence of Chinese and Western cultures.

Em Macau, encontram-se não só os primeiros vestígios da influência musical ocidental, mas também o choque, a coexistência e a integração entre as duas culturas. A apresentação musical de instrumentos de sopro e outras atividades coletivas afins são consideradas uma característica essencial da história da música da cidade de Macau.

O poema “Toca a música de tonalidade celestial, jubilante o espírito da congregação. Sopra o trompete dourado, harmonioso, junto à ode da fénix e do leão”¹, escrito pelo talentoso chinês Wu Li, formado no Colégio de São Paulo, no século XVI, testemunha indiretamente o ambiente cultural, naquela época em que os instrumentos de sopro foram inseridos. De igual modo, as estátuas dos anjos vigorosos a soprar trompete, que permanecem nas Ruínas de São Paulo até aos dias de hoje deixam um espaço infinito para as pessoas poderem fantasiar.

No final do ano 1622, o então governo da dinastia Ming veio a Macau comprar canhões portugueses, que foram escoltados até a Pequim. Durante a viagem, “uma banda militar decorada com penas” acompanhou a escolta e, sendo “glamorosa e vistosa”, chegou a “cativar a atenção de inúmeras pessoas”². Em 23 de janeiro de 1794, um lorde de Macau iniciou a viagem para a sua terra. A sua comitiva não era composta apenas por uma guarda de dragões, mas também por “cinco músicos militares alemães”³. Estes preciosos documentos dos séculos XVII e XVIII constituem um registo histórico invulgar nas regiões da diáspora chinesa.

Em 1814, o exército português em Macau equipou todas as infantarias com uma banda composta por oito músicos e um líder. Os comandantes da infantaria desfrutavam ainda do privilégio de convidar músicos a tempo parcial. No ano de 1818, numa atividade oficial, “a banda, a rodear a bandeira, tocou as músicas que, com os seus ecos, ressoavam as vozes mais sonoras e melodiosas”⁴.

Quando Lin Hse Tsu visitou Macau em 1843, uma banda militar tocou várias músicas para lhe dar as boas-vindas e este episódio foi registado assim no seu diário: “um líder estrangeiro, acompanhado de uma centena de militares estran-

¹ Texto original: “廣樂鈞天奏，歡騰會眾靈。器吹金角號，音和鳳獅經”。(Zhang Wenqin, 1997, p. 123).

² Texto original: 有一支“許多羽飾的軍樂隊”隨行，“一切鮮亮、耀人眼目”，引起“圍觀者無數”(Gouveia, 2001, p.77)

³ Texto original: “五位德國樂師”(Silva, 1995, p. 198).

⁴ Texto original: “in the center of which was the flag of same [...] surrounded by the Music Band, which resounded with its echoes the most sonorous and melodious voices”(Neto, 2005, p. 9).

geiros, recebeu-me. Estavam vestidos de forma exótica e com uniformes militares e alinharam-se em frente a tocar música forasteira, dirigindo-me no caminho até Macau”⁵. Nesse ano, uma carta escrita por um leitor e publicada num jornal de Macau refere também o uso da música de instrumentos de sopro no exército: “ontem às nove horas da noite [...] quase todas as famílias da cidade apreciaram a bela luz da lua e a brisa fresquinha [...]. Lemos mandou os músicos da sua infantaria tocar umas músicas para fins de entretenimento [...]”⁶. A charanga militar da infantaria de Macau, que foi fundada em 1871, “fazia apresentações musicais nos festivais, festas de anos, procissões e outros festejos públicos e privados, por convite”⁷. No jornal *Boletim Oficial*⁸, publicado no dia 6 de julho de 1872, encontra-se a informação da sua primeira atuação pública, “que teve duas apresentações e tocou cinco músicas em cada”. Após 1875, a banda foi dissolvida, depois de tocar uma grande quantidade de polcas, valsas e arranjos de árias de óperas, destacando-se as de *Lucia di Lammermoor*. Muitos membros foram transferidos para a banda da polícia, que tocava músicas nas igrejas e em festejos. Em 1895, o exército português de Macau fundou novamente a banda militar, que incluía um maestro titular, um maestro cooperante e quarenta músicos especializados em diferentes instrumentos⁹. No livro do P.^e Benjamim António Videira Pires, revela-se também a ausência de atuações artísticas de boa qualidade. No final dos anos noventa do século XIX, “o que se podia apreciar eram os concertos da banda da polícia que tinham lugar no Jardim de S. Francisco, nos dias feriados”¹⁰.

Segundo o P.^e Áureo Castro, que chegou a Macau em 1931 com apenas 14 anos para estudar no Seminário de São José, “em meados do século XIX, um padre oriundo de Itália trouxe para Macau uma certa quantidade de instrumentos, satisfazendo as necessidades de toda uma banda e, em 1863, a Igreja e o

⁵ Texto original: “有夷目領夷兵百名迎接, 皆夷裝戎服, 列隊執披於前, 奏夷樂, 導引入澳” (Tang, 2002, p. 52).

⁶ Texto original: “昨天晚上九點.....幾乎全城各家各戶都享受了美麗的月光和習習涼風.....為了助興, 雷穆斯讓他營裡的樂手吹幾支樂曲.....” (Silva, 1988, p.68).

⁷ Texto original: “在節日慶典、祝壽、宗教遊行或其它公共和私人的節慶裡被請去奏樂” (Silva, 1988, p.69).

⁸ 《外省憲報》

⁹ Texto original: “1895年, 城防部隊再次成立軍人樂隊, 含指揮、副指揮各1名、各類樂手計40名樂師” (Silva, 1988, p.69).

¹⁰ Texto original: “唯一能欣賞的是節假日警察樂隊在嘉思欄公園舉行的音樂會” (Pires, 1992, p.164).

Seminário de São José convidaram o maestro Luigi Antinori do mesmo país para ajudar a criar uma charanga¹¹ e uma orquestra” (Castro, citado em Dai, 2018, p. 92). Porém, “é possível que já existisse uma charanga composta por seminaristas”¹², por volta de 1858. Todos estes factos históricos são inestimáveis sobretudo para a comunidade chinesa daquela época, que se mantinha relativamente fechada.

Um decreto-lei relativamente à organização militar, com data de 1 de janeiro de 1901, mencionava a componente da banda local¹³. Esta banda, que vinha do século passado, integrava entre 30 e 40 músicos, acabando por ser dissolvida em 1912, em virtude das suas avultadas despesas. Nesta ocasião, nasceu a banda de natureza “civil”, com a sua base na Câmara Municipal, que também viria a ser dissolvida em 1920, quando a Câmara decidiu desinvestir na banda, devido ao seu nível irregular de atuação.

No virar do século XIX para início do século XX, o P.^e Jacob Lao organizou a charanga do Orfanato da Imaculada Conceição (fundada em 1905), com o objetivo de formar jovens estudantes. Os músicos compilaram e recriaram músicas clássicas chinesas, transpondo-as para partituras de pentagrama. A banda foi bastante elogiada, sendo convidada sempre que havia atividades de donativos e de assistências em catástrofes (Lao, s.d.)¹⁴.

A Banda Policial de Macau (na verdade, deveria chamar-se Charanga Policial de Macau) foi criada em 1927. Nela, João Franco exerceu a função de maestro. Segundo o registo histórico, “esta banda era popular e tinha um elevado nível de execução; havia sempre no parque multidão imensa a apreciar as suas atuações”¹⁵. Depois do ano de 1928, corriam rumores de que o Governo Municipal ia recriar a banda. Isto fez com que os velhos músicos se voltassem a reunir.

Nas décadas de 30 e 40, a maior parte das atividades musicais que envolviam os instrumentos de sopro estavam a cargo das bandas militares e charangas civis. E “antes da fundação da banda, nomeadamente da Banda da PSP de Macau, em

¹¹ “銀樂隊” em chinês, que corresponde ao termo “*silver band*” em inglês.

¹² Texto original: “經存在修院學生銅管樂隊” (Silva, 1988, p. 69).

¹³ Texto original: “1901年1月1日實施的一個有關軍隊編制的法規中,包括了“土著軍樂隊”的內容” (Silva, 1999, p. 8).

¹⁴ Texto original: “創編中國名曲,套成洋譜,奏聆遐邇,備極歡迎,舉凡慈善義捐,振災等事,莫不邀赴表演” citado na “Apresentação do Cardeal Jacob Lao”. Documento guardado nos arquivos do Seminário de São José de Macau.

¹⁵ Texto original: “樂隊受人歡迎,一道演出時間,公園裏人山人海,演奏的水準又高。” (Silva, 1988, p.72)

1951, a guarda de honra do exército ficou responsável por todas as atividades e cerimónias oficiais, sendo composta apenas por trompetistas e tamborileiros¹⁶.

Os músicos da banda do Orfanato da Imaculada Conceição (na altura, chamado Colégio Dom Bosco) viriam a ser transferidos para a Banda de Música da PSP, que foi refundada em 1951. “Os estudantes da banda, cujas idades variavam entre os 17 e os 20 anos, não concluíram o seu curso no período inicial da fundação e encontravam-se a estudar ainda, embora recebessem um salário de 145 yuan por mês [...] e iriam ingressar na carreira profissional como membros oficiais da banda, depois de se formarem¹⁷. Isto também evidencia que esta banda estudantil possuía um nível elevado, devidamente reconhecido pelo público de Macau, naquele período. Desde a fundação da Banda de Música da PSP, os músicos participaram em muitas atividades oficiais, organizaram vários concertos temáticos para os instrumentos de sopro e foram convidados para apresentações em Portugal, Pequim, Hong-Kong, entre outros locais. O sucesso da Banda deveu-se ao trabalho dedicado dos diversos músicos e padres estrangeiros que lhe deram contribuições assinaláveis e também à conservação de uma quantidade de obras musicais originais que tinham um elevado valor histórico, tal como, a obra “Hino a Macau” para banda de sopros do compositor Melchor Vela, composta em 1896¹⁸. É de salientar que um dos ex-maestros da Banda, Hong Sio Keong redigiu o livro *70 Anos da Banda de Música da PSP*¹⁹, que contém informações detalhadas sobre o trajeto histórico da Banda da PSP, sendo considerado uma investigação específica com assinalável profundidade.

Com um desenvolvimento próspero, as bandas escolares, nomeadamente a do Colégio Yuet Wah, a da Escola do Instituto Salesiano e as das Escolas Secundárias de Hou Kong, Pui Ching, Cham Son, Pui Tou, Keang Peng, Kao Yip, entre outras, possuem um funcionamento em larga escala e têm-se destacado nas atividades artísticas em Macau, ao longo dos anos. Estas instituições criaram também uma

¹⁶ Texto original: “在樂隊(指1951年成立的警察銀樂隊, 作者注)成立之前, 所有官方儀式活動, 都是由陸軍軍隊中的儀仗隊負責, 儀仗隊只是有號角手和鼓手組成”(Hong Sio Keong, 2021, p.33)

¹⁷ Texto original: “管樂隊的學生, 年齡在17歲至20歲之間, 成立初期他們都未畢業, 仍然是學生身份, 但每個人每月有145元工資.....當這批學生畢業後即入職成為正式警察樂隊成員”(Hong, 2021, p. 33).

¹⁸ Título da obra em chinês:《澳門城市讚歌》.

¹⁹ Título do livro em chinês:《澳門警察銀樂隊70年》.

nova geração e uma grande quantidade de intelectuais com paixão e entusiasmo pela música. De facto, muitas destas bandas têm uma história gloriosa e notável.

A Associação de Regentes de Banda de Macau (ARBM), fundada em 1996, organiza atividades temáticas todos os anos, sob os auspícios dum ex-maestro da Banda da PSP, Leung Kin Han e do jovem músico Leong Pui Long, fornecendo oportunidades às bandas das escolas para apresentar e comunicar num ambiente recreativo. A décima quarta versão da Conferência e do Festival Anual da *Asia and Pacific Band Directors' Association* teve lugar em Macau em 2006, sob a organização da ARBM, e foi realizada com sucesso, desempenhando um papel imprescindível relativamente à popularização e ao desenvolvimento local da música de instrumentos de sopro. Nos Espetáculos para os Cidadãos que tinham lugar ao longo do ano e que eram financiados pela Fundação de Macau, o serviço da ARBM teve uma função integradora, articulando a cultura musical clássica dos instrumentos de sopro com as variadas formas de apresentação popular, que os cidadãos geralmente apreciavam. Esta tradição musical dos instrumentos de sopro continua a ser preservada, ainda que de forma impercetível. Paralelamente à organização de concertos e de atividades para a celebração do vigésimo aniversário da sua fundação, a ARBM publicou ainda, uma série de monografias²⁰ de História Oral, a propósito do desenvolvimento da música de instrumentos de sopro em Macau. Editadas por Zhang Shaopeng, estas monografias têm desvendado muitos factos históricos modernos e contemporâneos relativamente a este género de música, por meio de informações escritas e de imagens, que evidenciam a responsabilidade académica e científica da Associação.

A tradição da música de instrumentos de sopro em Macau é um fenómeno relativamente extraordinário na comunidade chinesa e vale a pena investigar e discutir com mais profundidade este assunto, a partir do ângulo da história mundial, devido à sua especialidade, caracterizada pela convergência das culturas chinesa e ocidental.

Referências bibliográficas

- Dai, D. CH. (2018). *Música Católica em Macau no Século XX*. Lisboa: Edições Colibri.
- Gouveia, A. (2001). 遠方亞洲 Asia Extrema. In G. P. Jin, & Z. L. Wu (Ed.), 《鏡海飄渺》 *Jing Hai Piao Miao* (pp. 74-85). Macau: Associação de Educação de Adultos de Macau.
- Hong, S. K. (2021). *70 anos da Banda de Música da PSP*. Macau: iMacauMusic.

²⁰ Título do livro em chinês:《餘音繚繞 澳門管樂口述歷史》.

- Lynn, M., & Marques, G. (2015). *Áureo Castro: Retrato de um Músico; Áureo Castro: A Musical Portrait*. Macau: Academia de Música S. Pio X.
- Neto, O. V. J. (2005). The Tradition of "Bandas de Musica" in Macao. *Revista de Cultura*, 16, 7-35.
- Pires, B. V. (1992). 《殊途同歸-澳門的文化交融》 *Os Extremos Conciliam-se*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Silva, B. B. (1988). 《澳門軍人及文化》 Militares e Cultura de Macau. *Revista de Cultura*, 2(5), 67-73.
- Silva, B. B. (1995). 《澳門編年史》 *Cronologia da História de Macau*. Macau: Fundação Macau.
- Silva, B. B. (1999). 《澳門編年史》 *Cronologia da História de Macau*. Macau: Fundação Macau.
- Tang, K. J. (2002). 《16世纪中叶至19世纪中叶西洋音乐在澳门的传播与发展》 A divulgação e o desenvolvimento da música ocidental em Macau de meados do século XVI a meados do século XIX. *Academic Research*, 6, 49-54.
- Yuuki, D. (1997). 《圣保禄学院与日本教会》 O Colégio de São Paulo de Macau e a igreja do Japão. *Revista de Cultura*, 30, 67-79.
- Zhang, SH. P. (2016). 《余音缭绕——澳门管乐口述历史》 *História Oral a propósito do desenvolvimento da música de instrumentos de sopro em Macau*. Macau: Associação de Regentes de Banda de Macau.
- Zhang, W. Q. (1997). 《吴渔山天学诗研究》 Estudo do poema católico de Wu Yushan. *Revista de Cultura*, 30, 123-140.

Alterações das Rotas da Seda ao longo do tempo: mudanças climáticas e impérios

Transformations in the Silk Routes throughout the ages: climatic and empire changes

António de Abreu Freire

CLEPUL, Universidade de Lisboa
abreufreire@gmail.com
ORCID: 0000-0003-2319-8665

RESUMO

Ao longo de mais de vinte séculos, as grandes rotas comerciais entre o oriente e o ocidente mudaram de percurso, adaptando-se às alterações climáticas que provocaram enormes migrações de povos, ao surgimento de poderes locais e de impérios, às alianças políticas e aos conflitos que modificaram a geografia das fronteiras.

A primeira grande mudança da era cristã foi provocada pela migração dos povos hunos, que alcançaram a Gália e a península Itálica quando comandados por Átila, empurrando para ocidente outros povos do centro da Europa. Os mongóis de Genghis Khan dominaram um território que se estendia da China até à Ucrânia; os turcos otomanos controlaram toda a Europa central e todo o espaço que separava o oriente do ocidente.

As navegações dos portugueses abriram uma nova rota, a de uma via marítima que contornava os poderes então estabelecidos, iniciando uma nova era na história do planeta.

PALAVRAS-CHAVE

Mudanças climáticas, migrações, rotas comerciais, impérios, caravanas, frotas marítimas.

ABSTRACT

Over more than twenty centuries, the major trade routes between East and West have changed their courses, adapting to climate changes that have brought about the migration of a massive quantity of people, the emergence of local powers and empires, political alliances and conflicts that changed the geography of the borders.

The first great change of the Christian era was caused by the migration of the Hun peoples, who reached Gaul and the Italian peninsula under the leadership of Attila, pushing other tribes from central Europe to the west. Genghis Khan's Mongols dominated a territory that stretched from China to the Ukraine; the Ottoman Turks controlled all of central Europe and all the area that separated east and west.

The Portuguese navigations opened a new route, that of a sea route that bypassed the established powers, starting a new era in the planet's history.

KEYWORDS

Climate change, migrations, trade routes, empires, caravans, maritime fleets.

No tempo de Alexandre e das suas conquistas (356-323 a.C.) que o levaram até Samarcanda, no atual Uzbequistão e até à Índia, a China não era um império unificado. Alexandre morreu em Babilónia, a 10 de junho de 323 a.C. e a primeira dinastia imperial da China foi a dinastia Qin que teve início em 221 a.C. com Qin Shi Huangdi, o primeiro *augusto imperador* que unificou o imenso território e construiu os primeiros trechos da grande muralha. A dinastia durou apenas quinze anos, mas o império chinês consolidou-se como uma grande nação, um século após a morte de Alexandre, quando a República de Roma já dominava uma parte considerável do Norte de África e, para ocidente, estendia o seu domínio até à península Ibérica. Em várias fases da sua história o território chinês foi dividido e outras tantas vezes unificado. A história da China foi durante muitos séculos desconhecida pelos ocidentais e tudo o que dizia respeito ao povo chinês era divulgado de forma mitológica e fantasiada.

Nos últimos tempos da República Romana, os ocidentais cultos dispunham de poucas referências sobre a China, mesmo se a filosofia de Confúcio já fosse conhecida nos meios intelectuais gregos desde o século V. Ptolomeu, no século II a.C., mencionava a existência de duas Chinas: uma que se alcançava por terra, a *Sérica* e outra por mar, a *Sina*. Já no final do tempo da República, teve lugar a primeira tentativa de expansão romana para Oriente, através da empreitada temerária de Licínio Crasso (114-53), um dos triúnviros do tempo com Júlio César e Pompeu, reinava o imperador Xuan (74-49), da dinastia Han, mas a empreitada terminou desastrosamente em Carras, no ano de 53, com a estrondosa derrota de sete legiões pelos Partas, que controlavam toda a região da Anatólia. Parte dos soldados que escaparam com vida, a lendária *legião perdida*, terá continuado uma marcha errática até à China, onde se ofereceram como mercenários. Por esses anos, já a seda chinesa fazia parte do luxo dos privilegiados da República de Roma. Não faltavam discursos moralizantes contra o luxo e a indecência das mulheres que se exibiam com vestidos ligeiros e transparentes. Tudo indica que terão sido esses mesmos partos, cujo território era fortemente cobiçado pelos romanos, os que introduziram no ocidente as mercadorias exóticas em proveniência do extremo oriente, entre elas a seda da China. Eles eram senhores do espaço que fazia a ligação entre o Oriente e o Ocidente, quaisquer que fossem as rotas terrestres ou marítimas. Por isso, tentaram impedir enquanto puderam os contatos diretos entre os ocidentais e a China.

Nos alvares da nossa era, quando a República Romana se transformou em Império, após a morte de Júlio César e a formação do primeiro triunvirato impe-

rial, reinava na China o imperador Yuan (49-33). O comércio entre a China e a República Romana já era algo de notório e considerável, que se expandiu ainda mais com a fulgurante expansão territorial do Império. Vários historiadores dos primeiros tempos do Império, como Plínio o Velho, Plínio o Jovem e Lúcio Aneu Floro, mencionam a ostensível presença em Roma de mercadores orientais. Não seriam necessariamente mercadores chineses, mas alguns dos muitos intermediários que se situavam pela grande rota. Octávio, quando aspirava ao título de Augusto e único imperador, denunciava a paixão de Cleópatra, a rainha do Egito, pela seda, atingindo com isso o prestígio do seu rival Marco António. Nos últimos anos do primeiro século da era cristã, os chineses terão tentado fazer chegar uma embaixada a Roma, mas a comitiva do embaixador Gan Yin (enviada pelo imperador He, da dinastia Han Ocidental) terá sido dissuadida pelos Partas a não se aventurar tão longe. Tudo indica que a primeira embaixada oficial entre o Império Romano e o Império Celeste terá acontecido no ano de 160 d.C.; foi preparada pelo imperador Antonino Pio e concretizou-se com Marco Aurélio (161-180). Reinava então na China o imperador Huandi (dinastia Han Ocidental, 146-168).

Átila (400-453) reinou sobre uma confederação de povos europeus e da Ásia Menor de 434 até à sua morte, durante quase 20 anos. A confederação agrupava tribos seminómadas da Europa do Norte e da Ásia, às quais se juntaram povos germânicos e iranianos que migraram para Sul até à Hungria desde os últimos anos do século IV, na sequência de alterações climáticas. O exército de Átila ameaçou seriamente o Império Romano, que se encontrava já numa fase de acentuada decadência. O grande conquistador avançou ainda mais para ocidente, controlando a Gália até Orléans, o Norte de Itália até Milão e Ravena, toda a Europa central até Constantinopla e ao Mar Negro. O fluxo migratório configurou-se como uma ação militar e política, apoiada por um exército de cavalaria ligeira que atacava com enorme ferocidade; os povos conquistados eram submetidos a pesados tributos, as populações resistentes eram escravizadas. Átila deixou como memória a imagem de um *Flagelo de Deus*, um personagem apocalíptico de uma extrema violência. Novecentos anos mais tarde, ainda a memória do flagelo perdurava nas mentes mais esclarecidas: o poeta Dante colocou Átila no mais profundo do Inferno da *Divina Comédia*. O domínio dos Hunos marcou profundamente a memória dos povos, pelo tremendo impacto de uma cultura que se diferenciava de todas as demais que se vinham construindo por terras da Europa sob a influência do cristianismo. O tirano impiedoso morreu provavelmente vítima de uma pandemia que dizimou o seu exército quando este se concentrava no

norte de Itália. O Papa Leão o Grande encontrara-se pessoalmente com o grande general e a morte de Átila foi considerada como um milagre de Deus. O Império Romano, cristão, estava ferido de morte e não tardaria a ser desmanchado por outros povos cristãos, os bárbaros que tinham feito parte dele como povos conquistados e colonizados. O Império ocidental ruiu em 476, apenas 23 anos após a morte de Átila, com a deposição do último imperador, Rómulo Augusto; ele era filho de um oficial que tinha servido nos exércitos de Átila. Por esses anos, os reis bárbaros como Odoacro, o carrasco do Império, os nobres, os ricos mercadores e as autoridades eclesiásticas da igreja triunfante, paramentavam-se com roupas de seda chinesa.

Quando o Império Romano ruiu, a China estava mais uma vez dividida em dinastias do Norte e do Sul e seria unificada em 581 com o início da dinastia Sui. Uma hipótese que ganha cada vez mais consistência, aponta como causa do desmantelamento do Império Romano as mudanças climáticas que afetaram a Europa a partir do século III da nossa era. A política sustentada pelos primeiros imperadores, de Augusto a Nero, consistiu em criar uma estrutura administrativa sólida, baseada nas leis e na vigilância delas do poder militar, garantindo aos cidadãos do Império o acesso aos bens essenciais. Do Egito às ilhas britânicas e ao Mar Báltico, reinava a *Pax Romana* que, não sendo necessariamente uma paz, era sem dúvida uma ordem. A partir da dinastia dos Flávios, começou a escassez alimentar no espaço europeu colonizado pelo Império, por toda a região desde os Pirenéus até aos Balcãs, escassez essa provocada por más colheitas e sucessivas epidemias que afetaram as populações. Foi então necessário reforçar o domínio do Império por terras menos afetadas pela escassez alimentar, que poderiam fornecer os bens necessários para a sobrevivência da população. Desde o tempo de Trajano, no início do século II, que o Império atingira o máximo da sua extensão territorial. No século III, a ideologia cristã tinha chegado a mais de um terço do espaço controlado pelo Império e, em nome do cristianismo e por ele incitados, apareceram os primeiros sinais de oposição à ordem, pronta e drasticamente contrariados por perseguições às comunidades cristãs. Porém, a dinâmica dos aderentes à nova doutrina superou todos os obstáculos e, no tempo dos coimperadores Constantino (Ocidente) e Licínio (Oriente), o cristianismo foi reconhecido como uma das religiões aceites pelas autoridades imperiais, através de um documento assinado pelos dois no ano de 313 e que seria chamado mais tarde de *Edito de Milão*. No tempo do imperador Teodósio, em 380, pelo *Edito de Tesalónica*, o cristianismo tornou-se a religião oficial de todo o Império. No ano de

391, por ordem do patriarca de Alexandria, a biblioteca da grande metrópole foi incendiada, por possuir livros pagãos. Os Jogos Olímpicos da Antiguidade, com um milénio de história, foram suspensos em 393 por imposição dos poderes cristãos que repudiavam todos os rituais de origem pagã. Menos de um século depois, o Império era invadido pelos povos bárbaros cristãos do Norte e centro da Europa, dizimados pela escassez alimentar e epidemias sucessivas, que atribuíam os tempos difíceis aos castigos de Deus pelos pecados do Império. Foi exatamente neste momento, escassos 50 anos depois do cristianismo ter assumido a gestão cultural do Império, que surgiram as hordas migrantes da Europa do Norte e do Leste e as razias dos cavaleiros de Átila. Eles não eram movidos por nenhuma ideologia religiosa nem nenhum projeto de hegemonia política: eles procuravam espaços mais benignos para escaparem à penúria alimentar e suas consequências aterradoras.

Desconhecem-se as causas da penúria alimentar e das epidemias que dizimaram a Europa a partir do século III. Conhecem-se as causas das catástrofes do século VI: o ano de 536 terá sido o pior de todos os da era cristã para a maior parte da humanidade. Durante 18 meses, nuvens de névoa espessa cobriram a Europa, o Oriente Médio e parte da Ásia, provocando em seguida a década mais fria do tempo da nossa era. Até 547, a Islândia foi sacudida por enormes erupções vulcânicas que lançaram nuvens de poeira sulfurosa na atmosfera. A peste bubónica espalhou-se por toda a Europa a partir de 541 e a paralisia económica durou até 640. Este tempo marcou profundamente a baixa Idade-Média como um período de escuridão e de grande sofrimento.

Até ao século X da nossa era, uma série de outras catástrofes ecológicas de proporções gigantescas marcaram profundamente as populações europeias: as erupções do vulcão finlandês Eyjafjöl em 920 afetaram a Europa, da península Ibérica aos Balcãs. Quando os vulcões da Islândia se acalmaram, a ilha foi colonizada por populações emigradas dos países escandinavos, as mesmas que se estenderam por Terra Nova, Labrador e Gronelândia. Um dos personagens conhecidos da primeira leva de colonos da Islândia terá sido Eric, o Vermelho, um aventureiro que foi o pai de Leif Eriksson, por sua vez o primeiro europeu a penetrar no Golfo do São Lourenço pelo Estreito de Belle Isle e a instalar uma colónia no norte de Terra Nova – o primeiro descobridor do continente americano. Desde o ano 2000 que se comemora oficialmente nos Estados Unidos o Dia de Leif Ericson, a 9 de outubro, por decisão do presidente Bill Clinton, ratificando uma outra decisão do Congresso americano e do presidente Lindon Johnson de

1964. A colónia de Anse aux Meadows, na Terra Nova, durou até ao ano de 1164, quando foi invadida e destruída por indígenas.

Novas erupções fizeram com que a Islândia se desertificasse no final do século X. Um aquecimento significativo do planeta tinha proporcionado a instalação de colónias de povos nórdicos na Islândia, Terra Nova, Labrador e na Groenlândia, a partir do fim do século IX. O período quente desta região do planeta, hoje conhecido como um período de *conforto climático*, permitiu a criação na Groenlândia de uma diocese, a diocese de Grondar, com cerca de 40 paróquias e uma população que rondava os 50.000 habitantes. Os registos paroquiais mostram-nos a atividade agrícola e piscatória da região, quando aquela ilha era verdadeiramente verde. O último registo paroquial data de 1408, o de um casamento, quando a ilha estava praticamente abandonada nela restando apenas os últimos resistentes às adversidades climáticas. Uma brusca queda da temperatura, que se intensificou a partir de 1350, tornava impraticável toda atividade agrícola e nenhum bispo residia mais na diocese, que foi extinta à morte do último bispo (nomeado no mesmo ano da criação da diocese do Funchal, em 1515). Fazia um século que a Groenlândia se tinha desertificado. Desconhecem-se as razões pelas quais o planeta Terra entrou então numa fase glacial acentuada que durou até aos nossos dias, quando, ao que tudo indica, voltamos a entrar de novo num processo irreversível de aquecimento.

Enquanto a Europa cristã do Norte ainda sofria as consequências de condições climáticas adversas, acontecia a primeira tentativa de incursão de comerciantes e de arautos do cristianismo por terras orientais, no século VII, através dos cristãos nestorianos, uma corrente religiosa de pensamento fundada pelo patriarca Nestório de Constantinopla, no século V. Eles alcançaram a Índia e Cathay, onde fundaram comunidades cristãs sólidas quanto bastasse para resistirem até à chegada, posterior de vários séculos, de outros missionários cristãos. Foi no tempo da primeira dinastia Tang (618-907), quando se operou na China uma prodigiosa reforma agrária, com a expropriação dos latifúndios e com a abertura de centenas de quilómetros de canais de irrigação, tarefa que ocupou mais de um milhão de trabalhadores. Desde então, nunca mais deixou de haver comunidades cristãs na China. Por esses mesmos anos, instalaram-se na China comunidades judaicas, com suas inovadoras transações comerciais. No ano de 732, o bicho-da-seda, trazido da China, era introduzido na península Ibérica. No ano de 851 circulava na Europa um livro intitulado *Descrição de Cathay e da Índia*, da autoria de um viajante muçulmano chamado Suleimane, onde refere a presença no Oriente de

cristãos e de judeus. Os mercadores judeus eram dos mais ousados nas grandes cidades chinesas. Um comerciante judeu chamado Jacob de Ancona, que viajou pela China antes de Marco Polo, entre 1270 e 1273, relatou num livro intitulado *A Cidade da Luz*, o que encontrou por terras da China. Marco Polo chegou à China em 1275 e encontrou comerciantes judeus bem instalados e respeitados na corte de Kublai Khan. O geógrafo muçulmano marroquino Ibn Batuta entrou em 1346 na cidade de Hangzhou, no rio Yangtzé, por uma porta denominada *Porta dos Judeus*. O jesuíta Matteo Ricci ficou espantado com o dinamismo das comunidades judaicas e com a beleza das suas sinagogas, quando alcançou Pequim nos primeiros anos do século XVII.

Entretanto, durante o tempo do conforto climático que durou do século IX ao final do século XIII, a Europa passou da era da escuridão, da penúria e da doença, que marcaram profundamente a mentalidade da baixa Idade-Média, para uma era de riqueza e de esplendor. Nascera uma nova religião, com a qual o cristianismo se confrontava, o Islão, que conhecera uma prodigiosa expansão a partir da península Arábica e, em menos de um século, ainda no século VIII, se estendia desde a península Ibérica até à Índia, à Malásia e aos arquipélagos do Pacífico. Além de uma religião, foi também uma poderosa rede comercial que controlava o fluxo de mercadorias entre a Europa e o Oriente. Os mercadores eram também os divulgadores da nova religião. Na Europa cristã da nova era de riqueza e de felicidade, cresciam as catedrais góticas, os palácios monumentais, criavam-se frotas marítimas, universidades, acalantavam-se os poetas e os artistas, solidificavam-se as fronteiras de novos reinos e de novos impérios, cuja fama chegou até aos confins do mundo conhecido. Confrontados com a expansão do mundo islâmico, os cristãos lançaram-se em novas iniciativas missionárias para expandir o cristianismo, fundando missões na China no século XIII, onde chegou a haver um padroado e uma diocese que durou um século.

As mercadorias da China chegavam então à Europa regularmente através dos mercadores muçulmanos, que rapidamente superaram as redes comerciais dos judeus. O papa Bonifácio VIII (1294-1303) exibia a seda da China na sua indumentária, impunha-a aos bispos e cardeais, adotava a tiara como símbolo dos poderes absolutos do papa e no emblema papal introduziu as chaves que abriam ou fechavam as portas do paraíso. Eram momentos de euforia do catolicismo, que beneficiava da riqueza provocada pelo conforto climático de uma Europa que brilhava, como brilhavam os vitrais das catedrais góticas, com paredes rasgadas, por onde entrava a luz. Dante colocou também o Papa Bonifácio no Inferno,

enquanto outros pensadores cristãos, como Joaquim de Fiore e São Francisco de Assis, anunciavam uma outra postura e profetizavam um tempo novo para a igreja de Cristo. Eles vestiam-se de burel, os panos dos pobres.

A primeira grande tentativa de expansão de um povo oriental para Ocidente foi a de Gengis Khan, o fundador do império Mongol (1162-1227). Reinou de 1206 até à sua morte. Os seus descendentes partilharam um território que ia da Hungria até à China. Os soldados de Gengis Khan arrasaram Samarcanda, a cidade que servia de pivô a todo o comércio terrestre entre o Oriente e o Ocidente, que não tardou a ser reconstruída. Passadas quatro décadas, um neto de Gengis Khan, Kublai, tornava-se, em 1271, o primeiro imperador da dinastia Yuan, numa China de novo unificada. O Oriente e o Ocidente estavam finalmente em contato, o interesse era mútuo e as condições climáticas e sociais permitiam que tal acontecesse. Os franciscanos criaram missões cristãs na China, nas quais participou um tal frei Lourenço de Portugal, que chegou a ser nomeado embaixador do papa Inocêncio IV junto dos Tártaros e do grande Khan dos Mongóis – estamos em 1245. Mercadores como Marco Polo e Nicolau de Conti empreenderam grandes viagens, multiplicaram-se as publicações sobre a China, algumas delas escritas até por autores que nunca lá estiveram. Em 1294 Jean Corvin faz a tradução de parte da Bíblia para chinês. A primeira tradução da Bíblia para inglês moderno foi feita somente em 1380, por John Wycliffe, um precursor da Reforma.

As viagens de Marco Polo, assim como a presença dos missionários franciscanos na China, situam-se no momento do chamado *grande conforto climático* na Europa, particularmente os séculos XII e XIII, quando o mundo cristão beneficiava de um período de grande produção agrícola e de trocas comerciais, um período de riqueza que permitiu a construção de grandes catedrais, muitas delas ainda de pé e expostas à curiosidade e admiração dos peregrinos do nosso tempo. A maior catedral gótica de França, a última a ser concluída, foi a de Amiens, em 1373. Multiplicaram-se as universidades, tanto as do mundo cristão como as do mundo islâmico. Multiplicaram-se também as tentativas militares para a conquista do mundo muçulmano que controlava todo o comércio entre o Oriente e o Ocidente, formavam-se ordens religiosas e militares, surgiam novos reinos e novas monarquias. Havia dinheiro para pagar todas as fantasias de uma alta Idade-Média completamente diferente do tempo tenebroso do frio, da penúria, das epidemias e da escuridão. Era o advento do mundo moderno.

Em 1326 nascia um novo poder, que duraria até ao século XX (1922), interposto entre o Oriente e o Ocidente, o Império Otomano, que se estenderia do

Mar Báltico até aos confins da antiga Mesopotâmia, do Egito à Ucrânia. Um século mais tarde os turcos otomanos tomariam Constantinopla, pondo um termo ao que restava do Império Romano do Oriente. Em 1346, na batalha de Crécy, quando Eduardo III de Inglaterra infligiu uma pesada derrota aos franceses – era a guerra dos cem anos – utilizaram-se os primeiros canhões. A pólvora era uma invenção chinesa, trazida para a Europa pelos muçulmanos, que a aperfeiçoaram e adaptaram às artes da guerra.

Com o resfriamento do planeta no final do século XIV, houve grandes migrações dos povos nórdicos para terras do Sul, à procura de climas mais benignos. As condições meteorológicas alteradas pelo resfriamento do planeta provocaram epidemias e uma baixa catastrófica da produção agrícola. Entre 1346 e 1349 a peste bubónica matou um terço de toda a população europeia e em Portugal morreu metade da população. As pessoas infetadas ficavam com manchas negras no corpo, daí a denominação de *peste negra*. Para acudir à situação desastrosa da produção agrícola em Portugal, que levou dezenas de anos a se restabelecer, o rei D. Fernando criou a Lei das Sesmarias, distribuindo terras a quem pudesse cultivá-las.

Os povos europeus desenvolveram, a partir da segunda metade do século XIV, as primeiras frotas marítimas oceânicas; marinheiros genoveses, dispondo dos primeiros mapas marítimos, alcançaram a Madeira e os Açores. O primeiro mapa conhecido onde figura o continente asiático é o mapa de Fra Mauro (1385-1459), um monge italiano que nunca viajou. Ter-se-á baseado num mapa que Marco Polo trouxera da China e nas informações fornecidas pelos frades franciscanos, é o que afirma o geógrafo e editor italiano de livros de viagens, Giovanni Battista Ramussio (1485-1557). O mapa foi encomendado pelo rei D. Afonso V e desenhado entre 1457/59. O original perdeu-se, mas salvou-se uma cópia, guardada na Biblioteca Marciana de Veneza.

Tudo mudou com a chegada dos portugueses ao Oriente por via marítima. A grande decisão foi tomada pelo rei D. Manuel nas cortes de 1495, reunidas em Montemor-o-Novo e a frota de Vasco da Gama largou de Lisboa em julho de 1497. Passada uma dúzia de anos após a chegada das primeiras naus portuguesas a Calecute, na Índia, Afonso de Albuquerque precipitou-se a conquistar o porto estratégico de Malaca (1511), o principal entreposto comercial onde os juncos chineses faziam negócio. Depois da empreitada marítima do primeiro quartel do século XV, quando a China se lançou num grande projeto de navegação pelos oceanos Índico e Pacífico (1305-1433), as autoridades chinesas tinham mudado

de política mercantil e voltado a fechar a China sobre ela mesma. O imperador Yongle mudou por esses anos a capital de Nanquim (Nanjing, a cidade do Sul) para Pequim (Beijing, a cidade do Norte). O grande reino do meio do mundo não precisava de nada nem de ninguém. Malaca era o único destino importante dos juncos chineses de comércio e a ação militar de Albuquerque atingia deste modo os interesses da China. Foram precisos quase 50 anos de tentativas, algumas desastrosas, para restabelecer a confiança entre as autoridades chinesas e os representantes do rei de Portugal. Jorge Álvares em 1513, Giovanni da Empoli e Tomé Pires entre 1517 e 1527, Diogo e Amaro Pereira em 1549, vários missionários, entre eles o pioneiro jesuíta Francisco Xavier, que faleceu na ilha de San-chuan em 1552, tentaram, sem sucesso, convencer as autoridades chinesas dos benefícios que os portugueses lhes poderiam trazer. Muitas das tentativas foram operações clandestinas temerárias. Só foi possível despertar o interesse das autoridades chinesas pelas iniciativas dos portugueses a partir de 1554, através de um capitão-mor chamado Leonel de Sousa, pioneiro do tratado que, em 1557, permitia o arrendamento de um espaço no delta do Rio das Pérolas, no reinado do imperador Jiajing, 12.º da dinastia Ming. Foi então que se iniciou a presença portuguesa na China, em Macau.

Depois da chegada das naus portuguesas aos principais portos do Índico e do Pacífico, da Índia ao Japão, as rotas das caravanas, cujo destino final eram a Europa, começaram a ser substituídas pelas rotas marítimas, mais rápidas, mais seguras e mais baratas. O principal objetivo da “cruzada” portuguesa, no que consistia em atingir e enfraquecer o poder comercial islâmico, foi alcançado, já que, ao longo das rotas que ligavam a China ao ocidente, interferiam muitos sultanos islâmicos cobrando direitos e impostos. Os mercadores muçulmanos eram os mais numerosos, desde a origem até ao destino. A Terra Santa nunca chegou a ser conquistada e, quando os portugueses estavam solidamente instalados em meia centena de praças e portos orientais, Solimão o Magnífico (1494-1566), o Grão-Turco do império Otomano, reconstruía a cidade de Jerusalém, para nela albergar judeus e muçulmanos expulsos dos reinos cristãos. O império Otomano tinha alcançado o apogeu do seu poder político, militar e económico; foi o último dos grandes impérios, que começou a desintegrar-se após a morte de Solimão. A grande utopia mística da nação portuguesa, que comandara toda a energia necessária para alcançar o Oriente, desvaneceu-se também, para dar lugar a todas as ambições da riqueza e às miragens da fortuna. A partir de então, a Europa tomava

uma outra configuração. Não seriam os portugueses os artesãos da nova fisionomia política e económica da Europa, mas eles foram os pioneiros da mudança.

As rotas da seda, símbolo da importância da China no intercâmbio comercial e cultural do planeta, variaram ao longo do tempo, ao sabor das caravanas e das expedições marítimas. O percurso terrestre entre a China e a Europa era longo e muitos poderes se interpuseram pelo caminho, ao longo dos séculos. Este pedaço do planeta foi um verdadeiro viveiro de civilizações e de outros tantos impérios: sumérios, assírios, babilónicos, persas, partas. Foram territórios e povos cobiçados pelos gregos de Alexandre, pelos romanos da República no tempo de Júlio César e de Licínio Crasso, pelos do Império no tempo de Trajano. Os hunos de Átila lá chegaram, os mongóis de Gengis Khan por lá transitaram, enfim o império dos otomanos lá se instalou e fincou suas raízes. A rota marítima iniciada pelos portugueses contornava este espaço e evitava confrontos inúteis. A maior novidade decorrente do grande esforço da coroa portuguesa no apoio às descobertas marítimas foi a certeza de que, através dos oceanos, era possível contactar e interagir com todos os povos do planeta.

Referências bibliográficas

- Albuquerque, L. (Dir.) (1994). *Dicionário de História dos Descobrimientos Portugueses* (2 vols). Lisboa: Caminho.
- Albuquerque, L. (Dir.) (1989). *Portugal no Mundo* (6 vols). Lisboa: Alfa.
- Aubin, J. (1996/2000). *Le Latin et l'Astrolabe*. Paris: F. C. Gulbenkian.
- Austin, A. (2007). *China's Millions: The China Inland Mission and Late Qing Society*. Michigan: Grand Rapids.
- Barros, J. (1973/1975). *Ásia. Dos feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente* (Décadas da Ásia). Lisboa: Ed. Livraria S. Carlos.
- Bouchon, G. (2000). *Afonso de Albuquerque. O leão dos mares da Ásia*. Lisboa: Quetzal.
- Boxer, Ch. R. (1989). *A Igreja e a Expansão Ibérica*. Lisboa: Ed. 70.
- Bozoky, E. (2012). *Atila et les Huns: Vérités et légendes*. Paris: Perrin.
- Cooper, M. (1994). *Rodrigues, o Intérprete. Um Jesuíta no Japão e na China*. Lisboa: Quetzal.
- Cortesão, A. (1978). *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Cortesão, J. (1993). *História da expansão portuguesa*. Lisboa: INCM.
- Couto, D. (1973/1975). *Ásia. Dos feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente* (Décadas da Ásia). Lisboa: Ed. Livraria São Carlos.
- Crowley, R. (2016). *Conquistadores. Como Portugal Criou o Primeiro Império Global*. Lisboa: Presença.

- Curry, J. A. (2019). *Alterações Climáticas. O que sabemos. O que não sabemos*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Dehergne, J. S. J. (1973). *Répertoire des Jésuites de Chine de 1552 a 1800*. Roma: Institutum Historicum, SI.
- Deschodt, E. (2006). *Attila*. Paris: Gallimard.
- Gareth, C. S. (2008). *The Defeat of Rome: Crassus, Carrhae & the Invasion of Cthe East*. London: Pen & Sword Books.
- Gaspar da Cruz, Fr. (2010). *Tratado das Coisas da China*. Lisboa: Cotovia.
- Heather, P. (2010). *Empires and Barbarians; the Fall of Rome and the Bitrth of Europe*. Oxford: University Press.
- Ping, J. G., & Zhiliang, W. (2007). *Revisitar os Primórdios de Macau: Para uma Nova Abordagem da História*. Macau / Lisboa: Instituto Português do Oriente/Fundação Oriente.
- LeGlay, M. (2001). *Grandeza y Decadência de la República Romana*. Madrid: Cátedra.
- Loureiro, R. M. (2000). *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XVI*. Lisboa: Fundação Oriente.
- Peixoto de Araújo, H. (2000). *Os Jesuítas no Império da China – O Primeiro Século (1582-1680)*. Macau: Instituto Português do Oriente.
- Silva Rego, A. (1947/1958). *Documentação para a história das missões do Padroado Português do Oriente (Índia)* (12 vols). Lisboa: Agência Geral das Colónias.
- Somerville, A., & McDonald, A. R. (2010). *The Viking Age: A Reader*. Toronto: University Press.
- Subrahmayam, S. (1995). *O Império Asiático Português, 1500-1700. Uma História Política e Económica*. Lisboa: Difel.
- Trindade, frei P. (1962). *Conquista Espiritual do Oriente*. Lisboa: Centro de Estudos Ultramarinos.
- Vicente, L. R. X. (2004). As Relações Politico-Religiosas entre o Império Mongol e a Europa Ocidental em meados do Século XIII: Missionários Franciscanos no Oriente. *Revista Vernáculo*, 11, 12 e 13.
- Wilson, E. O. (2019). *Biodiversity and Climate Change: Transforming the Biosphere*. Yale: Yale University Press.

A Rota da Seda da Saúde e o 14.º Plano Quinquenal da República Popular da China

The Health Silk Road and the People's Republic of China's 14th Five-Year Plan

Anabela Rodrigues Santiago

DCSPT, Universidade de Aveiro
Bolsreira de Investigação Doutoral FCT – CCCM
anabela.santiago@ua.pt
ORCID: 0000-0002-3897-0323

RESUMO

Num contexto de mundo globalizado em transformação e na sequência de uma crise pandémica, a perceção do valor inestimável da saúde humana ganha mais relevância.

Enquadrada no projeto global da “Faixa e Rota”, rumo ao desenvolvimento de uma sociedade próspera, com um “futuro de comunidade compartilhada para a humanidade”, a República Popular da China (RPC) tem implementado a “Rota da Seda da Saúde” que marca a ação externa do país em matéria de governança global da saúde.

Através de uma revisão de literatura e análise de conteúdo ao 14.º Plano Quinquenal da RPC, procuramos entender o papel da saúde na geopolítica chinesa, à luz dos princípios que norteiam a sua ação política para os próximos cinco anos.

A Rota da Seda da Saúde constitui-se como ferramenta de operacionalização da estratégia chinesa na geopolítica da saúde global, enquanto agente crucial nas cadeias de fornecimento de produtos de saúde e ator global responsável. Porque ninguém está a salvo, enquanto todos não o estiverem.

PALAVRAS-CHAVE

Rota da Seda da Saúde, 14.º Plano Quinquenal, Governança global da saúde, Geopolítica da saúde.

ABSTRACT

In the context of a transforming globalized world and in the face of a pandemic crisis, our perception of the inestimable value of human health has become even more relevant.

As part of the global “Belt and Road” project, which aims at the development of a prosperous society with a “community of shared future for mankind”, the People's Republic of China (PRC) has been implementing the “Health Silk Road”, which marks the country's external action on global health governance.

Through a literature review and content analysis of the PRC's 14th Five-Year Plan, we seek to understand the role of health in Chinese geopolitics, based on the principles guiding its policy action for the next five years.

The Health Silk Road is a tool to operationalize the Chinese strategy in the geopolitics of global health, as a crucial agent in the supply chains of health products and as a responsible global player. Because no one is safe until everyone is.

KEYWORDS

Health Silk Road, 14th Five-Year Plan, Global health governance, Geopolitics of health.

1. Introdução

Num contexto de mundo globalizado em rápidas transformações – nomeadamente na sua geopolítica global – e na sequência de uma pandemia que afetou fortemente todos os setores da economia e da sociedade em termos mundiais, a perceção generalizada do valor inestimável da saúde humana ganha uma dimensão e relevância acrescidas.

Já em 1946, a Organização Mundial de Saúde (OMS)¹ definia a saúde não apenas como a ausência de doença, mas como uma condição plena de bem-estar físico, psíquico e social. Para que tal aconteça, os governos têm vindo a tomar consciência de que essa condição só é passível de ser atingida mediante a definição e implementação de políticas públicas intersectoriais e multidisciplinares que fomentem a saúde. A perceção de que os determinantes sociais da saúde (DSS) afetam, direta ou indiretamente, os níveis e os ganhos em saúde das populações originaram esta abordagem assente na governança, quer seja ela local, regional ou nacional, e até global. Mas afinal o que se entende por governança global da saúde? E qual o impacto dos DSS nas políticas de saúde?

A governança global da saúde é um conceito que deriva do conceito de governança global, o qual tem sido mais discutido na literatura científica a partir dos anos noventa do século passado. Dependendo da área de pesquisa e análise, existem múltiplas definições destes conceitos, tendo em comum o carácter multidisciplinar e multinível da governança. A definição mais aceite de governança colaborativa é: “um acordo de governação em que uma ou mais entidades públicas envolvem diretamente intervenientes não estatais num processo de decisão coletivo que é formal, consensual e deliberativo e que visa fazer ou implementar políticas públicas ou gerir programas ou bens públicos” (Ansell & Gash, 2008, p. 544; tradução própria).

Com base nesta definição de governança colaborativa, para esta análise, adotamos como base conceptual para a governança global em saúde, a definição dada por Fidler (2010; tradução própria) que se traduz no seguinte: “o uso de instituições, regras e processos formais e informais pelos Estados, organizações intergovernamentais, e atores não estatais para lidar com os desafios para a saúde que exigem uma ação coletiva transfronteiriça para serem abordados de forma

¹ Lista de acrónimos e de abreviaturas: RPC – República Popular da China; PCC – Partido Comunista Chinês; OMS – Organização Mundial de Saúde; DSS – Determinantes Sociais da Saúde; ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

eficaz”. Neste sentido, percebemos que a saúde requer uma ação concertada de atores de diversos setores, pois ela é bastante afetada – direta ou indiretamente – por políticas adotadas noutros setores e condicionada pelos DSS.

De acordo com a OMS, os DSS relacionam-se com as condições nas quais um indivíduo nasce, vive e trabalha. Tal como se pode observar na figura 1, também podem ser considerados fatores sociais, económicos, culturais, étnicos, psicológicos e comportamentais que influenciam a condição de saúde; esses fatores podem ser as condições habitacionais, a alimentação, a escolaridade, e as condições de trabalho (Buss e Filho, 2007).

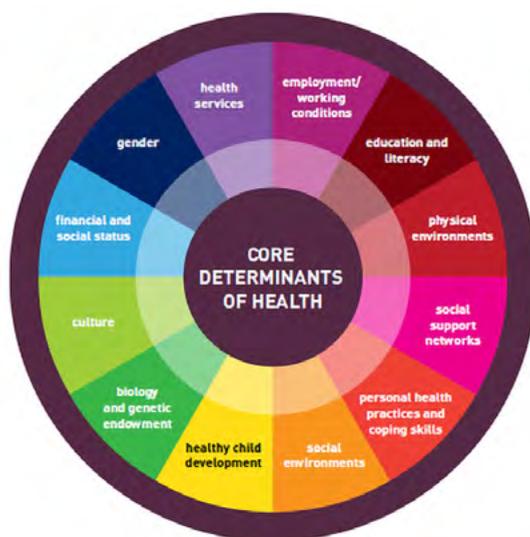


Figura 1 – principais determinantes sociais da saúde (Fonte: Colleague)

Com a crescente consciência por parte dos decisores políticos de que a saúde requer uma abordagem multisetorial e multidisciplinar foram surgindo nas últimas décadas enquadramentos regulamentares e diretivas que vão de encontro a esse tipo de abordagem. Como exemplo disso, temos o programa europeu Horizonte 2020 para a Saúde que assentava essencialmente em dois pilares fundamentais – “Saúde para Todos” e “Saúde em todas as Políticas” – ao qual se segue o novo programa denominado *EU4Health*. Para além de dar continuidade ao anterior, este plano pretende dar resposta às necessidades surgidas no seguimento da pandemia por Covid-19.

Também a RPC seguiu planos semelhantes defendendo uma abordagem baseada na premissa de “Saúde em Todas as Políticas” e “Saúde para Todos” como se pode observar pelo cartaz de propaganda abaixo (Figura 2).



Figura 2 – “70 years on: Health for All and All for Health” (Fonte: http://en.nhc.gov.cn/n_20132.htm)

No que diz respeito à saúde, tal facto é patente no plano *Healthy China 2030* adotado em 2015, estabelecendo objetivos a médio prazo, até 2030. O plano encontra-se alinhado nos seus objetivos com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas, Cluster 3 para a Saúde:

A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas é constituída por 17 ODS e foi aprovada em setembro de 2015 por 193 membros, resultando do trabalho conjunto de governos e cidadãos de todo o mundo para criar um novo modelo global para acabar com a pobreza, promover a prosperidade e o bem-estar de todos, proteger o ambiente e combater as alterações climáticas. (ODS, 2015)

No que diz respeito ao objetivo 3, relativo à saúde, ele é descrito da seguinte forma: “Garantir o acesso à saúde de qualidade e promover o bem-estar para todos, em todas as idades” (ODS, 2015) e divide-se em vários objetivos específicos conforme tabela abaixo:

Tabela 1 – Objetivos específicos do ODS 3 – Saúde

(fonte: <https://unric.org/pt/objetivo-3-saude-de-qualidade-2/> elaboração própria)

Objetivos específicos do ODS 3 - Saúde	
Meta	Prazo
Reduzir a taxa de mortalidade materna global para menos de 70 mortes por 100.000 nados-vivos	Até 2030
Acabar com as mortes evitáveis de recém-nascidos e crianças menores de 5 anos, com todos os países a tentarem reduzir a mortalidade neonatal para pelo menos 12 por 1.000 nados-vivos e a mortalidade de crianças menores de 5 anos para pelo menos 25 por 1.000 nados-vivos	Até 2030

Objetivos específicos do ODS 3 - Saúde	
Meta	Prazo
Acabar com as epidemias de Sida, tuberculose, malária e doenças tropicais negligenciadas, e combater a hepatite, doenças transmitidas pela água e outras doenças transmissíveis	Até 2030
Reduzir num terço a mortalidade prematura por doenças não transmissíveis via prevenção e tratamento, e promover a saúde mental e o bem-estar	Até 2030
Reforçar a prevenção e o tratamento do abuso de substâncias, incluindo o abuso de drogas e o uso nocivo do álcool	Sem data
Reduzir para metade, a nível global, o número de mortos e feridos devido a acidentes rodoviários	Até 2020
Assegurar o acesso universal aos serviços de saúde sexual e reprodutiva, incluindo o planeamento familiar, informação e educação, bem como a integração da saúde reprodutiva em estratégias e programas nacionais	Até 2030
Atingir a cobertura universal de saúde, incluindo a proteção do risco financeiro, o acesso a serviços de saúde essenciais de qualidade e o acesso a medicamentos e vacinas essenciais para todos de forma segura, eficaz, de qualidade e a preços acessíveis	Sem data
Reduzir substancialmente o número de mortes e doenças devido a químicos perigosos, contaminação e poluição do ar, água e solo	Até 2030
Fortalecer a implementação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco em todos os países, conforme apropriado	Sem data
Apoiar a pesquisa e o desenvolvimento de vacinas e medicamentos para as doenças transmissíveis e não transmissíveis, que afetam principalmente os países em desenvolvimento, proporcionar o acesso a medicamentos e vacinas essenciais a preços acessíveis, de acordo com a Declaração de Doha	Sem data
Aumentar substancialmente o financiamento da saúde e o recrutamento, formação, e retenção do pessoal de saúde nos países em desenvolvimento, especialmente nos países menos desenvolvidos e nos pequenos Estados insulares em desenvolvimento	Sem data
Reforçar a capacidade de todos os países, particularmente os países em desenvolvimento, para o alerta precoce, redução de riscos e gestão de riscos nacionais e globais de saúde	Sem data

De facto, o plano *Healthy China 2030* é um plano determinado pelo governo chinês em 2016 que traça medidas no setor da saúde com metas internas a serem atingidas até 2030.

Os seus objetivos gerais são os seguintes: (i) a melhoria contínua da saúde da população; (ii) manter os fatores de risco principais sob controlo efetivo; (iii) o aumento da capacidade de fornecimento da indústria dos cuidados de saúde; (iv) melhores arranjos institucionais para a promoção da saúde (Zhuang, 2016).

O *Healthy China 2030* constitui-se assim como uma ferramenta para a consolidação das reformas do sistema de saúde chinês no sentido de solucionar problemas internos, alinhando-o em simultâneo com diretivas mundiais, tais como as orientações de 'Saúde para Todos' e 'Saúde em Todas as Políticas', dois dos pilares dos programas das Nações Unidas e da Europa (Horizonte 2030) no campo da saúde.

Por outro lado, inserida no seu contexto macroeconómico, político e geográfico que é a Ásia, a RPC vê-se impelida a desempenhar um papel de destaque na governança global da saúde. Com efeito, de acordo com Fidler (2010), a 'ascensão da Ásia' coincide com o despertar da importância da governança global da saúde como matéria da política internacional.

2. Rota da Seda da Saúde: descrição do projeto, trajetória pré e pós-pandemia Covid-19

A Rota da Seda da Saúde é uma ramificação da iniciativa global chinesa "Faixa e Rota". O conceito surgiu pela primeira vez em 2015 e foi oficialmente adotado em 2017 através do documento oficial intitulado *Beijing Communiqué of The Belt and Road Health Cooperation & Health Silk Road*.

Durante a Reunião de Alto Nível sobre a Faixa e Rota para a Cooperação em Saúde: Rumo a uma Rota da Seda para a Saúde, realizada em Agosto de 2017 em Pequim, o Diretor-geral da OMS, comentou de forma favorável a iniciativa, afirmando que pode tornar-se o estímulo necessário para impulsionar atividades conjuntas rumo à cobertura universal da saúde e que contém os fundamentos necessários, tais como a construção de infraestruturas, o acesso a medicamentos e os recursos humanos, necessários para construir uma plataforma de partilha de experiências e de promoção das melhores práticas de saúde (Chen et al., 2019).

O conceito da Rota da Seda da Saúde encoraja a cooperação regional e a participação alargada de governos, organizações internacionais e regionais, universidades, setor privado, sociedade civil, e público em geral, numa abordagem multissetorial, multinível e num espírito de governança colaborativa (Cheng et al., 2019). A RPC é o país impulsionador que, juntamente com países parceiros, publicou conjuntamente uma série de acordos. Esta é a razão pela qual a iniciativa tornou a necessidade de combater as doenças infecciosas uma prioridade para o desenvolvimento social e económico. Com efeito, inseridos no projeto da Rota da Seda da Saúde, surgiram variados projetos relacionados com o controlo de doenças infecciosas, a saber: o Fórum de Cooperação para a Saúde China- Arábia para o Controlo e Prevenção de Doenças Infecciosas; o Projeto Regional de Controlo das Doenças Transmissíveis na Sub-região do Grande Mekong; o Projeto *Artemisinin Compound Malaria Control* em Comoros, entre outros (Wang et al., 2021).

Espera-se que a implementação do projeto "Faixa e Rota" facilite o progresso na eliminação de doenças infecciosas como a Síndrome da Imunodeficiência Adqui-

rida causada pelo vírus da imunodeficiência humana, tuberculose, malária, e 17 doenças tropicais negligenciadas, que constituem o SDG 3.3.

Além disso, 41 programas estão ativos, incluindo o plano China-ASEAN *Training One Hundred Health Professionals* e o Plano de Cooperação China-África sobre Saúde Pública. As atividades não governamentais de intercâmbio e cooperação em vários domínios são complementares aos projetos governamentais, uma vez que constroem o apoio público à iniciativa “Faixa e Rota” (Chen et al., 2019).

A Rota da Seda para Saúde também suporta uma narrativa difundida pelos media chineses para o exterior no sentido de construir uma imagem de ator responsável perante a crise sanitária global, reforçando em simultâneo a legitimidade do PCC. Com efeito, de acordo com Cao (2020, 19; tradução própria):

Mais do que uma nova estratégia geopolítica no âmbito do BRI, a Rota da Seda da Saúde é uma iniciativa diplomática emergente para promover a cooperação sanitária num mundo cada vez mais ameaçado pela proliferação de emergências de saúde pública.

Para ser entendida enquanto iniciativa diplomática, conta com uma retórica articulada nos discursos oficiais e nos meios de comunicação social onde as principais mensagens veiculadas são: (i) a RPC está empenhada no desenvolvimento de uma “comunidade global de destino comum”; (ii) para que tal esforço prevaleça, a população mundial deve estar preparada para prevenir e controlar doenças infecciosas como a COVID-19, a razão pela qual a RPC está a trabalhar para fornecer ao mundo uma vacina acessível como “bem público global” (Rudolf 2021), como uma das múltiplas formas de alcançar o que o presidente Xi Jinping chama uma “comunidade de futuro compartilhado para a humanidade”.

Na próxima secção veremos como é que a saúde é trabalhada ao nível do 14.º Plano Quinquenal, o qual se constitui como um instrumento de apoio central na definição da estratégia de governança política chinesa.

3. 14.º Plano Quinquenal: o que prevê para a saúde?

O 14.º Plano Quinquenal da RPC é o documento que traça os objetivos estratégicos a nível nacional para o período que vai de 2021 até 2025. O primeiro Plano Quinquenal surgiu formalmente em 1953 e desde então estes planos têm sido muito importantes na definição das linhas orientadoras das políticas nacionais. Este Plano Quinquenal em concreto reveste-se de uma relevância acrescida

devido ao contexto interno e externo no qual ele surge. Do ponto de vista interno, a RPC festejou este ano o Centenário do PCC e atingiu um patamar de desenvolvimento económico e social notável. A grande meta subjacente em todo o plano é fazer da RPC e segundo as palavras do presidente Xi Jinping “um país moderadamente próspero em todos os domínios” (Xinhua, 2021). O novo plano coloca bastante ênfase no desenvolvimento tecnológico e na inovação, como alavancas para um crescimento sustentado e sustentável, rumo ao segundo centenário – o da constituição da República Popular da China – que ocorrerá em 2049 e que pretende marcar o apogeu de uma sociedade socialista modernizada e próspera. Do ponto de vista externo, este Plano Quinquenal surge num contexto de pandemia e estagnação económica a nível mundial, o que impõe, desde logo, imensos desafios à sua implementação.

A ideologia de base do 14.º Plano Quinquenal da RPC assenta nas seguintes obrigações de todo o povo chinês: (i) segurar bem alto o grande estandarte do socialismo com características chinesas; (ii) implementar na íntegra o espírito do 19.º Congresso Nacional do PCC e das 2.ª, 3.ª, 4.ª, e 5.ª sessões plenárias do 19.º Comité Central; (iii) aderir ao Marxismo-Leninismo, ao Pensamento de Mao Tse-tung, à Teoria de Deng Xiaoping, e ao modelo das “Três Representações”, assim como à nova era do socialismo de Xi Jinping com características chinesas como orientação; (iv) implementar plenamente as teorias e estratégias básicas do Partido, e (v) coordenar a promoção da construção económica, política, cultural, social, e a construção da civilização ecológica ou também denominada eco-civilização.

Segundo Pan (2016, p. 37, tradução própria), uma civilização ecológica é aquela na qual se verifica “o avanço da harmonia entre humanos e natureza, produtividade altamente avançada, desenvolvimento humano global, e prosperidade social sustentada”. Ainda de acordo com Queirós (2021), a eco-civilização passa por um desenvolvimento sustentável, verde, circular e de baixas emissões de carbono. Encetado com Hu Jintao e posteriormente seguido por Xi Jinping, este conceito passou a integrar em 2012 os estatutos do Partido durante o 18.º Congresso do PCC, constituindo-se como um elemento-chave da filosofia política chinesa que não se centra apenas numa via de desenvolvimento quantitativo, mas também qualitativo (Queirós, 2021; Pan, 2016).

Por sua vez, os princípios a serem seguidos para a concretização desses deveres rumo à sociedade moderna e moderadamente próspera assentam na adesão (i) à liderança global do partido; (ii) à abordagem centrada nas pessoas (*people-to-people approach*); (iii) ao novo conceito de desenvolvimento;

(iv) ao aprofundamento da reforma de abertura; e (v) ao conceito de governança sistémica (KPMG, 2021).

O 14.º Plano Quinquenal constitui-se, portanto, como uma continuação das metas e políticas advindas do plano anterior. Contudo, existe neste novo plano um menor enfoque nas metas de crescimento, sobretudo ao nível do PIB, passando esse enfoque a ser dirigido para os seguintes tópicos: (i) modelo de “circulação dual”; (ii) avanços tecnológicos e no campo da inovação; (iii) proteção ambiental e desenvolvimento sustentável.

O modelo de circulação dual ainda carece de detalhes específicos em termos da sua implementação, mas é uma noção chave do 14.º Plano Quinquenal. O conceito sugere que, no futuro, será dada prioridade à “circulação doméstica” sobre a “circulação internacional” (Grieger, 2020). Ele define-se ainda como “um novo padrão de desenvolvimento em que os mercados domésticos e estrangeiros podem impulsionar-se mutuamente, com o mercado interno como o pilar principal” (Zhu, 2020).

Ainda, e de acordo com o CGTN (2020; tradução própria), um reconhecido jornal chinês, o conceito pode ser definido como segue:

“A estratégia de “dupla circulação” representa um modelo de desenvolvimento económico que eleva o desenvolvimento doméstico a pilar principal, com o desenvolvimento interno e externo a reforçarem-se mutuamente. Indica uma mudança acelerada da estratégia de desenvolvimento da China relativamente àquela que era orientada para a exportação. Sob este padrão, a economia chinesa passa a assentar mais na circulação económica interna, facilitada também pela circulação entre a China e o resto do mundo.”

De acordo com Javed et al. (2021), a estratégia encerra vários objetivos de alto nível, sendo, no entanto, possível destacar quatro deles:

1. Reduzir o peso da procura externa como impulsionadora do crescimento económico alavancando o consumo doméstico;
2. Posicionar a China como uma potência de produção global em produtos de alto-valor acrescentado;
3. Atingir altos níveis de autossuficiência em áreas chave promovendo a inovação;
4. Assegurar acesso a inputs considerados críticos através da diversificação das cadeias de fornecimento e canalizando investimento para determinados setores específicos.

A estratégia de desenvolvimento mais orientada para uma maior autossuficiência em setores estratégicos requer grandes reformas estruturais domésticas e investimento para libertar o poder de compra dos consumidores chineses e grandes esforços de inovação que se esperam ser, na sua maioria, dirigidos pelo Estado. Com efeito, uma vez que os mercados internacionais são menos propensos a impulsionar o crescimento económico da China num futuro próximo, contrariamente ao que aconteceu nas décadas passadas, e a proteção das tecnologias de ponta das economias avançadas tornou-se mais sofisticada, a liderança chinesa está determinada em explorar mais o crescimento e o potencial de inovação do seu próprio mercado. Isto, no entanto, significará um aumento da procura interna, nomeadamente para os serviços, através do aumento dos níveis de rendimento interno (Tang, 2020).

Portanto, o governo chinês quer reorientar a sua estratégia de crescimento conferindo ao consumo interno e à circulação doméstica um novo papel de motor de crescimento sustentável no futuro e permitindo, desse modo e simultaneamente, aumentar o poder de compra da sua classe média, bem como a população que se engloba neste patamar social (dos atuais 400 milhões para 600 milhões ou mais), por altura do centenário da formação da sua República Popular.

Em suma, as principais metas a atingir com o 14.º Plano Quinquenal são as seguintes (Meidan et al., 2021):

1. Manter os principais indicadores económicos dentro dos limites pré-estabelecidos;
2. Crescimento de mais de 7% ao ano no investimento em investigação e desenvolvimento;
3. Manter as taxas de desemprego urbano abaixo dos 6%;
4. Aumentar os residentes urbanos para uma taxa de 65% da população;
5. Aumentar a esperança média de vida dos cidadãos chineses em 1 ano;
6. Promover o desenvolvimento “verde”;
7. Promover um desenvolvimento justo e de alta qualidade da iniciativa “Faixa e Rota”;
8. Entrar numa nova etapa de construção de uma “China pacífica e unificada”.

Relativamente à saúde, o documento oficial do Plano Quinquenal menciona 31 vezes a palavra saúde e 12 vezes termos conexos como “saudável”. Durante o período abrangido por este 14.º Plano Quinquenal, o sistema de cuidados médicos com instituições médicas públicas como base continuará com o seu processo

de melhoria contínua e o número de médicos licenciados aumentará para uma proporção de 3,2 médicos por cada 1.000 habitantes (Navas, 2020). Após o surgimento da pandemia por Covid-19, a RPC tem vindo a expandir os seus sofisticados sistemas de vigilância digital para o setor da saúde, ligando segurança e saúde (Cordeiro e Castro, 2020).

De acordo com uma análise preliminar desenvolvida pela KPMG (2021), o 14.º Plano Quinquenal prevê para a saúde:

- Rápido crescimento do mercado da indústria biofarmacêutica;
- Forte potencial de crescimento para empresas de dispositivos médicos inovadores;
- Desenvolvimento positivo a longo prazo bem como exportação do modelo de tratamento baseado na Medicina Tradicional Chinesa;
- Crescimento exponencial das oportunidades para os cuidados primários digitais;
- Reforço da qualidade e eficiência na rede hospitalar;
- Rápido crescimento dos serviços de reabilitação e fisioterapia.

Devido ao contexto pandémico, a saúde assume um papel preponderante em termos sociais e políticos, tendo sido alvo de reflexão por parte do PCC, reflexão essa espelhada no 14.º Plano Quinquenal.

Considerações finais

Neste artigo, procurámos entender o papel da saúde na geopolítica chinesa através da análise da relação entre dois instrumentos de política interna e externa da RPC: o 14.º Plano Quinquenal e o projeto da Rota da Seda da Saúde, respetivamente. Essa análise foi desenvolvida tendo por base conceptual os conceitos de governança global da saúde e governança colaborativa.

A Rota da Seda da Saúde é um projeto que marca a ação externa da RPC em matéria de governança global da saúde, inserido no âmbito da iniciativa “Faixa e Rota”. Este projeto permite a materialização da sua estratégia e da sua posição geopolítica na saúde global, tendo como objetivo último evidenciar o seu papel de ator indispensável e de responsabilidade global. Esse papel assume especial destaque na sequência do contexto pandémico provocado pela Covid-19.

Para concretizar esse objetivo, a RPC utiliza como ferramentas políticas os seus planos quinquenais, em particular, o 14.º Plano Quinquenal (2021-2025)

aqui analisado, e outros planos como o *Healthy China 2030*, o qual introduz os conceitos de “Saúde em Todas as Políticas” e “Saúde para Todos”, alinhado com as diretivas mundiais, dois dos pilares dos programas das Nações Unidas e da Europa (Horizonte 2030) no campo da saúde.

No que diz respeito ao 14.º Plano Quinquenal, este tem como meta ajudar na definição das políticas que conduzam ao alcance do grande objetivo de Xi Jinping de ‘rejuvenescimento da nação chinesa’ e que passa por fazer da RPC “um país moderadamente próspero em todos os domínios”. Este plano apresenta um enfoque no desenvolvimento pacífico, simultaneamente sustentável e sustentado, assente no desenvolvimento com base na inovação, na tecnologia e na pesquisa científica. Nas várias metas deste plano surgem preocupações com a “Economia Verde” e muito particularmente a construção da “eco-civilização” para a construção de uma “Nova Era”, o desenvolvimento da iniciativa “Faixa e Rota”, onde se insere também a “Rota da Seda da Saúde”.

No âmbito da saúde e pela ação não exclusiva da Rota da Seda da Saúde, o Plano Quinquenal prevê o desenvolvimento da indústria biofarmacêutica, da biomedicina, a exportação do modelo da Medicina Tradicional Chinesa e o desenvolvimento de sistemas de monitorização de doenças infecciosas, bem como a criação de infraestruturas de apoio financeiro ao desenvolvimento de projetos ligados à saúde, assim como a melhoria contínua do sistema de cuidados de saúde primários e a eficiência da rede hospitalar. Não obstante, em resultado da análise de conteúdo elaborada ao 14.º Plano Quinquenal, é de salientar que existe uma mudança de paradigma e um maior foco no desenvolvimento económico, principalmente assente no incremento do consumo interno, visto como um dos motores para o crescimento da classe média chinesa, rumo à construção de uma sociedade moderadamente próspera.

Podemos, portanto, concluir que a saúde assume um papel preponderante em termos sociais e políticos, tendo sido alvo de reflexão por parte do governo e das autoridades chinesas, reflexão essa espelhada no 14.º Plano Quinquenal da RPC. De salientar, no entanto, que embora a saúde seja cada vez mais entendida como um “bem público global” que não conhece fronteiras, a análise de conteúdo deste estudo revela-nos que o 14.º Plano Quinquenal da RPC reflete preocupações económicas a longo-prazo, afetas a um mundo pós-pandemia e que não estão centradas apenas e especificamente na saúde – enquanto condição de bem-estar físico e psíquico – mas sim, na indústria da saúde e no papel da mesma nas cadeias de fornecimento internacionais.

Em última instância, as componentes de saúde presentes no Plano Quinquenal e noutros programas políticos-chave, visam potenciar a posição geopolítica da RPC e a sua influência no mundo por meio da passagem gradual de um modelo de assistência baseado na ajuda humanitária em termos de saúde para um modelo de assistência baseado na governança global da saúde.

Referências bibliográficas

- Ansell, C., & Gash, A. (2008). Collaborative governance in theory and practice. *Journal of Public Administration Research and Theory*, 18(4), 543–571. <https://doi.org/10.1093/jopart/mum032>
- Buss, P. & Filho, A. (2007). A saúde e seus determinantes sociais. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, 17(1). <https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100006>
- Cao, J. (2020). Toward a Health Silk Road China's Proposal for Global Health Cooperation. *China Quarterly of International Strategic Studies*, 6(1), 19-35. <https://doi.org/10.1142/S2377740020500013>
- CGTN. (2021). What does 'dual circulation' development pattern mean?. <https://news.cgtn.com/news/2020-09-15/CGTN-Explains-What-does-dual-circulation-development-pattern-mean—TO6KTgjjg4/index.html>. Consultado a 30/01/2022
- Cordeiro, A. C & Castro, D. (2020). Desafios e oportunidades: como a projeção de poder chinesa se adapta ao novo normal. *Geosul, Florianópolis*, 35(77), 223-243. <https://doi.org/10.5007/2177-5230.2020v35n77p223>
- Chen, J., Bergquist, R., Zhou, X-N., Xue, J-B., & Qian, M-B. (2019). Combating infectious disease epidemics through China's Belt and Road Initiative. *PLoS Negl Trop Dis* 13(4), e0007107. <https://doi.org/10.1371/journal.pntd.0007107>
- Cheng, Y., & Cheng, F. (2019). China's unique role in the field of global health. *Glob Health Journal*. Dec.3(4), 8-101. doi: 10.1016/j.glohj.2019.11.004.
- Fidler, D. (2010). The Challenges of Global Health Governance. *Council of Foreign Relations for International Institutions and Global Governance program*. <https://www.cfr.org/report/challenges-global-health-governance>
- Grieger, G. (2020). China's economic recovery and dual circulation model. *European Parliamentary Research Service*.
- Javed, S., Bo, Y., Tao, L., & Dong, W. (2021). The 'Dual Circulation' development model of China: Background and insights. *Rajagiri Management Journal*.
- KPMG (2021). The 14th Five-Year Plan: Sector Impact Outlook. Informação disponível em <http://kpmg.com/cn>, consultado em outubro 2021.
- ODS (2015). Banco Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável. Informação disponível em <https://www.ods.pt/>, consultado em outubro 2021.

- Meidan, M., Speed, P., & Qin, Y. (2021). Key issues for China's 14th Five Year Plan. *The Oxford Institute for Energy Studies*.
- Pan, J. (2016). China's Environmental Governing and Ecological Civilization. *Springer*.
- Queirós, A. (2021). No centenário do Partido Comunista da China. O caminho da China para uma Nova Era e o papel da Nova Rota da Seda. *Rotas a Oriente, Revista de Estudos sino-portugueses*, 1, 41-66. <https://doi.org/10.34624/ro.v0i1.26181>
- Rudolf, M. (2021). China's health diplomacy during Covid-19: the Belt and Road Initiative (BRI) in action. *Berlin: Stiftung Wissenschaft und Politik -SWP- Deutsches Institut für Internationale Politik und Sicherheit*. <https://doi.org/10.18449/2021C09>
- Tang, F. (2020). What is China's dual circulation economic strategy and why is it important?. *China Macro Economy. South China Morning Post*. Informação disponível em <https://www.scmp.com/economy/china-economy/article/3110184/what-chinas-dual-circulation-economic-strategy-and-why-it>, consultado em novembro 2021.
- Xinhua (2021). China completa construção da sociedade moderadamente próspera em todos os aspetos. http://portuguese.xinhuanet.com/2021-07/01/c_1310037207.htm, consultado em outubro 2021.
- Zhu, V. (2020). China's Dual Circulation Economy. *China Trends vol.7, Institut Montaigne*.
- Zhuang, N. (2016). Outline of the Healthy China 2030 Plan. *National Health and Family Planning Commission*. <https://www.sahealth.sa.gov.au>
- Wang, Q. et al. (2021). China's foreign aid for global poverty alleviation: artemisinin-based combination therapies against malaria in Togo. *Global Health Journal*, 5(3), 144-148. <https://doi.org/10.1016/j.glohj.2021.07.002>.

The Importance of Cooperating with China in the Global Health System

A Importância da Cooperação com a China no Sistema Global de Saúde

Simon Ming-Yuen Lee

simonlee@um.edu.mo
(Corresponding author)

Lin Li

yc07523@um.edu.mo

Jiayin Deng

mc05824@umac.mo

Kit Ieng Kuok

jesskuok@um.edu.mo

Hio Kuan Lao

amberlao@um.edu.mo

Dongmin Lin

mb95827@connect.um.edu.mo

State Key Laboratory of Quality Research in Chinese Medicine
Institute of Chinese Medical Sciences, University of Macau, Macao, China

ABSTRACT

The Guangdong-Hong Kong-Macao Greater Bay Area (GBA), which was established in 2017, consists of Hong Kong, Macao and nine cities in the Guangdong province of China. Since then, the Chinese central government and the local governments have established new policies to favour the healthcare development in the GBA. This article aims to summarise the recent education and business opportunities related to healthcare development in the GBA, and the economic benefits of the GBA, especially in Traditional Chinese Medicines and medical devices industries. Lastly, the advantages of Macao as a pharmaceutical technology transformation platform to the Portuguese-Speaking Countries is also discussed.

KEYWORDS

Guangdong-Hong Kong-Macao Greater Bay Area, GBA, proprietary Chinese medicine, Traditional Chinese Medicine (TCM), medical education, pharmaceutical industry, medical device, healthcare.

RESUMO

A Grande Área da Baía de Guangdong-Hong Kong-Macau (GAB), criada em 2017, é composta por Hong Kong, Macau e nove cidades da província chinesa de Guangdong. Desde então, o governo central chinês e os governos locais estabeleceram novas políticas para favorecer o desenvolvimento da saúde na GAB. Este artigo tem como objetivo resumir as recentes oportunidades de educação e de negócios relacionadas com o desenvolvimento da saúde na GAB, bem como os benefícios económicos da GAB, especialmente nas indústrias de Medicina Tradicional Chinesa e dos dispositivos médicos. Por último, são discutidas as vantagens de Macau como plataforma de transformação da tecnologia farmacêutica para os Países de Língua Portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE

Grande Área da Baía de Guangdong-Hong Kong-Macau (GAB), medicina chinesa proprietária, Medicina Tradicional Chinesa (MTC), educação médica, indústria farmacêutica, aparelhos médicos, assistência médica.

An introduction to the GBA and the opportunities emerged in pharmaceutical and medical landscape

The Guangdong-Hong Kong-Macao Greater Bay Area (also referred as the GBA in this article) is a city-cluster consisting of two Special Administrative Regions (SARs, Hong Kong and Macao) plus nine neighbouring cities (Guangzhou, Shenzhen, Dongguan, Foshan, Zhongshan, Huizhou, Jiangmen, Zhuhai, Zhaoqing) in Guangdong Province, China. The GBA has a total area of 56,000 km² (almost half the size of Portugal, 92,212 km²). In 2020, a population of approximately 70 million people was recorded (5% of China's total population). This city cluster of the GBA has the highest GDP per capita among all cities in China, and the strongest economic performance growth in southern China (12% of national GDP).

High-quality medical services are important for the healthcare of local citizens, and for further development of the health and medical industries in the GBA. The Healthcare Access and Quality (HAQ) index published in the Lancet indicates a lower overall HAQ index of China compared with those of the other well-developed countries (Fullman et al., 2018). However, the HAQ index of Guangdong, China is comparable to those of metropolitan regions worldwide. The population of the GBA rose from 61.15 million in 2009 to 72.65 million in 2019, corresponding to 5% of China's total population (Statista, 2021), a growing demand for reliable and affordable medical services is anticipated in the region. There are currently over 25000 medical service providers in the GBA (Department of Health, 2021; Health Commission of Guangdong Province, 2020; Simões et al., 2017; Statistics and Census Service, 2020), and 28 universities that offer medicine, Chinese medicine and pharmacy programmes, providing young, high-calibre talents in the related sectors in the GBA.

There are series of policies and campaigns introduced under the GBA initiative, providing opportunities for the higher education and the related industry. Sharing of teaching and research resources within the region is promoted, accelerating the medical development. The policy also provides opportunities for the local medical and pharmaceutical products, more importantly, the GBA allows the industry not only flourish within the region, but also radiate to the global market through the special roles of Hong Kong and Macao.

Pharmaceutical and Medical Device Industries: Dual Engines of Economic Growth in the GBA

The pharmaceutical and medical device industries in the GBA are two of the fastest expanding sectors and are driving economic growth in the region. The numbers of companies (based in the GBA) related to biopharmaceutical and bio-medical industries listed on Hong Kong, Shenzhen and Shanghai stock markets are summarized in Table 1 (广东省药品监督管理局, 2020; 平安证券研究所, 2019). For instance, the total industrial output value of the pharmaceutical industry in Chinese medicine is 45.71 billion RMB. Among them, the sales of proprietary Chinese medicine are 33.43 billion RMB in the GBA, contributing more than 11% of the total sales in the country and ranking as the top-selling proprietary Chinese medicine in China. In fact, there are 170 proprietary Chinese medicine manufacturers or enterprises in the GBA, among which nine have an annual output value of over 1 billion RMB. For example, Guangzhou Pharmaceutical Holdings Limited (GPHL) is the largest manufacturer of proprietary Chinese medicine in China. The total number of medical device production enterprises in the GBA is around 60,000 (Table 2). In general, medical device production enterprises outnumber pharmaceutical enterprises, but usually exhibit greater variation in terms of company size and the scale of production.

Table 1 – Summary of the biopharmaceutical and biomedical companies in the GBA, listed on the China A-shares and Hong Kong stock exchanges

	China A shares	New OTC market	HK stocks
Medical devices	13	29	1
Chemical medicine	8	10	9
Biological products	5	17	1
Health service	4	11	3
Pharmaceutical Commerce	4	4	0
Traditional Chinese Medicine	4	2	2
Total	38	73	16

Table 2 – Number of medical device production enterprises in the GBA.

City/ SAR	Class I medical device production enterprise	Class II and III medical device production enterprise
Guangzhou	667	16166
Shenzhen	449	15547
Zhuhai	77	2420

City/ SAR	Class I medical device production enterprise	Class II and III medical device production enterprise
Foshan	232	4688
Jiangmen	32	2684
Zhaoqing	10	1208
Huizhou	28	3022
Zhongshan	57	4811
Dongguan	105	7513

Class I medical devices are devices which safety and effectiveness can be ensured through routine administration. Class II medical devices are devices which require control to ensure safety and effectiveness. Class III medical devices are devices that are designated for implantation into human body, or for life support or sustenance; these may pose a potential risk to the human body, so safety and effectiveness must be strictly controlled

Harmonization of Regulations for the Registration of Pharmaceutical Products and Medical Devices in the Greater Bay Area, China: Opportunity for Hong Kong and Macao as “Golden Gateways” to the Chinese Market

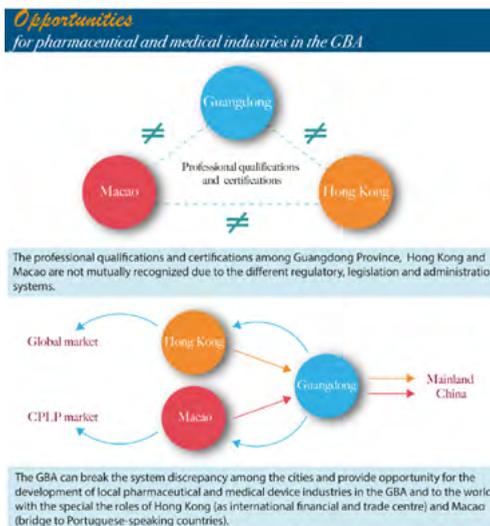


Figure 1 – Opportunities for pharmaceutical and medical industries in the GBA

The development of pharmaceutical and medical device industries in the GBA plays a crucial role in the economic development of the region. Before the hand-over of both SARs to China, Hong Kong followed the British legislative system, while Macao followed that of Portugal. One of the major challenges to establish

the GBA is to resolve the barriers caused by the different regulatory, legislation and administration systems among Guangdong Province, Hong Kong and Macao. Developing new policies and regulations to reduce the discrepancies among these cities is indispensable to promote business and trading throughout the GBA and, more importantly, to fully utilize Hong Kong and Macao as golden gateways to facilitate business and trading with other countries.

In 2019, after the establishment of the GBA, several agreements and cooperative frameworks have been jointly issued by Guangdong, Hong Kong and Macao to speed up the development of the GBA. In the same year, Guangdong, Hong Kong and Macao jointly issued the Greater Bay Area Health Co-operation Consensus. This consensus prioritised six aspects for future development, summarised in Table 3. The Food and Health Bureau of Hong Kong and National Medical Products Administration also signed the Co-operation Agreement on Regulation of Drugs. This agreement focuses on the establishment of new regulations for drugs, medical devices and Chinese medicines with the aim of attracting local and multinational pharmaceutical, biomedical and health technology companies to register new pharmaceutical products and medical devices in Hong Kong, and expand their business to the GBA thereby benefiting patients in need. A Memorandum of Guangdong-Hong Kong-Macao Greater Bay Area Chinese Medicine Cooperation was also signed, to promote coordinated nurturing of talented Chinese medicine practitioners in Guangdong, Hong Kong and Macao. Moreover, the Work Plan for Regulatory Innovation and Development of Pharmaceutical and Medical Devices in the Guangdong-Hong Kong-Macao Greater Bay Area was announced at the end 2020, which covers six areas of development including authorization for the sale and marketing of Hong Kong- and Macao-registered drugs, and medical devices, in the GBA. This Work Plan has six key tasks (listed in Table 4), the first of which is changing the authority for approval of the use of medical devices in Guangdong Province of the GBA from the State Council to the People's Government of Guangdong Province. More recently, in April 2021, the Guangdong Provincial Medical Products Administration announced "The Measure", i.e., authorizing designated healthcare institutions in Guangdong Province of the GBA to use Hong Kong-registered drugs and medical devices to meet urgent clinical needs, subject to the approval of Guangdong Province. In summary, since the establishment of the GBA, the government of Guangdong and both SARs have been making efforts to resolve the regulatory discrepancy that hinder free trade of medical and pharmaceutical products in GBA (Table 5). Furthermore, in March 2021, the Chinese

government announced the country's 14th Five-Year Plan for economic and social development (14th Five-Year Plan) (Government Information Bureau [GCS], 2021). Through this plan, Macao has an opportunity to strengthen cooperation with other cities in the GBA, especially with its neighbouring city – Hengqin in Zhuhai. Both cities will work closely in different areas, such as the development of cutting-edge industry, especially for the manufacture of traditional Chinese medicine (TCMs). Moreover, both cities will establish a diversified economic and financial environment to achieve green objectives and shared development in the GBA, the Macao government also advocates the development of Green Finance to contribute to diversified financial development in the GBA (GCS, 2020). All of these policies aim to contribute to the development of a modern economic system and comprehensive opening up of the country.

In conclusion, all of the recent agreements and policies focusing on pharmaceutical and medical development in the GBA, by making good use of Hong Kong (as international financial and trade centre) and Macao (as a bridge to Portuguese-speaking countries). These policies also safeguard healthcare quality for the citizens, and encourage medical and economic development in the GBA via co-operative frameworks among the cities of the GBA.

Table 3 – The six aspects covered in the Greater Bay Area Health Co-operation Consensus jointly issued by Guangdong, Hong Kong and Macao (GCS, 2019; Hong Kong Trade Development Council [HKTDC], 2019)

	Chinese	English	Portuguese
	2019《粵港澳大灣區衛生健康合作共識》	Guangdong-Hong Kong-Macao Health Cooperation Consensus	“Protocolo de Saúde da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”
1	推動優質醫療資源緊密合作	Closer co-operation with regard to the use of premium medical resources	promoção da cooperação estreita em recursos médicos de qualidade
2	加強公共衛生應急領域合作	Strengthening co-operation to tackle public health emergencies	fortalecimento da cooperação em áreas de emergência de saúde pública
3	深化中醫藥領域創新合作	Greater co-operation in the development and exploitation of traditional Chinese medicine	aprofundamento da cooperação em inovação na área da medicina tradicional chinesa,

	Chinese	English	Portuguese
4	拓展科研和服務領域合作	Expanding co-operation in the areas of scientific research and related services	exploração da cooperação nas áreas de investigação e serviços
5	強化人才培養和診療合作	Strengthening personnel training in co-operation	e intensificação do treinamento de recursos humanos e da formação de diagnóstico e tratamento
6	以人民健康為中心	Encouraging increasingly patient-centric medical services	Centrado pela saúde da população

Table 4 – Six key tasks listed in the Work Plan for Regulatory Innovation and Development of Pharmaceutical and Medical Devices in the Guangdong-Hong Kong-Macao Greater Bay Area, announced at the end 2020 (Constitutional and Mainland Affairs Bureau, 2020)

1	Changing the approval authority from the State Council to the People's Government of Guangdong Province, for the use of drugs that are marketed in Hong Kong and Macao and urgently needed for clinical use in designated medical institutions operating in nine cities in the GBA;
2	Suspending the implementation of Article 11 of Paragraph 2 of the regulations on the supervision and administration of medical devices in nine cities in the GBA, and requesting that designated medical institutions operating in the region that shall use medical devices in urgent clinical need, and have been purchased and used by public hospitals in Hong Kong and Macao and have advanced clinical applications, to obtain approval from Guangdong Provincial Government;
3	Accelerating the review process by the National Medical Products Administration for construction of the GBA sub-centre for drug and medical device evaluation and inspection;
4	Encouraging the development of traditional Chinese medicine in the Traditional Chinese Medicine Science and Technology Industrial Park, and co-operation between Guangdong and Macao in Hengqin;
5	Reforming the system of drug marketing by license holders and medical device registrants in the GBA; and
6	Establishing a drug import port in Zhongshan. The five safeguard measures include establishing a coordination mechanism, improving supporting systems, implementing supervision responsibilities, strengthening subject accountability and improving remedy systems.

Table 5 – Timeline for the announcement of relevant policies promoting the development of the GBA (Health Bureau, 2019; Hong Kong SAR Government, 2019a, 2019b, 2021; HKTDC, 2020; Macao SAR Government, 2021)

Announcement period	Event	Government involved
2019-02	Guangdong-Hong Kong-Macao Health Cooperation Consensus	Guangdong, Hong Kong, Macao
2019-05	Co-operation Agreement on Regulation of Drugs and Co-operation Agreement on Construction, Research and Management of Chinese Medicines Herbarium	Guangdong, Hong Kong
2019-12	Memorandum of Cooperation on Advancement, Innovation and Development of Traditional Chinese Medicine in the Great Bay Area of Guangdong-Hong Kong-Macao)	Guangdong, Hong Kong, Macao
2020-04	Legal framework for registration and management of traditional Chinese medicines	Macao
2020-12	Work Plan for Regulatory Innovation and Development of Pharmaceutical and Medical Devices in the Guangdong-Hong Kong-Macao Greater Bay Area (the work plan)	Guangdong, Hong Kong, Macao
2021-04	Allowing designated healthcare institutions operating in the Guangdong-Hong Kong-Macao Greater Bay Area (GBA) to urgently use Hong Kong-registered drugs and medical devices used in Hong Kong public hospitals for clinical applications (the measure).	Guangdong, Hong Kong, Macao
2021-05	Master Plan of the Development of the Guangdong-Macao Intensive Cooperation Zone in Hengqin	Guangdong, Macao

Two Decades of Revolutionary Changes in Traditional Chinese Medicine Education, Research and Industry in Macao (2002-2021): An Opportunity for Cooperation between the GBA and Portuguese-Speaking Countries

In February 2002, the University of Macau (UM) established the Institute of Chinese Medical Sciences (ICMS). At that time, the ICMS offered two MSc programmes in Chinese Medicinal Science and Medicinal Administration, and an additional 2-year PhD programme in Biomedical Sciences. Within 9 years, the ICMS has established postgraduate study programmes, high-quality academic research and extensive international collaborations. In December 2010, with approval and support from the Ministry of Science and Technology, the UM-ICMS also established the State Key Laboratory of Quality Research in Chinese Medicine (SKL-QRCM) – the first ever SKL in the broad field of Chinese medicine. In September 2021, the UM established a new undergraduate programme in Pharmaceutical Sciences and Technology, further nurturing talents in the field of pharmaceutical science and

pharmaceutical management. The SKL-QRCM has subsequently been developing rapidly, a rapidly growing presence both at home and abroad. The SKL has devoted itself to promoting research on Chinese medicine and nurturing talent in the multidisciplinary fields of biomedical and pharmaceutical sciences.

On 6th March 2011, a Framework Agreement on Cooperation between Guangdong and Macao was signed by the governments of both regions. A Traditional Chinese Medicine Science and Technology Industrial Park of collaboration between Guangdong and Macao (hereinafter referred to as “GMTCM Park”) was officially inaugurated in Hengqin, Zhuhai City, in April 2011. It is developed, operated and managed as a joint venture between Macao and Hengqin under this agreement. GMTCM Park covers an area of 500,000 square meters with a total development area of nearly 1.4 million square meters. GMTCM Park has developed specialized public service platforms that adhere to the standards of mainland China and the European Union, including Good Manufacturing Practice (GMP) pilot-scale production, research, development and testing, as well as incubation areas to nurture different types of businesses. As of early September 2020, 200 companies have registered at GMTCM Park, covering areas such as TCM, healthcare products, medical apparatus, medical services and biomedicine. Other than the development of cutting-edge high technology industries, especially for the manufacture of TCM, the collaboration between Macao and Hengqin has also been planning to establish a new stock exchange centre, in addition to the three existing stock exchange centres in Hong Kong, Shenzhen and Shanghai in China. The Macao government advocates the centre to focus on the development of Green Finance to promote diversified financial development in the GBA (Government Information Bureau, 2020). Some investment experts expect the emerging TCM industry will be benefited from an investment fund after setting up the Macao stock exchange centre. In 2020, the Macao government announced the draft of the legislation for the registration and management of TCM in Macao. It is granted regulatory approval in July 2021 and will be effective from January 2022 (“Registration of Proprietary Chinese Medicines”, 2021). Completion of the legislation for registration and management of TCM will open an opportunity for the development of TCM products in Macao, possibly expanding into the GBA market in future. In October 2021, the Executive Council (2021a, 2021b) completed the discussion on establishing the Drug Administration Bureau and restructure of the Health Bureau, setting up the Department of Traditional Chinese Medical Service Development, which is effective on 1 January 2022.

Why Traditional Chinese Medicine (TCM)? Examples of New Natural Medicinal Products Addressing Unmet Medical Needs

Cardiovascular disease, cancer, obesity and neurodegenerative disorders are closely interrelated and increasingly severe public health issues due to demographic changes and overall improved medical care, resulting in a larger aged population. Global disease projections indicate that the healthcare burden of these diseases will continue to rise. TCM has been used to prevent and treat multi-faceted diseases in China and other Asian countries. Medicinal plants and natural materials are potential rich sources of novel pharmaceutical products. TCM has been used clinically for a long time in China, and also plays an important role in the current medical system of the country. Some pharmaceutical companies have increased their investment in the development of natural medicinal products targeting international markets. Two examples of pharmaceutical products are briefly introduced below.

China Approved Seaweed-based Oligomannate, the World's First New Alzheimer's Drug in 20 Years

Neurodegenerative diseases are the most prevalent senile diseases in aging populations (especially those aged over 70 years), including Parkinson's disease (PD) and Alzheimer's disease (AD). Cognitive decline, slow and involuntary movements, progressive dementia, and changes of personality are the most common symptoms of these two diseases; however, the psychological disorders associated with PD and AD should not be overlooked. Anxiety and depression are secondary changes seen not only in neurodegenerative diseases, but also in other brain disorders. This overlap indicates that brain disorders are complex. Since AD and PD are multifactorial disorders without effective cures, nearly all of the drugs on the market focus to alleviate the symptoms. Natural products contain multiple chemical constituents, which are more effective than single chemicals in addressing the pathogenesis of multifactorial disorders through their effects on multiple targets. This explains why drugs developed from natural products with preventive activities against brain disorders are particularly desirable. For example, epidemiological data suggests that elderly people who regularly consume seaweed are less susceptible to AD; therefore, sodium oligomannate (GV-971®), a marine algae-derived oral oligosaccharide, has been developed and was conditionally approved in China for the treatment of mild-to-moderate AD (to improve cogni-

tive function) in November 2019 (Syed, 2020). Unlike most small molecule drugs on the market, which act on specific neuronal cells, GV-971® is a mixture of oligosaccharides regarded as a macromolecule, and therapeutically remodels gut microbiota and suppresses gut bacterial amino acids-shaped neuroinflammation to inhibit AD progression (Figure 2) (X. Wang et al., 2019).

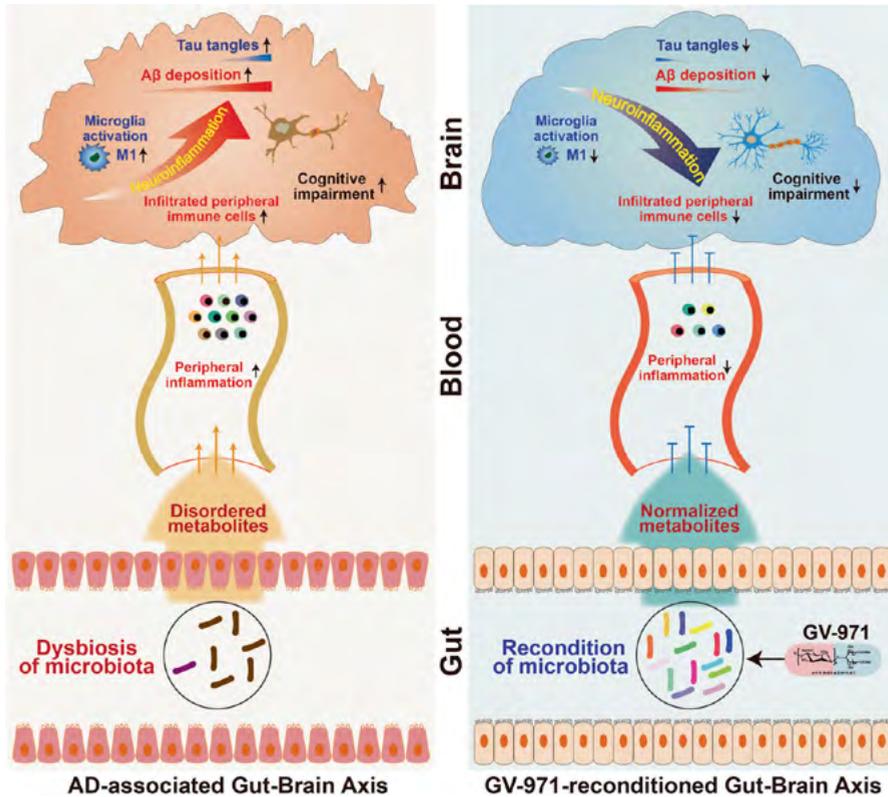


Figure 2 – Schematic diagram of the gut-brain axis involved in AD progression and the intervention strategy. Figure adapted from Figure 6 in “Sodium oligomannate therapeutically remodels gut microbiota and suppresses gut bacterial amino acids-shaped neuroinflammation to inhibit Alzheimer’s disease progression” by Wang, X., Sun, G., Feng, T. *et al.*, used under CC BY 4.0

A phase II randomized trial of sodium oligomannate in Alzheimer’s dementia took place between 24 October 2011 and 10 July 2013 (T. Wang et al., 2020). The 24-week multicenter, randomized, double-blind, placebo parallel controlled clinical trial was conducted in China. In total, 242 AD patients were randomly divided into three groups receiving GV-971 900 mg, 600 mg, or a placebo capsule during the treatment period. From the results, after treatment with 900 mg GV-971, the ADAS-cog12 and CIBIC-Plus scores were higher than in the other

two groups. Therefore, this phase II trial provided evidence that GV-971 was safe and well tolerated. GV-971 900 mg was chosen for a now-complete phase III clinical, double-blind, placebo-controlled trial involving Chinese patients with mild-to-moderate AD patients (Xiao et al., 2021). A total of 818 participants from 34 regions in China were randomized to placebo or GV-971 (900 mg) for 36 weeks. A significant drug-placebo difference on the ADAS-Cog12 favoring GV-971 was present at each measurement time point, from the week 4 visit onward. Moreover, GV-971 demonstrated significant efficacy for improving cognition, with sustained improvement seen across all observation points in the 36-week trial. Therefore, this phase III trial provided evidence that GV-971 is safe and well-tolerated. Subsequently, Green Valley, the sponsor of GV-971, planned to conduct a phase III trial (Green Memory) in the USA, Europe and Asia in early 2020, to facilitate global regulatory approval of sodium oligomannate (Reuters, 2019).

FuZheng HuaYu Formula (FZHY) is Being Developed as the First Anti-liver Fibrotic Drug in the US

Nonalcoholic fatty liver disease (NAFLD) can be divided into two major subtypes: simple steatosis and nonalcoholic steatohepatitis (NASH). NAFLD is the most common chronic liver disease in most countries and regions, including the United States, Asia, the Middle East, and Europe (Loomba & Sanyal, 2013). The worldwide prevalence of NAFLD has been estimated at 25.24% and shows an increasing trend in accordance with the high prevalence of obesity, diabetes, hyperlipidemia and metabolic syndrome (Fazel et al., 2016; López-Velázquez et al., 2014; Younossi et al., 2016). Most patients do not progress to cirrhosis, which is mainly characterized by steatosis (especially macrovascular steatosis), while almost 20% of patients will develop NASH, a progressive liver disease (Angulo, 2002). Patients with NASH usually develop liver steatosis, more severe lobular and portal inflammation, and ballooning, and have a higher chance of progressing to fibrosis, cirrhosis and hepatocellular carcinoma (Brunt, 2001). Clinically, NAFLD is often accompanied by elevated serum aminotransferases, accumulation of fat with more than 5% hepatocytes, with no history of alcohol abuse (Loomba & Sanyal, 2013; Méndez-Sánchez et al., 2007). There is no drug approved for effective management of NAFLD, and TCM has been used for managing different liver diseases in China for many years. The pathogenesis of NAFLD includes spleen vacuity, liver stagnation, and phlegm-damp obstruction according to the theory of TCM.

FuZheng HuaYu formula (FZHY), which is composed of six herbs, is a proprietary Chinese medicine preparation (No: Z20050546) approved by China State Food and Drug Administration (SFDA) for treatment of liver fibrosis (J. Chen et al., 2019). It has been reported that FZHY has efficacy for liver fibrosis, post-hepatic cirrhosis, and the prevention of hepatic encephalopathy and esophageal and gastric variceal bleeding (Dong et al., 2018; Wu et al., 2020). Moreover, an anti-fibrotic effect of FZHY was confirmed in patients with chronic hepatitis C, in a United States Food and Drug Administration (US FDA)-approved phase II clinical trial completed in 2013 (Y. Chen et al., 2020). The underlying mechanisms of FZHY's effects are primarily related to the suppression of pathways involved in autocrine activation on both hepatic stellate cells (HSCs) and fibrotic liver tissue, and the regulation of the expression of related cytokines, such as vascular endothelial growth factor (VEGF) (Liu et al., 2002), transforming growth factor- β 1 (TGF- β 1) (Q. L. Wang et al., 2012), α -smooth muscle actin (α -SMA) (Yang, 2013), p38 mitogen-activated protein kinase (MAPK), stress-activated protein kinase, and Jun N-terminal kinase (SAPK/JNK) (Q. Wang et al., 2013). While the US FDA has not yet approved any anti-liver fibrotic drugs, further phase III clinical trials of FZHY formula with satisfactory results will warrant its marketing as a botanical drug in the US.

A Showcase for Successful Technology Transfer and Cooperation between a University in Macao and a Portugal Biopharmaceutical Company

In 2014, in the presence of Portuguese President Aníbal António Cavaco Silva, UM signed a statement of work with a Portugal biopharmaceutical company, TechnoPhage, to strengthen the collaboration between Macao and Portugal in the development of innovative pharmaceutical products and commercialization of Chinese medicines (Figure 3). The agreement between UM and TechnoPhage signaled the official start of the collaboration, including technology transfer of the PD-001 project. A research team led by Prof Simon Ming-Yuen Lee, from UM, discovered bioactive PD-001 molecules, as antidotes for PD and AD, in Macao; the research was initially funded by the Science and Technology Development Fund of Macao, and recently filed a number of patents in Europe, the United States, China and Japan. As a biotechnology company based in Portugal, TechnoPhage will register and manufacture PD-001 into novel food ingredients for use in Europe (as the primary target), and eventually will expand the marketing of PD-001 as a

dietary supplement in the global markets. This project will be the first to develop pure compounds from TCM as a novel food ingredient in Europe. The collaboration reflects Macao's role as a service platform for health and pharmaceutical products produced jointly by China and Portuguese-speaking countries.

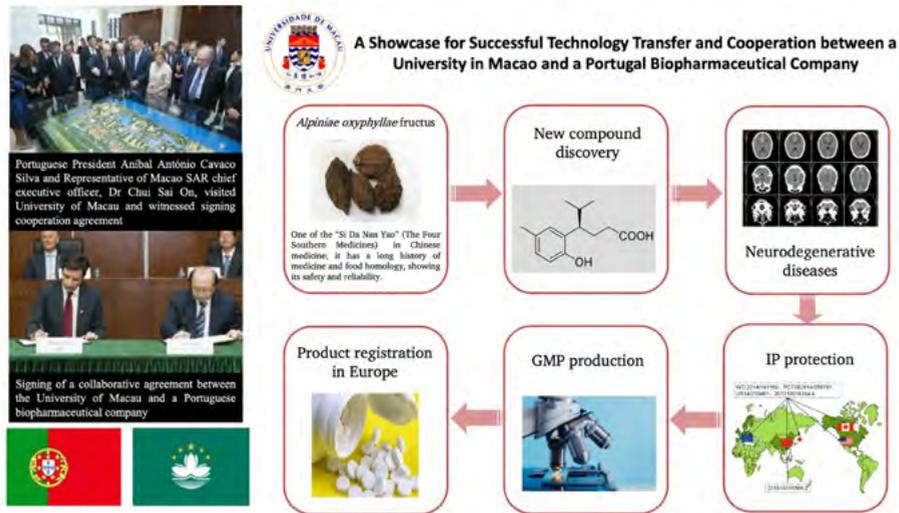


Figure 3 – Technology transfer and cooperation between a University in Macao and a Portugal biopharmaceutical company

Recent Activities/Schemes Promoting Macao to Develop into the Bridge Linking the GBA and the Portuguese-speaking World

To coordinate the “innovation-driven development strategy” mentioned in the “Outline Development Plan for the Guangdong-Hong Kong-Macao Greater Bay Area” and take the advantage of Macao’s special role as a service platform for health and pharmaceutical products between China and Portuguese-speaking countries, there are various platforms and schemes strengthen the pharmaceutical connection in recent years.

The government provides resources for scientists and young entrepreneurs with different campaigns. The Science and Technology Development Fund (FDCT), instituted by the Macao government, has the mission to improve research capabilities, innovation as well as competitiveness in Macao. The FDCT offers “FDCT-EC Project” to support Macao research teams participating in the Horizon Europe

program, which is the EU's key funding programme for research and innovation (Science and Technology Development Fund [FDCT], n.d.).

The government established a company "Parafuturo de Macau Investment and Development Limited" with the mission to implement government guidance to proactively embrace new opportunities in the GBA, for instance, managing the "Guangdong-Macao in-depth cooperation zone" under the GBA development strategy. Economic and Technological Development Bureau organized different competitions and were implemented by the company. The "Youth Innovation and Entrepreneur Exchange Programme for China and Portuguese-speaking Countries" was first held in 2017, with the aim to reinforce Macao's role as a commercial and trade cooperative service platform connecting China and Portuguese-speaking countries. The programme provides Macao young entrepreneurs opportunities to learn the local market environment and discover chances for cooperation and development (Macao Young Entrepreneur Incubation Centre [MYEIC], n.d.-a). In 2021, "Innovation and Entrepreneurship Competition (Macao) for Technology Enterprises from Brazil and Portugal" was launched, inviting innovative projects from Brazil and Portugal to soft-launch the business in the Great Bay Area (MYEIC, n.d.-b).

There are also non-profit organizations with members composed of scientists, scholars and experts from the industry to promote and drive the exchange and cooperation between China and Portuguese speaking countries. For examples, Macau Pharmacology Association (MPA)¹, Consortium of 'Belt and Road' and Portuguese-Speaking Countries for Natural Medicine Innovation (Macao) (BPNMI)²; China-Portuguese-Speaking Countries Association of Natural Products and Bioeconomy (Macao)³; and Macao Association for Scientific Cooperation between China and Portuguese Speaking Countries⁴. The MPA organised the First Sino-Community of Portuguese Language Countries (CPLP) Symposium on Natural Products and Biodiversity Resources at University of Macau in 2018 (Macao Trade and Investment Promotion Institute [IPIM], 2021), the conference abstracts were collected and published in *Chinese Medicine* (2018). In 2021, the MPA and BPNMI co-organised the Third Sino-CPLP Symposium on Natural Products and Biodiver-

¹ Contact information: <https://linkedin.com/company/bpnmi-consortium>

² Contact information: <https://linkedin.com/company/macau-pharmacology-association>

³ Contact information: <https://linkedin.com/company/china-portuguese-speaking-countries-association-of-natural-products-and-bioeconomy-macao>

⁴ Website: www.ascmac.org

sity Resources, this international symposium created a platform for scholars from different countries to exchange on the topic of pharmacology, pharmacochimistry, natural drugs, and functional foods (IPIM, 2021); the articles initiatively linked to this conference was collected and published in *Frontiers in Pharmacology* (Zhang, Dias & Lopes, 2021).

Conclusion

The establishment of the GBA provides the region with multi-discipline opportunities. The GBA allows sharing of educational and research resources and promoting academic exchange within the region, nurturing competitive, high-end talents to fulfill the job market in this fast-growing region. With the current high quality medical services in the GBA and the rapidly expanding pharmaceutical and medical device industries, there is high demand for medical devices and pharmaceutical products, particularly in proprietary Chinese medicine. Thus, the development of the two industries in the GBA plays a crucial role in the economic development of the region.

The regulatory, legislation and administration systems of Hong Kong and Macao are different from that of Guangdong Province due to historical background of the two SARs. The GBA can resolve the current situation and encourage trade and collaboration within the region, creating synergistic effects. Macao's successful story of transforming a pure compound from TCM into a product that faces the global market, is a perfect demonstration of the potential TCM development and popularization worldwide. This proves the capability of the region to drive pharmaceutical and economic development with innovation. The GBA is a catalyst for development and economic growth, improving people's life quality in the region.

References

- Abstracts from The International Conference on Medicinal Plants and Bioeconomy & the 1st Sino-CPLP Symposium on Natural Products and Biodiversity Resources. (2018). *Chinese Medicine*, 13(55). doi: 10.1186/s13020-018-0213-x
- Angulo, P. (2002). Nonalcoholic fatty liver disease. *The New England Journal of Medicine*, 346(16), 1221–1231. doi: <https://doi.org/10.1056/NEJMra011775>
- Brunt, E. M. (2001). Nonalcoholic steatohepatitis: definition and pathology. *Seminars in Liver Disease*, 21(1), 3–16. doi: doi.org/10.1055/s-2001-12925

- Chen, J., Hu, Y., Chen, L., Liu, W., Mu, Y., & Liu, P. (2019). The effect and mechanisms of Fuzheng Huayu formula against chronic liver diseases. *Biomedicine & Pharmacotherapy*, 114, 108846. doi: 10.1016/j.biopha.2019.108846
- Chen, Y., Zhao, Z., Fan, H., Li, Z., He, Y., & Liu, C. (2020). Safety and therapeutic effects of anti-fibrotic Traditional Chinese Medicine Fuzheng Huayu on persistent advanced stage fibrosis following 2 years entecavir treatment: Study protocol for a single arm clinical objective performance criteria trial. *Contemporary Clinical Trials Communications*, 19, 100601. doi: 10.1016/j.conctc.2020.100601
- Constitutional and Mainland Affairs Bureau. (2020). *Notice of the State Administration for Market Regulation and Other Departments on Issuing the Work Plan for Regulatory Innovation and Development of Pharmaceutical and Medical Device in the Guangdong-Hong Kong-Macao Greater Bay Area (Guo Shi Jian Yao [2020] No.159)*. Retrieved October 27, 2021, from <https://www.bayarea.gov.hk/en/resource/mainland-policies-measures-20201125.html>
- Department of Health. (2021). *Health Facts of Hong Kong 2020 Edition*. Retrieved October 27, 2021, from https://www.dh.gov.hk/english/statistics/statistics_hs/files/2020.pdf
- Dong, S., Cai, F., Chen, Q., Song, Y., Sun, Y., Wei, B., & Su, S. (2018). Chinese herbal formula Fuzheng Huayu alleviates CCl₄-induced liver fibrosis in rats: a transcriptomic and proteomic analysis. *Acta Pharmacologica Sinica*, 39, 930–941. doi: 10.1038/aps.2017.150
- Executive Council. (2021a). O Conselho Executivo concluiu a discussão sobre o projecto do regulamento administrativo intitulado “Alteração ao Decreto-Lei n.º 81/99/M, de 15 de Novembro” [*The Executive Council concluded the discussion on the Administrative Regulation Draft entitled “Amendment to Decree-Law No. 81/99/M, of 15 November”*]. Retrieved October 27, 2021, from <https://www.gov.mo/pt/noticias/567878/>
- Executive Council. (2021b). O Conselho Executivo concluiu a discussão do Projecto do Regulamento Administrativo intitulado “Organização e Funcionamento do Instituto para a Supervisão e Administração Farmacêutica” [*The Executive Council concluded the discussion on the Administrative Regulation Draft entitled “Organization and Functioning of the Institute for Pharmaceutical Supervision and Administration”*]. Retrieved October 27, 2021, from <https://www.gov.mo/pt/noticias/567876/>
- Fazel, Y., Koenig, A. B., Sayiner, M., Goodman, Z. D., & Younossi, Z. M. (2016). Epidemiology and natural history of non-alcoholic fatty liver disease. *Metabolism: Clinical and Experimental*, 65(8), 1017–1025. doi:10.1016/j.metabol.2016.01.012
- Fullman, N., Yearwood, J., Abay, S. M., Abbafati, C., Abd-Allah, F., Abdela, J., & Lozano, R. (2018). Measuring performance on the Healthcare Access and Quality Index for 195 countries and territories and selected subnational locations: a systematic analysis from the Global Burden of Disease Study 2016. *The Lancet*, 391(10136), 2236–2271. doi:10.1016/s0140-6736(18)30994-2
- Government Information Bureau. (2019). *Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Dr. Alexis Tam Chong Weng liderou delegação participante na 2.ª edição da “Conferência*

de Cooperação em Saúde da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau” [Secretary for Social Affairs and Culture, Dr. Alexis Tam Chong Weng led delegation participating in the 2nd edition of the “Guangdong-Hong Kong-Macao Great Bay Health Cooperation Conference”]. Retrieved October 27, 2021, from <https://www.gcs.gov.mo/detail/pt/N19BYSIYiC?4>

- Government Information Bureau. (2020). *A Autoridade Monetária de Macau, a Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental e a Associação de Bancos de Macau assinaram uma proposta que visa promover o desenvolvimento das finanças verdes de Macau* [The Monetary Authority of Macau, the Environmental Protection Bureau and the Macau Association of Banks signed a proposal to promote the development of Macau's green finance]. Retrieved October 27, 2021, from <https://www.gov.mo/pt/noticias/236790/>
- Government Information Bureau. (2021). *CE: Macao fully implementing 'patriots governing Macao' and 'Two Sessions' aspirations*. Retrieved October 27, 2021, from <https://www.gov.mo/zh-hant/news/369121/>
- 广东省药品监督管理局 [Guangdong Medical Products Administration]. (2020). 广东省药品监管 统计年度报告 (2019 年)[Annual Statistical Report on Medical Products in Guangdong Province (2019)]. Retrieved October 27, 2021, from http://mpa.gd.gov.cn/gkmlpt/content/3/3015/post_3015517.html
- Health Bureau. (2019). *2ª Conferência de Avanço, Inovação e Desenvolvimento da Medicina Tradicional Chinesa da Grande Baía de Guangdong-Hong Kong-Macau realizada em Zhuhai* [2nd Conference on Advance, Innovation and Development of Traditional Chinese Medicine of the Great Bay of Guangdong-Hong Kong-Macao held in Zhuhai]. Retrieved October 27, 2021, from <https://www.gov.mo/pt/noticias/217393/>
- Health Commission of Guangdong Province. (2020). *2019 Guangdong Health Statistical Brief*. Retrieved October 27, 2021, from <http://www.gdhealth.net.cn/ebook/2019tongjijianben/mobile/index.html#p=143>
- Hong Kong SAR Government. (2019a). *FHB and National Medical Products Administration sign co-operation agreements (with photos)*. Retrieved October 27, 2021, from <https://www.info.gov.hk/gia/general/201905/07/P2019050700410.htm>
- Hong Kong SAR Government. (2019b). *SFH to attend Greater Bay Area hygiene and health co-operation conference in Shenzhen*. Retrieved October 27, 2021, from <https://www.info.gov.hk/gia/general/201902/24/P2019022200287.htm?fontSize=3>
- Hong Kong SAR Government. (2021). *FHB welcomes latest work progress of measure of using HK registered drugs and medical devices used in HK public hospitals in Guangdong-Hong Kong-Macao Greater Bay Area*. Retrieved October 27, 2021, from <https://www.info.gov.hk/gia/general/202104/17/P2021041700309.htm?fontSize=3>
- Hong Kong Trade Development Council. (2019). *Greater Bay Area Health Bodies Sign Six-Point Formal Co-operation Agreement*. Retrieved October 27, 2021, from <https://research.hktcdc.com/en/article/MzA3ODkzMDEz>

- Hong Kong Trade Development Council. (2020). *Designated Healthcare Institutions in GBA to be Allowed to Use Urgently-Needed Hong Kong and Macao Drugs*. Retrieved October 27, 2021, from <https://research.hktcdc.com/en/article/NjAXNdc2MzU3>
- 立法會通過中藥藥事成藥註冊法 [Legislative Council passes the Law on Registration of Proprietary Chinese Medicines]. (2021). *Jornal do Cidadão*. Retrieved October 27, 2021, <http://www.shimindaily.net/v1/news/macau/%E7%AB%8B%E6%B3%95%E6%9C%83%E9%80%9A%E9%81%8E%E4%B8%AD%E8%97%A5%E8%97%A5%E4%BA%8B%E4%B8%AD%E6%88%90%E8%97%A5%E8%A8%BB%E5%86%8A%E6%B3%95/>
- Liu, C., Jiang, C., Liu, C., Liu, P., & Hu, Y. (2002). Effect of Fuzhenghuayu decoction on vascular endothelial growth factor secretion in hepatic stellate cells. *Hepatobiliary & Pancreatic Diseases International*, 1(2), 207–210.
- Loomba, R., & Sanyal, A. J. (2013). The global NAFLD epidemic. *Nat Rev Gastroenterol Hepatol*, 10(11), 686–690. doi: 10.1038/nrgastro.2013.171
- López-Velázquez, J. A., Silva-Vidal, K. V., Ponciano-Rodríguez, G., Chávez-Tapia, N. C., Arrese, M., Uribe, M., & Méndez-Sánchez, N. (2014). The prevalence of nonalcoholic fatty liver disease in the Americas. *Annals of hepatology*, 13(2), 166–178. doi: 10.1016/S1665-2681(19)30879-8
- Macao SAR Government. (2021). [Infographic] *Master Plan of the Development of the Guangdong-Macao Intensive Cooperation Zone in Hengqin*. Retrieved October 27, 2021, from <https://www.gov.mo/en/news/234180/>
- Macao Trade and Investment Promotion Institute. (2021). *UM holds Sino-CPLP Symposium on Natural Products and Biodiversity Resources*. Retrieved October 27, 2021, from <https://m.ipim.gov.mo/en/portuguese-speaking-countries-news/2021-06-01-um-holds-sino-cplp-symposium-on-natural-products-and-biodiversity-resources/>
- Macao Young Entrepreneur Incubation Centre. (n.d.-b) *Innovation and Entrepreneurship Competition (Macao) for Technology Enterprises from Brazil and Portugal*. Retrieved 27 October 2021, from https://myeic.com.mo/en/news-en/iecte_bp/
- Macao Young Entrepreneur Incubation Centre. (n.d.-a). *Youth Innovation and Entrepreneurship Program of China and Portuguese-speaking Countries*. Retrieved 27 October 2021, from <https://myeic.com.mo/en/startup-support/government-support-measures/youth-innovation-and-entrepreneurship-program-of-china-and-portuguese-speaking-countries/>
- Méndez-Sánchez, N., Arrese, M., Zamora-Valdés, D., & Uribe, M. (2007). Current concepts in the pathogenesis of nonalcoholic fatty liver disease. *Liver International*, 27(4), 423–433. doi: 10.1111/j.1478-3231.2007.01483.x
- 平安证券研究所 [Ping An Securities]. (2019). 粤港澳大湾区专题报告: 大湾区规划出台, 生物医药领域迎来投资风口 [Guangdong-Hong Kong-Macao Greater Bay Area Special Report: Planning for the Greater Bay Area is released, creating investment opportunity in the field of biomedical sciences]. Retrieved October 27, 2021, from http://pdf.dfcfw.com/pdf/H3_AP201903011301320794_1.PDF

- Reuters. (2019). *China gives conditional OK to its first self-developed Alzheimer's drug*. Retrieved, October 27, 2021, from <https://www.reuters.com/article/us-china-drug-alzheimer-idUSKBN1XC0JC>
- Science and Technology Development Fund. (n.d.). *FDCT's Supporting Funding Scheme for Projects Admitted to EU's Horizon Europe*. Retrieved October 27, 2021, from https://www.fdct.gov.mo/en/union_funding_detail/article/jezcb4f5.html
- Simões, J. A., Augusto, G. F., Fronteira, I., & Hernández-Quevedo, C. (2017). Portugal: Health system review. *Health Systems in Transition*, 19(2), 1–184.
- Statista. (2021). *Total population of China's Greater Bay Area from 2010 to 2020 (in millions)*. Retrieved October 27, 2021, from <https://www.statista.com/statistics/1172165/china-population-in-the-greater-bay-area-cities/>
- Statistics and Census Service. (2020). *Health Statistics*. Retrieved October 27, 2021, from https://www.dsec.gov.mo/getAttachment/5d9e4a11-8e1e-42f4-aec1-1e622f2047d7/P_SAU_PUB_2019_Y.aspx
- Syed, Y. Y. (2020). Correction to: Sodium Oligomannate: First Approval. *Drugs*, 80(4), 445–446. doi: 10.1007/s40265-020-01274-3
- Wang, Q. L., Tao, Y., Shen, L., Cui, H., & Liu, C. (2012). Chinese herbal medicine Fuzheng Huayu recipe inhibits liver fibrosis by mediating the transforming growth factor- β 1/Smads signaling pathway. *Journal of Chinese Integrative Medicine*, 10(5), 561–568. doi: 10.3736/jcim20120512
- Wang, Q., Du, H., Li, M., Li, Y., Liu, S., Gao, P., & Cheng, J. (2013). MAPK Signal Transduction Pathway Regulation: A Novel Mechanism of Rat HSC-T6 Cell Apoptosis Induced by FUZHENGHUAYU Tablet. *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*. doi: 10.1155/2013/368103
- Wang, T., Kuang, W., Chen, W., Xu, W., Zhang, L., Li, Y., & Xiao, S. (2020). A phase II randomized trial of sodium oligomannate in Alzheimer's dementia. *Alzheimer's Research & Therapy*, 12(1), 110. doi: 10.1186/s13195-020-00678-3
- Wang, X., Sun, G., Feng, T., Zhang, J., Huang, X., Wang, T., & Geng, M. (2019). Sodium oligomannate therapeutically remodels gut microbiota and suppresses gut bacterial amino acids-shaped neuroinflammation to inhibit Alzheimer's disease progression. *Cell Research*, 29, 787–803. doi: 10.1038/s41422-019-0216-x
- Wu, M., Zhou, Y., Qin, S., Lin, L., Ping, J., Tao, Z., & Wu, M. (2020). Fuzheng Huayu Capsule Attenuates Hepatic Fibrosis by Inhibiting Activation of Hepatic Stellate Cells. *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*. doi: doi.org/10.1155/2020/3468791
- Xiao, S., Chan, P., Wang, T., Hong, Z., Wang, S., Kuang, W., & Zhang, Z. (2021). A 36-week multicenter, randomized, double-blind, placebo-controlled, parallel-group, phase 3 clinical trial of sodium oligomannate for mild-to-moderate Alzheimer's dementia. *Alzheimer's Research & Therapy*, 13(1), 62. doi: 10.1186/s13195-021-00795-7
- Yang, T., Shen, D., Wang, Q., Tao, Y., & Liu, C. (2013). Investigation of the absorbed and metabolized components of Danshen from Fuzheng Huayu recipe and study on the

anti-hepatic fibrosis effects of these components. *Journal of Ethnopharmacology*, 148(2), 691–700. doi: 10.1016/j.jep.2013.05.031

Younossi, Z. M., Koenig, A. B., Abdelatif, D., Fazel, Y., Henry, L., & Wymer, M. (2016). Global epidemiology of nonalcoholic fatty liver disease-Meta-analytic assessment of prevalence, incidence, and outcomes. *Hepatology*, 64(1), 73–84. doi: 10.1002/hep.28431

Zhang, X. Y., Dias, A., Lopes, N. (2021). Research Topic: Edible and Medicinal Plants: From Ethnopharmacological Practices to Interdisciplinary Approaches and Regulations. *Frontiers in Pharmacology*. doi: 10.13140/RG.2.2.13896.24328

Traditional Chinese Medicine and its role in Preventive Medicine

Medicina Tradicional Chinesa (MTC) e o seu papel na Medicina Preventiva

Ana Varela

Escola de Medicina Tradicional Chinesa de Lisboa
anaesmtc@gmail.com
ORCID: 0000-0002-0652-6404

ABSTRACT

Now that we are rethinking human resources for health on the cusp of the post-modern era (Fronteira, Dussault & Buchan, 2020) or in the era of Precision Medicine (Wang & Zhang, 2017) more and more attention is being paid to the role of Chinese Traditional Medicine (TCM) theory in health maintenance, preservation and prevention.

The purpose of the present article is to present the importance of TCM Preventive Medicine both in the scope of clinical practice as well as outside this context, guided by the theory of Chinese Medicine Constitutional Types. In order to illustrate the usual practice of the TCM practitioner, an example of differential diagnosis, therapeutic principles and treatment plan of a clinical case after infection with COVID-19 is presented, accompanied by an example of a health plan for the same person, according to the evaluation of its Constitutional Type.

KEYWORDS

Traditional Chinese Medicine, Preventive Medicine, TCM clinical case.

RESUMO

Em tempo de repensar os recursos humanos para a saúde no limiar da era pós-moderna (Fronteira, Dussault & Buchan, 2021) ou da era da Medicina de Precisão (Wang & Zhang, 2017) é dada cada vez mais atenção ao papel da teoria da Medicina Tradicional Chinesa na manutenção e preservação da saúde e na prevenção da doença.

O propósito do presente artigo é apresentar a importância da Medicina Preventiva da MTC no âmbito da prática clínica e fora do contexto clínico, sob a orientação da teoria dos Tipos Constitucionais da Medicina Chinesa. A fim de ilustrar a prática habitual do profissional de MTC é apresentado um exemplo de diagnóstico diferencial, princípios terapêuticos e tratamento de um caso clínico depois de infeção pelo COVID-19, acompanhado de um exemplo de plano de cultivo da saúde para a mesma pessoa, de acordo com a avaliação do seu Tipo Constitucional.

PALAVRAS-CHAVE

Medicina Tradicional Chinesa, Medicina Preventiva, Caso clínico da MTC.

Sun Si-Miao, a famous Chinese doctor from Tang dynasty, classified diseases into three stages: disease prevention, upcoming diseases, and real diseases and once said: “[...] High-level doctors prevent diseases”.

Cited by Zhan-wen, Mondot & Xin, 2012, p. 6

Traditional Chinese Medicine (TCM) and Preventive Medicine today

In China civilization experts of health cultivation from all dynasties and historical periods have explained the theory and practice of Preventive Medicine from different perspectives, practices and understandings across thousands of academic schools.

However, all follow the TCM principles of dynamic balance of Yin Yang, the harmony and moderation between man and nature and contributed to the enrichment of the practice and theory of preventive medicine today. This health work force based in TCM theory made it possible for each person to adapt these principles and methods in order to build a health cultivation plan to the different stages of his life.

The present article intends to:

- Introduce the concept of Preventive Medicine in TCM and its relationship to human cultivation;
- Raise awareness of the main possibilities of TCM in Preventive Medicine and people-centered care;
- Stimulate a conscientious engagement of all people in health cultivation;
- Provide an example of TCM treatment in this pandemic era of COVID-19 infection;
- Present TCM disease prevention opportunities for the general public and for individual patient in particular.

Traditional Chinese Preventive Medicine

Traditional Chinese Preventive Medicine is linked to human health cultivation, personal health cultivation and clinical practice of TCM through axiomatic principles and TCM theory.

The basic scientific theory of the concept of life health cultivation took shape at the time of the Yellow Emperor's Inner Classic – *Nèi Jīng* and never stopped its development through various ideas, methods, experiments and research along all dynasties until today. As pointed out by Needham and Lu (1959) during this time, in China, every family should have sanitary emergency kit with materials and herbs to cope with the first symptoms of disease and should also know and choose the nature of the food to be combined in the diet, depending on the time of the day and the season of the year to prevent disease. It is also interesting to note the importance given to the psychosomatic cause of diseases by all TCM doctors and to the cultivation of mind and control of emotions.

According to TCM health cultivation experts, Chinese Preventive Medicine and Health Cultivation have drawn their wisdom from the experience of trillions of practice sessions over the past thousand years. It involves ideas going from practice to theory and goes back to practice to test and enrich and develop the methods. Thus, the concept of Health Cultivation refers to the conscious acts and methods of cultivating body and mind health, adaptation to the environment, improvement of the constitution, and prolonging the quality of life (Zhan-wen et al., 2012, p.2,3; Deadman, 2016).

Preventive Medicine has no meaning for TCM if it is not consciously put into practice as a kind of health-attainment routine by many means and methods. It reflects the whole process of discovering the laws of the evolution of life. It is also a health care activity that combines physical and psychological health.

Lu Pu-Wei, around 240 AC, in the State of Qin has a statement (Needham & Lu, 1959):

For the nourishment of health, nothing exceeds in importance the recognition of the fundamental nature of the human being. If this is once understood, then there is no room left for diseases to enter in.

Preventive Medicine in TCM is a Practical Science that emphasizes the union between man and nature

Preventive Medicine in TCM is a practical science that guides people to cultivate their own health, exploring the theory of human health and the Traditional Chinese Medicine way of cultivating and applying methods to strengthen physical and psychological health, prevent disease, and prolong life. Chinese Preventive Medicine follows the principles of health cultivation that help people integrate a

healthy lifestyle into their daily lives and work. It is also an education in the humanities, natural sciences, and sociology, which helps every human being to be in harmony with nature and to embrace his entire human existence.

According to Faro and Fernandes (2016, p.399) analysing in detail the content and themes of education for health, they mainly consist of transitions from dualism to monism, from a split view of life to an holistic view: first of all, the finding that there is not healing to the body without the active participation and self-transformation of the mind; the understanding that imbalances result from ignorance of the various somatic natural laws, psychological and environmental factors; the conviction that, by its inherent dignity and greatness, the most natural condition of the human being is the healthy balance, and that its natural processes spontaneously seek the best possible situation, if they find favourable conditions; the reliance on natural healing agents, which reveal that the human being is not separate but integrated into nature, along with the various natural factors, where he can find many elements that are like lost parts of himself, which may complete him and bring him closer to what he really is.

Thus, Chinese Preventive Medicine is not just an improvement in life style and quality of life or a simple physiological concept. It is a human and sociological practical posture in life, which combines the theory and practice of the natural science and social sciences with the integration of multiple disciplines that are the expression of human development in different fields such as nutrition, psychology, philosophy, literature, history, astronomy, meteorology, geography, art, music, sport, religion (Zhan-Wen et al., 2012)

It also creates a positive work culture within a multidisciplinary team of health professionals, where holistic and community-based forms of care are developed, acting in sub-health problems or chronic diseases.

TCM and its Role in Preventive Medicine

TCM is one of the most prestigious medical heritages in the world, with more than 2 millennia of clinical practice used in many countries as a form of health management, and health care system (Wang, Russell, Yan & GHERG, 2014).

TCM regards each individual as distinct from the others and focuses its differential diagnosis of the syndrome and its treatment strategy on the uniqueness of an individual's condition (Li, Yao, Li & Wang, 2019) But it also has a tradition of

observing society and developing accurate responses and strategies to increase the condition of global human health condition.

By observing a certain stage of a disease, the syndrome is dynamic and diagnosed based on the patient's overall response to the pathogenic, climatic, geographical, emotional and dietary factors (Li et al.2019).

Differential diagnosis of the syndrome is typically used to determine a therapeutic plan based on the TCM field of intervention and patient context (Example 1 – after COVID-19 infection).

People can have a TCM consultation to build or improve their health cultivation plan based on their diagnosis, constitutional type, health habits and living conditions. But all members of the population can benefit from a constitutional questionnaire assessment that in China has already been applied and has proven successful for public health management at a national level (Wang, Li & Wang, 2019). In Portugal this tool has begun to be applied in different contexts of soft practices where all citizens can receive practical and understandable information on how to develop and nourish their lives significantly to maintain their health in different contexts of life and work (Example 2 – Constitutional Type).

TCM Preventive Medicine for All

TCM Preventive Medicine means TCM is going out of clinics and hospitals and goes into streets, parks, offices, factories and family homes. It also means that TCM stops being an exclusive possession of doctors and other specialists and may become a common property of all human beings.

Doctors and other specialists are now faced with the challenge of explaining to common people how to take possession of TCM health improving soft methods, and learn how to use them to benefit the quality of their lives.

This is particularly important in states of sub-health characterized by some soft disturbances in psychological behaviors or physical characteristics that a TCM diagnosis can recognize as specific imbalances that can be corrected before illness occurs. Some indices of sub-health problems can also be accessed and prevented using the TCM constitutional questionnaire in general population, outside the clinical context for diagnosis and counseling.

The implementation of this type of questionnaire can avoid high levels of under-diagnosis of chronic diseases, such as type 2 diabetes mellitus (T2DM), can individualize primary prevention strategies involving healthy people, in secondary

prevention, screening people at the sub-clinical stages of the disease and in tertiary prevention by joining the health promotion system with the treatment of the disease. (Wang, Yuxiang, Guo, Hou, Garcia, Tan, Anto, Mahara, Zheng, Li, Kang, Zhong, Wang, Guo & Golubnitschaja, 2021). But, more importantly, it gives people an awareness of their health needs and how they can build their own culture plan in different phases of their lives.

In the following lines an example is presented of a TCM combined clinical and preventive intervention

Example 1 - TCM treatment after COVID-19 infection

Following COVID-19 infection, many patients come to TCM consultations with a general sense of health disturbance, some more related with fatigue and anosmia, others heaviness and pain in the head, sometimes associated with shortness of breath and dryness feeling and other disturbances with psychosomatic discomfort. However, in more severe cases some of these symptoms were associated with leg pain, paresis caused by blood stagnation, remaining COVID-19 infection and possibly a long period of bedtime (some in induced coma) for better breathing, in hospitals.

This case is not a presentation of clinical study case, but only an example of the possibility of TCM intervention after COVID-19, in clinical practice settings versus the TCM constitutional evaluation of the same case before the viral infection.

Case description

Male patient, 67-years old, retired from dockside work with a very active life as tinsmith, usually working in a standing position with movements that require strength and precision. The patient reports that he contracted COVID-19 infection in the fall of 2020 and entered a hospital for the first time in his life in a very poor condition. He was saved but lost 7kg and come to TCM consultation because of a remaining pain in one leg and knee, some fatigue and dyspnea.

COVID-19 Patient Phase Report

The patient was working in different climatic conditions when he began to feel very cold and, in the following days, alternative chills (cold) and fever, nausea, reduced appetite, hypochondriac pain, a dry throat and bitter taste in the

mouth. A few days after, he refers he had dyspnea, chest pain, increased fatigue and cough with phlegm. But it was only when he had a diminished sense of smell and taste that he decided to go to the hospital.

According to the *Six-Stage syndrome differentiation* the symptoms and signs reported by this patient showed that there was an initial Shao Yang disease. When a disease remains between the initial Yang and Initial Yin the case will involve conflict between Yin and Yang, the intermingling of Cold and Heat, and the confrontation between the pathogenic factor and the body resistance or Zheng Qi. If after three days the patient has a good intake of food and no nausea it indicates that the three Yin channels are not affected, which is not the case. With this patient there was an increasing reduction in appetite indicating the involvement of Tai Yin meridians with damp blocking the Lungs, Middle Burner and Gallbladder meridian. As it was the first time this patient went to the hospital, stress and anxiety worsened the liver Qi stagnation in Shao Yang region.

In the first consultation after the hospital stay, the patient presents the symptoms and signs that are synthesized in Table 1.

**Table 1 – Main complaints, symptoms and signs.
Patient example after COVID-19 infection.**

Main Complaints	Symptoms	Signs
Leg pain	Pain and heavy sensation in the legs specially in bladder and gallbladder meridians and difficulty in moving the left leg	Tongue - red, swollen tongue with yellow thick greasy coating, red edges and tip, dark sub-lingual veins
Dyspnea	Shortness of breath, cough with dry phlegm	Pulse – Forceful and slippery, weak in the proximal positions, 80 bpm
Fatigue	Active but unable to carry out the usual daily tasks	
	Stifling chest and chest pain worst with irritability	
	Lower back pain	
	Muscle weakness, loss of 7kg in the period of intensive care in hospital	
	Dry mouth and throat	
	Heat sensation	
	Stomach pain and gastritis	
Dizziness		
Vision changes		

Main Complaints	Symptoms	Signs
Fatigue	Urinary changes at night, not during the day	
	Insomnia- difficulty to sleep and dream disturbed sleep. During night gets up 2 times to drink water and to urinate	
	Poor concentration	
	Poor digestion, nausea and reduced appetite	
	Irritability	
Constitutional Type	Symptoms of Yin deficiency type before viral infection	

After COVID-19 the pathogenic factor can remain in Shao Yang region, as pointed out by Yang (2019): this suggests that the body's resistance is not able to eliminate it. The forceful and slippery pulse, especially in lung, liver and spleen positions, indicate that dampness is still restraining and obstructing the Qi movement in the chest and middle burner. The patient shows a remaining dampness that obstructs the ascending of Spleen Qi and the descending of Stomach Qi, which justifies shortness of breath, poor appetite and weak concentration. The patient also shows a remaining heat-fire linked with damp resulting from the infection, long-lasting Liver Qi stagnation, the aggression of Liver fire to Stomach and his constitutional Yin deficiency type with empty fire flaring up. However, the dampness restrains the moving abilities of the heat and fire.

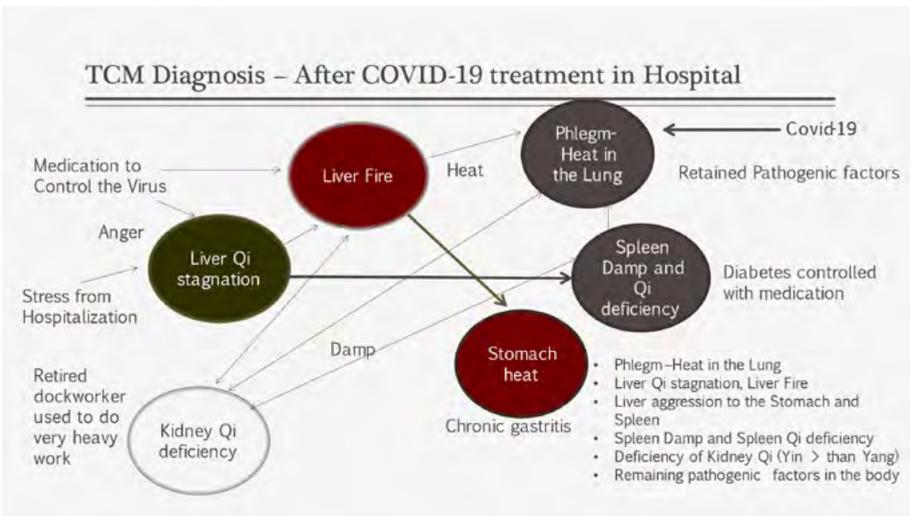


Figure 1 – TCM differential diagnosis after Covid-19 hospitalization – First Consultation

The patient feels hot inside the body but this heat is not shown by the touch or the temperature taken outside, only can be observed in the red tip and edges of the body of the tongue and its yellow damp coat. The Spleen Qi deficiency and Kidney Yang deficiency after all the life struggle have weakened his Zheng Qi (correct Qi) and reduced the manifestations of heat and fire. Figure 1 shows the TCM differential diagnosis:

After the TCM differential diagnosis it was important to define the treatment principles in general and for each area of intervention of TCM. The Therapeutic Principles in general are explained in Figure 2. First of all, it is important to separate phlegm from heat to eliminate both from Lung and regulate the Lung Qi with Chinese herbal medicine. It is also important with acupuncture and Western herbal medicine to regulate Liver Qi, harmonize Liver and Spleen and eliminate Liver fire and damp-heat from the Gallbladder.

Finally, it is crucial to move Qi and blood in bladder and Gallbladder meridians and stop the pain in the leg with Tuina and Qi gong exercise, but also to strengthen the Kidney Qi.

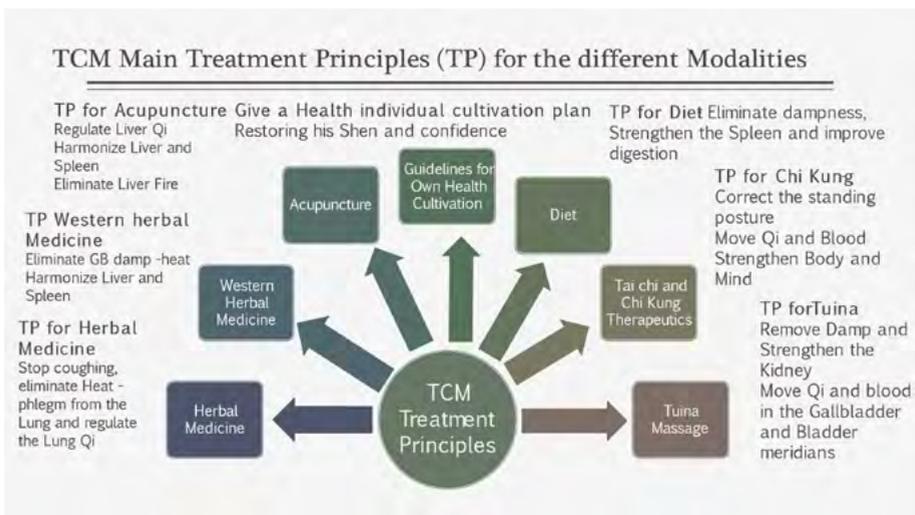


Figure 2 – TCM Treatment Principles in the different areas and health guidelines

After this strategy and observation of the patient's response to the treatment, it is possible to start tonifying Kidney and Spleen Qi with herbs and stimulate the right coordination of posture and movement.

Thus, for Chinese herbal medicine the Treatment Principles were to stop coughing, eliminate heat-phlegm from the Lung and regulate the Lung Qi. In the first consultation the formula Qing Jin Hua Tan Tang was given.

Only after removing phlegm-heat in the Lung, eliminating fire and regulating Liver Qi it is possible to nourish Kidney Qi specially Kidney Yin with Liu Wei Di Huang.

Qing Jin Hua Tan Tang (Yang, 2021, p.58)
 Huang Qin (*Scutellariae radix*) 12g
 Zhi Zi (*Fructus Gardenia*) 9g
 Zhe Bei Mu (*Bulbus Fritillariae Thunbergii*) 9g
 Gua Lou (*Fructus Trichosanthis*) 18g
 Sang Bai Pi (*Cortex Mori*) 9g
 Chen Pi (*Citri reticulatae pericarpium*) 9 g
 Fu Ling (*Poria*) 9g
 Jie Geng (*Radix Platycodi*) 6g
 Mai Men Dong (*Tuber Ophiopogonis*) 13g
 Gan Cao (*Radix Glycyrrhizae*) 6 g

The Therapeutic principles (TP) for Western Herbal Medicine are to:

1st Remove Damp in the Gallbladder and Heat in the Liver with: (Marques, 2020; Ross, 2010).

- Artichoke (*Cynara cardunculus* var. *scolymus*) 1 table spoon (tbsp)
- Boldo (*Peumus boldus*) 1 tbsp
- Dandelion (*Taraxacum officinale*) 1 tbsp
- Peppermint (*Mentha × piperita*) 2tbsp

2nd – Harmonize liver and spleen: (Marques, 2020)

- Lemon balm – (*Melissa officinalis*) -1tbsp
- Lemon verbena – (*Aloysia citrodora*) -1tbsp
- Milk Thistle – (*Silybum marianum*) - 1tbsp

Dosage (for 1L boiling water - let stand for 15m and drink throughout the day.

The patient takes the first decoction only during the first three days (once a day) to complete the action of the Chinese herbal formula. He begins the second decoction, the second week of treatment, during 7 days.

The Therapeutic principles (TP) for Acupuncture first consultation are (Deadman, 1998):

1. Regulate Liver Qi, Harmonize Liver and Spleen, Eliminate Liver Fire
 - P6, Ren17, Ren 12, Liv 13, St 36, GB 34, Sp6, Liv2
 - P6 -Unblocks the blockage of Qi in the middle and upper Jiao, directs downwards the Qi of the Stomach in countercurrent and calms the mind.
 - Ren17 Influence point of Qi that tonifies and moves qi in the chest
 - Ren12 - Alarm point of the stomach and point of influence of the Yang organs that tonifies and mobilizes the Qi in the middle Jiao.
 - Liv 13 – Harmonize Liver and Spleen redirect the Stomach Qi
 - ST36 – Point that tonifies the Spleen Qi and the Zheng Qi, regulates the Qi of the Stomach and calms the mind.
 - GB34 -He/sea point of the Gallbladder that moves and brings down the Qi of the Liver and Gallbladder. Master point of the muscles, myorelaxing point.
 - Sp6 - Point that tonifies the Spleen Qi of the Spleen, regulates the Qi, tonifies the Yin and eliminates damp.
 - Liv 2 - Liver Ying Point that removes heat from the Liver

Therapeutic principles (TP) for Diet:

1. Avoid Food that increase dampness and heat

Sweet, spicy, heavy food, milk products, nuts. roasted peanuts, soft drinks, white bread, refined sugar and alcohol.

2. Include food that can fortify and tonify Spleen Qi

Recommended foods: white vegetables (horseradish, turnip, fresh ginger, onion, potato, cauliflower...), seasonal fruits like pears, cereals (brown rice, oats, barley...), oilseeds (sesame seeds, sunflower seeds, pumpkin seeds, almonds...), legumes (chickpeas, lentils...) fish (white and blue), lean meat (duck, chicken...) and eggs.

3. Include food that can eliminate dampness

Maitake, small amount of bitter foods are recommended, such as Azuki Beans, Black Soy, Lettuce, Alfalfa, and White Grape, and slightly spicy and salty

foods to help the metabolization of damp, such as Green Tea, Mackerel, Horse-radish, Fresh Radish, Daikon, Marjoram, Watercress, Tangerine Peel, Apple Peel, Barley, Turnip, and Seaweed

Therapeutic principles (TP) for Tuina (Carvalho, 2006 p. 28; Hongzhu, Yihuang, Yunchuan, Mingxin, Aisong, Tao & Xiaohong, 2006, pp. 121-122):

1. Remove Damp and Strengthen the Kidney
 - Patient in prone position. The doctor stands beside him, Presses [An Fa], kneads [Rou Fa], rolls [Cuō Fa] and rubs [Ca Fa] with both hands the caudal region until he gets a warm sensation.
 - Press [An Fa] with both thumbs the Baliao (31B - 34B) for 3-5minutes and tap [Quan Bei Ji] on the points with the metacarpophalangeal zones or lightly with the dorsal zone of the hand during 1 minute.
 - Patient in supine position. The doctor places one or both overlapping palms on the Guanyuan point (4VC) and presses [An Fa], kneads [Rou Fa] and rubs in circles [Mo Fa] repeatedly around the pubic region for 3-5 minutes.
 - The practitioner places the palms near the navel and Pushes [Tui Fa] and Rubs [Ca Fa] obliquely the area of the pubic region until a sensation of heat.
 - Press [An-Rou Fa] with a finger the points Yinlingquan (9BP) and SanYinjiao (6BP) for 1 minute each.
2. Move Qi and Blood in Bladder and Gallbladder meridians and Strengthen the Kidney:
 - Apply Gun Fa (rolling method) along bilateral courses of the Bladder Meridian and Gallbladder meridians on lumbar and leg regions with heavy and downward manipulations, while the patient is in prone position.
 - Apply An Rou Fa (pressing-kneading method) on Weizhong '(BL 40), Yanglingquan (GB34), Kunlun (BL 60), Taixi (KI 3), Mingmen (GV 4) , Dachangshu (BL25).
 - Apply Ca Fa (backward-forward rubbing method) along bilateral courses of the Bladder Meridian and Governor Vessel; on lumbosacral region transversely.

Therapeutic principles (TP) for Qi Gong

Correct the standing posture, Move Qi and Blood, Strengthen Body and Mind

- In the present case it was important for the patient to practice the six first exercises of Tai Chi Chi Kung System of 18 Movements
- Perform the Do-in stretching exercises for Bladder and Gallbladder meridians in order to improve the circulation of Qi and Blood in these meridians and relieve pain. Starting in a very simply way in a sitting position.
- All these systems improve mental tranquility, purification of thought and body, improvement of internal observation, consciousness and breathing.

There is not healing without active participation and mind transformation

For a change in consciousness, it is important to explain to the patient the characteristics of his constitutional type and sub-type and their consequences on his health. In the present case, a Yin deficient constitutional type with a secondary tendency to liver Qi stagnation with aggression to the Stomach is important to be explained to the patient. It is also important to present an individual health cultivation plan for the current phase.



Example 2 - Constitutional Type – Yin Deficiency

If the Patient had known, in advance, his type of constitution and had sought harmony between his life and nature, he could possibly have avoided the development of T2DM and Hospitalization in COVID-19 infection. As explained by Wang, Yu and Wang (2016) in Chinese medicine, there is no simple word to define “health”. Health is the balance of yin and yang and the essence of health is the harmony

between man and nature, blood and qi and of the five minds. "Only when Yin is at peace and yang is compact can essence-spirit be normal"

The patient with a Yin deficiency constitutional type is marked by the internal heat resulting from Yin-fluid deficiency including bodily fluid, essence, and blood. In this case one part of Yin deficiency was inherited, the other part resulting from environmental and social factors including the medical history of diabetes. This deficient fire tendency aggravates the COVID-19 inflammation and contributed to the difficult expectoration of dry phlegm.

Health also results from the coordination and harmonization of body and spirit activities of human life, the ability to adapt, respond and transform the social and natural environment at different stages of the life process (Wang et al., 2016). Each individual has different capacities for self-adaptation and regulation. This man has a very good capacity of self-adjustment but no one has drawn his attention to the limits of the body, either in social or natural dimension. An example of these symptoms presented in Table 2.

Table 2 – Main symptoms of Yin Constitutional Type

Symptoms
Warm palms and soles
Sensation of warmth of body and face
Dry skin or lips.
Dryness of the mouth and/or throat.
Lips redder than the others
Tendency to constipation or dryness of stools.
Sudden hot flashes or hot flashes.
Dry eyes or the need to use eye drops.
Excessive sweating even with light physical activity

Diet recommendations (Zhan-wen et al., 2012, p. 382)

In case of Yin deficiency, it is important that the diet includes foods that nourishes and moisten. It is also important that, depending on the seasons of the year, to nourish the organ associated with this season.

Recommended foods are wheat, rye, barley, honey, sunflower, azuki beans, lentils, tofu, yam, duck bone marrow, and eggs. Because of the hyperactivity of Yang resulting from the fall of Yin to control Yang, people with Yin deficiency should take more food that nourish Kidney Yin in order to nourish the Yin and subdue the hyperactive liver Yang. These foods include sesame, sticky rice, mung bean, crab, milk, oyster, hard shell clam, duck, tofu, peach, vegetables and fruits. These foods are sweet and cold, which have the effects of Yin nourishing.

One should avoid diuretics, stimulants, hot, spicy foods, and very strong foods. The patient came in autumn so it is important to give food directed to the Lung: sunflower seeds, duck, watercress, azuki beans, tangerines, and pears.

People with Yin-deficiency constitution should do low-intensity exercise with emphasis on nourishing the Liver and Kidneys. These exercises such as Shadow-boxing, Eight-Sections Brocade are recommended in order to nourish the Yin through the generation of body fluids. However, caution should be exercised in case of heavy sweating and water supplementation during the practice.

Exercise Recommendations (Zhan-wen et al, 2012, p.383)

People with Yin deficiency are also susceptible to dry skin and less defensive Qi capacity. Isometric exercises can promote the transformation and transportation function of Spleen and Stomach and increase the production of Qi and blood, but also increase the production of body fluids, while improving Yin in this type of constitution.

Because of Liver Yang hyperactivity, people suffering Yin deficiency should avoid heavy and high-intensity exercises that impair body fluids, due to profuse sweating, which are difficult to recover.

The Chi Kung exercises adopted include:

- Tai Chi Chi Kung System of 18 Movements
- Yi Jin Jing System of 12 Movements

This last system allows the complete stretching of tendons and fascia and the “free flow of Qi”. As a result, there is an increase in blood circulation.

All these systems improve mental tranquility, purification of thought and body, improvement of internal observation, consciousness and breathing.

Tree Posture (Zhang Zhuang)

- The practice of the Tree Posture regularizes chronic, lymphatic and hormonal imbalances. It strengthens the body and reinforces the self-protection mechanisms.

Dynamic Chi Kung System with breathing

- With movement and breathing for the Lung and Kidney



Self Tuina Massage (Carvalho, 2006; Hongzhu et al., 2006, p. 126)

Hyperactivity of yang due to deficiency of Yin (modified protocol)

- Apply Tui Fa (pushing method) and An-Rou Fa (pressing-kneading method) up and down along the Conception Vessel, repeatedly in supine position.
- Apply An Fa (pressing method) on Qimen (LR 14), Qihai (CV 6) and Guan Yuan (CV 4).
- Apply Rou Fa (kneading method) on Taixi (KI 3) Sanyin jiao (SP 6) Yongquan (KI 1).
- Apply Na Fa (grasping method) on medial sides of lower limbs.
- Apply Ca Fa (rubbing method) on Yongquan (KI1) until it is warm.
- Apply Na Fa (grasping method) on Jianjing (GB 21) in sitting position

Western Herbal Prescription – TP-Nourish Lung Yin (Marques, 2020)

- Althea – 2 tablespoon (tbsp)
- Ass's Foot (Tussilago farfara) – 1 tbsp
- Plantain (leaves) 1tbsp

Dosage - for 1L boiling water - let stand for 15m and drink throughout the day.

Chinese herbal Medicine Prescription – TP - Nourish the Yin of Kidney and Liver

Zuo Gui Wan:

- Shu Di Huang (cooked Radix Rehmanniae) – 18g
- Shan Yao (Radix Dioscoreae) – 9g
- Gou Qi Zi (Fructus Lycii) – 9g
- Shan Zhu Yu (Fructus Corni) – 9g
- Tu Si Zi (Semen Cuscutae) – 9g
- Nu Zhen Zi (Fructus Ligustri Lcidii) – 9g
- black been proc. Zhi Shou Wu (Radix Polygoni Multifolori) – 9g
- wine proc. Chuan Niu Xi (Radix Cyathulae) – 6g



Self Cultivation of the Mind-Spirit

Maintain an optimistic and open-minded temperament, socializing but in moderation, avoid stressful situations. Choose to participate in social, community, cultural and recreational activities that are less demanding and maintaining a cheerful state of mind is essential to improve his health.

Conclusions

Traditional Chinese Medicine (TCM) includes various forms of Acupuncture, Herbal medicine, Qigong, Tuina and Dietary therapy, and can contribute to health cultivation and preventive medicine in the different stages of human life and the development of disease. Moreover, TCM can provide a method and a pathway for achieving the three-level prevention based on Chinese Medicine Constitution identification (Wang, Li & Wang 2016). These three explained levels of prevention can be used by TCM professionals in health technical complex environment

of precision medicine, in multidisciplinary teams and in simply rural conditions without losing the holistic theoretical framework of TCM or the people-centered care. TCM professionals can even contribute to positive cultural work, community resilience and adaptability.

Portugal is the first European country to acknowledge TCM profession into the Portuguese Healthcare System, (Law nº45/2003 and Law nº.71/2013), although its practice dates back to the 1970's (Zheng, Lyu, Lu, Hu & Zheng, 2021). The TCM school of Lisbon has a long tradition since 1994 in teaching and integrating in its Clinical Practice Center the different areas of TCM intervention.

The case example presented showed how different TCM modalities can be combined in a patient's treatment according to his clinical condition and constitutional type. In this case there was a constitutional Yin deficiency of the Kidney and Liver that increased the heat and fire caused by the viral infection. Anger and frustration make the Liver Qi stagnate and generate fire. But after the elimination of the remaining phlegm heat in the Lungs it is urgent to nourish Kidney and Liver Yin, improve sleep and follow the diet and exercise recommendations for his constitutional type. The patient relaxation and flexibility in dealing with daily life is a sign of a harmonious Liver Qi.

References

- Carvalho, L. (2006). *Manual de apoio às aulas Tuina III*. Lisboa: ESMTTC.
- Deadman, P. (1998). *Manual de Acupuntura*. Open source. Roca.
- Deadman, P. (2016). *Live Well Live Long: Teachings from the Chinese Nourishment of Life Tradition and Modern Research*. China. The Journal of Chinese Medicine Ltda.
- Faro, J., & Fernandes, D. (2016). TCM preventative treatment and patient's education for health in *First International Academic Conference on TCM Preventive Treatment*. TCM Preventive Treatment Special Committee of WFCMS. China. Thesis Collection.
- Fronteira, I., Dussault, G., & Buchan, J. (2020). *Rethinking Human Resources for Health – On the Edge of the Post-Modern Era*. Coimbra: Almedina.
- Guolin, L., Fuxia, X., Siyu, Y., Xiaofei, H., Bo, J., Wang, J., Wang, J., Dazhong, Y., & Qingji, X. (2013). Subhealth: definition, criteria for diagnosis and potential prevalence in the central region of China. *BMC Public Health* 13(1), 446, 1-8. doi:10.1186/1471-2458-13-446.
- Hongzhu, J., Yihuang, G., Yunchuan, W., Mingxin, X., Aisong, G., Tao, G., & Xiaohong, D. (2006). *Chinese-English Illustrated Tuina Therapies for Common Diseases*. Nanjing University of TCM: Shanghai Scientific and Technical Publishers.
- Li, L., Yao, H., Wang, J., Li, Y. & Wang Q. (2019) The Role of Chinese Medicine in Health Maintenance and Disease Prevention: Application of Constitution Theory. *The Ameri-*

- can Journal of Chinese Medicine*, Vol. 47, 3, 495–506. Institute for Advanced Research in Asian Science and Medicine: World Scientific Publishing Company. doi: 10.1142/S0192415X19500253
- Marques, R. (2020). *Prescrição de Plantas Medicinais Ocidentais de acordo com as síndromas em MTC*. Lisboa: ESMTC.
- Needham, J. F. R. S., & Lu, Gwei-Djen (1959). Hygiene and Preventive Medicine in Ancient China By Caius College and Newnham College, Cambridge. *England Health Education Journal* 17(3), 170-179. doi.org/10.1177/001789695901700303
- Ross, J. (2010). *Combining Western Herbs and Chinese Medicine - A Clinical Materia Medica - 120 Herbs in Western Use*. Wald, Germany: Verlag.
- Yang, Y. (2021). *The Aftercare of COVID-19 infection. Herbs, Acupuncture, Nutrition, Massage, Exercise*. Poland: Amazon. ISBN 9798713733360
- Sun, Y., Zhao, Y., Xue, S. A., & Chen, J. (2018). The theory development of traditional Chinese medicine constitution: a review. *Journal of Traditional Chinese Medicine Sciences*. 5, 1, 16-28. doi.org/10.1016/j.jtcms.2018.02.007
- Wang, J., Yu, R.-X., & Wang, Q. (2016). New concept of health with perspective of Chinese medicine. *Chinese Journal of Integrative Medicine*. https://doi.org/10.1007/s11655-016-2671-2
- Wang, J., Li, Y.-S., & Wang, Q. (2019). Identification of Chinese medicine constitution in public health services. *Chinese Journal of Integrative Medicine* 25, 550–553. doi: 10.1007/s11655-016-2740-6
- Wang, W., Yuxiang, Y., Guo, Z., Hou, H., Garcia, M., Tan, X., Anto, E. A., Mahara, G., Zheng, Y., Li, B., Kang, T., Zhong, Z., Wang, Y., Guo, X. & Golubnitschaja, O. (2021). All around suboptimal health — a joint position paper of the Suboptimal Health Study Consortium and European Association for Predictive, Preventive and Personalized Medicine. *EPMA Journal* 12, 403–433.
- Wang, W., Russell, A., Yan, Y., & on behalf of Global Health Epidemiology Reference Group (GHERG) (2014). Traditional Chinese medicine and new concepts of predictive, preventive and personalized medicine in diagnosis and treatment of suboptimal health. *The EPMA Journal* 2014, 5, 4.
- Wang, W. & Zhang, T. (2017). Integration of Chinese Medicine and Western Medicine in the era of precision medicine. *Revista de Medicina Integrativa* 15, 1, 1-7. https://doi.org/10.1016/S2095-4964(17)60314-5
- Zhan-wen, L., Mondot, M. L. & Xin, N. (2012). *Health Cultivation in Chinese Medicine*. International Standard Library of Chinese Medicine. Beijing: PMPH – People's Medical Publishing House.
- Zheng, X., Lyu, L., Lu, H., Hu, Y. & Zheng G. C. (2021). The internationalization of TCM towards Portuguese-speaking countries. *Chinese Medicine* 16, 81, 1-11. https://doi.org/10.1186/s13020-021-00491-6

Economia Circular para Cidades Saudáveis

Circular Economy for Healthy Cities

Carlos Borrego

Departamento de Ambiente e Ordenamento & CESAM
Universidade de Aveiro, Portugal
cborrego@ua.pt
ORCID: 0000-0002-1673-2084

RESUMO

Os locais onde as pessoas vivem e trabalham, consomem e desperdiçam, têm um papel fundamental na transição para a economia circular. A crise da covid-19 destacou o caráter insustentável de determinadas tendências ambientais e sociais, e levou a reconsiderar os atuais padrões de produção e consumo, motivando a recuperação verde. Um dos aspetos mais relevantes prende-se com a governação e o território, em especial as zonas urbanas onde viverá mais de 80 por cento da população em 2050. Novas fontes de energia, tecnologias mais limpas e aumentar a resiliência urbana através das funções e serviços dos ecossistemas, são apenas exemplos de como melhorar o ambiente, combater as alterações climáticas, aumentar a circularidade da economia e promover a saúde humana. Usando o exemplo da cidade do Porto, os resultados contribuíram para o conhecimento da estrutura urbana, podendo ser de grande importância para os decisores políticos no combate aos impactos das alterações climáticas nas cidades.

PALAVRAS-CHAVE

Economia circular, alterações climáticas, soluções baseadas na natureza, qualidade do ar, áreas urbanas.

ABSTRACT

The places where people live and work, consume and throw away, play a key role in the transition to the circular economy. The covid-19 crisis highlighted the unsustainable character of certain environmental and social trends, and led to a reconsideration of current production and consumption patterns, motivating green recovery. One of the most relevant aspects is related to governance and territory, especially urban zones where more than 80 percent of the population will live in 2050. New energy sources, cleaner technologies and the increase of urban resilience through ecosystem services and functions, are just examples of how to improve the environment, combat climate change, enlarge the circularity of the economy and promote human health. Using the example of the city of Porto, the results contributed to the urban structure knowledge and could be of great importance for policy makers in combating the impacts of climate change on cities.

KEYWORDS

Circular economy, climate change, nature-based solutions, air quality, urban areas.

1. Introdução

As Nações do Mundo, em que se inclui Portugal, precisam de ponderar (e sentir) o ambiente como uma oportunidade para melhorar e não como um entrave ao desenvolvimento. A capacidade técnico-científica atual, bem como os desafios sociais (e.g. alterações climáticas, crescimento populacional, escassez de recursos) que a sociedade enfrenta, devem proporcionar soluções inovadoras e sustentáveis, em que o desenvolvimento socioeconómico ocorra harmoniosamente com a proteção e o usufruto do ambiente. O cidadão deve ter um papel fundamental nesta transição, sendo simultaneamente um motor e um beneficiário da sociedade resiliente, baseada na circularidade da economia.

As razões da crise há muito que não são mistério: o aumento exponencial da população que se tem verificado desde 1950, a ampliação do poder de compra, a urbanização crescente e a adoção de uma postura consumista, em muito motivada pelos interesses das organizações, tem gerado a necessidade crescente de matérias-primas, bens alimentares, água, território, com a qualidade do ar a evoluir negativamente. Mesmo nas projeções mais conservadoras, prevê-se que nesta década exista um aumento de cerca de um terço na procura de bens como o petróleo, carvão e ferro, em muito motivado pelos países emergentes e pelo aumento do poder de compra das famílias (Elen MacArthur, 2013). O relatório de avaliação mundial em 2019 da Plataforma Intergovernamental Científica e Política sobre a Biodiversidade e os Serviços Ecossistémicos (Brondizio et al, 2019) revelou que as alterações climáticas afetam fortemente todo o recurso biota e são o terceiro principal fator de perda de biodiversidade.

Tais impactos fazem cada vez mais parte da atual realidade, refletindo-se em intempéries de crescente violência, alterações climáticas, degelo e subida do nível médio da água, desflorestação, erosão dos solos, aumento do risco de extinção de diversas espécies, incêndios cada vez mais devastadores, escassez de água potável, agravamento da qualidade do ar, entre muitos outros exemplos. Caso nada seja feito para reverter os profundos danos que está a causar ao planeta, esta sociedade pode mesmo ficar em contagem decrescente para a sexta extinção em massa do planeta, sendo esta a mais rápida que alguma vez ocorreu na sua história (Ceballos et al., 2017).

A compreensão e a ação na área do ambiente são intrinsecamente holísticas, sendo necessário analisar vários aspetos ambientais individualmente e também apreender as diferentes interações que existem entre eles. Os desafios setoriais

refletem a relevância do uso sustentável dos recursos naturais – água, ar, solo e biota –, bem como a gestão inteligente dos desperdícios. Todavia, é difícil continuar a pensar o ambiente sem contemplar a característica sistémica dos desafios ambientais, tais como a transição climática, a economia circular e o binómio ambiente-saúde, que têm um carácter mais integrador.

Porém, de repente, o chão desapareceu e por cima das nossas cabeças paira uma ameaça que é real, mas que não se conhece bem e que não se sabe quando irá embora. Na ignorância, os seres humanos interferiram de tal forma na natureza que agora são atacados por ela. A destruição de *habitats* e perda de biodiversidade, o tráfico de espécies, a intensificação das explorações agrícolas e pecuárias e as alterações climáticas aumentaram o risco de surgirem zoonoses, ou seja, doenças infecciosas transmitidas pelos animais aos seres humanos. Os parasitas, as bactérias e os vírus, ao perderem os seus hospedeiros habituais procuram novos animais selvagens, consumidos em algumas sociedades. Foi assim que surgiram doenças como, por exemplo, a sida, o ébola, a malária, o dengue, a varicela, a poliomielite, o zika e agora a covid-19.

Mas a humanidade continua a ocupar ecossistemas intocados e a explorar apressadamente os recursos naturais finitos. Na década de 1950, 66% do mundo era selvagem e as concentrações de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera eram 300 partes por milhão (ppm). Em 1990, a natureza selvagem caiu para 49% e o CO₂ aumentou para 350 ppm (FAO, 2018). Atualmente, a natureza selvagem ocupa apenas 23% do planeta, enquanto o CO₂ na atmosfera atingiu 431 ppm (em maio de 2020), a despeito da covid-19 e da recessão económica em 2020 (Copernicus EU, 2021).

A trajetória para o desenvolvimento sustentável parece ter sido retomada com a aprovação do Pacto Climático de Glasgow na 26ª Conferência das Partes (COP26) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (ainda que de forma pouco ambiciosa...), no dia 13 de novembro deste ano, e que mantém a ambição de conter o aumento da temperatura em 1,5°C. Além disso, reforça a necessidade de reduzir as emissões de CO₂ em 45% até 2030, em relação a 2010, promete mais apoios financeiros e regula o mercado do carbono (ONU, 2021).

Enfrentar a crise da sustentabilidade e acelerar a transição para a economia sustentável e circular, bem como neutra para o clima, exige ações na economia e na sociedade. São necessárias abordagens e atuações mais abrangentes e sistémicas nas cadeias de valor. Dito isto, a visão geral dos desafios nos diferentes

setores também pode ajudar a demonstrar a magnitude e a complexidade dos problemas que devem ser enfrentados.

2. Transição climática e economia circular

A crise sem precedentes da covid-19 destacou a natureza insustentável de certas tendências ambientais e sociais. Voltar ao “business as usual” deixou de ser uma opção, mas o novo normal tem de ser construído e suportado por decisões políticas ousadas. Desde a revolução industrial, a economia mundial desenvolveu um padrão de crescimento do tipo “extrair ▶ produzir ▶ consumir ▶ eliminar”, um modelo linear baseado na suposição de que os recursos são abundantes, disponíveis, fáceis de extrair e baratos para desperdiçar. A mudança radical implica refletir sobre as limitações desta economia linear atual, passando à economia circular (Fig. 1), mais eficiente e produtiva, um conceito estratégico inspirado em soluções baseadas na natureza (NBS, do inglês nature-based solutions), alicerçadas na prevenção, redução, reutilização, recuperação e reciclagem de materiais e energia.



Figura 1 – Economia circular (Fernandes, 2018)

Todos, organizações e cidadãos, são chamados a contribuir com soluções para a emergência climática e ambiental através da economia circular, suporte indispensável do desenvolvimento sustentável, o que implica uma transformação profunda dos mecanismos que regem, hoje, a produção e o consumo, para preservar o valor e utilidade dos materiais e energia utilizados e melhorar a sua produtividade. Ou seja, uma economia a fazer “mais com menos” e a aumentar

o valor do “menos” para poder ser partilhado, preparado para “voltar a casa” e ser reparado, reutilizado, remanufaturado e reciclado. Acresce ainda, que a eficiência no uso dos recursos, por si só, não garante a utilização decrescente de recursos, porque o uso pode ser eficiente, mas as quantidades utilizadas de recursos serem excessivas.

Por consequência, para alcançar o desenvolvimento sustentável tem também que se integrar a resiliência do ecossistema. Até ao momento, os esforços para enfrentar a crise climática focaram-se na transição para as energias renováveis, complementada pela eficiência energética. Embora sejam cruciais e totalmente consistentes com a economia circular, estas medidas só abrangem 55% das emissões. Os restantes 45% são emissões mais difíceis de reduzir, porque provêm do planeamento territorial e da produção de edifícios, veículos, produtos eletrónicos, vestuário, alimentos, embalagens e de outros bens e ativos que usamos diariamente. Não podem, por isso, ser desprezados.

Por estas razões, a economia circular não pode ser apenas reciclagem, eficiência energética ou biodiversidade. Trabalhar a transição para a economia circular vai mais além: implica uma transformação profunda dos mecanismos que regem, hoje, a engenharia, a economia e o cidadão, isto é, a produção, a inovação e o consumo, para preservar o valor e utilidade dos materiais e energia utilizados e melhorar a sua produtividade. Esta mudança drástica exige emissão zero até 2050 a fim de cumprir a meta de 1,5°C definida no Acordo de Paris e reforçada na COP26. Mesmo que essa meta seja alcançada, os custos para a economia global relacionados com as alterações climáticas aumentarão significativamente a cada décimo de elevação da temperatura.

Entre 1990 e 2018, a UE reduziu em 23% as emissões de gases com efeito de estufa (GEE) (EC, 2020), enquanto a economia cresceu 61%. No entanto, vai ser necessário tomar medidas adicionais e todos os setores terão de contribuir, dado que se prevê que as atuais políticas apenas reduzam as emissões de GEE em 60% até 2050, pelo que há ainda muito por fazer para alcançar a neutralidade carbónica.

Portugal deve agora aproveitar a Lei de Bases do Clima, aprovada no passado dia 5 de novembro na Assembleia da República, depois de um processo de co-criação e ampla concertação, e onde foi incluída a ponderação do Clima como Património Comum da Humanidade, no seu artigo 15º, alínea f). Este reconhecimento implica a definição do clima estável como bem jurídico de Direito Internacional que deve ser gerido como bem comum, tornando visíveis não apenas

os danos causados no património comum do clima, mas também, e sobretudo, os benefícios positivos aí gerados, que é uma condição estrutural para construir uma economia capaz de restaurar um clima estável. Este novo instrumento legal é crucial para alinhar a política Climática Portuguesa das próximas décadas com os objetivos do Acordo de Paris.

Um dos aspetos mais relevantes prende-se com a governação e o território, em especial as comunidades urbanas onde viverá mais de 80% da população mundial em 2050. Promover cidades circulares, portanto mais resilientes, passa por novas fontes de energia, por tecnologias mais limpas e por aumentar a resiliência urbana através das funções e serviços dos ecossistemas (soluções baseadas na natureza). Estes são também exemplos de como melhorar o ambiente, combater as alterações climáticas, aumentar a circularidade da economia e promover a saúde humana.

Vários estudos (Ellen MacArthur, 2013) revelam que a economia circular tem potencial para aumentar a resiliência em relação aos efeitos físicos das alterações climáticas. De facto, ao manter os materiais em uso, os negócios podem dissociar a atividade económica do consumo de matérias-primas vulneráveis aos riscos climáticos e, portanto, gerar maior flexibilidade. Por exemplo, no sistema de alimentos, a agricultura regenerativa melhora a saúde do solo, aumentando a capacidade de absorção e retenção de água e a resiliência contra chuvas intensas e ondas de calor.

Além de enfrentar as causas e os efeitos das alterações climáticas, a economia circular ajuda a alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (Fig. 2) (Agenda das Nações Unidas 2030) e, entre eles, o ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis) e o ODS 12 (Produção e Consumo Sustentáveis). Ambos podem melhorar a qualidade do ar, reduzir a contaminação da água e proteger a biodiversidade. Esta transformação exige um esforço conjunto, devendo as instituições internacionais colocar a economia circular diretamente na agenda da transição climática, dando destaque a atividades de redução de emissões, como a melhoria da eficiência energética e o reflorestamento. Os governos e as cidades têm de incorporar a economia circular nas estratégias de planeamento e resiliência climática. As empresas devem escalar oportunidades que geram valor para o cliente respondendo à transição climática. E os investidores mobilizar capital para as carteiras de negócios que reduzam ativamente o risco climático. Sem dúvida que a transição climática é indispensável, mas deve ser justa e inclusiva, permitindo que todos aproveitem. No entanto, deverá também considerar que

Portugal tem uma modesta contribuição para o balanço mundial dos GEE. De facto, a China foi o país que mais emitiu em 2021 com 28% do total, seguida do EUA com 14% e, na Europa, a Alemanha com 2,15% e Portugal com 0,15%, valor bastante pequeno (GCP, 2021). Portanto, as políticas climáticas têm de ser enquadradas também com a economia, tornando-a eficaz com base na circularidade.



Figura 2 – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS (INE, 2019)

É importante que os decisores políticos intensifiquem igualmente a implementação do European Green Deal (EC, 2021) ou Pacto Ecológico Europeu (com o título “A nossa ambição: ser o primeiro continente com um impacto neutro no clima”), e que cada cêntimo investido na recuperação da covid-19 represente um cêntimo para atingir a poluição zero, ou seja, para melhorar a prevenção das doenças decorrentes da poluição. Isto significa que há ações bem identificadas que os cidadãos podem realizar individualmente, mas a grande alavanca para a mudança sistémica é a aplicação adequada dos fundos de recuperação na emergência ambiental e climática.

3. Economia circular e soluções baseadas na natureza (NBS)

O despertar para a insustentabilidade da atual postura económica abriu portas à reflexão e à discussão sobre as possíveis alternativas para mudar as preocupantes perspetivas atuais para o futuro. Crescer de modo indefinido não significa evoluir, pois a evolução só pode acontecer se esse crescimento ocorrer de forma

distributiva, inclusiva e inteligente, gerando desta forma valor acrescentado para todas as partes envolvidas, sejam pessoas, animais ou sistemas ambientais.

Deve-se conceder uma atenção especial às cidades, que cobrem apenas uma pequena fração da Terra (aproximadamente 2% da superfície terrestre). Apesar disso, dada a cada vez maior fração da população mundial que vive nas cidades e a desproporcional parcela dos recursos usados por esses residentes urbanos, as cidades e seus habitantes são os principais motores da mudança ambiental global. As áreas urbanas são as principais fontes de emissões de carbono, com um contributo entre 70% a 90% (EEA, 2017), em especial as geradas pelo uso de energia, particularmente de edifícios e transportes.

Estas estatísticas revelam uma ligação direta entre as cidades e as alterações climáticas. Se, por um lado, as cidades são o principal contribuinte para estas alterações, por outro lado, as cidades são altamente vulneráveis aos seus efeitos, quer porque os eventos climáticos extremos podem ser especialmente perturbadores para os sistemas urbanos complexos, quer devido ao alto nível de urbanização e crescimento demográfico. Esta observação é particularmente pertinente dado que a cada semana a população urbana aumenta cerca de um milhão e meio de habitantes (ONU, 2017), e mais da metade desses 'recém-chegados' vivem em bairros com moradias precárias e pobreza extrema, onde a falta de infraestruturas deixa as comunidades ainda mais vulneráveis ao crescimento dos desastres naturais.

As cidades enfrentam, portanto, o duplo desafio de acompanhar o ritmo da urbanização e de se adaptar às alterações climáticas, partilhando os desafios e objetivos do desenvolvimento sustentável e, por isso, têm um papel fundamental a desempenhar na transição para uma economia circular neutra em carbono. Devem deter competências essenciais para a maioria das áreas políticas subjacentes à economia circular, como resíduos sólidos, água, ambiente construído, uso do território ou alterações climáticas. Estando mais próximas dos cidadãos e das empresas e mais ágeis na inovação e experimentação, os governos locais e regionais podem atuar como promotores e facilitadores da economia circular.

E sabe-se que, nas cidades, o maior problema associado às alterações climáticas é a poluição do ar, que se tornou uma preocupação crescente em todo o mundo, devido principalmente aos impactos que o ozono, o material particulado e outros poluentes atmosféricos têm na saúde humana. A Organização Mundial da Saúde (WHO, 2018) estima que todos os anos a poluição do ar dentro e fora de casa seja responsável por cerca de 7 milhões de mortes prematuras em todo

o mundo. E a maioria dessas mortes – 4,2 milhões – está associada à poluição ambiental (externa).

Devido às ligações entre as condições meteorológicas e a qualidade do ar, e embora a poluição atmosférica e as alterações climáticas se apresentem como problemas distintos, são “as duas faces da mesma moeda”. Apesar do importante conjunto de estudos sobre qualidade do ar realizados no âmbito das alterações climáticas nos últimos anos, a maioria desses estudos focou-se ao nível global ou regional, não atingindo maior detalhe, ou seja, não abordam a escala urbana ou municipal.

4. Sustentabilidade urbana

Como se referiu, as alterações climáticas estão intimamente ligadas ao desenvolvimento. Embora considerar as necessidades básicas continue a ser a prioridade, deve-se enfatizar que as atividades voltadas para a mitigação das alterações climáticas podem trazer co-benefícios significativos para o desenvolvimento sustentável também, como é o caso da poluição do ar.

A poluição atmosférica em áreas urbanas com população significativa tornou-se um importante tema de investigação nas últimas décadas, o que levou ao desenvolvimento de diversos estudos sobre o escoamento do ar e os padrões de dispersão dos poluentes nas cidades (Borrego et al., 2003). Mais recentemente, a interação entre alterações climáticas, emissões de poluentes atmosféricos e concentrações atmosféricas tem sido considerado um campo de investigação crucial. Como denotaram vários autores (Buccolieri et al., 2011; Amorim et al., 2013; Markakis et al., 2014; Monteiro et al., 2021), o impacto das alterações climáticas na qualidade do ar à escala local ainda é um desafio de investigação, que tem de ser explorado para compreender e prever com precisão as mudanças nos níveis de poluentes, quer nas condições climáticas futuras, quer nas diferentes escalas espaciais.

Isto é especialmente relevante uma vez que existem trabalhos que projetam um aumento das concentrações atmosféricas sob cenários de alterações climáticas (Lacressonnière et al., 2014). Nesse sentido, é fundamental que as cidades sejam capazes de absorver os impactos relacionados com as alterações climáticas e a má qualidade do ar. A inclusão de infraestruturas verdes (Fig. 3), como telhados verdes, áreas verdes urbanas, paredes verdes, têm sido apontadas como estratégias de baixo custo e facilmente aplicáveis para lidar com eventos climáticos extremos

(Carvalho et al., 2017, Rafael et al., 2017), bem como para melhorar a qualidade do ar e mitigar a poluição atmosférica (EEA, 2011). Na Europa, as emissões de poluentes atmosféricos diminuíram substancialmente nos últimos anos, resultando na melhoria da qualidade do ar em toda a região. No entanto, as concentrações de poluentes atmosféricos continuam bastante altas em muitas cidades europeias, mostrando que ainda ocorrem ultrapassagens dos padrões de qualidade do ar e, portanto, os problemas de qualidade do ar persistem (EEA, 2017).



Figura 3 – Exemplos de infraestruturas verdes

5. Arrefecer a cidade, melhorar a qualidade do ar e o conforto pedonal

O conceito de resiliência urbana tem sido amplamente utilizado na investigação mais recente para denotar a necessidade de as cidades aumentarem a capacidade de tolerar ou absorver os impactos relacionados com as alterações climáticas (p. ex., ondas de calor). Neste estudo, foram selecionadas duas medidas de resiliência: áreas verdes e telhados verdes.

A avaliação da qualidade do ar em Portugal continental e na área urbana do Porto em 2050 (futuro de médio prazo) foi realizada por Sá et al. (2016), usando modelação matemática de alta resolução espacial e cenários de emissões à escala urbana, à escala do bairro e da rua. Os resultados destacam a ideia de que as alterações climáticas são um desafio sistémico para as cidades. No entanto, as cidades também têm uma capacidade única para enfrentar o repto das alterações

climáticas globais, aplicando medidas locais para lidar com as vulnerabilidades próprias e necessidades específicas (EEA, 2016).

Como referido, estudou-se o arrefecimento da cidade do Porto com a introdução de infraestruturas verdes e respetivo contributo para a melhoria da qualidade do ar. A área urbana do Porto está localizada a noroeste de Portugal e é uma das maiores e mais densamente povoadas áreas urbanas do país (representa quase 25% do uso do solo urbano em Portugal), com cerca de 1,8 milhões de habitantes (INE, 2011). Foi identificada como uma das cidades europeias onde a orla urbana cresceu mais rapidamente (EEA, 2011), resultando no esgotamento de terras agrícolas e florestais. Como resultado da elevada taxa de urbanização, o Porto destaca-se como a área urbana portuguesa com menor proporção de áreas verdes e azuis (Amorim et al., 2013). O exemplo também foi escolhido por ser uma das cidades europeias com maior índice de expansão, por ter problemas de qualidade do ar e ter sido afetada pela onda de calor (Calado et al., 2004) de 30 julho a 14 agosto de 2003 (em Portugal houve 2099 mortes e 793 na cidade do Porto), sendo esperado no futuro um aquecimento da cidade de cerca de 1,9°C em 2050.

O principal objetivo deste estudo foi investigar e quantificar a eficácia de diferentes soluções baseadas na natureza na redução de temperatura e na melhoria da qualidade do ar em futuras ondas de calor (clima futuro de médio prazo), na área urbana do Porto. Analisaram-se a temperatura (T) e três poluentes atmosféricos críticos em áreas urbanas: material particulado com diâmetro aerodinâmico menor ou igual a 10 μm (PM10), dióxido de azoto (NO_2) e ozono (O_3).

O clima do Porto é relativamente ameno (no verão as temperaturas variam entre 15 e 25°C e no inverno entre 5 e 15°C); no entanto mostra uma alta sazonalidade de temperatura, precipitação e variabilidade interanual. As projeções de tendências climáticas futuras para a área urbana do Porto indicam um aumento médio de cerca de 1,9°C no futuro de médio prazo (2046–2065), que pode quase duplicar no final do deste século (3,7°C), com um aumento do número anual de dias secos consecutivos (Borrego et al., 2015; Marta-Almeida et al., 2016). Espera-se que a ocorrência de ondas de calor nesta área, que nos dias de hoje não é uma grande preocupação, possa duplicar (cerca de 2,2 vezes mais do que no passado recente) no futuro a médio prazo e aumentar num fator de 3,6 no futuro de longo prazo, principalmente para os períodos de verão (Carvalho et al., 2017). Os efeitos destas alterações das condições climáticas nas pessoas serão agravados pelo mau isolamento dos edifícios, levando a um aumento da probabilidade de

consequências graves para a saúde humana quando ocorrem eventos extremos, como ondas de calor (Monteiro e Velho, 2014).

A Figura 4 mostra a sequência dos domínios simulados, começando com o cálculo das alterações climáticas (a), passando pelas ondas de calor na área urbana (b) e depois no bairro da Rua da Constituição (c) e finalmente o domínio computacional (d) com a representação das zonas verdes e telhados verdes.

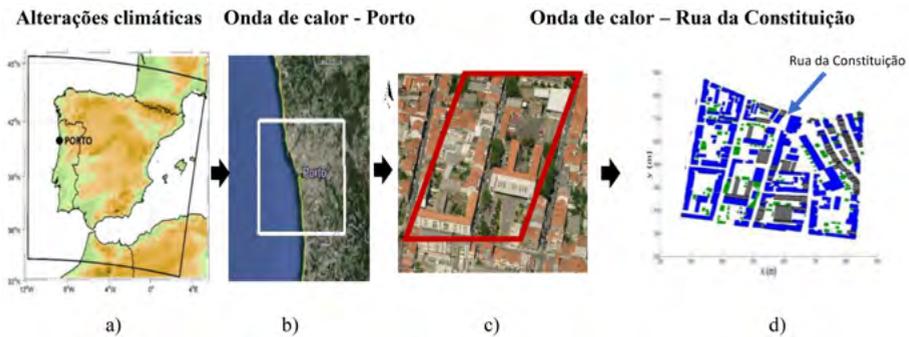


Figura 4 – Domínios de simulação: a) cálculo das alterações climáticas, b) ondas de calor na zona urbana, c) bairro da Constituição, d) domínio de computação (com as zonas verdes e telhados verdes)

Para cumprir o objetivo fixado, através da avaliação da temperatura e do efeito aerodinâmico de infraestruturas verdes na dispersão da concentração de poluentes atmosféricos na área de estudo, foi aplicado o sistema de modelação composto pelos modelos WRF-CFD (Rafael et al., 2018). O desempenho do CFD foi avaliado e melhorado ao longo dos anos com dados medidos em estações meteorológicas e de qualidade do ar (Borrego et al., 2003; Amorim et al., 2013), bem como com ensaios físicos realizados em túnel de vento (Richards et al., 2006) com excelentes resultados.

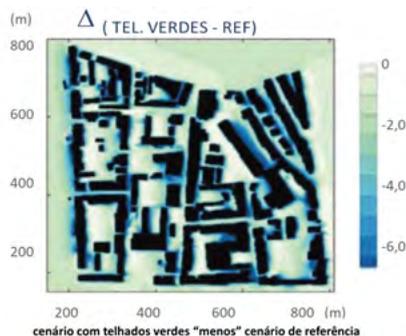


Figura 5 – Telhados verdes e efeito na temperatura

A Figura 5 representa o domínio da Rua da Constituição com a aplicação dos telhados verdes, vendo-se a redução de temperatura (resultante da diferença entre o 'cenário com telhados verdes' e o 'cenário de referência') na gama -1°C e -2°C na maior parte do domínio, atingindo máximos de -6°C (pontualmente junto aos edifícios). Esta diminuição de temperatura é muito relevante quando se compara com a previsão de aumento a médio prazo (2050) de $1,9^{\circ}\text{C}$, podendo ser uma medida adequada para suavizar as ondas de calor prevista para meados do século XXI.

Dada a metodologia descrita, avaliou-se a capacidade do sistema de modelos numéricos para simular o escoamento do vento, uma vez que a maioria das medidas de resiliência em estudo irão influenciar o padrão do escoamento. De seguida, estimou-se a influência das medidas de resiliência na concentração de poluentes atmosféricos em termos de comportamento e magnitude. A análise foi feita com base horária e considerando a média espacial do domínio, tendo os perfis de concentração seguido o comportamento do fluxo de tráfego, conforme esperado, sendo as maiores concentrações obtidas nos dias da semana e para os períodos de pico do tráfego rodoviário.

Apresenta-se na Figura 6 a concentração do poluente PM10, a 3 m de altura, às 10h00 do dia, como exemplo das simulações feitas para todas as horas da semana. Compara-se, portanto, o comportamento das concentrações de PM10 no cenário de referência (situação atual) com o cenário urbano verde (introdução de áreas verdes e telhados verdes em todo o domínio). Neste caso, as concentrações máximas obtidas às 10h00, em ambos os cenários, tinham valores próximos do valor limite fixado na legislação, mas, quer a área afetada pelas concentrações, quer as concentrações, são menores no cenário verde.

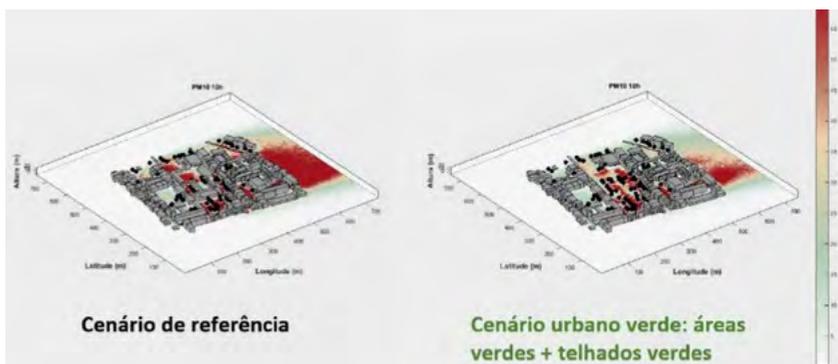


Figura 6 – Qualidade do ar e conforto pedonal: concentrações de PM10 a 3 m de altura e às 10h00

Estes resultados estão de acordo com os valores médios registados na estação de medição da qualidade do ar (classificada como estação de tráfego de acordo com a fonte de emissão dominante) localizada próxima ao domínio de estudo e resultam do efeito combinado de baixa velocidade do vento (e, por isso, não promove a dispersão) e emissões mais altas. Uma baixa dispersão implica que os poluentes atmosféricos ficam retidos perto da fonte emissora, aumentando os níveis de concentração dos poluentes atmosféricos. Resumindo, a qualidade do ar à escala local tem as seguintes características:

- dependente da morfologia urbana e condições climáticas locais (direção e velocidade do vento);
- dependente da presença de vegetação (localização, geometria e densidade de área foliar);
- apresenta redução em 20% das concentrações horárias de PM10 com a implementação de áreas verdes;
- indica aumento da velocidade do vento, o que significa aumento da dispersão dos poluentes atmosféricos;
- permite formação de novas áreas de recirculação, contribuindo para a geração de *hot-spots* (concentrações acumuladas no mesmo local) de poluentes.

6. Conclusões

Tornar uma cidade sustentável e resiliente à poluição do ar é uma necessidade crescente, principalmente no atual contexto de alterações climáticas. Hoje em dia, os problemas de qualidade do ar ainda persistem, especialmente nas cidades, onde vive a maior parte da população europeia. É fundamental a implementação de opções que vão além das medidas tecnológicas típicas. Este trabalho teve como objetivo avaliar a influência de diferentes medidas de resiliência, com base em infraestruturas verdes, no escoamento e dispersão de poluentes atmosféricos numa zona urbana de Portugal. A análise dos cenários de resiliência demonstrou que as infraestruturas verdes têm um papel a desempenhar à escala da cidade.

Os resultados mostraram que a implantação da área verde urbana e dos telhados verdes levou à redução da temperatura (que é uma medida de adaptação às alterações climáticas urbanas) e à melhoria da qualidade do ar, com a diminuição global dos valores de concentração dos poluentes do ar, principalmente relacionada com maior ventilação e capacidade de dispersão nas ruas estreitas e com edifícios altos (tipo desfiladeiro). No entanto, em alguns *hot-spots*, a concen-

tração de poluentes atmosféricos aumentou devido às velocidades mais baixas do vento e à formação de áreas de recirculação adicionais. Mostrou também que a qualidade do ar local é fortemente dependente das ligações entre o fluxo de tráfego, as condições meteorológicas, a configuração 3D da rua (ser ou não desfiladeiro) e a presença de árvores. De maneira geral, os resultados indicam que a ausência de vegetação não beneficia a qualidade do ar urbano e, para todos os cenários, mostraram que a mudança da direção do vento pode afetar fortemente os padrões de dispersão dos poluentes (e concentrações), sendo este um fator mais sensível do que a velocidade do vento.

Não obstante os benefícios gerais, deve-se notar que em muitas áreas da cidade, as restrições de espaço significam que há poucas oportunidades para aumentar a extensão da vegetação (especialmente a densidade de árvores) dentro do tecido urbano existente. Este facto, aliado à formação de *hot-spots* nas áreas cobertas pelas árvores, mostra a importância da utilização de ferramentas de modelação numérica no processo de planeamento urbano com o objetivo de otimizar os benefícios das infraestruturas verdes na melhoria da qualidade do ar, do conforto humano, da interação com o clima e da saúde.

Embora as tendências gerais apresentadas neste estudo apontem para os benefícios das infraestruturas verdes, são necessários mais trabalhos para garantir que estes resultados sejam válidos para outras configurações de edifícios e outras morfologias urbanas, bem como para outras condições climáticas.

7. Agradecimentos

O autor agradece a todos os colegas do Grupo de Emissões, Modelação e Alterações Climáticas – GEMAC do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e Mar, da Universidade de Aveiro, o apoio para a realização destes trabalhos e, em especial, às Professoras Ana Isabel Miranda e Myriam Lopes, Doutoradas Alexandra Monteiro, Sandra Sorte e Vera Rodrigues.

Referências bibliográficas

Amorim, J. H., Rodrigues, V., Tavares, R., Valente, C., & Borrego, C. (2013). CFD modelling of the aerodynamic effect of trees on urban air pollution dispersion. *Science of the Total Environment*, 461-462, 541-551.

- Borrego, C., Tchepel, O., Costa, A. M., Amorim, J. H., & Miranda, A. I. (2003). Emission and dispersion modelling of Lisbon air quality at local scale. *Atmospheric Environment*, 37, 5197-5205.
- Borrego, C., Monteiro, A., Martins, H., Ferreira, J., Fernandes, A. P., Rafael, S., Miranda, A. I., Guevara, M., & Baldasano, J.M. (2015). Air quality plan for ozone: an urgent need for North Portugal. *Air quality, Atmosphere and Health*, 9, 447-460.
- Brondizio, E. S., Settele, J., Díaz, S., Ngo, H. T. (Eds.) (2019). *Global assessment report on biodiversity and ecosystem services of the Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services (IPBES)*. Bonn, Germany.
- Buccolieri, R., Salim, S. M., Leo, L. S., Di Sabatino, S., Chan, A., Lelpo, P., Gennaro, G., & Gromke C. (2011). Analysis of local scale tree-atmosphere interaction on pollutant concentration in idealized street canyons and application to a real urban junction. *Atmospheric Environment*, 45, 1702-1713.
- Calado, R., Nogueira, P. J., Paixão, E. J., Botelho, J., Carreira, M., & Falcão, J. M. (2004). A onda de calor de Agosto de 2003 e os efeitos sobre a mortalidade da população portuguesa. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 22(2), 7-20.
- Carvalho, D., Martins, H., Marta-Almeida, M., Rocha, A., & Borrego, C. (2017). Urban resilience to future urban heat waves under a climate change scenario: A case study for Porto urban area (Portugal). *Urban Climate*, 19, 1-27.
- Ceballos, G., Ehrlich, P., & Rodolfo, D. (2017). Biological annihilation via the ongoing sixth mass extinction signaled by vertebrate population losses and declines. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America – PNAS* 25, 114 (30).
- Copernicus EU (2021). Copernicus Climate Change Service (C3S) annual report. ECMWF, EU, 2021.
- EC – European Commission SWD 298 final (2020). Kick-starting the journey towards a climate-neutral Europe by 2050. EU Climate Action Progress Report 2020.
- EC – European Commission (2021). European Green Deal: Striving to be the first climate-neutral continent. https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/european-green-deal_pt
- EEA – European Environment Agency (2011). Green infrastructure and territorial cohesion: The concept of green infrastructure and its integration into policies using monitoring systems. Luxembourg.
- EEA – European Environment Agency (2016). Circular Economy in Europe: Developing the knowledge base. Luxembourg.
- EEA – Environmental European Agency (2017). Air quality in Europe — 2017 report. EEA Report No 13/2017. Luxembourg.
- Ellen MacArthur Foundation (2013). *Towards the Circular Economy: Economic and business rationale for an accelerated transition*. EMF, London.
- Fernandes P. (2018). *Sustentabilidade e a Economia Circular*. APCER, outubro 2021, <https://www.apcergroup.com/pt/newsroom/218/sustentabilidade-e-a-economia-circular>

- FAO – Food and Agriculture Organization of the United Nations (2018). The State of World's Forests: Forest Pathways to Sustainable Development. Rome.
- GCP – Global Carbon Project (2021). Carbon budget 2021: An annual update of the global carbon budget and trends. <https://www.globalcarbonproject.org/about/index.htm>
- INE – Instituto Nacional de Estatística (2011). CENSOS, 2011 – Dados Estatísticos para Portugal. <http://censos.ine.pt>
- INE – Instituto Nacional de Estatística (2019). Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – Agenda 2030. INE. <https://www.ine.pt/xurl/pub/377366012>
- Lacressonnière, G., Peuch, V. H., Vautard, R., Arteta, J., Déqué, M., Joly, M., Josse, B., Maréchal, V., & Saint-Martin, D. (2014). European air quality in the 2030s and 2050s: Impacts of global and regional emission trends and of climate change. *Atmospheric Environment*, 92, 348-358.
- Markakis, K., Valari, A., Colette, O., Sanchez, O., Perrussel, C., Honore, R., Vautard, R., Kilmont, Z., & Rao S. (2014). Air quality in the mid-21st century for the city of Paris under two climate scenarios; from the regional to local scale. *Atmospheric Chemistry and Physics*, 14, 7323-7340.
- Marta-Almeida, M., Teixeira, J., Carvalho, M., Melo-Gonçalves, P., & Rocha, A. (2016). High resolution climatic simulations for the Iberian Peninsula: Model validation. *Physics and Chemistry of the Earth*, 94, 94-105.
- Monteiro, A., & Velho, S. (2014). Health heat stress in the Porto metropolitan area – a matter of temperature or inadequate adaptation? *Journal of the Geographical Society of Berlin*, 145, 1-2, 80-95.
- Monteiro, A., Eusebio, C., Carneiro, M. J., Madaleno, M., Robaina, M., Rodrigues, V., Gama, C., Relvas, H., Russo, M., Oliveira, K., Lopes, M., & Borrego, C. (2021). Tourism and air quality during COVID-19 pandemic: lessons for the future. *Sustainability*, 13(7), 3906.
- ONU (2017). ONU News: Perspetiva Global Reportagens Humanas. <https://news.un.org/pt/story/2017/06/1589091-populacao-mundial-atingiu-76-bilhoes-de-habitantes>
- ONU (2021). 26ª Conferência das Partes (COP26) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas. <https://news.un.org/pt/story/2021/11/1770432>
- Rafael, S., Martins, H., Marta-Almeida, M., Sá, E., Coelho, S., Rocha, A., Borrego, C., & Lopes, M. (2017) Quantification and mapping of urban fluxes under climate change: application of WRF-SUEWS model to Greater Porto área (Portugal). *Environmental Research*, 155, 321-334.
- Rafael, S., Vicente, B., Rodrigues, V., Miranda, A. I., Borrego, C., & Lopes, M. (2018). Impacts of green infrastructures on aerodynamic flow and air quality in Porto's urban area. *Atmospheric Environment*, 190, 371-330.
- Richards, K., Schatzmann, M., & Leidl, B. (2006). A wind tunnel investigation of thermal effects within the vicinity of a single block building with leeward wall heating. *Journal of Wind Engineering and Industrial Aerodynamics*, 94, 621-636.

- Sá, E., Martins, H., Ferreira, J., Marta-Almeida, M., Rocha, A., Carvalho, A., Freitas, S., & Borrego, C. (2016). Climate change and pollutant emissions impacts on air quality in 2050 over Portugal. *Atmospheric Environment*, 131, 209-224
- WHO – World Health Organization (2018). 9 out of 10 people worldwide breathe polluted air, but more countries are taking action. <https://www.who.int/news/item/02-05-2018-9-out-of-10-people-worldwide-breathe-polluted-air-but-more-countries-are-taking-action>

Modalidade *b-learning* no ensino-aprendizagem de PLE na China: o caso da Universidade de Hubei

B-learning model in Portuguese teaching and learning in China: the case of Hubei University

Yilan Shen

Universidade de Hubei
yilanshen@hubu.edu.cn

RESUMO

Na Era Digital de hoje, as modalidades de ensino diversificam-se sob a influência das novas tecnologias, sendo o *b-learning* uma das modalidades que têm ganhado destaque em muitos países nos últimos anos. O presente trabalho visa examinar a adoção do modelo *b-learning* no ensino-aprendizagem de PLE na China, através da análise do caso da Universidade de Hubei. A metodologia seguida baseia-se num inquérito a trinta alunos chineses da Universidade de Hubei, o qual inclui catorze perguntas com o intuito de conhecer as suas experiências e opiniões acerca do modelo *b-learning* no atual ensino e aprendizagem de Português, repleto de oportunidades e desafios. Este trabalho propõe algumas conclusões que se podem tornar implicações para o aperfeiçoamento de práticas pedagógicas do ensino de PLE em modalidade *b-learning* no futuro.

PALAVRAS-CHAVE

b-learning, ensino-aprendizagem de PLE, China, *e-learning*, aprendentes chineses, Universidade de Hubei.

ABSTRACT

In today's Digital Age, teaching methods have become more diverse due to the influence of new technologies, with *b-learning* being one of the approaches that have gained prominence in many countries in recent years. The present work aims to examine the adoption of the *b-learning* model in Portuguese teaching and learning in China, through the analysis of the case of Hubei University. The methodology followed is based on a survey of thirty Chinese students from Hubei University. It comprises fourteen questions that are intended to find out about their experiences and opinions regarding the *b-learning* model in the current teaching and learning of Portuguese, a scenario which is full of opportunities and challenges. This work proposes some conclusions that may have implications for the improvement of pedagogical practices of Portuguese teaching in *b-learning* mode in the future.

KEYWORDS

b-learning, Portuguese learning and teaching, China, *e-learning*, Chinese learners, Hubei University.

1. Introdução

Com a ampla utilização das novas tecnologias nas atividades de educação, surgiu uma grande variedade de novos modelos de ensino-aprendizagem nos últimos anos, como por exemplo, o *e-learning*, o Ensino à Distância (EaD), o *b-learning*, entre outros. E o modelo *b-learning*, que combina as vantagens das práticas pedagógicas do ensino presencial e à distância, tem sido uma nova tendência na área de educação. Nesse contexto, o nosso trabalho tem como objetivo examinar o emprego da modalidade *b-learning* no atual ensino-aprendizagem de PLE na China, através da análise do caso da Universidade de Hubei.

O presente artigo estrutura-se em quatro partes. A primeira parte reside no enquadramento teórico da modalidade *b-learning* – o conceito, o funcionamento e vantagens e desvantagens do modelo *b-learning*. Na segunda parte, apresenta-se o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do *b-learning* na China, nomeadamente algumas plataformas de estudo *online* mais utilizadas por aprendentes chineses de PLE. A terceira parte fundamenta-se na realização de um inquérito a trinta alunos do Curso de Português da Universidade de Hubei. Os dados do inquérito informam-nos da situação atual do emprego da modalidade *b-learning* no ensino de PLE, os seus efeitos positivos e desafios enfrentados. No final, com base nas informações e resultados que obtemos, propomos ainda algumas implicações para o aperfeiçoamento do ensino-aprendizagem de PLE na modalidade *b-learning* no futuro.

2. Contextualização teórica da Modalidade *b-learning*

2.1. Conceito de *b-learning*

O termo *blended learning*, ou *b-learning*, também conhecido como aprendizagem híbrida/mista em Português, surgiu no contexto em que os recursos tecnológicos têm intervindo fortemente no processo de ensino e aprendizagem. Trata-se de uma modalidade educativa bimodal que combina o meio presencial com o virtual e superou um dos obstáculos do Ensino à Distância (EaD) – o isolamento (Barbas, 2007, p.5). O objetivo do modelo *b-learning* é, segundo Lopes (2020, p.42), “dinamizar o ensino, com o que há de melhor nos métodos presencial e *online* de ensino, tendo a tecnologia como aliada e potencializadora dos processos de ensino e aprendizagem”. Ao integrar as vantagens da aula presencial e da virtual, o *b-learning* é considerado uma nova tendência nas atividades educativas que utilizam as TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) e ganhou destaque em muitos países.

2.2. Funcionamento do *b-learning*

Diferente do ensino tradicional presencial, que se baseia principalmente na exposição oral do professor na sala de aula, a modalidade *b-learning* tem como protagonista o discente em todo o processo da sua aprendizagem, e o docente apenas desempenha o papel de um “guia experimentado” que o orienta, tendo a tecnologia digital como suporte intermediário (Lopes, 2020, p.4).

O design curricular do *b-learning* é muito importante para que todos os elos no processo de ensino-aprendizagem funcionem bem. O processo de *b-learning* geralmente se compõe das quatro etapas seguintes, como indica Lopes (2020, p.85):

1.^a etapa — Preparação: o docente deve traçar os objetivos e o design instrucional, preparando os materiais didáticos digitais (estudo teórico, vídeos, etc.) relacionados com o conteúdo abordado posteriormente na aula presencial. Depois ele deve disponibilizar os recursos de estudo ao discente no AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem) como plataformas de estudo *online*.

2.^a etapa — Pré-aula *e-learning*: nesta fase, os alunos estudam independentemente os materiais disponibilizados pelo docente no AVA, expressam as próprias opiniões e discutem com os colegas. Ainda é possível que o professor deixe exercícios ou testes *online* para avaliar o resultado dos estudos autônomos prévios pelos alunos. Nessa etapa, o discente constitui-se o protagonista da aprendizagem, e o docente pode oferecer-lhe ajuda e orientação.

3.^a etapa — Aula presencial: esta fase tem o foco na interação e comunicação entre docente e discente. A aula torna-se num ambiente de discussões, resolução de dúvidas, atividades práticas, etc. Os alunos podem discutir em grupo e levantar dúvidas enquanto o professor os ajuda a resolver problemas e compreender conteúdos de maior complexidade.

4.^a etapa — Pós-aula *e-learning*: o docente põe outros materiais à disposição no AVA para que os alunos consolidem e aprofundem os conhecimentos adquiridos. Também é possível introduzir novos conteúdos para dar continuidade à matéria, recomeçando um novo ciclo de *b-learning*.

Como mostrado nas quatro etapas acima, o *b-learning* exige a autonomia e participação por parte do discente e alto nível de interação entre ele e o docente. Os alunos são estimulados a assimilar ativamente os conhecimentos em vez de recebê-los de forma passiva. E os professores têm mais facilidade em receber *feedback* dos alunos e conhecer as suas dúvidas e dificuldades. No entanto, este modelo é muito “dependente da iniciativa do aluno em ser protagonista do seu

próprio aprendizado, o que consiste numa mudança de postura e cultura educativa, que poderá mostrar-se desafiador aos professores” (Lopes et al., 2016, p.429).

2.3. Vantagens e desvantagens do modelo *b-learning*

Ao combinar o ensino tradicional com o *e-learning*, o modelo *b-learning* ultrapassa, em parte, as barreiras do tempo e espaço, dando mais oportunidades à comunicação docente-discente tanto na aula presencial como após a aula. Contudo, esta metodologia exige boas condições do suporte tecnológico e a motivação dos intervenientes no processo de ensino-aprendizagem (Mamede, 2014, p.17). Na literatura, encontramos muitos artigos que abordam as vantagens e dificuldades possíveis na implementação do *b-learning*.

Lopes (2020, p.67) esclarece algumas vantagens da modalidade *b-learning*: i) o facto de permitir aos alunos adquirirem os conhecimentos conforme o seu próprio ritmo de aprendizagem; ii) a possibilidade de o docente receber *feedback* direto do discente; iii) a maior interação docente-discente. Mamede (2014, p.18) ainda acrescenta que o *b-learning* propicia o desenvolvimento de dinâmicas coletivas entre os participantes, reforça o espírito de equipa e várias competências, e possibilita a troca de experiências entre um grande número de participantes simultaneamente.

Entretanto, é possível que existam algumas dificuldades que possam reduzir a eficácia da aprendizagem na modalidade *b-learning*, como indica Lopes (2020, p.68): i) suporte tecnológico inadequado/deficiente em matéria da disponibilidade/recursos; ii) falta de iniciativa/autonomia do aluno em assumir o papel de protagonista na sua própria aprendizagem; iii) interação entre o docente e o discente de forma inadequada; iv) preparação inadequada/incompleta dos recursos pelo docente para suportar a aula presencial e *online*. Com base nisso, é importante a garantia das condições necessárias para ultrapassar as possíveis dificuldades e obter melhores resultados de aprendizagem.

Na Secção 4, analisaremos os resultados do inquérito e verificaremos as vantagens e os desafios do modelo *b-learning* que se realiza atualmente no ensino-aprendizagem de PLE na China.

3. AVA de *b-learning* do ensino-aprendizagem de PLE na China

Como parte do suporte para o *b-learning*, o AVA tem importância igual à da sala de aula. Na China, há várias plataformas *online* e aplicações móveis de

e-learning, como plataformas de MOOC (*Massive Open Online Course*) e de SPOC (*Small Private Online Course*). Nesta secção, tomaremos a Universidade de Hubei como exemplo para apresentar algumas plataformas e aplicações mais utilizadas no ensino-aprendizagem de PLE na China. Situada na cidade de Wuhan, a Universidade de Hubei abriu o curso de Português em 2016 e, até setembro de 2021, o Departamento de Português contava com seis professoras chinesas, três leitores e cerca de cem alunos matriculados.

3.1. Plataformas de MOOC

O termo MOOC, advindo da sigla em inglês *Massive Open Online Course*, refere-se a Curso *Online* Aberto em Massa, com a finalidade de “oferecer a uma grande quantidade de aprendentes acesso a uma diversidade de conhecimentos através da *web* e das TIC” (Fu, 2017, p. 168). Na China, existem mais de vinte plataformas de MOOC para o ensino superior, umas abertas ao público em geral, outras apenas aos professores e alunos universitários. A plataforma *iCourse* (爱课程) é a maior plataforma de MOOC na China. Dispõe de mais de oito mil cursos *online* de diversas áreas e oferece serviços como aulas *online* ao vivo, acompanhamento do processo de estudo dos alunos, ferramentas instrucionais, entre outros. Além disso, as plataformas *XuetangX* (学堂在线), *Xueyinonline* (学银在线) e *UOOC* (优课联盟) também são amplamente usadas na China.

Apesar dos abundantes recursos abertos de *e-learning*, os cursos relacionados com a Língua Portuguesa ainda são escassos. Até setembro de 2021, existiam somente dois MOOC de Português lançados por instituições de ensino superior. O primeiro, denominado de “Português para Ensino Universitário” foi publicado em 2017 pela Universidade de Hubei nas plataformas *XuetangX* e *UOOC*. Registrando um total de 14.387 inscritos, o curso tem 28 horas e 16 unidades, e aborda a fonética básica e os temas do dia a dia em Português. Cada unidade envolve explicações de textos e de gramática, apresentação da cultura lusófona, exercícios, testes e resolução de dúvidas. O outro curso chama-se “Apreciação de Língua e Cultura Portuguesas”, lançado pela Universidade de Jinan em abril de 2021 na plataforma *iCourse*, já com 508 inscritos.

No global, frente ao número crescente dos aprendentes chineses de Português, são necessárias mais colaborações entre professores e instituições na área de PLE para a maior oferta de cursos *online* e outros recursos digitais de

Português em prol do desenvolvimento sustentável do ensino-aprendizagem de PLE na China.

3.2. Plataforma *Xuexitong*

O *Xuexitong* (学习通) é uma plataforma gratuita para a criação e gerenciamento de cursos *online*, sendo parecido com o Moodle usado em Portugal. Diferente dos MOOC, que são normalmente construídos pelos professores de renome ou por uma equipa, no *Xuexitong* qualquer profissional de educação pode criar cursos *online* para a realização do seu ensino híbrido. Com versão *web* para o computador e aplicação móvel para o *smartphone*, a plataforma tem funções variadas: criação de sala de estudo, espaço de discussão, envio de tarefas, realização e correção de testes, relatório e estatísticas do desempenho dos alunos na aprendizagem, etc. Além de funcionar como um ambiente virtual de *e-learning*, o *Xuexitong* pode ser utilizado na aula presencial como ferramenta instrucional para realizar atividades e fomentar a interação entre docente e discente. Por exemplo, em vez de o professor registar a assiduidade dos alunos pela chamada de nomes, os alunos podem marcar a presença propriamente na aplicação do *Xuexitong* no telemóvel desde que recebam as instruções do professor. Também há atividades como votação, concurso de perguntas e respostas, questionário, cronómetro, tarefas em grupo, projeção do ecrã, entre outras, como demonstradas na Figura 1. A grande variedade de atividades pode chamar a atenção dos alunos, promover a participação do discente, além de criar uma atmosfera ativa na aula.

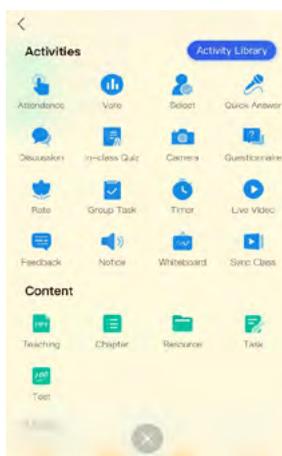


Figura 1 – Interface de atividades educacionais na aplicação Xuexitong é a maior plataforma de MOOC na China

Ademais, o *Xuexitong* é uma plataforma de recursos digitais de estudo, onde são exibidos livros e revistas eletrônicos, vídeos, MOOC, etc., à disposição de todos os utilizadores.

3.3. *B-learning* usando aplicações de comunicação social

O *Wechat* e o *QQ* – as aplicações de redes sociais mais usadas pelos chineses – também fazem parte do AVA para os aprendentes chineses de Português, principalmente durante o período em confinamento pela pandemia de COVID-19. Nas instituições chinesas, é comum que as turmas criem grupos de conversa no *Wechat* ou *QQ* para a transmissão de avisos e discussão. Deste modo, o docente aproveita para enviar tarefas e recursos didáticos aos alunos através do grupo de *Wechat* ou *QQ*. O mini-programa *Tencent Meeting* pode ser usado no *Wechat* para a realização de aulas *online* ao vivo, igual ao *Zoom* em outros países. Os mini-programas são aplicações que funcionam dentro do *Wechat*, sem necessidade de os descarregar no dispositivo. Mais do que uma aplicação de mensagens, o *Wechat* ainda nos permite obter informações e recursos do nosso interesse via as contas de subscrição, que visam partilhar informações e histórias com os seus seguidores. Há muitas contas de subscrição em relação à divulgação e aprendizagem da Língua Portuguesa, algumas criadas por instituições da área e outras por indivíduos independentes. Por exemplo, a conta oficial do Consulado de Portugal em Xangai, seguida por muitos aprendentes chineses de Português, publica periodicamente artigos que apresentam a cultura portuguesa, como demonstrado na Figura 2. Estas contas transformam o *Wechat* numa plataforma importante de aquisição de recursos digitais do estudo de Português para estes aprendentes chineses.



Figura 2 – Página principal da conta oficial do Consulado de Portugal em Xangai, no Wechat (acedido a 18.08.2021)

Quanto à aplicação QQ, o seu uso é mais aconselhável no computador, por possibilitar o compartilhamento do ecrã com os membros de um grupo de conversa e o envio de documentos pesados. Enquanto no *Wechat* só podem ser enviados arquivos de menos de 200MB e vídeos de até 25MB, o QQ não tem limite de tamanho. Além disso, os grupos de conversa do QQ têm ferramentas instrucionais disponíveis para realizar atividades na aula como votação, marcação de presença, espaço para tarefas e recolha de dados.

Como estas duas aplicações são muito familiares para os chineses, é mais fácil e conveniente o uso delas por parte tanto do docente como do discente.

Enfim, o estado do uso das plataformas apresentadas será explicitado nas secções seguintes. A seguir, abordam-se os métodos que utilizamos para a realização da nossa investigação.

4. Metodologia

O nosso trabalho recorre a uma metodologia do tipo quantitativo, que presuppõe um inquérito que foi administrado por nós a trinta alunos chineses de Português na Universidade de Hubei. Os informantes frequentam o segundo ou terceiro ano do curso de licenciatura em Português.

Constituído por duas partes, o inquérito tem como objetivo examinar os sentimentos e opiniões dos alunos chineses acerca do modelo *b-learning*, atualmente utilizado na sua aprendizagem de Português. A primeira parte reside na recolha de informações básicas sobre o perfil dos inquiridos (idade, sexo, língua materna, anos de estudo de Português). A segunda parte consiste em catorze perguntas de escolha múltipla sobre o modelo *b-learning* na sua aprendizagem de Português, umas de seleção única e outras de seleção múltipla. Como se manifesta no anexo no final do nosso trabalho, as perguntas compreendem três aspetos: i) o conhecimento e os sentimentos dos informantes tocantes ao *b-learning*; ii) a situação da realização do *b-learning* na sua aprendizagem de Português e o uso das TIC pelos docentes no ensino; iii) vantagens e desafios existentes no atual modelo de *b-learning*. A partir da análise das respostas do presente inquérito, passaremos a conhecer o atual estado do uso do *b-learning* no ensino e aprendizagem de PLE na China e alguns desafios que enfrentamos.

O inquérito é elaborado em Chinês para que os participantes da pesquisa não tenham dificuldades no entendimento das perguntas, uma vez que estas podem conter termos específicos da área de educação e alguns dos informan-

tes ainda não contam com o nível de Português suficiente para compreendê-los. A distribuição e recolha dos dados do inquérito efetuaram-se via *Internet* em 18 de agosto de 2021, sem que os inquiridos manifestassem qualquer dúvida a respeito das perguntas ou do processo.

Na próxima secção, serão apresentados os resultados do nosso inquérito.

5. Resultados e discussões

Na presente secção, analisam-se o perfil dos informantes e as respostas deles às catorze perguntas do inquérito em termos do modelo *b-learning* na sua aprendizagem de Português. Todas as perguntas se encontram no Anexo do trabalho, tendo sido traduzidas por nós para Português.

5.1. Perfil dos informantes

De acordo com os dados da primeira parte do inquérito, os nossos informantes têm entre 19 e 23 anos e estudam português há dois (40 %) ou três (60%) anos. Quanto ao sexo, 23,33% deles são do sexo masculino enquanto 76,67% são do sexo feminino, demonstrando que a maior parte dos aprendentes de Português no caso estudado são mulheres. Todos falam Chinês como língua materna.

5.2. Análise das respostas dos informantes

Nesta secção, analisaremos as respostas dos participantes às catorze perguntas a respeito do *b-learning* do nosso inquérito.

As primeiras duas perguntas procuram inquirir o conhecimento dos informantes sobre o modelo *b-learning*. Surpreendentemente, a esmagadora maioria dos inquiridos (86,67%) afirmam saber o que é *b-learning*, e destes, 66,67% ainda afirmam preferir este método de ensino-aprendizagem nos seus estudos.

Quanto ao uso do *b-learning* pelo docente no ensino, 90% dos informantes admitem que os seus professores usam a modalidade *b-learning* no ensino de Português. Entre eles, 20% dizem que os professores o utilizam frequentemente. Isto manifesta a ampla utilização do *b-learning* pelo docente chinês no ensino de PLE.

O *e-learning* constitui uma parte fundamental no processo do *b-learning*. Conforme as respostas (Pergunta 4 no Anexo), 50% dos inquiridos já frequentaram os MOOC de Português na China. Entre a outra metade dos informantes que não assistiram, 80% deles não sabiam que havia MOOC de Português e 20% não

tinham interesse. Portanto, é preferível que divulguemos os MOOC de Português entre os alunos para aproveitarem estes recursos úteis na sua aprendizagem.

O *Wechat* e o *QQ* são utilizados pela maior parte dos informantes (86,67%) como plataformas de *e-learning*, seguidos pela aplicação *Xuexitong* (66,67%). 23% também usam plataformas de MOOC. Para além de serem ferramentas imprescindíveis de comunicação interpessoal, o *Wechat* e o *QQ* desempenham um papel relevante na aprendizagem de Português por alunos chineses.

No que se refere à pré-aula *e-learning* (perguntas 6 e 7 no Anexo), todos os informantes afirmam que esta etapa é importante no processo de aprendizagem, demonstrando que eles têm a consciência da importância do estudo autónomo *online* antes da aula presencial. Ademais, em caso de dúvidas durante o *e-learning*, 10% dos inquiridos disseram ignorá-las, ao passo que a maioria tende a fazer pesquisas *online* (70%) e/ou refletir por conta própria (73,33%). Metade dos informantes também recorrem à ajuda dos colegas em discussões e 30% pede o auxílio dos seus professores. Este resultado evidencia que a maioria dos alunos chineses preferem resolver problemas independentemente em vez de trabalharem com outrem. Na etapa de pós-aula *e-learning*, a grande maioria (93,33%) dos inquiridos afirma que conseguem concluir os trabalhos de casa após a aula.

Globalmente, no processo do *e-learning* de Português, as partes favoritas dos inquiridos, conforme as repostas (perguntas 9 no Anexo), são respetivamente: estudo dos materiais por conta própria (66,67%), discussão com os colegas ou professores (50%), exercícios *online* (20%), e testes *online* (3,33%).



Gráfico 1 – Respostas à pergunta 10

E na aula presencial, ao observar o Gráfico 1, constata-se que os inquiridos preferem as partes de explicações pelos professores (90%), resolução de dúvidas pelos professores (80%), e discussão entre docente e discente (56,67%). Apenas 26,67% dos alunos escolheram o trabalho de grupo e a apresentação de trabalhos.

Este resultado demonstra que os alunos ainda apresentam uma certa dependência dos professores na aula presencial. É importante que o docente, como um “guia experimentado”, estimule o interesse do discente pelo trabalho de grupo e apresentação de trabalhos, atividades que podem desenvolver a autonomia e habilidades de comunicação e expressão dos alunos.

Em relação ao uso das TIC, todos os informantes afirmam que os seus professores de Português as utilizam nas aulas presenciais. As TIC já se perfilam como um instrumento indispensável no ensino de PLE na China. 80% dos inquiridos concordam que o uso das ferramentas instrucionais digitais como a aplicação *Xuexitong* ajuda na promoção da eficácia de aprendizagem nas aulas presenciais.

As últimas duas perguntas (Perguntas 13 e 14 no Anexo) visam detetar algumas vantagens e desafios do atual modelo *b-learning* do ponto de vista dos aprendentes chineses. Segundo as respostas dos inquiridos, a vantagem mais óbvia da modalidade *b-learning*, em comparação com o ensino tradicional, reside no desenvolvimento da autonomia do discente na aprendizagem, visto que 60% dos informantes escolheram a opção A na Pergunta 13, conforme ilustrado no Gráfico 2. Além disso, perto de metade dos alunos julgam que o *b-learning* pode estimular o seu interesse pelo estudo e melhorar o seu método de aprendizagem. 36,67% deles concordam que pode promover a interação docente-discente e propiciar uma aprendizagem mais profunda e abrangente. Porém, 13,33% não acham que o *b-learning* tenha vantagens, o que merece a nossa atenção.

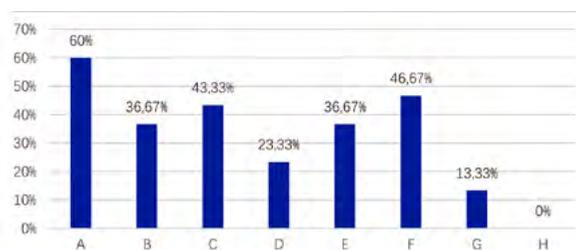


Gráfico 2 – Respostas à pergunta 13

Quanto aos desafios, as opções A (falta de iniciativa e autonomia do discente em assumir a postura de protagonismo no processo de ensino-aprendizagem) e B (escassez dos recursos *online* para o ensino-aprendizagem de Português) são as mais escolhidas pelos respondentes (70%), mostrado pelo Gráfico 3. Como mencionado na Secção 1.2 do nosso artigo, o protagonismo do discente no processo de aprendizagem constitui o aspeto primordial do modelo *b-learning* (Lopes, 2020,

p. 69). Neste sentido, a falta de motivação e autonomia dos alunos em protagonizar a sua aprendizagem pode ser um grande desafio para este modelo. Tendo em conta a importância do *e-learning* no ensino híbrido, a escassez de recursos digitais de Português nas plataformas *online* tende a ser, como esperamos, um dos obstáculos ao desenvolvimento do *b-learning* de PLE na China. Ademais, 56,67% dos informantes acham que a interação docente-discente ainda não é suficiente e 30% sugerem que haja mais discussões por parte dos alunos. 23,33% aponta a falta de atividades na aula. Ainda há alguns que escolheram as opções E (preparação incompleta/inadequada dos recursos pelo docente para o “pré-aula *e-learning*”) e G (insuficiência de explicações por docente na aula presencial).

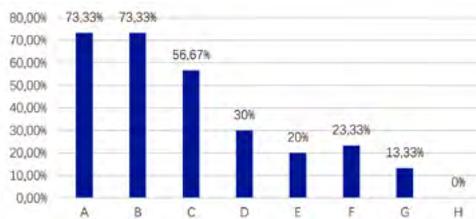


Gráfico 3 – Respostas à pergunta 14

Considerações finais

Ao analisar o caso da Universidade de Hubei, este trabalho permite-nos conhecer a modalidade *b-learning* como um novo modelo de ensino-aprendizagem de PLE na China, repleto de oportunidades e desafios ao mesmo tempo. O papel dos alunos como o protagonista em todo o processo de ensino-aprendizagem contribui para o estímulo do seu interesse pelo estudo, e o desenvolvimento das suas competências pessoais, além de contribuir para uma maior interação entre docente e discente, combinando as vantagens dos meios presencial e virtual de ensino. No entanto, a falta de motivação e autonomia do discente na aprendizagem e a escassez dos recursos didáticos *online* de Português são vistas como alguns dos maiores desafios na prática do *b-learning* no ensino de PLE na China. A insuficiência das discussões entre os alunos e da interação docente-discente pode ser justificada pelo facto de que os alunos chineses gostam mais de estudar e resolver dúvidas sozinhos do que com outrem, segundo os resultados do inquérito.

Na expectativa de contribuir para o aperfeiçoamento de práticas pedagógicas do ensino de PLE em modalidade *b-learning*, este trabalho ainda nos possibilita obter algumas implicações como referências para o ensino de PLE na China.

Por um lado, será importante haver mais colaborações entre docentes de áreas diferentes, bem como entre instituições académicas da China e dos países lusófonos para a criação e o compartilhamento de materiais e recursos educacionais *online*, a fim de satisfazer as necessidades do ensino-aprendizagem de PLE na Era Digital. Por outro lado, é necessário prestar atenção ao desenvolvimento da iniciativa e autonomia do discente na aprendizagem. Por exemplo, convém realizar mais atividades na aula como discussão, debate e jogos, para que os alunos participem ativamente na aula. Também é preferível deixar trabalhos de grupo aos alunos depois da aula, de modo a motivar mais discussões e colaborações entre os alunos. Na parte de *e-learning*, ainda se pode criar um período específico para as comunicações e discussões *online* entre docente e discente, possibilitando ao docente receber o *feedback* direto e oportuno dos alunos. Uma preparação bem estruturada de materiais didáticos para o *e-learning* e um acompanhamento constante pelo docente fora da aula presencial serão fundamentais para a garantia da eficácia do ensino-aprendizagem.

Referências bibliográficas

- Barbas, M. P. B. S. C. (2007). *B-learning como espaço integrador de mudanças dos formatos: do papel ao ecrã*. Santarém: Instituto Politécnico de Santarém, Escola Superior de Educação.
- Fu, H. Y. (2017). Perspetiva de MOOC no ensino de PLE na China. In Lei H. L. (Eds.), *Actas do 3.º Fórum Internacional do Ensino da Língua Portuguesa na China* (pp. 167-177). Macau: Instituto Politécnico de Macau
- Lopes, S. F. S. F. (2020). *A proposta b-learning da sala de aula invertida (flipped classroom): potencialidades e desafios no contexto do Ensino Superior* (Tese de doutoramento). Universidade do Porto, Porto.
- Lopes, S. F. S. F., Gouveia, L. B., & Reis, P. (2016). O modelo de ensino do “flipped classroom” (sala de aula invertida) no âmbito do ensino superior, In Gabinete de Relações Internacionais e Apoio ao Desenvolvimento Institucional (Eds.), *Atas dos Dias da Investigação na UFP Research Days Proceedings 2016* (pp. 425-448). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/316241201_O_modelo_de_ensino_do_'flipped_class-room'_sala_de_aula_invertida_no_ambito_do_ensino_superior
- Mamede, S. M. P. (2014). *Comportamento do Consumidor Digital – O caso do e-learning nas licenciaturas do ensino superior português* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto, Porto.

Anexo

Inquérito em Chinês

本调查问卷采取不记名方式,用于教学研究项目,谢谢合作!

I. 基本信息

1. 性别:男__女__
2. 年龄:___
3. 母语:___
4. 学习葡语时长:___年

II. 回答下列问题。

1. 你了解“线上线下混合式教学”吗?
 - A. 很了解
 - B. 听说过,有一点了解
 - C. 不了解
2. 你认为以下哪种教学模式更加高效?
 - A. 线下面对面教学
 - B. 线上教学
 - C. 线上线下混合式教学
3. 你的老师在葡语教学中是否使用线上线下混合式教学模式?
 - A. 是的,经常使用
 - B. 偶尔使用
 - C. 从未使用
4. 你是否观看过葡萄牙语慕课?
 - A. 看过
 - B. 没看过,原因是___
5. 在葡语线上线下混合式学习中,你最常使用的在线学习平台或软件是?
 - A. 中国大学MOOC、学堂在线、优课联盟等慕课平台
 - B. 学习通
 - C. 微信、QQ
6. 你是否认为课前自主学习环节在葡语学习过程中很重要?
 - A. 是
 - B. 否

7. 在课前自主预习时, 如果遇到问题, 你通常会(多选):
- A. 放任不管
B. 上网搜索
C. 与同学在线讨论
D. 与同学线下讨论
E. 询问老师
F. 自己独立思考 G.其他_____
8. 课堂学习结束后, 你是否会认真完成课后任务?
- A. 是
B. 否
9. 葡语线上学习过程中, 你最喜欢的环节是(多选):
- A. 在线观看视频、资料等自主学习
B. 与老师、同学在线讨论
C. 在线做题
D. 在线测试
E. 其他_____
10. 在葡语线下课堂中, 你最喜欢的环节是(多选):
- A. 教师讲授
B. 教师答疑
C. 分组任务
D. 展示汇报
E. 随堂练习
F. 随堂测试
G. 师生讨论 H.其他_____
11. 老师在线下课堂教学中会使用信息技术辅助教学吗?
- A. 经常使用
B. 偶尔使用
C. 从不使用
12. 你认为在线下课堂教学中使用学习通等软件开展课堂活动对课堂学习效果是否会有帮助?
- A. 有帮助
B. 没帮助
13. 与传统教学相比, 你认为线上线下混合式教学有何优势?(多选)
- A. 有利于提高学生的自主学习能力
B. 学生知识掌握更加全面和深入
C. 有利于增强学生的学习兴趣
D. 有利于提高学生的团队协作能力
E. 有利于加强师生互动 F. 有利于改进学生的学习方法, 提高学习效率
G. 没有优势 H.其他_____

14. 你认为目前葡语线上线下混合式教学存在的问题有(多选):

- A. 学生自身自主学习能力不够
- B. 缺少葡语在线学习资源
- C. 师生互动缺乏
- D. 学生讨论环节过少
- E. 教师学习资料准备不充分/不合适
- F. 课堂活动过少
- G. 教师讲授过少
- H. 其他_____

Inquérito em Português

Este inquérito é anónimo e destina-se a uma investigação pedagógica.
Obrigado pela colaboração.

I. Dados do aluno

1. Sexo: masculino__ feminino__
2. Idade: ____
3. Língua materna: ____
4. Anos de estudo de Português: ____ anos

II. Responda às seguintes perguntas.

1. Sabe o que é *b-learning*?
 - A. Sim.
 - B. Não.
2. Entre os modelos seguintes, qual considera mais eficaz?
 - A. ensino presencial face a face
 - B. *e-learning*
 - C. *b-learning*
3. Os seus professores usam a modalidade *b-learning* do ensino de Português?
 - A. Sim, frequentemente.
 - B. De vez em quando.
 - C. Nunca usam.
4. Já assistiu aos MOOC de Português *online* na China?
 - A. Sim.
 - B. Não, porque _____.

5. Quais são as plataformas *online* que usa mais no *e-learning* de Português? (seleção múltipla)
- A. Plataformas de MOOC
 - B. *Xuexitong*
 - C. *Wechat* e *QQ*
6. Acha que a etapa de “pré-aula *e-learning*” é importante no processo de aprendizagem de Português?
- A. Sim.
 - B. Não.
7. Durante o processo de pré-aula *e-learning*, no caso de ter dúvidas ou dificuldades, normalmente vai _____: (seleção múltipla)
- A. ignorar
 - B. pesquisar na Internet
 - C. discutir com os colegas
 - D. pedir ajuda ao docente
 - E. refletir por conta própria F. mais: _____
8. Na etapa de pós-aula *e-learning*, normalmente consegue terminar os trabalhos dados pelos professores?
- A. Sim.
 - B. Não.
9. No *e-learning* de Português, quais são as partes de que gosta mais? (seleção múltipla)
- A. estudo dos materiais (textos, vídeos, etc.) por conta própria
 - B. discussão com os colegas ou professores
 - C. exercícios *online*
 - D. testes *online*
 - E. mais: _____
10. Na aula presencial, qual a parte de que gosta mais? (seleção múltipla)
- A. explicações pelos professores
 - B. resolução de dúvidas pelos professores
 - C. trabalho em grupo
 - D. apresentação de trabalhos
 - E. exercícios na aula F. testes na aula
 - G. discussão entre docente e discente H. mais: _____

11. Os seus professores usam as TIC nas aulas presenciais de Português?
- A. Sim, frequentemente.
 - B. De vez em quando.
 - C. Nunca usam.
12. Na sua opinião, a realização de atividades nas aulas usando aplicações como *Xuexitong* pode promover a eficácia de aprendizagem?
- A. Sim. Não.
13. Em comparação com o ensino tradicional, quais são as vantagens da modalidade *b-learning*? (seleção múltipla)
- A. Pode desenvolver a autonomia do discente na aprendizagem.
 - B. Favorece a aquisição de conhecimentos de forma mais profunda e abrangente.
 - C. Pode estimular o interesse do discente pelo estudo.
 - D. Pode desenvolver as competências do discente para o trabalho em equipa.
 - E. Pode promover a interação entre docente e discente.
 - F. Pode melhorar a metodologia de estudo por discente.
 - G. Não há vantagens.
 - H. Mais: _____
14. Na sua opinião, quais são os problemas do atual modelo de *b-learning* no ensino-aprendizagem de PLE?
- A. falta de iniciativa e autonomia do discente em assumir a postura de protagonismo no processo de ensino-aprendizagem
 - B. escassez dos recursos *online* para o ensino-aprendizagem de Português
 - C. insuficiência de interação entre docente e discente
 - D. insuficiência de discussões entre os alunos durante a aprendizagem
 - E. preparação incompleta/inadequada dos recursos por pelo docente para o pré-aula *e-learning*
 - F. falta de atividades na aula presencial
 - G. insuficiência de explicações por docente na aula presencial
 - H. Mais: _____

Aquisição da posição dos clíticos em português europeu como L2

The Acquisition of Clitic Placement in L2 European Portuguese

Wenjun Gu

SISU&CLUNL/NOVA
caro_g@shisu.edu.cn

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo que visa investigar a aquisição dos pronomes cíticos em português europeu (PE) por alunos chineses. Com base em duas tarefas de juízos de aceitabilidade (uma sem pressão de tempo e a outra com pressão de tempo), gostaríamos, por um lado, de fazer uma melhor caracterização do desenvolvimento das propriedades de colocação de pronomes cíticos na gramática de interlíngua dos alunos chineses; por outro lado, contribuir para uma melhor compreensão das propostas teóricas sobre a possibilidade da aquisição dos traços funcionais que não estão disponíveis na língua materna (L1). Os resultados preliminares sugerem que, tal como demonstrado em trabalhos anteriores sobre PE L1 e PE L2, as condições que determinam a próclise parecem ser mais difíceis de adquirir do que as da ênclise e os diferentes contextos próclíticos parecem desenvolver-se gradualmente, seguindo um caminho semelhante ao anteriormente descrito para o PE L1.

PALAVRAS-CHAVE

Pronomes clíticos, posição, aquisição de L2, aprendentes chineses, português europeu.

ABSTRACT

This paper presents a study which aims to investigate the acquisition of the clitic pronouns in European Portuguese (EP) by Chinese learners. Based on two acceptability judgement tasks (one without any time pressure and the other with time pressure), our aim is firstly to make improve the categorisation of the development of collocating clitic pronouns in Chinese learners' interlanguage grammars. Secondly, we aim to contribute to a better understanding of the theoretical proposals on the learnability problems regarding functional features not available in the first language (L1). The preliminary results suggest that, as shown in previous works on L1 EP and L2 EP, the conditions which determine proclisis seem to be more difficult to acquire than those for enclisis and the different contexts of proclisis seem to develop gradually, following a similar path to that previously described for L1 EP.

KEYWORDS

Clitic pronoun, placement, second language acquisition, Chinese learners, European Portuguese.

1. Introdução¹

A posição dos pronomes clíticos é conhecida como um aspeto problemático, mas interessante, na aquisição do português europeu (PE).

Tal como tem sido descrito na literatura (Ilari, 2013), pode identificar-se, em línguas românicas, três tipos de línguas, no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos relativamente ao seu hospedeiro.

Na maioria das línguas românicas, como, por exemplo, o italiano, o espanhol e o catalão, os padrões de colocação de clíticos estão relacionados com o modo do verbo, nomeadamente, com a finitude da oração. Neste grupo de línguas, o clítico ocorre em posição pré-verbal em orações finitas e em posição pós-verbal em orações não finitas (cf. (1) em italiano)².

- (1) a. Gianni **gli** telefona.
Gianni lhe telefona
“Gianni telefona-lhe”
- b. Gianni ha deciso di telefonar**gli**.
Gianni tem decidido de telefonar-lhe
“Gianni decidiu telefonar-lhe”

O francês, por sua vez, representa um outro tipo, que tem próclise generalizada, quer em orações finitas, quer em não finitas (cf. (2)).

- (2) a. Jean **lui** téléphone.
Jean lhe telefona
“O Jean telefona-lhe”
- b. Jean a décidé de **lui** téléphoner.
Jean tem decidido de lhe telefonar
“O Jean decidiu telefonar-lhe”

¹ O presente trabalho faz parte de um estudo sobre a aquisição de pronomes clíticos por falantes nativos de chinês, que aprendem o português europeu como língua não materna. Trata-se de um trabalho desenvolvido no âmbito do projeto de doutoramento (N.º 201506900058), financiado pelo Conselho das Bolsas de Estudo da China (“China Scholarship Council”, CSC), sob a orientação da Professora Doutora Ana Madeira.

² Todos os exemplos apresentados nesta parte foram retirados de Costa, Fiéis & Lobo (2015, pp. 11-12).

O PE constitui, por sua vez, uma língua que apresenta padrões únicos de colocação de clíticos, não estando estes relacionados com o modo do verbo, mas sim determinados por diferentes condições sintáticas (cf. (3)).

- (3) a. O João não *lhe* telefonou.
b. O João telefonou-*lhe*.
c. O João telefonar-*lhe*-á.

Alguns autores (Martins, 1994, 2016, entre outros) atribuem esta especificidade no padrão de colocação a propriedades específicas do domínio funcional em PE e a propriedades lexicais desta língua. Neste sentido, a aquisição da posição dos clíticos dependerá da aquisição destas propriedades sintáticas e lexicais.

Vários estudos sobre a aquisição dos pronomes clíticos em PE como L1 (Costa & Lobo, 2009, 2013; Costa, Fiéis & Lobo, 2015; Varlokosta et al., 2015, entre outros) indicam que nesta língua as crianças seguem um percurso diferente do observado nas outras línguas românicas, nomeadamente no que diz respeito à aquisição dos padrões de colocação. É um processo bastante tardio, apresentando as crianças portuguesas padrões desviantes até aos 7 anos de idade (Costa, Fiéis & Lobo, 2015). Sugere-se, a partir de alguns destes estudos, um percurso fixo de desenvolvimento na aquisição da posição dos clíticos em PE como L1, marcado principalmente pela generalização inicial da ênclise e pela aquisição gradual dos diferentes contextos da próclise, seguindo uma ordem descrita como: negação > advérbios proclisadores > orações adverbiais finitas > quantificadores (sujeito).

No contexto da aquisição de L2³, os estudos que abordam a aquisição da posição dos pronomes clíticos em PE parecem apontar que a colocação dos clíticos constitui um dos aspetos problemáticos da aquisição do PE para os aprendentes não nativos (Rosário, 1997, 2005; Grosso, 1999; Madeira, Crispim & Xavier, 2006; Mai, 2006; Madeira & Xavier, 2009, entre outros). Foi observado, em alguns destes trabalhos, um determinado percurso de desenvolvimento do padrão da colocação dos clíticos em PE como L2, semelhante ao percurso observado na aquisição de L1.

³ Neste trabalho, utiliza-se o termo L2 (língua não materna) para designar qualquer língua que é adquirida/aprendida depois da língua materna (L1), independentemente do contexto de aquisição/aprendizagem, seguindo a proposta de Madeira (2017, pp. 305-306), em vez de estabelecer uma distinção entre os conceitos de “língua segunda” e de “língua estrangeira”.

Contudo, estes estudos (Rosário, 1997; Madeira, Crispim & Xavier, 2006; Madeira & Xavier, 2009, entre outros) são relativamente homogêneos no que diz respeito aos grupos de participantes, sendo quase todos eles constituídos por falantes nativos de línguas indo-europeias, tais como as românicas (francês, espanhol, catalão e italiano) ou as germânicas (alemão, inglês e holandês), para além de uma língua urálica (finlandês), sem se terem ainda considerado muitas evidências verificadas entre falantes de línguas sino-tibetanas, como o chinês. Esta língua, não só pertence a um grupo linguístico diferente, mas também é especial relativamente à maioria das línguas testadas, pelo facto de que em chinês não existem pronomes clíticos, mas permite-se o objeto nulo, um outro fenómeno específico ligado à aquisição dos clíticos em PE (Costa & Lobo, 2007a). Os nossos últimos trabalhos realizados com os falantes nativos de chinês (Gu, 2019; Gu, no prelo), através de uma tarefa de juízos de aceitabilidade e de uma tarefa de produção (oral) induzida com imagens, parecem ter indiciado evidências positivas para várias observações verificadas nos outros trabalhos, tanto com PE L1 como com PE L2, com respeito às assimetrias da aquisição dos padrões de colocação dos pronomes clíticos e até à ordem do desenvolvimento das revelantes propriedades. No entanto, tratando-se apenas de estudos-piloto, os resultados obtidos nesses trabalhos ainda precisam de ser confirmados por mais dados.

O presente trabalho destina-se a apresentar um estudo sobre a aquisição da posição dos pronomes clíticos de PE por falantes nativos de chinês, tendo como objetivo, por um lado, contribuir para o enriquecimento dos dados empíricos acerca da matéria, e, por outro lado, verificar os resultados anteriormente registados com os falantes nativos de chinês nos estudos-piloto. Como se consideram inexistentes, em chinês, os pronomes clíticos, que estão supostamente associados ao domínio funcional, espera-se que este trabalho ajude a compreender melhor o desenvolvimento das categorias funcionais e as suas propriedades na interlíngua dos aprendentes não-nativos, fornecendo, de alguma forma, novas evidências para as hipóteses levantadas na área da aquisição de L2, nomeadamente as que discutem a possibilidade da aquisição das propriedades funcionais ausentes em L1.

Serão discutidas duas hipóteses neste âmbito, designadamente a de Transferência Plena/Acesso Pleno defendida por Schwartz & Sprouse (1996) e a Hipótese do Déficit Representacional, proposta por Hawkins & Chan (1997). Na perspetiva da Hipótese de Transferência Plena/Acesso Pleno, considera-se que “a gramática da L1 é transferida na sua totalidade, correspondendo ao estágio inicial da aquisição da L2, e é reestruturada gradualmente, à medida que o aprendente é exposto a dados da L2 que são incompatíveis com as regras da gramática da sua

interlíngua” (Madeira, 2017, p. 315). Presume-se que a reestruturação da gramática ocorre com base na Gramática Universal e, assim, conjectura-se que “os falantes não-nativos podem adquirir plenamente todas as propriedades gramaticais da língua-alvo” (Madeira, 2017, p. 315). Por outro lado, na Hipótese do Déficit Representacional, propõe-se que a aquisição das propriedades funcionais está sujeita a um período crítico e que, após este período, as propriedades funcionais que se encontram desativadas na L1 deixam de estar acessíveis aos aprendentes, resultando no insucesso da aquisição destas propriedades na L2.

Realizar-se-á uma discussão dos resultados obtidos neste estudo, com base na qual serão verificadas as predições colocadas por cada uma destas duas hipóteses sobre a aquisição de L2.

2. Pronomes complemento em português europeu e em chinês

A língua portuguesa e a língua chinesa apresentam alguma diferença ao nível da pronominalização de complementos do verbo: em PE, empregam-se pronomes clíticos, enquanto em chinês mandarim, não havendo a categoria de clíticos pronominais, usam-se pronomes fortes, de acordo com a tipologia proposta por Cardinaletti e Starke (1999).

Na dimensão morfológica, encontram-se formas mais diversificadas de pronomes complemento em PE do que em chinês. Os pronomes complemento do PE distinguem-se dos pronomes nominativos e oblíquos (que se realizam como pronomes fortes) e, como se observa na Tabela 1, apresentam formas diferentes para os pronomes acusativos, dativos e reflexos, enquanto, em chinês (Tabela 2), o pronome complemento reflexo mantém-se igual para todas as pessoas e os não-reflexos partilham as mesmas formas que os pronomes nominativos.

Tabela 1 – Pronomes complemento em PE

Pessoa	Não-reflexo		Reflexo
	Acusativo	Dativo	
Sg.	1. ^a	me	me
	2. ^a	te	te
	3. ^a	o/a	lhe
Pl.	1. ^a	nos	nos
	2. ^a	vos	vos
	3. ^a	os/as	lhes

Tabela 2 – Pronomes complemento em chinês

	Pessoa	Não-reflexo	Reflexo
Sg.	1. ^a	我wo ⁴	自己ziji
	2. ^a	你ni/您nin ⁵	
	3. ^a	他ta/她ta/它ta ⁶	
Pl.	1. ^a	我们women	
	2. ^a	你们nimen	
	3. ^a	他们tamen/她们tamen /它们tamen	

No que diz respeito à posição sintática, os pronomes complemento em PE apresentam uma maior variação do que em chinês. Podem ser colocados em posições proclítica, enclítica e mesoclítica, dependendo estes padrões de contextos sintáticos e morfológicos específicos. De acordo com Martins (2013), aplica-se a próclise principalmente quando os clíticos se encontram: a) em orações principais, na presença de determinados elementos em posição pré-verbal, tais como palavras negativas (cf. (4)), certos quantificadores (cf. (5)), certos advérbios (cf. (6)), constituintes QU- (cf. (7)); b) em orações subordinadas finitas (cf. (8)); c) em orações infinitivas flexionadas introduzidas por determinadas preposições (cf. (9)). A ênclise (cf. (10)), como a ordem básica, ocorre nos restantes casos em que não é obrigatória a próclise. Finalmente, a posição mesoclítica ocorre quando os pronomes clíticos se juntam a verbos nas formas do condicional ou do futuro (cf. (11)). A mesóclise pode ser considerada uma variante da ênclise, já que ocorre nos contextos em que o clítico deveria aparecer em ênclise se o verbo não estivesse no futuro ou no condicional (Brito, Duarte & Matos, 2003).

(4) *Não me* disseram nada.

(5) *Tudo me* parece bom agora.

⁴ “Wo” é a “interpretação” do carácter “我” de acordo com o sistema romanizado de chinês, *Pinyin*, que descreve a pronúncia.

⁵ Os dois pronomes diferenciam-se entre eles no grau de intimidade e de respeito/cortesia. Emprega-se “ni” com pessoas relativamente mais íntimas enquanto “nin” é utilizado para mostrar respeito e formalidade.

⁶ Os três pronomes diferenciam-se em género e no traço [±humano]: “他ta” designa seres humanos masculinos e “她ta” seres humanos femininos, enquanto “它ta” se refere a uma entidade não humana (quer macho quer fêmea) ou inanimada.

- (6) *Também o* encontrei lá ontem.
 (7) *Que lhe* parece?
 (8) A Ana disse *que se* levantava sempre muito cedo.
 (9) *Para a* impressionarem, têm de organizar o evento muito bem.
 (10) O João levanta-*se* cedo.
 (11) *Dir-vos-ei* a verdade.

Quanto ao chinês, colocam-se os pronomes em posição pós-verbal (cf. (12)-(14)); e, em posição pré-verbal só em contextos muito restritos, como na construção “ba”⁷ (cf. (15)).

- (12) Ni mei kanjian *wo*.
 Tu não ver eu
 Não *me* viste.
 (13) Wo ye taoyan *ta*.
 Eu também detestar ele
 Também *o* detesto.
 (14) An Na shuo ta renshi *ni*.
 Ana disse ela conhecer tu
 A Ana disse que *te* conhecia.
 (15) Zhe xiangzi hen zhong. Ni ba *ta* fang zheli.
 Esta caixa muito pesada. Tu BA ela deixar aqui
 Esta caixa é muito pesada. Deixa-*a* aqui.

3. Presente estudo

3.1. Metodologia

Neste trabalho, foram realizadas duas tarefas de juízos de aceitabilidade: uma sem pressão de tempo⁸ e a outra com pressão de tempo. Foi incluída uma

⁷ A construção “ba” é um fenómeno específico da língua chinesa, em que uma expressão nominal, que sucede ao elemento “ba”, precede o verbo que a seleciona. Trata-se de um fenómeno bastante estudado na linguística chinesa, nomeadamente no que diz respeito à natureza de “ba” e às propriedades desta construção; no entanto, falta um consenso claro até agora (encontram-se diferentes propostas de análise nos trabalhos de Li, 2006; Huang, Li & Li, 2009, entre outros).

⁸ A tarefa de juízos de aceitabilidade sem pressão de tempo aplicada neste trabalho foi adaptada do estudo de Madeira e Xavier (2009) sobre a aquisição de pronomes clíticos em PE por

tarifa com pressão de tempo, para além de uma sem pressão de tempo, a fim de verificar os juízos acelerados dos participantes. Espera-se que este tipo de tarefa possa impedir os participantes de recorrer ao conhecimento explícito e que os juízos captados desta forma, sendo mais exigentes em termos de processamento, nos tragam informações que uma tarefa sem pressão de tempo não consegue obter, nomeadamente no que diz respeito ao estado da aquisição (ao invés de aprendizagem explícita) das propriedades relevantes dos inquiridos.

3.1.1. Tarefa I – Juízos de aceitabilidade sem pressão de tempo

3.1.1.1. Procedimento

O teste foi realizado individualmente pelos participantes no computador, onde se apresentavam os itens por avaliar. Cada item continha uma frase sublinhada, precedida, em metade dos itens⁹, por um contexto.

Pediu-se aos informantes para avaliar se a frase lhes soava natural e adequada ao contexto (quando aplicável), numa escala de 1 a 5, sendo “1” completamente não aceitável e “5” completamente aceitável. Segue-se um exemplo:

(16) Este vestido é bonito, mas muito caro.

A Lília não o comprou.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Foram incluídos nesta experiência 36 distratores e 60 itens de teste, nos quais se testaram 5 condições distintas¹⁰:

falantes nativos de outras línguas românicas e de línguas germânicas.

⁹ O presente trabalho integra-se num trabalho maior sobre a aquisição de pronomes clíticos em PE e inclui, nos estímulos, não só os clíticos reflexos como também os não reflexos (argumentais acusativos). Para os itens com clíticos não reflexos, é sempre necessária uma outra frase que introduz o contexto para a frase a avaliar. Vale a pena mencionar que não se verificou ligação entre o tipo de clíticos (reflexos ou não reflexos) e os juízos relativos à sua posição, por isso, neste trabalho, não se considerou o tipo de clítico como uma variável para os resultados.

¹⁰ Foram testados 12 itens por condição, metade com pronomes clíticos reflexos e metade com não reflexos, enquanto cada metade continha 3 itens com uso canónico dos clíticos e

- i. orações simples sem nenhum proclisador
- ii. orações simples com proclisadores, nomeadamente:
 - a. negativas (*não*)
 - b. com um quantificador proclisador (*todos*)
 - c. com um advérbio que induz a próclise (*também*)
- iii. orações subordinadas adverbiais causais finitas (*porque*)

3.1.1.2. Participantes

Participaram nesta experiência 26 falantes nativos de PE e 30 falantes nativos de chinês, aprendentes de português provenientes de uma universidade de Xangai. Os alunos chineses foram divididos em dois grupos de acordo com o seu tempo de aprendizagem da língua portuguesa (cerca de 17 meses vs. 40 meses¹¹). Mostram-se, na seguinte tabela, as características registadas destes participantes.

Tabela 3 – Participantes (juízos sem pressão de tempo)

	Grupo 1	Grupo 2	Controlos
Idade	18-19	21-22	19-48 (média 26;9 dp 8,59)
Tempo de aprendizagem	17 meses	40 meses	/
L1	Chinês mandarim	Chinês mandarim	Português europeu
T. de estudo em Portugal	0	8-24 meses (média 13,45)	/
Outras L2	Inglês (n= 19); Japonês (n= 3)	Inglês (n= 11); Japonês (n= 2)	Alemão (n=6); Espanhol (n=11); Francês (n=8); Inglês (n=25); Italiano (n=2); Chinês (n=8)
No. de participantes	19	11	26

3.1.2. Tarefa II – Juízos de aceitabilidade com pressão de tempo

3.1.2.1. Procedimento

O teste de juízos de aceitabilidade com pressão de tempo seguiu quase os mesmos procedimentos que o sem pressão de tempo. Realizou-se no computador, através do programa *Linger*, e pediu-se aos participantes para lerem as frases

os outros 3 com usos que não seguem as normas gramaticais.

¹¹ São alunos de português do 2º e 4º ano de licenciatura, respetivamente.

exibidas e para avaliarem a sua naturalidade e aceitabilidade numa escala de 1 (“completamente não aceitável”) a 5 (“completamente aceitável”).

A maior diferença entre esta tarefa e a tarefa anterior reside na forma e no tempo de exposição dos itens. Nesta experiência, a frase por avaliar e o seu contexto apareceram separadamente no ecrã: o contexto apareceu primeiro; após tê-lo lido, o participante carregou numa tecla, fazendo desaparecer o contexto apresentado, e a frase por avaliar surgiu, palavra por palavra, a um ritmo fixo, no centro do ecrã. Cada palavra permaneceu no ecrã durante 510 milissegundos antes de deixar de ser exibida. Quando desapareceu a última palavra da frase, pediu-se ao participante para selecionar uma das opções (1-5), carregando o número correspondente no teclado.

Foram incluídos nesta tarefa 16 distratores e 20 itens de teste¹², nos quais se testaram as mesmas 5 condições testadas na experiência sem pressão de tempo.

3.1.2.2. Participantes

Participaram nesta experiência 11 falantes nativos de PE¹³ e 28 falantes nativos de chinês, aprendentes de português provenientes de uma universidade de Xangai. Os alunos chineses foram divididos em dois grupos de acordo com o seu tempo de aprendizagem da língua portuguesa (cerca de 13 meses vs. 37 meses¹⁴). Mostram-se, na seguinte tabela, as características registadas destes participantes.

¹² Foram testados 4 itens por condição, 2 itens com uso canónico dos pronomes clíticos e os outros 2 com usos que não seguem as normas gramaticais, sendo não reflexos (argumentais acusativos) todos os clíticos contidos nos itens. Vale a pena mencionar que o número dos estímulos desta experiência é mais reduzido que na tarefa anterior porque a tarefa com pressão de tempo foi desenhada, não só para obter dados de juízos dos participantes sob processamento mais exigente, mas também como um teste adicional para verificar os resultados da tarefa sem pressão de tempo; para além disso, foi ainda uma opção para tornar o teste mais leve para os participantes, tendo em conta que os juízos acelerados são custosos no que diz respeito ao processamento.

¹³ O número de controlos encontra-se bastante reduzido pelo facto de que a tarefa precisa de ser realizada pelos inquiridos no computador da investigadora e a recolha de dados tornou-se difícil depois do surto da pandemia Covid-19.

¹⁴ São alunos de português do 2º e 4º ano de licenciatura, respetivamente.

Tabela 4 – Participantes (juízos com pressão de tempo)

	Grupo 1	Grupo 2	Controlos
Idade	18-20	21-22	19-41 (média 34;2 dp 5,47)
Tempo de aprendizagem	13 meses	37 meses	/
L1	Chinês mandarim	Chinês mandarim	Português europeu
T. de estudo em Portugal	0	8-24 meses (média 13,45)	/
Outras L2	Inglês (n=16)	Inglês (n=12)	Espanhol (n= 6) Francês (n= 6) Inglês (n= 11) Italiano (n=1)
No. de participantes	16	12	11

3.2. Questões de investigação

Com o presente trabalho, procuramos descrever o desenvolvimento das propriedades-alvo na aquisição de PE dos falantes nativos de chinês, averiguando se se encontram, neste grupo de participantes, características semelhantes às observadas em falantes nativos de outras línguas que aprendem PE como L2, assim como nas crianças portuguesas.

Abordam-se especialmente as seguintes questões: (1) os aprendentes chineses de português L2 generalizam a ênclise, apresentando dificuldades na aquisição do padrão de próclise? (2) observam-se diferenças no ritmo de desenvolvimento entre diferentes contextos proclíticos? (3) se sim, qual é a ordem de aquisição que seguem os falantes nativos de chinês?

Como descrito nas partes anteriores, o chinês mandarim, a L1 dos informantes neste caso, diferencia-se do PE, a L2 em estudo, a respeito do seu sistema pronominal: em português, disponibilizam-se tanto pronomes fortes como pronomes clíticos, enquanto, em chinês, só os primeiros estão acessíveis. Assim, para adquirir os pronomes clíticos em PE, os aprendentes chineses, adultos, no nosso caso, precisam de adquirir propriedades funcionais inexistentes na sua L1. Tendo em conta as duas abordagens apresentadas na secção 1, espera-se que:

- 1) Caso se verifique a Hipótese de Transferência Plena/Acesso Pleno, a aquisição das propriedades, com o acesso pleno à GU, acabará por ser bem-sucedida, i.e., todos os padrões de colocação dos pronomes clíticos de PE poderão ser adquiridos pelos aprendentes chineses.

- 2) Caso se verifique a Hipótese do Défice Representacional, não haverá indícios da aquisição dos padrões da colocação dos pronomes clíticos, porque os aprendentes deste estudo, sendo adultos, já não se encontram dentro do período crítico, e, de acordo com a hipótese, não serão capazes de adquirir as propriedades funcionais em estudo, uma vez que estas não fazem parte da sua L1.

Entretanto, as duas abordagens fazem predições iguais no que diz respeito à fase inicial da aquisição das propriedades: os pronomes clíticos não se encontram “estabelecidos” na gramática dos participantes chineses nos estádios iniciais; ou devem ser analisados incorretamente como outras formas em chinês, como, por exemplo, pronomes fortes, ou seja, de qualquer forma, a ênclise será a colocação preferida nesta fase. Esta predição será difícil de ser verificada diretamente com os participantes deste trabalho, pelo facto de que nenhum deles se encontrava na fase inicial da aquisição das propriedades em estudo no momento em que se fizeram os testes.¹⁵ Nesta conformidade, prevê-se que o grupo chinês com menos tempo de aprendizagem (Grupo 1) tenderá a aceitar mais a ênclise nos contextos proclíticos do que o grupo com mais tempo de aprendizagem (Grupo 2).

4. Resultados

4.1. Tarefa I – Juízos de aceitabilidade sem pressão de tempo

Os resultados médios globais obtidos na tarefa de juízos de aceitabilidade sem pressão de tempo são apresentados na Tabela 5:

Tabela 5 – Média das pontuações (Ênclise vs. Próclise)

	Contexto enclítico		Contexto proclítico	
	Ênclise	Próclise	Ênclise	Próclise
Grupo 1	4,56	2,52	2,34	4,18
Grupo 2	4,61	3,09	2,46	4,31
Controlo	4,82	2,12	2,64	4,56

¹⁵ Na verdade, foi pouco possível obter dados com os aprendentes chineses nos estádios iniciais. Realizara-se um teste-piloto com os alunos de português do 1º ano de licenciatura e viu-se que a sua proficiência da língua até ao momento do teste impedia, de forma significativa, a sua compreensão dos estímulos.

Pode-se ver que, de um modo geral, todos os participantes parecem ter conseguido distinguir as condições que determinam a alternância entre ênclise e próclise, dando pontuações superiores a 4 às frases em que os pronomes clíticos se encontram em posições apropriadas e pontuações inferiores a 3 às frases com clíticos em posições desviantes, com exceção do Grupo 2, que parece apresentar uma rejeição mais fraca da próclise nos contextos enclíticos, dando 3,09 à essa posição.

Quanto às taxas de respostas-alvo¹⁶ com respeito aos contextos de ênclise e de próclise (Tabela 6), todos os três grupos parecem apresentar melhor desempenho nos contextos enclíticos do que nos proclíticos, mostrando uma clara tendência de aceitação relativamente aos itens onde se encontram os pronomes em posições canónicas. Não se verificou, aliás, diferença entre o desempenho dos participantes do Grupo 1 e do Grupo 2 (85,09% vs. 87,88%; 76,84% vs. 79,70%).

Nenhum dos grupos parece mostrar indícios de generalização de ênclise nos contextos proclíticos, mantendo-se sempre em menos de 30% os casos em que os informantes deram pontuações 4/5 às frases com clíticos em posição pós-verbal nos contextos com presença dos proclisadores (Tabela 6).

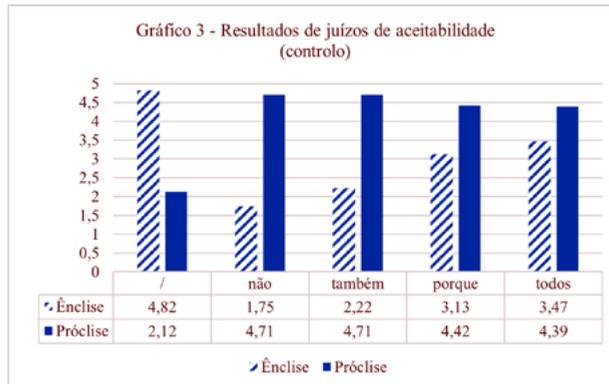
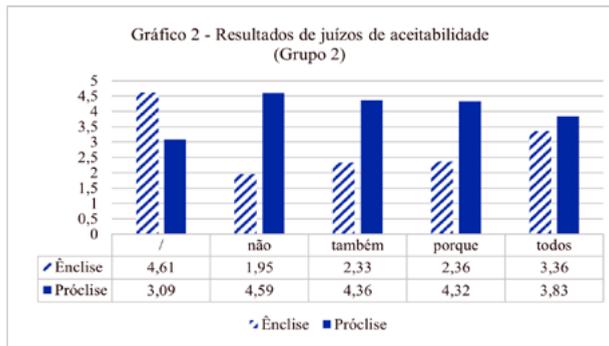
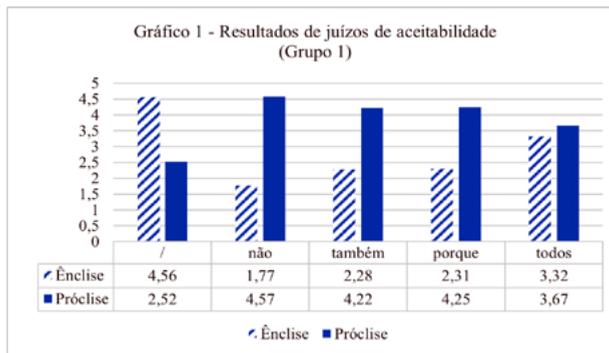
Tabela 6 – Taxas de respostas-alvo (%)

	Contexto enclítico				Contexto proclítico			
	ÊNCLISE		PRÓCLISE		ÊNCLISE		PRÓCLISE	
	1-2	4-5	1-2	4-5	1-2	4-5	1-2	4-5
Grupo 1	3,51	85,09	60,53	25,44	66,84	22,81	10,88	76,84
Grupo 2	1,52	87,88	33,33	40,91	65,76	28,79	5,76	79,70
Controlo	1,92	97,44	68,59	8,33	53,69	26,76	4,97	87,66

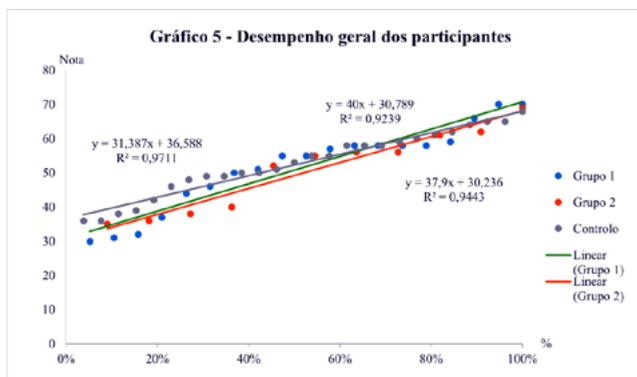
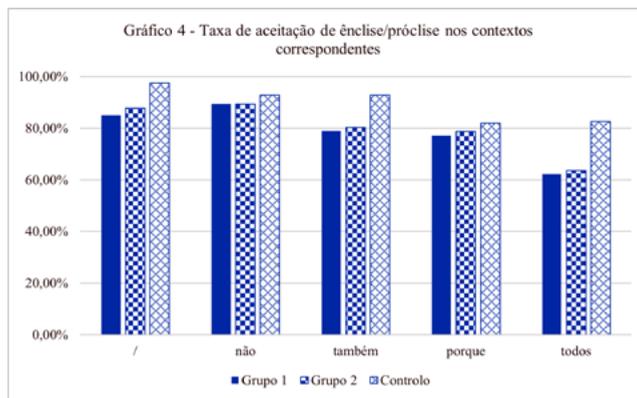
Uma análise mais aprofundada dos resultados em diferentes contextos de cada grupo (Gráfico 1-3) indica que: 1) não foram detetados indícios de generalização da ênclise em nenhum dos grupos; 2) tanto os informantes do Grupo 1 como os do Grupo 2 estabelecem uma distinção clara entre as colocações canonicamente enclíticas e proclíticas em todos os contextos testados; 3) o contexto

¹⁶ Neste trabalho, consideram-se “respostas-alvo” as classificações 4/5 (correspondentes a aceitação) para as frases em que a colocação dos pronomes clíticos está conforme a norma gramatical, assim como as classificações 1/2 (correspondentes a rejeição) para as frases em que os pronomes clíticos não se encontram nas posições canónicas. A classificação 3 não está incluída neste cálculo, dado que a sua interpretação pode não ser consensual.

de negação é a condição em que se registou a maior diferença entre a aceitação de ênclise e de próclise (Grupo 1- 1,77 vs. 4,57; Grupo 2- 1,95 vs. 4,59; Controlo- 1,75 vs. 4,71); 4) o contexto de orações simples com o quantificador proclisador “todos” constitui a condição em que se observou a menor distinção entre a aceitação de ênclise e de próclise (Grupo 1- 3,32 vs. 3,67; Grupo 2- 3,36 vs. 3,83; Controlo- 3,47 vs. 4,39); 5) Os participantes chineses tendem a apresentar, de forma geral, comportamentos semelhantes aos dos falantes nativos.



Ao proceder a uma análise da taxa de aceitação de ênclise/próclise nos contextos correspondentes (Gráfico 4), observou-se uma variação na aceitabilidade relativamente à posição dos pronomes clíticos em diferentes contextos de próclise tanto nos controlos como nos aprendentes chineses de português. Não chegou a ser verificada uma escala de aquisição das propriedades em estudo, mas foram registados os contextos de negação e de quantificador proclisador (sujeito) como as condições em que os participantes chineses, tanto do Grupo 1 como do Grupo 2, apresentaram o melhor e o pior desempenho, respetivamente, entre todas as condições proclíticas testadas.



A fim de conhecer melhor o desempenho dos três grupos e perceber as diferenças entre os mesmos, recorremos a uma análise de regressão linear (Gráfico 5), com base nos juízos de cada participante na tarefa. Deu-se um ponto às respostas-alvo enquanto se atribuíram zero pontos às outras respostas, obtendo assim cada inquirido uma pontuação que representa o seu desempenho no teste. Como

se apresenta no gráfico, os informantes parecem ter pontuações pouco distintas e não parece ser demonstrado nenhum óbvio efeito de desenvolvimento entre os dois grupos chineses, nem uma diferença entre os falantes nativos e os não nativos, o que confirmou, de certa forma, os resultados referidos anteriormente.

4.2. Tarefa II – Juízos de aceitabilidade com pressão de tempo

Quanto à tarefa de juízos com pressão de tempo, registam-se os seus resultados médios globais na Tabela 7:

Tabela 7 – Média das pontuações (Ênclise vs. Próclise)

	Contexto enclítico		Contexto proclítico	
	Ênclise	Próclise	Ênclise	Próclise
Grupo 1	4,41	3,72	3,56	3,82
Grupo 2	4,54	3,29	3,32	4,17
Controlo	4,86	2,14	2,41	4,66

Estes resultados médios parecem confirmar, em algum sentido, o que foi observado anteriormente na tarefa de juízos sem pressão de tempo, apresentando uma distinção dos contextos que determinam a alternância entre ênclise e próclise por parte dos inquiridos, uma vez que se deram quase sempre pontuações superiores a 4 às colocações canónicas e pontuações obviamente mais baixas às colocações desviantes. Vale a pena notar, aliás, que, em comparação com os resultados da tarefa anterior, os participantes não nativos, em ambos os grupos, parecem tender a dar pontuações mais elevados às condições desviantes, registando-se valores superiores a 3 para os casos de próclise nos contextos enclíticos, assim como para os de ênclise nos contextos proclíticos.

Observou-se uma outra diferença considerável no desempenho dos participantes do Grupo 1 no contexto proclítico. Regista-se uma pontuação média de 3,82 dada pelos informantes deste grupo à colocação proclítica no contexto correspondente e uma pontuação média de 3,56 à colocação desviante, o que poderia indiciar uma distinção menos bem estabelecida entre as condições deste grupo de participantes.

As taxas de resposta-alvo com respeito aos contextos de ênclise e de próclise (Tabela 8) obtidas com pressão de tempo continuam a indiciar um melhor desem-

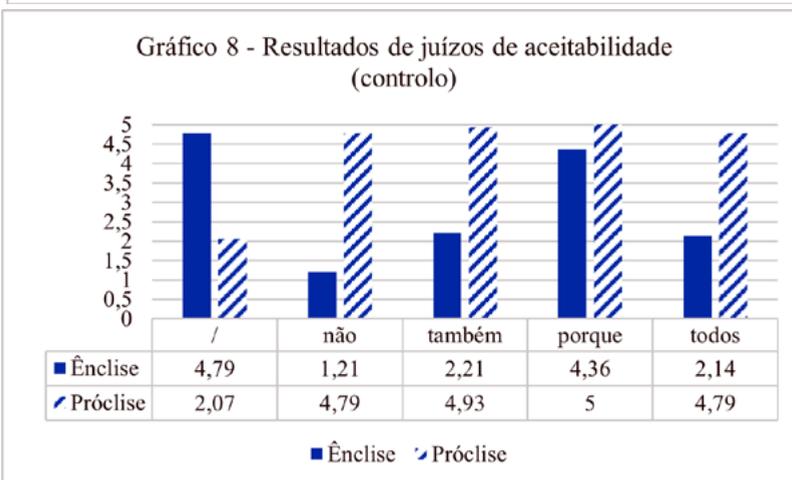
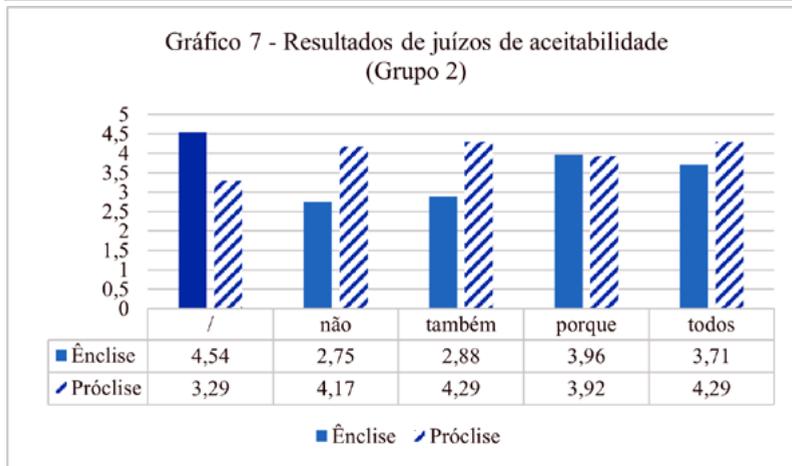
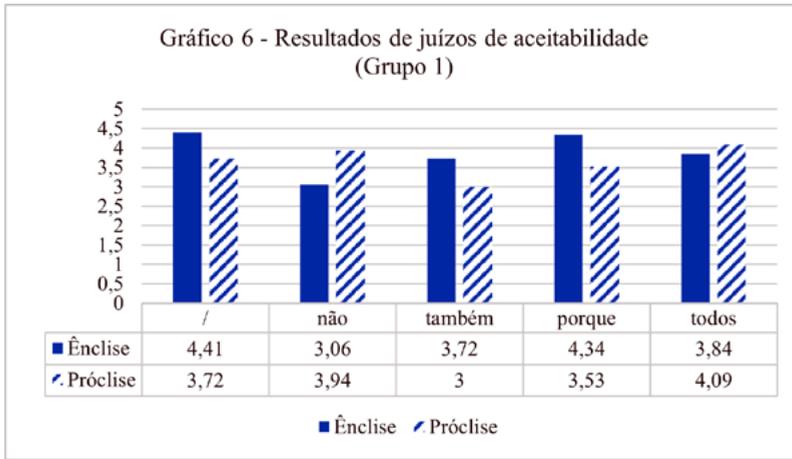
penho e uma maior facilidade potencial na aquisição da posição da ênclise relativamente à próclise.

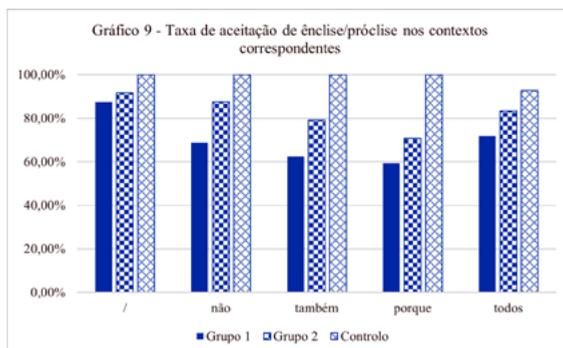
Tabela 8 – Taxas de respostas-alvo (%)

	Contexto enclítico				Contexto proclítico			
	<i>ÊNCLISE</i>		<i>PRÓCLISE</i>		<i>ÊNCLISE</i>		<i>PRÓCLISE</i>	
	1-2	4-5	1-2	4-5	1-2	4-5	1-2	4-5
Grupo 1	9,38	87,50	21,88	59,38	28,13	61,72	25,00	65,63
Grupo 2	0,00	91,67	29,17	45,83	39,58	52,08	10,42	80,21
Controlo	0,00	100,00	63,64	9,09	65,91	25,00	2,27	89,77

As pontuações médias obtidas em diferentes contextos por cada grupo sob pressão de tempo (Gráfico 6-8) parecem ter registado resultados diferentes aos observados na tarefa sem pressão de tempo: 1) foram detetados indícios de generalização da ênclise nos contextos proclíticos, tais como nas orações simples com o advérbio “também” no Grupo 1 (3,72 [ênclise] vs. 3 [próclise]), nas orações subordinadas adverbiais causais finitas no Grupo 1 (4,34 [ênclise] vs. 3,53 [próclise]) assim como no Grupo 2 (3,96 [ênclise] vs. 3,92 [próclise]), e nas orações simples com o quantificador proclisador “todos” no Grupo 1 (3,84 [ênclise] vs. 4,09 [próclise]); 2) os informantes do Grupo 2 apresentaram distinções acertadas das colocações canónicas dos clíticos em mais contextos do que os informantes do Grupo 1; 3) o contexto de negação, por sua vez, continua a ser a condição em que se registou o maior contraste de pontuações dadas entre todos os contextos proclíticos, tal como observado na tarefa sem pressão de tempo. Diferentemente do observado na tarefa anterior, os três grupos parecem apresentar comportamentos distintos neste teste, se compararmos quer os falantes nativos de PE e os não nativos, quer os dois grupos de aprendentes chineses de português.

Uma análise da taxa de aceitação de ênclise/próclise nos contextos correspondentes com pressão de tempo (Gráfico 9) continua a mostrar observações diferentes daquelas do teste anterior, registando indícios de um percurso da aquisição dos contextos proclíticos, sugerindo a ordem de desenvolvimento como: negação > advérbio proclisador > orações subordinadas adverbiais. A única exceção encontra-se nas orações simples com o quantificador (sujeito) “todos”, nas quais os informantes parecem apresentar um desempenho melhor do que na maioria dos outros contextos proclíticos.





Diferentemente do que aconteceu com a tarefa anterior de juízos de aceitabilidade sem pressão de tempo, parece indiciar-se nesta tarefa ainda um determinado efeito de desenvolvimento entre os dois grupos de alunos chineses da língua portuguesa, tendo em consideração que o Grupo 2 apresenta um desempenho substancialmente melhor do que o Grupo 1, quer nos resultados globais de taxas de respostas-alvo (Grupo 1- 87,50% vs. Grupo 2- 91,67% [contexto enclítico]; Grupo 1- 65,63% vs. Grupo 2- 80,21% [contexto próclítico]), quer nos resultados de taxas de respostas-alvo em diferentes contextos (Gráfico 9), os quais se verificam próximos dos dados obtidos pelos falantes nativos de português.

5. Conclusões e reflexões

Neste trabalho, realizaram-se duas tarefas de juízos de aceitabilidade, uma com pressão de tempo e a outra sem pressão de tempo, através das quais foram testados dois grupos de aprendentes de PE, falantes nativos de chinês mandarim, que se encontram em diferentes níveis de aprendizagem de PE, sobre o seu conhecimento da posição dos pronomes clíticos complemento em português europeu.

Apesar de se ter verificado alguma variação em todos os três grupos, foi observado entre os informantes chineses e em ambas as tarefas que: 1) apresenta-se, de forma geral, algum conhecimento sobre as diferentes condições que determinam a alternância entre ênclise e próclise; 2) registando-se melhor desempenho nos contextos enclíticos do que nos próclíticos, o padrão da colocação próclítica parece ser mais difícil de adquirir do que o da posição enclítica; e 3) o contexto de negação verifica-se como a condição próclítica em que se denota maior diferença entre a aceitação de ênclise e de próclise, indicando que se trata possivelmente do padrão próclítico mais bem adquirido pelos informantes chineses, entre todos os testados.

Aliás, foram registados também resultados diferentes entre as duas tarefas, principalmente nos seguintes dois aspetos: 1) generalização da ênclise – não se verificaram evidências da aplicação generalizada da ênclise nos juízos sem pressão de tempo enquanto se detetaram indícios nos juízos com pressão de tempo, designadamente nos contextos com o advérbio “também”, com o quantificador “todos” e nas orações subordinadas adverbiais causais finitas; estes indícios encontram-se mais frequentemente entre os informantes do Grupo 1, que iniciaram a aprendizagem de PE mais tarde do que o Grupo 2; 2) percurso de aquisição do padrão de colocação nos contextos proclíticos – não se encontraram evidências, nos juízos sem pressão de tempo, que apoiem a proposta de um percurso fixo de desenvolvimento relativo às propriedades da posição proclítica, enquanto os resultados com pressão de tempo parecem indicar um tal percurso, sugerindo uma ordem de desenvolvimento, supostamente: negação > advérbio proclisador > orações subordinadas adverbiais; 3) efeito de desenvolvimento – nos resultados da tarefa sem pressão de tempo, não se observou efeito de desenvolvimento entre os dois grupos chineses, i.e. entre os alunos que aprendem português há menos tempo e os alunos com maior tempo de aprendizagem da língua, enquanto, nos dados obtidos sob pressão de tempo, se revelaram diferenças substantivas no desempenho dos alunos de diferentes grupos.

Estas observações confirmam alguns resultados registados por outros trabalhos em PE L2, nomeadamente com respeito à maior facilidade de aquisição da ênclise do que da próclise (Gu, 2019; Gu, no prelo, etc.); e, à sequência (parcial) de aquisição dos padrões de colocação dos clíticos, verificada com outros falantes não nativos (Madeira, Crispim & Xavier, 2006; Madeira & Xavier, 2009; Gu, no prelo) e até com as crianças nativas (Costa, Fiéis & Lobo, 2015).

Quanto às propostas teóricas acerca da possibilidade de aquisição de traços funcionais, embora não se tenha observado um efeito notável de desenvolvimento na tarefa sem pressão de tempo, parecem-nos relevantes e não podem ser ignoradas as diferenças denotadas no desempenho entre os alunos com menos tempo de aprendizagem de português e os alunos com maior tempo de aprendizagem, na tarefa com pressão de tempo. Estas diferenças, juntamente com o percurso de aquisição dos contextos de colocação dos pronomes clíticos, verificado nos juízos com pressão de tempo deste trabalho e partilhado entre os falantes não-nativos e nativos (na aquisição de L1) nos trabalhos anteriores, assim como a maior aceitabilidade da ênclise nos contextos proclíticos, detetada no grupo dos nossos participantes chineses que se encontravam mais próximos

dos estádios iniciais de aquisição, poderiam servir como evidências da aquisição potencialmente bem-sucedida e do acesso à GU, assim, apoiando a proposta da Hipótese de Transferência Plena/Acesso Pleno.

Vale a pena mencionar que existem ainda fenómenos observados neste estudo que não chegámos a estudar detalhadamente por não serem o foco do presente trabalho, como, por exemplo, as assimetrias verificadas no desempenho dos informantes relativamente à identificação dos itens com usos canónicos e daqueles com usos que não seguem normas gramaticais, ou, a especificidade observada no desempenho dos participantes chineses relativamente ao contexto com o quantificador “todos” sob a pressão de tempo. Estes poderão constituir o objeto de futuros trabalhos. Para além disso, seria talvez ainda mais interessante se, nos próximos trabalhos, pudéssemos considerar também o fator do tempo de resposta na tarefa com pressão de tempo, que não foi bem discutido neste artigo, recorrer a outras medidas estatísticas e levar em consideração resultados obtidos sob metodologias mais diversificadas na interpretação dos dados.

Com base nestas observações, continuaremos a exploração desta temática.

Referências bibliográficas

- Cardinaletti, A., & Starke, M. (1999). The typology of structural deficiency: A case study of the three classes of pronouns. In H. van Riemsdijk (Ed.), *Clitics in the Languages of Europe* (pp. 143-233). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Costa, J., & Lobo, M. (2007a). Clitic omission, null objects or both in the acquisition of European Portuguese? In S. Baauw, F. Drijckonongen & M. Pinto (Eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2005* (pp.59-72). Amsterdam: John Benjamins.
- Costa, J., Lobo, M., & Silva, C. (2009). Null objects and early pragmatics in the acquisition of European Portuguese. *Probus*, 21(2), 143-162.
- Costa, J., & Lobo, M. (2013). Aquisição da posição dos clíticos em português europeu. In M. F. H. Silva, I. Falé & I. Pereira (Orgs.), *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 271-288). Coimbra: APL.
- Costa, J., Fiéis, A., & Lobo, M. (2015). Input variability and late acquisition: Clitic misplacement in European Portuguese. *Lingua* 161, 10-26.
- Grosso, M. J. (1999). *O Discurso metodológico do ensino do português em Macau a falantes de língua materna chinesa*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Gu, W. J. (2019). Aquisição de pronomes clíticos de português europeu por falantes de chinês: dados sobre a colocação. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 5, 190-206. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a14>.

- Gu, W. J. (no prelo). Aquisição da posição dos pronomes clíticos de português europeu por falantes nativos de chinês. In *NOVALing: Textos Seleccionados do XIII Fórum de Partilha Linguística*. London: Ubiquity Press.
- Hawkins, R., & Chan, C. Y.-H. (1997). The partial availability of Universal Grammar in second language acquisition: The 'failed functional features hypothesis'. *Second Language Research* 13(3), 187-226.
- Huang, C.-T. J., Li, Y.-H. A., & Li, Y. F. (2009). *The Syntax of Chinese*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ilari, R. (2013). O Português no contexto das línguas românicas. In E. P. Raposo et al. (Eds.), *Gramática do Português* (pp. 49-66). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian,.
- Li, Y.-H. A. (2006). Chinese ba. In M. Everaert & H. van Riemsdijk (Eds.), *The Blackwell companion to syntax* (vol. 1, pp. 374-468). Oxford: Blackwell.
- Martins, A. M. (1994). Enclisis, VP-deletion and the nature of Sigma. *Probus*, 6(2-3), 173-206.
- Mai, R. (2006). *Aprender português na China: o curso de licenciatura em Língua e Cultura Portuguesas da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai: estudo de caso*. Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro.
- Madeira, A., Crispim, M. L., & Xavier, M. F. (2006). Clíticos pronominais em português L2. In M. Lobo & M. A. Coutinho (Orgs.), *APL – Textos Seleccionados. XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 495-510). Lisboa: Colibri.
- Madeira, A., & Xavier, M. F. (2009). The Acquisition of Clitic Pronouns in L2 European Portuguese. In A. Pires & J. Rothman (Eds.), *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese* (pp. 273-299). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Martins, A. M. (2013). A posição dos pronomes pessoais clíticos. In E. P. Raposo et al. (Eds.), *Gramática do Português* (pp. 2231-2302). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Martins, A. M. (2016). A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia. In A. M. Martins & E. Carrilho (Eds.), *Manual de Linguística Portuguesa* (pp. 401-430). Berlin/Boston: De Gruyter.
- Madeira, A. (2017). Aquisição de língua não materna. In M. J. Freitas & A. L. Santos (Eds.), *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português* (Textbooks in Language Sciences 3, pp. 305-330). Berlin: Language Science Press.
- Rosário, M. (1997). *A aquisição dos clíticos em português como língua estrangeira: o papel da língua materna*. Dissertação de mestrado em Linguística, Universidade de Lisboa.
- Rosário, J. (2005). Aquisição dos clíticos por falantes de português língua não materna. In D. Carvalho, D. Vila Maior & R. A. Teixeira (Orgs.), *Des(a)fiando discursos: Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques* (pp. 553-562). Lisboa: Universidade Aberta.
- Schwartz, B. D., & Sprouse, R. A. (1996). L2 cognitive states and the Full Transfer/Full Access model. *Second Language Research*, 12(1), 40-72.
- Varlokosta, S. et al. (2015). A cross-linguistic study of the acquisition of clitic and pronoun production. In *Language Acquisition*. Doi:10.1080/10489223.2015.1028628.

Análise dos principais erros de alunos chineses no uso do conjuntivo em português*

Analysis of the main errors made by Chinese students in the use of the subjunctive in Portuguese

Ruirui Sun

Universidade de Aveiro, DLC, CLLC
ruiruisun@ua.pt

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar os erros mais comuns cometidos por alunos chineses em relação ao uso do conjuntivo, sendo esta uma das áreas difíceis para falantes não nativos. Através da realização de um inquérito com exercícios relacionados com o tema, foi analisada a capacidade dos estudantes chineses de perceber e distinguir as diferenças entre os vários usos, além da interferência da língua chinesa na aprendizagem do conjuntivo por estes alunos, a fim de propor conselhos de melhoria no ensino-aprendizagem deste tópico gramatical.

PALAVRAS-CHAVE

Língua portuguesa, modo conjuntivo, alunos chineses, PLE.

ABSTRACT

This work aims to investigate the most common mistakes made by Chinese students in relation to the use of the subjunctive, which is one of the most difficult areas for non-native speakers. A survey was carried out using exercises related to this topic area with the aim of testing the ability of Chinese students to perceive and distinguish the differences between the various uses. The data were then analysed, and, together with examples of the interference of the Chinese language in the learning of the subjunctive, some ways to improve the teaching-learning of this grammatical topic were suggested.

KEYWORDS

Portuguese language, conjunctive mood, Chinese students, PFL.

* Este artigo é uma versão adaptada da minha dissertação de mestrado. As minhas orientadoras, Prof.^a Doutora Rosa Lúcia Coimbra e Prof.^a Doutora Ran Mai, desempenharam um papel muito importante na conclusão deste trabalho, pelo que gostaria de expressar a minha profunda gratidão a ambas pela sua orientação incansável e meticulosa.

1. Introdução

O português é uma língua românica e uma das mais faladas no mundo. Com mais de 200 milhões de falantes, é a sexta língua mais popular do mundo. Como a segunda maior economia mundial, a República Popular da China tem reforçado as relações amigáveis com os países lusófonos na área política, económica, cultural, etc., fazendo com que a procura de talentos da língua portuguesa tenha aumentado muito e haja cada vez mais alunos chineses que optam por cursos de língua portuguesa para terem um futuro garantido.

Porém, aprender a língua portuguesa sem estar em muito contacto com a mesma não é uma coisa fácil para os alunos chineses e, como o português e o chinês são duas línguas muito diferentes, é natural que estes encontrem dificuldades e cometam alguns erros durante o processo da aprendizagem desta língua.

Sendo uma aprendente do português, o conjuntivo foi sempre uma das áreas em que tive muitas dificuldades e foi o modo verbal que me custou mais a habituar a usar, e o mesmo também aconteceu aos meus colegas. Por isso, decidi desenvolver um trabalho de estudo de erros dos alunos chineses no uso do conjuntivo com a realização dum inquérito com exercícios específicos para atualizar os meus conhecimentos sobre o mesmo, ajudar os aprendentes chineses a descobrir os seus principais erros, no sentido de poderem obter progressos, para além de fornecer algumas perspetivas novas aos professores de português destes alunos no ensino desta língua.

2. O modo conjuntivo na língua portuguesa¹

Na língua portuguesa, atribui-se o nome “modo” às diferentes formas assumidas pelo verbo na expressão de um facto, ou seja, o modo verbal caracteriza as várias maneiras como podemos utilizar o verbo, dependendo da significação que lhe pretendemos dar. Cunha & Cintra (1984, p. 447) dizem: “Entende-se por modo, como vimos, a propriedade que tem o verbo de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao facto que enuncia; e, por tempo, a de localizar o processo verbal no momento da sua ocorrência, referindo-o seja à pessoa que fala, seja a outro facto em causa.”

¹ Este ponto desenvolve-se com base em várias gramáticas da língua portuguesa. Porém, todos os exemplos são nossos.

Em português, os três principais modos verbais são: o indicativo, o conjuntivo e o imperativo. Segundo Vilela (1999, p. 138), o indicativo é a forma básica dos modos: representa o conteúdo do enunciado como um facto, denota o realmente existente, o previsível e o que está em vias de se realizar. Entretanto, o modo conjuntivo é o modo oposto ao indicativo, uma vez que expressa a irrealidade, o não realizado, incerteza, possibilidade, dúvida, desejo, etc. Cunha & Cintra (1984, p. 464) afirmam que, ao empregarmos o modo conjuntivo, é completamente diversa a nossa atitude. Encaramos, então, a existência ou não existência do facto como uma coisa incerta, duvidosa, eventual, ou, mesmo, irreal.

2.1. Conjuntivo nas orações

Segundo Almeida (1979, p. 226), no modo conjuntivo, o verbo não tem sentido caso não venha subordinado a outro verbo, do qual dependerá para ser perfeitamente compreendido. Quanto ao emprego do conjuntivo nas subordinadas, Almeida (1979, pp. 561-569) descreve:

- 1) Nas orações que se subordinam a verbos volitivos (verbos que indicam **desejo, vontade**):

Pedia que partilhasse esta informação com todos os participantes.

Prefiro que leves o casaco azul que te comprei para a festa.

- 2) Nas subordinadas a verbos que indicam **sentimento** (receio, lamento, pena, etc.):

Lamento muito que não tenhas conseguido o prémio.

Tinha receio que os meus pais soubessem do meu plano surpresa.

- 3) Nas subordinadas a verbos e expressões que indicam **dúvida ou negação** (não achar que, duvidar que, negar que, etc.):

Não creio que ela esteja a fazer dieta, ontem até a vi a comer um gelado!

O ladrão negou que tivesse roubado o telemóvel da senhora idosa.

- 4) Nas subordinadas que expressam ação ou **ações aleatórias**, contingência, eventualidade:

Quer vás quer não vás, não vou cancelar o evento.

Ou gostes ou não gostes, ele vai gastar o dinheiro nos jogos.

- 5) Nas relativas que denotam **incerteza, mera probabilidade, conjetura**:

Preciso de uma pessoa que saiba falar francês.

Ontem fui a uma loja nova comprar algumas coisas que me agradassem.

6) Nas subordinadas **finais** (para que, a fim de que, etc.):

Os pais trabalham muito para que os filhos tenham as melhores condições.

7) Nas **condicionais** :

a) Depois das conjunções (a não ser que, caso, contando que, sempre que, etc.):

Sempre que sejamos honestos, seremos respeitados.

Não vou com ele a Paris, a não ser que me pague a viagem.

b) Depois de “se”, o verbo pode estar em indicativo ou conjuntivo, dependendo do contexto:

i. *Se gostas de mim, deves perdoar os meus erros.* (a condição é real)

ii. *Podemos ir jantar sushi se quiseres.* (uma hipótese futura que pode ser realizada)

8) Nas **temporais** , quando a ideia é de **suposição** , de **eventualidade** , de **futuridade** (antes que, depois que, assim que, logo que, enquanto, etc.):

Os agricultores recolheram o milho antes que viesse a tempestade.

Vou avisar-te assim que souber de alguma coisa.

9) Nas **concessivas** (embora, ainda que, por mais que, conquanto, posto que, mesmo que, se bem que, apesar de que, sem que, etc.):

Embora estude muito, não consigo tirar notas boas a matemática.

A Maria foi viajar sozinha sem que tivesse a permissão dos pais.

10) Nas orações **consecutivas** que expressam um objetivo que se pretende chegar, e não uma realidade (de forma que, de maneira que, de jeito que, de modo que, fazer com que, etc.):

Ele insistiu tanto para que a namorada voltasse.

O vento forte fez com que a janela da varanda partisse.

11) Nas orações que, sempre a encerrar eventualidade, se subordinam a uma principal **negativa** :

Não acho que ele consiga deixar a família para trás.

Não garanto que este medicamento faça efeito para a dor de barriga.

12) Nas subordinadas que expressam factos que não se realizaram no passado com relação ao expresso na principal (**suposição que implica o contrário**):

Pensei que tivessem encontrado o gato desaparecido. (mas não encontraram)

Achava que a minha família não tivesse empréstimos. (mas tinha)

13) Nas subordinadas a um verbo que implique a ideia de existência e venha seguido de **quem**:

Há quem diga que a imprensa mente muito.

De certeza que existe quem me ame.

14) Nas intercaladas, começadas por **“que”**, tomado substantivamente, quando limitam uma possibilidade:

Ninguém, que eu saiba, ganhou o prémio de surpresa.

Que me lembre, foi o vizinho que colocou o lixo aqui.

Cunha & Cintra (1984, p. 469) ainda acrescenta o seguinte:

15) Nas orações comparativas que começam por **“como se”**, usa-se sempre o imperfeito do conjuntivo para expressar uma ideia imaginária ou irreal:

A cadela da minha amiga é tão branca como se fosse uma bola de neve.

Os alunos conversavam na biblioteca como se estivessem em casa deles.

16) Nas causais que **negam a ideia da causa** (não porque, não que)

Não que ele não quisesse comprar uma casa, mas não tinha dinheiro.

Comprei este vestido não porque fosse barato, mas gostei mesmo dele.

2.2. Conjuntivo independente

Além dos exemplos acima listados, o conjuntivo não só se usa em orações subordinadas, mas também em orações independentes.

Costuma dizer-se que o conjuntivo é o modo da oração subordinada, o que é parcialmente verdade, mas há usos do conjuntivo, a que poderíamos chamar “optativo”, em que não há, aparentemente, dependências.

Vilela, 1999, p. 139.

De acordo com Cunha & Cintra (1984, p. 465), Almeida (1979, pp. 564-567) e Oliveira, F. (2013, pp. 534-535), o conjuntivo é usado independentemente:

1) Nas expressões **optativas ou imprecativas**:

Deus nos proteja!

2) Depois do advérbio "**talvez**":

O João talvez saiba reparar o teu telemóvel partido.

3) Em atos diretivos dirigidos indiretamente a uma terceira pessoa, precedido por "**que**", com sujeito nulo ou realizado:

Que se levante quem quiser sair.

4) Nas frases que têm um valor de chamada de atenção, de crítica ou de desejo:

Saiba que na China não se celebra o Natal.

5) O presente do conjuntivo colmata lacunas do **imperativo** nas pessoas em que este modo é defetivo. As frases abaixo demonstradas têm um valor diretivo, ou seja, de ordem, sugestão, conselho ou advertência:

a) *Digamos que este incêndio pode destruir várias espécies da natureza. (1.ª pessoa do plural)*

b) *Espera por mim lá fora. (2.ª pessoa do singular)*

c) *Arrumem a cozinha e vão descansar. (2.ª pessoa do plural)*

d) *Não sejas tão bruto com o cachorro. (2.ª pessoa do singular em negativo)*

e) *Não fumem aqui em casa. (2.ª pessoa do plural em negativo)*

Através da observação das orações subordinadas e absolutas, digamos que a palavra "que" aparece com bastante frequência. Sendo uma partícula de classificação difícil, o seu valor é mais afetivo do que lógico. É uma espécie de prefixo conjuncional, peculiar ao conjuntivo (Cunha & Cintra, 1984, p. 466).

2.3. Os tempos verbais do conjuntivo

Oliveira (2013, p. 533) afirma que os tempos do conjuntivo são em menor número do que os tempos do indicativo: só existem três tempos simples e três compostos. Os tempos simples do conjuntivo são o presente, o imperfeito e o futuro. Os tempos compostos do conjuntivo são o pretérito perfeito composto, o pretérito mais que perfeito composto e o futuro composto.

1) O presente do conjuntivo pode indicar um facto relacionado com o presente ou futuro (Oliveira, 2013, p. 536):

Duvido que ele seja capaz de magoar a namorada.

Vou pedir que me reembolse o dinheiro que gastei nesta viagem.

2) O imperfeito do conjuntivo no verbo subordinado localiza a situação descrita nessa oração num tempo posterior ao da situação descrita na oração principal, e combina-se com um verbo principal no pretérito imperfeito ou no pretérito perfeito do indicativo, no condicional, no pretérito mais-que-perfeito composto ou no condicional composto (Oliveira, 2013, p. 537):

Sugeriram que fôssemos de táxi em vez de autocarro.

Gostaria que os meus avôs soubessem que tenho uma vida feliz.

3) O pretérito perfeito do conjuntivo combina com o verbo principal no presente e no futuro do indicativo. Segundo Cunha & Cintra (1984, p. 472), o pretérito perfeito composto do conjuntivo pode exprimir um facto passado (supostamente concluído) ou futuro (terminado em relação a outro facto futuro):

É possível que o comboio do meu pai já tenha chegado.

Espero que tenha arranjado uma pessoa para substituí-lo antes de sair.

4) O pretérito mais-que-perfeito pode ocorrer em frases em que o verbo da oração principal está no pretérito perfeito ou imperfeito do indicativo, indicando uma ação antes da outra ação passada ou uma ação irreal do passado:

Era bom que tivesses comprado os bilhetes de avião mais cedo.

Se tivesse partido para Lisboa, não estaria aqui convosco.

5) O futuro simples do conjuntivo indica uma ação que possa ocorrer no futuro, e geralmente combina com o verbo principal no imperativo, futuro ou presente do indicativo:

Sempre que precisares, não hesites em falar comigo.

Contactaremos com o senhor assim que recebermos a sua bagagem.

Reparem que, o futuro simples do conjuntivo não pode ser usado para todas as situações em que se pretende indicar uma ação futura. Por exemplo, o futuro não ocorre em orações subordinadas completivas (Oliveira, 2013, p. 541):

Espero que amanhã não chover. ×

Espero que amanhã não chova. ✓

Além das completivas, o futuro simples do conjuntivo também não ocorre em outras subordinadas em que o presente do conjuntivo é usado para expressar a noção futura.

6) O futuro composto do conjuntivo indica uma ação futura anterior a outra e ocorre tipicamente em orações relativas, temporais e condicionais:

- a) *Só podem sair os alunos que tiverem acabado o teste.*
- b) *Vamos passear o cão quando tiveres saído do banho!*
- c) *Se não tiver terminado o curso, não irei arranjar um emprego.*

2.4. Combinações de tempos no verbo principal e no subordinado

Observando todos os exemplos acima demonstrados, digamos que, no modo conjuntivo, existe uma certa combinação de tempos no verbo principal e no verbo subordinado.

Os verbos volitivos e os verbos diretivos na oração principal selecionam o modo conjuntivo no verbo da oração subordinada. Neste caso, existem restrições no que respeita à combinação entre tempos.

Oliveira, 2013, p. 544.

1) Quando o verbo principal está no presente do indicativo (assim como no futuro ou no pretérito perfeito composto), o verbo subordinado ocorre no presente ou no pretérito perfeito composto do conjuntivo:

- A Susana quer que o marido lhe compre aquela mala caríssima.* [presente]
- Farei tudo para que os clientes tenham a maior satisfação.* [presente]
- Não acho que ela tenha estudado antes do teste.* [pretérito perfeito composto]

2) Quando o verbo principal está num tempo do passado (pretérito perfeito ou imperfeito do indicativo), normalmente o verbo subordinado ocorre no pretérito imperfeito ou no pretérito mais-que-perfeito composto do conjuntivo:

- A Susana queria que o marido lhe comprasse aquela mala caríssima.* [pretérito imperfeito]
- Fiz tudo para que os clientes tivessem a maior satisfação.* [pretérito imperfeito]
- Não achava que ela tivesse estudado antes do teste.* [pretérito mais-que-perfeito composto]

Pode então concluir-se que existe uma generalização mais simples que rege as restrições de tempo aqui ilustradas: quando o verbo principal no indicativo

está no presente, o verbo subordinado que apresenta as marcas temporais ocorre no presente do conjuntivo, e quando o verbo principal no indicativo ocorre num dos tempos pretéritos, o verbo subordinado que apresenta as marcas temporais ocorre no imperfeito do conjuntivo; em termos esquemáticos, tem-se, pois, (i) presente + presente ou então presente + pretérito perfeito composto e (ii) pretérito perfeito ou imperfeito + pretérito imperfeito ou mais-que-perfeito composto. Por motivos óbvios, este fenómeno é por vezes chamado **concordância de tempos** (Oliveira, 2013, p. 545).

3. Formas correspondentes ao conjuntivo em chinês

3.1. Língua chinesa

Sabe-se que a língua materna desempenha um papel muito importante na aquisição duma língua estrangeira/segunda. Em alguns casos, quanto maior a diferença entre as duas línguas, mais dificuldades poderão surgir na aprendizagem da língua estrangeira.

Onde os sistemas contrastados apresentam semelhanças, o aprendizado da segunda língua será mais fácil e onde forem detetadas diferenças ocorrerão erros, pois em se tratando de áreas de difícil manipulação, os alunos tenderão a usar formas da LM para suprir a insuficiência de suas habilidades até que consigam dominá-las por completo. Este efeito, decorrente do sistema da LM agindo sobre o da LE se chama interferência [...], considerando-se que quanto mais distintos os aspetos estudados nos dois sistemas linguísticos maior a dificuldade encontrada pelo aluno

Torre, 1985, p. 125.

A língua chinesa é a língua materna de aproximadamente um quinto dos habitantes do mundo e uma das seis línguas de trabalho das Nações Unidas, para além de ser a língua oficial da República Popular da China e uma das línguas oficiais de Singapura.

Geralmente, a língua chinesa refere-se à língua comum que é conhecida atualmente por Mandarim. Em chinês, este idioma também se designa por 汉语 *Hànyǔ*, literalmente, a língua dos Han, que é a língua da maior etnia do país (Mai, 2019 et al., p. 33).

Comparada com outras línguas derivadas do latim como é o caso do português, a língua chinesa apresenta as seguintes características:

- A língua, na sua vertente escrita, faz uso de caracteres, que são essencialmente pictogramas e ideogramas, em vez de conter um alfabeto.
- Segundo Mai (2006, p. 52): “em mandarim, não há flexão, nem em género, nem em número, nem em modo, nem em tempo, nem em voz; as noções correspondentes são transmitidas por outros elementos adicionados”. Esta é uma característica muito importante que efetivamente dificulta aos seus falantes a aprendizagem do português, e neste caso particular, do modo conjuntivo.

3.2. Formas correspondentes ao conjuntivo em chinês

Em relação ao modo conjuntivo, Mai et al. (2019, p. 218) confirmam que uma ação incerta, duvidosa, eventual ou irreal, que se traduz em português pelo conjuntivo, em chinês pode ser expressa por verbos, por advérbios ou deduzida pelo contexto.

Por exemplo²:

1) *Advérbios que indicam uma possibilidade*

CH: 他回家前可能会把工作做完。(Exercício 17)

PY: Tā huí jiā qián **kěnéng** huì bǎ gōngzuò zuò wán.

TL: Ele antes de voltar para casa **talvez** acabar o trabalho.

PT: **Talvez** ele acabe o trabalho antes de voltar para casa.

2) *Verbos que indicam um desejo ou uma esperança*

CH: 我不想你离开。(Exercício 21)

PY: Wǒ bù **xiǎng** nǐ líkāi.

TL: Eu não **querer** tu ir-te embora.

PT: Não **quero** que te vás embora.

3) *Diferentes contextos*

CH: 如果他早点到, 就能赢得第一名。但是我们现在还不知道。(Exercício 2)

PY: Rúguǒ tā zǎodiǎn dào, jiù néng yíngdé dì yī míng. **Dànshì wǒmen xiànzài hái bù zhīdào.**

TL: Se ele chegar mais cedo, poder ganhar o primeiro lugar, **mas nós agora ainda não saber.**

² Nos nossos exemplos, as siglas têm o seguinte significado: CH- Chinês, PY- Pinyin (transcrição fonética), TL- Tradução literal, TP- Tradução em português.

TP: Se ele chegar mais cedo, poderá ganhar o primeiro lugar. **Mas ainda não sabemos.**

CH: 如果他早点到, 就能赢得第一名。但是他到晚了。(Exercício 2)

PY: Rúguǒ tā zǎodiǎn dào, jiù néng yíngdé dì yī míng. **Dànshì tā dào wǎn le.**

TL: Se ele chegar mais cedo, poder ganhar o primeiro lugar. **Mas ele chegou atrasado.**

TP: Se tivesse chegado mais cedo, ele teria ganhado o primeiro lugar. **Mas ele chegou atrasado.**

4. Inquérito e análise

4.1. Caracterização dos participantes

O inquérito foi realizado no início de março de 2020, em três turmas de estudantes chineses que frequentam unidades curriculares no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

O inquérito tem, no total, 30 exercícios relacionados com a aplicação do conjuntivo: do 1.º ao 10.º pedem a conjugação correta do verbo dado no contexto de cada frase; do 11.º ao 20.º são dadas três opções com verbos flexionados de forma diferente para cada frase; do 21.º ao 25.º são exercícios de tradução de chinês para português; e do 26.º ao 30.º os participantes têm de encontrar o erro em cada frase e corrigi-la. As frases do inquérito são pequenas e com vocabulário simples, de modo a economizar o tempo e obter mais respostas válidas.

Os alunos não foram informados de que o inquérito tem como objetivo estudar os erros comuns no uso do conjuntivo. Por um lado, tinham de descobrir por eles próprios a questão gramatical em causa através da análise da estrutura das frases; por outro, está aberta a possibilidade de surgirem respostas corretas sem fazer uso do conjuntivo, permitindo que analisemos a preferência dos alunos na escolha entre os modos verbais.

A realização do inquérito contou com uma participação de 55 alunos, entre os quais 28 do 1.º ano de mestrado em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda e 27 do 3.º ano de licenciatura em Língua Portuguesa.

Para uma captura mais fácil de informações, as mesmas serão apresentadas em gráficos com as designações “grupo 1” para os alunos de mestrado e “grupo 2” para os de licenciatura.

No que diz respeito à idade, a maioria dos participantes tem entre 21 e 25 anos (82% do grupo 1 e 59% do grupo 2); 14% do grupo 1 e 41% do grupo 2 apresentam uma idade igual ou inferior a 20 anos, e apenas 4% do grupo 1 tem mais de 25 anos. Em relação ao género, a esmagadora maioria dos dois grupos é de sexo feminino (96% e 89%).

Relativamente ao tempo de estudo do português, a maioria dos alunos estudam a língua portuguesa há três ou quatro anos, sendo importante sublinhar que os de mestrado (grupo 1) têm mais de três anos de estudo, enquanto os de licenciatura (grupo 2) têm, no máximo, três anos.

Relativamente ao tempo de residência em Portugal, 14% do grupo 1 e 85% do grupo 2 vivem em Portugal há menos de um ano; 61% do grupo 1 e 15% do grupo 2 vivem em Portugal há um ano ou um ano e meio; e há 25% (7 pessoas) do grupo 1 que residem em Portugal há dois anos.

4.2. Desempenho dos inquiridos

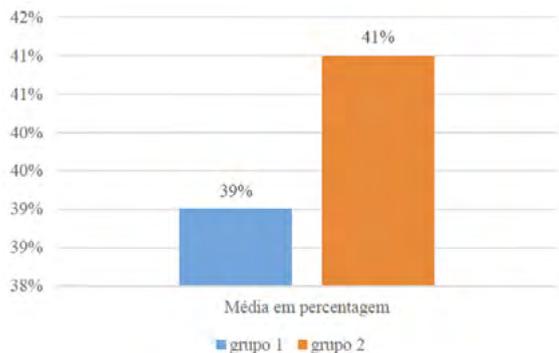


Gráfico 1 - Média das taxas de respostas corretas dos dois grupos

Conforme apresentado no gráfico, as médias dos três grupos são 39% e 41%. As médias dos grupos 1 e 2 são muito próximas, mas a do grupo 2 é ligeiramente mais alta que a do grupo 1, e na análise do capítulo anterior também constatámos que o grupo 2 teve taxas melhores que o grupo 1 em metade dos exercícios. Segundo os dados pessoais fornecidos pelos próprios inquiridos, em média, o grupo 2 tem menos um ano de estudo do português e menos um ano de residência em Portugal. Teoricamente, o grupo 2 deveria ter uma média mais baixa que o grupo 1, mas as estatísticas dizem o contrário. Este resultado também depende de fatores variáveis, tais como esforço pessoal, taxa de sucesso

no ensino do português nas respetivas universidades chinesas e prática da oralidade com os locais, sendo estes apenas uma suposição nossa, pois não foi feita nenhuma investigação específica sobre o assunto.

Tendo em conta as estatísticas, podemos dizer que os alunos chineses mostram dificuldades ao usar o conjuntivo, pois a sua média é insuficiente, comprovando que o conjuntivo é uma área crítica na aprendizagem do português para estes alunos.

4.3. Os principais erros

Depois da análise das respostas incorretas de cada exercício, chegamos à conclusão de que os alunos chineses têm a tendência para cometer mais erros no uso do conjuntivo relacionados com os seguintes aspetos:

1) Emprego do pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo

Um dos pontos mais fracos detetados é o emprego deste tempo verbal, porque nos exercícios 2 - *Ele teria ganhado o primeiro lugar se _____ (chegar) mais cedo.* e 6 - *O menino negou que _____ (roubar) o estojo da colega.*, a taxa média de resposta correta é cerca de 5%, e o imperfeito é o tempo verbal mais frequente nas respostas incorretas, nomeadamente *chegasse* e *roubasse*. Este é um tempo passado e um dos três tempos compostos do conjuntivo menos usado. É importante eles saberem que o pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo sublinha a conclusão do ato da oração subordinada antes do ato da principal, e muitas vezes é usado para criar uma hipótese falsa sobre um facto já decorrido no passado.

2) Emprego do pretérito perfeito do conjuntivo

Este é outro erro principal relacionado com um tempo composto do conjuntivo, que foi detetado nos exercícios 5 - *Espero que _____ (vocês/gostar) do jantar de ontem.*, e 22 - *很遗憾你没有通过考试。(I'm sorry you did not pass the exam).* com uma taxa média de resposta correta de 4%, e a resposta errada mais frequente está no presente do conjuntivo: *gostem* e *passes*, revelando novamente que os alunos têm dificuldade em distinguir um tempo composto de um simples. A maior diferença entre estes dois tempos verbais é que o pretérito perfeito se refere a um facto já ocorrido no passado, apesar de que também se combina com o verbo principal no presente do indicativo.

3) Uso das regras de concordância de tempos no conjuntivo

Ao contrário do indicativo, que é um tempo independente, o conjuntivo exige a concordância de tempos³. Observando os resultados do inquérito, descobrimos que quase em todos os exercícios existem respostas incorretas devido à violação destas regras, tais como *dissesses* em vez de *digas* (exercício 1), *chegue* em vez de *tivesse chegado* (exercício 2), *esforçasse* em vez de *esforce* (exercício 4), etc. Atenção que a questão em causa não é a distinção entre quaisquer dois tempos verbais do conjuntivo, mas é a combinação de tempos no verbo principal e no subordinado, ou seja, se o verbo principal está num tempo que apresenta marcas do presente, o subordinado não pode estar num tempo passado, ou com o principal num tempo passado, o subordinado não pode estar num tempo que apresenta marcas do presente.

4) Uso do conjuntivo em orações relativas

Com uma taxa média de resposta correta de 3% no exercício 27 - *As pessoas que veem este filme vão ficar surpreendidas*. erro: correção: , que testa o futuro simples do conjuntivo numa oração relativa, sendo os erros relacionados com a não identificação do erro e tempos errados do conjuntivo, podemos confirmar que os alunos chineses apresentam muita dificuldade no uso do conjuntivo em relações relativas. É verdade que neste tipo de orações são admitidos ambos o indicativo e o conjuntivo, e muitas vezes a seleção de um dos modos é dependente exclusivamente da interpretação de cada falante, como é o caso do exercício 9 - *Só pode lanchar quem _____ (arrumar) os livros no armário*. Segundo Marques (1995, p. 151): “Em orações relativas o indicativo marca o conhecimento ou a crença, embora não se trate do conhecimento da verdade de uma proposição ou da crença nessa verdade, mas do conhecimento da existência de entidades ou da crença nessa existência, enquanto o conjuntivo, também em orações relativas, é selecionado quando não é expressa uma das atitudes marcadas pelo indicativo - o conhecimento e a crença”. Portanto, é essencial que os alunos saibam esta distinção e vejam mais exemplos para usar corretamente o conjuntivo nestas orações.

³ Exceto em alguns casos com os verbos pedir e esperar no passado e o subordinado no presente, e.g.: Ele pediu que lhe telefonasses/telefonas. ou em outros tipos de orações em que o contexto é muito específico, e.g.: Agora acho que tens razão, embora antes eu pensasse de outra forma (Marques, 2010, p. 553).

5) Uso do conjuntivo depois de verbos volitivos

Nos exercícios 1, 3, 5, 21 e 26, nos quais o uso do conjuntivo é obrigatório depois de verbos volitivos (querer que, esperar que, precisar que, etc.), existem muitas respostas no indicativo. Por isso, acreditamos que existe uma certa percentagem de alunos chineses que não sabe usar este modo em orações depois de verbos que indicam vontade ou desejo. Na nossa opinião, com alguma atenção, não vai ser difícil para os alunos usarem corretamente o conjuntivo neste tipo de orações, porque a sua noção é fácil de compreender e no dia a dia ouve-se frequentemente frases deste género.

6) Distinção entre o presente e o futuro do conjuntivo

Há muitos alunos chineses que trocam o presente do conjuntivo pelo futuro simples do conjuntivo, como por exemplo: *falar* em vez de *fale* (exercício 3), *esforçar* em vez de *esforce* (exercício 4), *chover* em vez de *chove* (exercício 11), *perder* em vez de *perca* (exercício 30), etc. Sabemos que o futuro simples do conjuntivo não ocorre em orações completivas e orações em que o presente do conjuntivo é usado para expressar uma noção futura. Existem também alunos que trocam o futuro simples ou composto pelo presente do conjuntivo, como por exemplo: *haja* em vez de *houver* (exercício 20), *acabes* em vez de *acabar/tiveres acabado* (exercício 24), *façamos* em vez de *fizermos* (exercício 29), etc. É preciso que os alunos consolidem o emprego do futuro do conjuntivo em orações temporais, conformativas, proporcionais, condicionais e relativas.

7) Distinção do indicativo e do conjuntivo

Na maioria dos exercícios existem respostas incorretas no indicativo, significando que há alunos chineses que não sabem distinguir o indicativo do conjuntivo. Uma outra evidência é o exercício 18: *Não precisas de mentir se não estás a gostar da comida*, em que apenas 20% usou o indicativo e o resto escolheu o conjuntivo. É verdade que os outros 29 exercícios do inquérito estão relacionados com o modo conjuntivo, o que pode levar uma considerável percentagem de alunos a escolher o conjuntivo por hábito, mas, por outro lado, também reflete que estes alunos ainda confundem os dois modos. É essencial saber-se que quando se pretende exprimir uma condição real, usa-se o indicativo e quando é irreal ou conjetural, escolhe-se o conjuntivo.

8) Uso do conjuntivo depois de verbos principais negativos ou que exprimem dúvida.

Nos exercícios 6, 10, 13 e 24, cerca de 37% dos alunos chineses erraram no uso do indicativo em orações que se subordinam a verbos que exprimem negação ou dúvida, como por exemplo, *negar que, não achar que, não concordar que, não é que, duvidar que*. É importante que estes alunos conheçam a maior diferença entre estes dois modos verbais, nomeadamente, quando queremos afirmar ou declarar um facto, usamos o indicativo, e quando queremos exprimir dúvida ou incerteza, usamos o conjuntivo.

9) Uso do conjuntivo em orações independentes

No exercício 7 - *Que regressem/regressemos são e salvos*, 70% dos alunos chineses usaram o indicativo, mostrando uma considerável falta de conhecimento de que o conjuntivo também ocorre em orações dependentes, e neste caso, em atos diretivos dirigidos indiretamente a uma terceira pessoa, precedido por *que*, com sujeito nulo ou realizado. É compreensível este erro ocorrer porque as orações subordinadas (sobretudo as adverbiais) costumam ter estruturas que relembram os alunos de aplicar o conjuntivo (*mesmo que, a não ser que, para que, etc.*). Contudo, podemos ver que a palavra “que” aparece nestas orações com frequência. Sendo uma partícula de classificação difícil, o seu valor é mais afetivo do que lógico. É uma espécie de prefixo conjuncional, peculiar ao conjuntivo (Cunha & Cintra, 1984, p. 466).

10) Uso do presente do conjuntivo com a conjunção *se*

Nas orações condicionais com a conjunção *se* (exercício 18 - *Não precisas de mentir se não _____ a gostar da comida.*, e exercício 20 - *Este programa poderá ser aprovado se _____ mais de um terço de votos favoráveis*), houve 36% dos alunos chineses que selecionaram o presente do conjuntivo. Convém estes saberem que a conjunção *se* combina com todos os outros tempos do conjuntivo, exceto o presente.

11) Flexão verbal e ortografia

Em alguns exercícios surgiram alguns erros de ortografia, tais como *sabam e soubam, (saibam), prevenisse (prevenisse), fazermos (fizermos), perdasse e perça (perca)*, etc., isto deve-se à complexidade da conjugação de verbos portugueses que se flexionam em pessoa, número, modo e tempo. É possível que um verbo

tenha mais de 50 formas diferentes e ainda existem muitos verbos de conjugação irregular. Para os alunos, este é de facto um obstáculo, mas pode ser ultrapassado, através de exercícios de treino com a conjugação de verbos.

4.4. Interferência da língua chinesa na aprendizagem do conjuntivo por alunos chineses

Sabemos que quando os chineses expressam o que se pretende com o modo conjuntivo em português, recorrem a palavras com significado específico ou contexto, sem a necessidade de flexionar verbos em modo ou em tempo. Este facto implica que, ao usar o conjuntivo em português, precisam de aprender todas as regras. E estes falantes não podem recorrer à língua materna porque não existe nenhuma transferência positiva neste aspeto. Tomemos o exercício 1 do inquérito para uma análise mais detalhada:

Quero que me _____ (dizer) quanto dinheiro gastaste nas prendas.

Ao resolver este exercício, se o aluno traduzisse a frase para chinês, a tradução literal seria *Eu querer tu dizer eu quanto dinheiro tu gastaste nas prendas*, em que o verbo *dizer* não tem nenhuma flexão. Sendo assim, o aluno só podia usar os seus conhecimentos sobre o conjuntivo para obter a resposta certa, e provavelmente seguindo este raciocínio: 1.º, identifica-se que é um verbo volitivo por estar a impor a vontade pessoal a outra pessoa, e escolhe-se o modo conjuntivo; 2.º, o verbo principal está no presente do indicativo, de acordo com as regras de concordância temporal no conjuntivo, o verbo subordinado tem de estar num tempo que indica uma ação do presente, que é o presente do conjuntivo; 3.º, com o verbo *gastaste*, o sujeito está a falar para “ti”, por isso o verbo deve estar na segunda pessoa do singular. E no fim, obtém-se a resposta correta *digas*. Durante este processo, se o aluno falhasse em algum dos passos, não obteria a resposta indicada.

Sabemos que os verbos chineses não têm nenhuma flexão temporal e o tempo pode ser deduzido através do contexto. No entanto, o conjuntivo em português tem seis tempos no conjuntivo, três simples e três compostos, que se refletem através de diferentes formas de flexão verbal. Estes fatores tornam os exercícios

que envolvem a escolha de tempos do conjuntivo mais difíceis para os falantes de chinês. Analisemos com mais detalhe o exercício 2 do inquérito⁴:

Ele teria ganhado o primeiro lugar se _____ (chegar) mais cedo.

A tradução literal desta frase em chinês seria *Se ele chegar mais cedo, poder ganhar o primeiro lugar*, na qual o verbo não tem nenhuma flexão em tempo e o contexto está ambíguo (porque não se sabe se trata duma situação do futuro ou do passado). Desta forma, o aluno tinha de pensar nos seguintes aspetos para resolver o exercício: 1.º, a conjunção *se* e o verbo no condicional composto referem-se a uma conjetura sobre uma ação passada, portanto, o verbo subordinado tem de estar no conjuntivo; 2.º, a resposta tem de estar num dos tempos passados do conjuntivo, neste caso, poderia ser o imperfeito ou o pretérito mais-que-perfeito; 3.º, a diferença entre os dois tempos é que o pretérito mais-que-perfeito sublinha a conclusão da ação subordinada antes da ação principal e com *se*, serve para expressar uma ação irreal do passado. No fim, chega-se a conclusão de que o pretérito mais-que-perfeito seria o tempo correto. Durante o raciocínio para chegar à resposta correta, o aluno não podia recorrer à língua materna, senão, corria o risco de empregar aqui qualquer modo e tempo verbal.

Na análise dos erros ainda se descobriu que muitos alunos chineses não distinguem o conjuntivo do indicativo, nomeadamente, ao terem usado o indicativo em orações em que se pretende o uso do conjuntivo. Podemos usar o exercício 10 do inquérito para fazer mais uma comparação entre as duas línguas:

Não acho que todos os europeus _____ (saber) falar inglês.

Nesta frase aplica-se o presente do conjuntivo na subordinada porque se trata de um verbo principal negativo, mas sem o advérbio *não*, a frase teria um verbo principal epistémico que seleciona o indicativo. Em chinês, o advérbio “não” não implica nenhuma alteração de modo:

Indicativo:

PT: **Acho** que todos os europeus **sabem** falar inglês.

CH: 我觉得所有的欧洲人都会说英文。

PY: Wǒ **juédé** suǒyǒu de Ōuzhōu rén dōu huì shuō Yīngwén.

⁴ Segundo as respostas erradas deste exercício, os alunos chineses sabiam usar o conjuntivo, mas não acertaram no tempo correto, sendo um bom exemplo para ser analisado neste sentido.

TL:Eu **achar** que todos os europeus **saber** falar inglês.

Conjuntivo:

PT:**Não acho** que todos os europeus **saibam** falar inglês.

CH: 我不觉得所有的欧洲人都会说英文。

PY:Wǒ **bù juéde** suǒyǒu de Ōuzhōu rén dōu huì shuō Yīngwén.

TL:Eu **não achar** que todos os europeus **saber** falar inglês.

Apesar de existir uma mudança do modo verbal em português devido ao advérbio *não*, em chinês os elementos das frases continuam iguais. Por isso, nestes casos, para os alunos chineses, o indicativo e o conjuntivo são dois conceitos difíceis de distinguir devido à interferência do chinês.

Resumindo, o conjuntivo constitui um tópico gramatical complexo para alunos chineses devido às características da sua língua materna que exercem alguma interferência durante a sua aprendizagem. Muitas vezes, os erros não estão apenas relacionados com a identificação do modo verbal, mas também com outros conhecimentos, como conjugação de verbos e noção de outros modos e tempos para a escolha correta de tempos no conjuntivo.

Para melhorar o desempenho quanto ao uso do conjuntivo, os alunos chineses precisam de ter uma “infraestrutura” gramatical de português bem consolidada e um conhecimento mais detalhado e mais profundo sobre as regras do conjuntivo em português, uma vez que não existe nenhum fator na língua chinesa que possa facilitar a sua aprendizagem.

5. Considerações finais

Após investigação e análise, os alunos chineses tendem a cometer mais erros nos seguintes aspetos: 1) pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo; 2) pretérito perfeito do conjuntivo; 3) concordância de tempos no conjuntivo; 4) uso do conjuntivo em orações relativas; 5) uso do conjuntivo depois de verbos volitivos; 6) distinção entre o presente e o futuro do conjuntivo; 7) distinção do indicativo e do conjuntivo; 8) uso do conjuntivo depois de verbos principais negativos ou que exprimem dúvida; 9) uso do conjuntivo em orações independentes; 10) uso do presente do conjuntivo com a conjunção *se*; 11) flexão verbal e ortografia.

Tendo em conta os resultados atingidos com este trabalho, queríamos propor as seguintes sugestões sobre o ensino-aprendizagem do conjuntivo:

Durante o ensino do modo conjuntivo, os professores de alunos chineses podem fazer grupos de distinção usando contextos mais quotidianos: indicativo e conjuntivo; tempos compostos e tempos simples; pretérito mais-que-perfeito e pretérito imperfeito; pretérito perfeito e presente, e presente e futuro, explicando as suas maiores diferenças e situações em que é usado um e não o outro. Além disso, os professores podem dar mais ênfase ao conceito de concordância de tempos no conjuntivo, ao uso do conjuntivo em orações independentes e outras orações mais usadas no dia a dia, ajudando os alunos a compreendê-lo e pô-lo em prática.

Os professores chineses que ensinam português a chineses podem fazer exercícios de tradução que envolvam o modo conjuntivo juntamente com os alunos para facilitar a compreensão sobre a noção dos tempos verbais, porque em chinês os tempos do conjuntivo são expressos através do contexto, e através da tradução e análise de mais orações e casos, os alunos vão percebendo com mais facilidade o emprego de cada tempo verbal, sem que traduzam literalmente as frases.

Os alunos devem consolidar os seus conhecimentos acerca do conjuntivo, recorrendo a várias gramáticas, como as que aqui são citadas na bibliografia, conhecendo os tipos de orações nas quais é usado este modo, dando mais importância aos tempos verbais compostos e à combinação de tempos do verbo principal e do verbo subordinado.

Além das gramáticas, os alunos devem formar o hábito de ler jornais, notícias, algumas obras literárias simples, etc., tentando identificar frases que usam o modo conjuntivo, refletir no porquê do uso do mesmo e traduzi-las para chinês. De forma progressiva, podem tentar usar este modo verbal nas conversas com os falantes nativos, sem medo de errar, porque todos nós erramos e aprendemos com os erros.

Os alunos devem dedicar mais tempo à prática da conjugação dos verbos, porque o conjuntivo exige a flexão de verbos em modo, tempo e pessoa, e não é possível usar bem este modo sem flexionar corretamente os verbos nos seus seis tempos, pessoas e número.

Contudo, como se trata de uma dissertação de mestrado, decidimos criar um inquérito pequeno e sucinto, com apenas 30 exercícios. Mas o nosso trabalho pode contribuir para futuras investigações mais abrangentes e profundas sobre o tópico, que possam vir a incluir algumas situações que não foram abordadas, nomeadamente o uso do conjuntivo nas subordinadas que expressam ação ou

ações aleatórias; nas subordinadas finais; nas consecutivas que expressam um objetivo que se pretende alcançar; nas intercaladas começadas por “que”; nas comparativas começadas por “como se”; depois do pronome “quem”; em orações independentes.

Referências bibliográficas

- Almeida, N. M. (1979). *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Saraiva.
- Cunha, C., & Cintra, L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Mai, R. (2012). *Ensino de Chinês a Falantes de Português, o caso da Universidade de Aveiro*. (Tese de Doutoramento). Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Mai, R., Morais, C., & Pereira, U. (2019). *Gramática de Língua Chinesa para Falantes de Português*. Aveiro: UA Editora.
- Marques, R. (2010). Sobre a Semântica dos Tempos do Conjuntivo. In Brito, A. M. et al. (eds), *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 549-565). Porto: Associação Portuguesa de Linguística.
- Marques, R. (1995). *Sobre o Valor dos Modos Conjuntivo e Indicativo em Português*. (Tese de Mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Oliveira, F. (2013). Tempo verbal. In Raposo, E. P. et al. (eds.), *Gramática do Português* (pp. 509-553). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Torre, M. G. (1985). *Uma análise de erros. Contribuição para o ensino da língua inglesa em Portugal* (vol. 1). (Tese de Doutoramento). Universidade do Porto, Porto.
- Vilela, M. (1999). *Gramática da Língua Portuguesa* (2.ª ed.). Coimbra: Livraria Almeida.

Anexo

Inquérito

Parte I. Dados do participante

1. Idade: _____
2. Sexo: _____
3. Língua materna: _____
4. Há quantos anos estuda português? _____, e vive há quantos anos em Portugal? _____

Parte II. Exercícios

I. Conjugue o verbo corretamente (用动词的正确变位填空).

1. Quero que me _____ (dizer) quanto dinheiro gastaste nas prendas.

2. Ele teria ganhado o primeiro lugar se _____ (chegar) mais cedo.
3. Precisas que eu _____ (falar) mais devagar para perceberes?
4. Por mais que me _____ (esforçar) não consigo emagrecer.
5. Espero que _____ (vocês/gostar) do jantar de ontem.
6. O menino negou que _____ (roubar) o estojo da colega.
7. Que _____ (regressar) são e salvos!
8. O mundo seria muito melhor se não _____ (haver) guerras.
9. Só pode lanchar quem _____ (arrumar) os livros no armário.
10. Não acho que todos os europeus _____ (saber) falar inglês.

II. Escolha a opção correta (选择正确的选项).

11. Caso _____ amanhã, a atividade será adiada.
a. chuva b. chover c. chova
12. Compraste um maço de cigarros? Pensei que não ____!
a. fumavas b. fumasses c. fumarias
13. Deve-se perguntar às pessoas se concordam ou não que a eutanásia ____ a ser um crime.
a. continue b. continua c. continuará
14. O governo chinês ordenou que a população se ____ para a guerra contra o vírus.
a. previnisse b. previna c. prevenisse
15. Sempre que ____ alguma dúvida, poderão consultar o caderno.
a. tiverem tido b. tiverem c. tenham
16. Não ____ tão cansado iria ao ginásio contigo.
a. esteja b. estava c. estivesse
17. Talvez ele ____ o trabalho antes de voltar para casa.
a. acabe b. tivesse acabado c. acabasse
18. Não precisas de mentir se não ____ a gostar da comida.
a. estejas b. estás c. estivesses
19. O José esperava que a esposa ____ a roupa antes de ter começado a chover.
a. tivesse apanhado b. apanhasse c. tenha apanhado
20. Este programa poderá ser aprovado se ____ mais de um terço de votos favoráveis.
a. houverem b. haja c. houver

III. Traduza as seguintes frases usando a palavra fornecida (用所给单词翻译句子).

21. 我不想你离开。(I don't want you to leave).
(*querer*)
22. 很遗憾你没有通过考试。(I'm sorry you did not pass the exam).
(*lamentar*)
23. 西方人以为十二生肖有猫。
(Westerners thought that the cat was part of the Chinese zodiac).
(*pensar*)
24. 不是我不喜欢这条裙子, 而是我没有钱买。
(It's not that I don't like this dress, but that I don't have the money to buy it).
(*não é que..., mas...*)
25. 只有完成了作业你才能出去。
(You can only go out when you already finish your homework).
(*quando*)

IV. Sublinhe os erros e corrija-os (在错误的单词下面划线并改正).

26. Quero que me enviar a resposta até amanhã.
correção:
27. As pessoas que veem este filme vão ficar surpreendidas.
correção:
28. Agradecia que passe a usar o cartão de acesso para abrir a porta.
correção:
29. Quanto mais rápido fazamos o trabalho, mais cedo poderemos sair da empresa.
correção:
30. A não ser que me perdisse, chegarei ao restaurante às 20h00.
correção:

Soluções dos exercícios do inquérito

1. digas
2. tivesse chegado
3. fale
4. esforce/tenha esforçado
5. tenham gostado
6. tivesse roubado
7. regressem/regressemos
8. houvesse

9. arrume/arrumar/tiver arrumado/arrumou/arruma, etc.
10. saibam
11. c. chova
12. a. fumavas ou b. fumasses
13. a. continue
14. c. prevenisse
15. b. tiverem
16. c. estivesse
17. as três opções são corretas
18. b. estás
19. a. tivesse apanhado
20. c. houver
21. Não quero que **saias/te vás embora**.
22. Lamento que não **tenhas passado** no exame.
23. Os ocidentais **pensavam** que o gato **fazia/fizesse** parte do zodíaco chinês.
24. Não é que não **goste** deste vestido, mas não tenho dinheiro para comprá-lo.
25. Só pode sair quando **acabares/tiveres acabado** o trabalho para casa.
26. erro: *enviar* correção: *envie/envias*
27. erro: *veem* correção: *virem*
28. erro: *passse* correção: *passasse* ou erro: *agradecia* correção: *agradeço*
29. erro: *façamos* correção: *fizemos*
30. erro: *perdisse* correção: *perca*

Orações relativas na perspectiva do ensino de português como língua estrangeira

Relative clauses from the perspective of teaching Portuguese as a foreign language

Xu Yixing

Universidade de Estudos Internacionais de Xangai
catarinaxu@shisu.edu.cn
ORCID: 0000-0002-9239-9199

RESUMO

No caso do ensino de orações relativas em português, é comum os aprendentes chineses cometerem erros por causa das diferenças entre as duas línguas. Com a análise contrastiva compara-se esta noção nas duas línguas, com incidência na de chinês.

Para evitar ou corrigir os erros, recomenda-se a utilização da análise de erros, com classificação dos tipos de erros e a eventual análise das razões que os causam, baseando-se no conhecimento das diferenças entre as duas línguas e na existência da interferência da língua materna e também da língua inglesa dos aprendentes, a fim de alcançarmos um resultado mais efetivo do ensino.

PALAVRAS-CHAVE

Orações relativas, português, chinês, análise de erros.

ABSTRACT

When relative clauses in Portuguese are being taught, it is common for Chinese learners to make mistakes because of the differences between the two languages. Using contrastive analysis, this notion is compared in both languages, with an emphasis on Chinese.

To avoid or correct these errors, the use of error analysis is recommended, with classification of the types of errors and the eventual analysis of the reasons that cause them. This should be based on the operational differences between the two languages as well as the existence of interference from both the mother tongue and from the learners' acquisition of English, in order to teach this component more effectively.

KEYWORDS

Relative clauses, Portuguese, Chinese, error analysis.

Introdução

Os pronomes relativos “são assim chamados porque se referem, em regra geral, a um termo anterior – o ANTECEDENTE” (Cunha & Cintra, 2005, p. 342). E os pronomes relativos introduzem as orações relativas, que são “os modificadores mais típicos do nome, e é particularmente importante o seu papel em restringir a extensão do conjunto por ele denotado, contribuindo assim, nos sintagmas nominais definidos, para a identificação do seu referente” (Raposo, et. al., 2013, p. 1103).

No entanto, não existe o conceito de pronomes relativos em chinês. Então, é uma tarefa essencial para os professores de português como língua estrangeira (PLE) explicar aos alunos chineses o que é pronome relativo e como é possível aprender bem esta noção gramatical sem haver interferência negativa da língua materna deles, o chinês. De um modo geral, os livros de gramática da língua chinesa introduzem para os leitores a ideia de atributo adnominal que inclui de facto os pronomes possessivos e relativos em português. Aliás, Li & Thompson (1989, p. 410) referem-se às chamadas “construções de oração subordinada adjetiva” em língua chinesa, as quais equivalem exatamente às orações relativas em português.

É através da análise contrastiva que podemos identificar os pontos semelhantes, até iguais, assim como os pontos diferentes que existem entre as duas línguas em causa. No entanto, às vezes, para evitar o menos possível a possibilidade de os aprendentes cometerem erros, podemos ainda adoptar o método de análise dos erros. Mas o objetivo é comum, como refere Girard (1975, p. 19): “tudo o que podemos fazer – e já é bastante –, é facilitar-lhe (ao aprendente) o processo natural da aprendizagem”.

1. Orações relativas em português

As construções relativas em português são construções de relativização caracterizadas pelo encaixe de uma frase noutra através da ligação de um relativo. As orações relativas têm as seguintes características:

- a) Presença de um relativo, precedido de preposição ou não;
- b) Presença de uma oração logo após o relativo, mas aparentemente incompleta;
- c) Formação de um SN através de articulação de um antecedente + relativo + oração aparentemente incompleta e o antecedente nem sempre está presente.

podem ser considerados como relativos sem antecedente, o qual de facto existe internamente, mas pode estar oculto na frase. Este tipo de orações envolve presuposição factual, hipotética ou ainda contrafactual, dependendo do modo do verbo que se usa.

2. Orações relativas em chinês

Embora não se encontre, em muitos casos, uma noção exatamente igual à oração relativa em português, pode-se verificar a forma semelhante da oração relativa em chinês. Vamos ver alguns exemplos de oração relativa traduzida para chinês:

- (1) (PT) A casa onde morei era velha.¹
 (CH) 我住过的房子很旧。
 (PY) wǒ zhù guò **de** fáng zi hěn jiù
 (TL) eu morar (passado) de casa muito velho
- (2) (PT) Quem tudo quer tudo perde.
 (CH) 要一切的人失去一切。
 (PY) yào yī qiè **de** rén shī qù yī qiè
 (TL) querer tudo de pessoa perder tudo
- (3) (PT) O colega que está em Macau vive muito bem.
 (CH) 在澳门的同事生活很好。
 (PY) zài ào mén **de** tóng shì shēng huó hěn hǎo
 (TL) estar em Macau de colega viver muito bem
- (4) (PT) O lugar que vou visitar amanhã é Taipa.
 (CH) 我明天去参观的地方是凼仔。
 (PY) wǒ míng tiān qù cān guān **de** dì fāng shì dòng zǎi
 (TL) eu amanhã ir visitar de lugar ser Taipa

Como já referimos e se verifica nos exemplos mostrados anteriormente, a situação em chinês quanto a pronomes relativos é um pouco diferente da que existe em português, porque não verificamos a presença de nenhuns pronomes relativos na tradução em chinês nos quatro exemplos, quer seja na respetiva oração relativa com precedente, quer seja sem precedente, os quais não existem na língua chinesa. Aliás, pode verificar-se que, em chinês, encontra-se em cada uma

¹ Os exemplos são dados em português (PT), em chinês (CH), em Pinyin (PY, pronúncia em chinês) e em tradução literal da frase para português (TL).

das 4 frases uma estrutura com a presença do marcador “的 (*de*)”, que pode ser considerada como oração adjetiva, que equivale à oração relativa em português.

2.1. Definição geral

De acordo com o linguista chinês Li Jinxi (1992), quando empregamos uma oração completa como um adjetivo, ou melhor, como uma expansão de adjetivo, podemos verificar a existência de uma oração adjetiva. Em chinês, o verbo é geralmente o organizador central de uma frase, portanto, tem que haver um verbo nesse tipo de orações adjetivas.

E conforme o linguista Xing Fuyi (1980), quando as estruturas VO, SP e VV servem como adjunto adjetival de um substantivo, pode-se considerar que essas estruturas funcionam como oração adjetiva que modifica o substantivo. Vamos ver mais pormenorizadamente essas três estruturas que Xing menciona:

a) VO: locução que conta com uma estrutura de relação verbo-complemento:

- (5) (CH) 写信的人
 (PY) xiě xìn de rén
 (TL) escrever carta de pessoa
 (PT) a pessoa que escreve a carta

b) SP: locução que conta com uma estrutura de relação sujeito-predicado (verbo):

- (6) (CH) 我做的功课
 (PY) wǒ zuò de gōng kè
 (TL) eu fazer de trabalho
 (PT) o trabalho que eu fiz

c) VV: locução que conta com a coordenação de um predicado auxiliar (verbo auxiliar) e um predicado comum (verbo principal, ou adjetivo):

- (7) (CH) 该带的东西
 (PY) gāi dài de dōng xi
 (TL) dever levar de coisa
 (PT) a coisa que se deve levar

Mas com o exemplo (5), se o substituirmos por

- (8) (CH) 写信的纸

(PY) xiě xìn de zhǐ
(TL) escrever carta de papel

Já temos uma outra estrutura, porque desta vez, não se pode traduzir como “o papel que escreve a carta”, estrutura que corresponde literalmente ao original em chinês, resultando assim uma conclusão: o substantivo que é modificado pela estrutura VO deve ser ao mesmo tempo o sujeito do verbo.

E no exemplo (7), não há sujeito, podendo acontecer que o sujeito não esteja presente, ou porque já foi referido anteriormente, ou porque não precisa de ser mencionado, caso equivalente ao impessoal do português.

Um outro linguista chinês Lv Shuxiang (1982), quando explica a transformação da locução na frase e vice-versa, introduz-nos a ideia de relação subordinada, entre outras: quando a relação entre as palavras é de coordenação, o resultado será a construção de uma oração; quando a relação é de subordinação, será uma locução. Isto significa que a diferença entre a locução e a oração existe na maneira de ligação e não na quantidade de palavras com que se constroem. Por exemplo:

- (9) (CH) 来人
(PY) lái rén
(TL) vir pessoa
(PT) Veio a pessoa.
- (10) (CH) 来的人
(PY) lái de rén
(TL) vir de pessoa
(PT) a pessoa que veio

São ambas construções de poucas palavras, mas o exemplo (9) é uma frase tipo SV e o exemplo (10) é uma estrutura de relativo onde a palavra 的(de), como todas as vezes, constitui o marcador deste tipo de estruturas.

2.2. O marcador “的 (de)”

O marcador “的 (de)” pode ser empregado entre o atributo adjetival e a palavra principal e quando esse atributo adjetival tem um verbo essencial, “的(de)” introduz de facto uma oração adjetiva, ou seja, uma oração relativa. Assim, temos uma estrutura essencial de oração relativa em chinês, constituída por Verbo (o verbo pode ter sujeito ou complemento, mas não forma uma frase completa por-

que a parte que falta é exatamente o substantivo núcleo) + 的(de) + substantivo núcleo. Vamos ver os seguintes exemplos para perceber melhor:

- (11) (CH) 我的信
 (PY) wǒ de xìn
 (TL) eu de carta
 (PT) a minha carta

Este exemplo não é uma oração adjetiva porque não se encontra nele nenhum verbo, mas o exemplo seguinte

- (12) (CH) 我写的信
 (PY) wǒ xiě de xìn
 (TL) eu escrever de carta
 (PT) a carta que eu escrevi

já é uma oração adjetiva porque aqui há um verbo principal, constituindo assim uma frase completa do tipo SVO (ou SV) a modificar o substantivo que a segue.

De facto, este tipo de transformação é um processo de nominalização, quer dizer, quando a parte nominal de uma frase completa for posta no fim da frase e há um marcador, neste caso “的 (de)”, entre essa parte nominal e o resto da frase, temos uma oração adjetiva ou relativa que afinal serve como um substantivo.

2.3. Outros tipos de estruturas equivalentes às orações relativas

Em chinês, além da estrutura com o marcador “的(de)” que equivale à oração relativa em português, temos outros tipos de estruturas mais livremente expressas para indicar uma relação de modificação, como os seguintes exemplos mostram:

- (13) O professor que se chama João vem de Lisboa.
 (13a) (CH) 名叫若奥的老师来自里斯本。
 (PY) míng jiào ruò ào de lǎo shī lái zì lǐ sī běn
 (TL) chamar-se João de professor vir de Lisboa
 (PT) O professor que se chama João vem de Lisboa.
 (13b) (CH) 老师来自里斯本, 名叫若奥。
 (PY) lǎo shī lái zì lǐ sī běn míng jiào ruò ào.
 (TL) professor vir de Lisboa chamar-se João
 (PT) O professor vem de Lisboa e chama-se João.
 (13c) (CH) 老师名叫若奥, 来自里斯本。
 (PY) lǎo shī míng jiào ruò ào lái zì lǐ sī běn.

- (TL) professor chamar-se João vir de Lisboa
 (PT) O professor chama-se João e vem de Lisboa.

Vimos que nos 3 tipos de tradução do exemplo (13), o (13b) e o (13c), de facto, são duas frases separadas, embora ligadas com uma vírgula. Quer dizer, já não há uma relação muito estreita e íntima entre as duas partes de toda a frase, mas em chinês, usa-se muito este tipo de frases separadas de duas partes para expressar-se, equivalendo, porém, mais às orações relativas explicativas do português, as quais também têm uma certa maneira de expressão mais livre do que as orações relativas restritas. Às vezes, quando em português, a oração relativa que modifica o substantivo é muito comprida, em chinês e especialmente na linguagem coloquial, costumamos dizer a frase separando-a em duas partes ou mais para fazê-la parecer mais à chinesa, na qual não é muito aceitável uma estrutura longa de modificação pré-nominal.

2.3. Orações relativas sem substantivo núcleo

Tal como em português onde há um tipo de orações relativas sem antecedente, também em chinês, há orações adjetivas que não têm o substantivo núcleo expresso. Mas isso só acontece a algumas palavras que indiquem uma pessoa que faça uma coisa com frequência, ou como uma profissão. Neste caso, não é preciso mencionar o substantivo visto que toda a gente sabe que a palavra omissa será uma palavra que tem a ver com a pessoa que faz ou com uma coisa que pode ser percebida conforme a oração relativa. No entanto, podemos considerar que este tipo de estrutura é, na verdade, um tipo de orações relativas do chinês. Vamos ver um exemplo:

- (14) (CH) 要饭的
 (PY) yào fàn de
 (TL) pedir comida de
 (PT) quem peça esmola (a pessoa que pede esmola)

Neste exemplo, está omissa o substantivo núcleo, que é “a pessoa” ou “uma pessoa/pessoas”, mas dado que já toda a gente sabe que só é possível uma pessoa pedir esmola, não vale a pena repetir a ideia. E a tendência deste tipo de estruturas é considerada como um substantivo simplesmente porque muitas vezes tem a ver com a profissão de uma pessoa, como neste caso. Então, tal como em

português o tipo de pessoa que pede esmola se chama mendigo, também em chinês, o exemplo (14) refere-se mesmo ao mendigo apenas como um substantivo.

2.4. Estrutura abreviada da oração adjetiva

Enquanto em português, podemos dizer “Esta é uma montanha alta” em vez de “Esta é uma montanha que é alta”, em chinês também produzimos estruturas semelhantes.

Na oração relativa em português, quando o verbo é “ser”, “estar” ou outros verbos que indiquem a maneira de estar de uma pessoa ou de uma coisa, e o predicativo é um adjetivo, particípio ou outras palavras que tenham função igual à do adjetivo, quer dizer, função de adjunto adjetival, podemos omitir o pronome e o verbo ao mesmo tempo, restando apenas o predicativo que vai agora seguir diretamente o antecedente e funciona mesmo como um adjetivo.

Em chinês, embora seja um pouco mais complicado, é fácil perceber o conceito. Quando o predicado da oração adjetiva é um adjetivo de qualidade com apenas um caráter e é modificado por um advérbio (em chinês, um adjetivo de um caráter ou mais, quase sempre modificado por um advérbio, pode funcionar como verbo – predicado), podemos omitir o advérbio e o marcador “的 (de)” simultaneamente, como o seguinte exemplo mostra:

- (15a) (CH) 很高的山
 (PY) hěn gāo de shān
 (TL) muito alto de montanha
 (PT) montanha que é muito alta.

No exemplo (15a), a oração adjetiva é constituída por um advérbio e um adjetivo de qualidade com apenas um caráter (高gāo) e pode ser alterada para uma estrutura com apenas um adjetivo a modificar o substantivo núcleo como o exemplo (15b) mostra:

- (15b) (CH) 高山
 (PY) gāo shān
 (TL) alto montanha
 (PT) montanha alta

3. Análise de erros aplicada no ensino do português aos aprendentes chineses no aspeto de orações adjetivas

Em oposição à análise contrastiva, que prediz as dificuldades dos aprendentes no estudo de uma língua segunda, ou de uma língua estrangeira, a análise dos erros foca, por sua vez, os erros cometidos pelos aprendentes na aquisição da língua estrangeira e é significativa para o professor, para o investigador e para o próprio aprendente.

3.1. Tipos de erro

Os erros existem, quer na aquisição da língua materna quer na de uma língua estrangeira, e podem existir durante a aquisição da pronúncia, do vocabulário ou da gramática. Por exemplo, no discurso normal de um adulto na língua materna, este pode cometer continuamente erros de todo o tipo, devido a lapsos de memória, ao estado físico, como por exemplo o cansaço, e às condições psicológicas, como a emoção forte. Às vezes, quando uma frase é muito comprida, o falante comete erros só por causa de negligência ou descuido. Estes erros são geralmente considerados como de tipo assistemático, os quais têm que ver com a performance. Mas temos também, em oposição a estes, erros de tipo sistemático, os quais têm que ver com a competência dos aprendentes.

3.1.1. Erros de interlíngua

Os tipos de erro, ou melhor, as causas da ocorrência de erros, são variadas de acordo com diferentes linguistas, mas a interferência da língua materna na língua alvo relaciona-se muito com os erros cometidos por aprendentes de uma língua estrangeira. Damos a este tipo de erros o nome de erros de interlíngua, quer dizer, que têm a ver com a interferência de uma língua que é diferente daquela que o aprendente está a aprender.

Contudo, nem sempre a interferência vem da língua materna, pode vir de uma língua estrangeira que o aprendente aprendeu antes ou está a aprender. Por exemplo, os aprendentes chineses de língua portuguesa, quando começam a aprender português, já têm um conhecimento bastante bom da língua inglesa. Por isso, às vezes, usam uma estrutura de inglês para expressar-se em português. Vamos ver um exemplo:

(16) *O homem eu vi ontem na rua é o pai do meu amigo.

Neste exemplo, o aprendente usa a estrutura em inglês, que conhece melhor do que a estrutura em chinês, sua língua materna. O pronome relativo “*that*” ou “*which*” em inglês, quando é objeto direto da oração relativa, pode ser omitido. Mas em português, não há este tipo de emprego do pronome relativo “*que*”, que equivale mais ou menos ao “*that*” ou “*which*” em inglês.

A língua materna de um aprendente tem, obviamente, pontos semelhantes aos da língua estrangeira e também pontos diferentes. Então, alguns aprendentes tentam, muitas vezes, por um lado, usar a estrutura da língua estrangeira, que é muito semelhante ou quase igual à da língua materna, e, por outro, não usar ou usar o menos possível a estrutura que é muito diferente da da língua materna, para evitar erros. Por exemplo, no âmbito dos pronomes relativos que não existem em chinês, uma frase em português como *Chegou um professor de Portugal, cujo nome é Paulo*, pode nunca ser dita por um aprendente chinês, e em vez disso, é mais frequente o uso de duas frases separadas, como o modelo em chinês: *Chegou um professor de Portugal e o nome dele é Paulo*. Quer dizer, após a explicação ou o ensino sistemático do professor aos aprendentes sobre o emprego dos pronomes relativos em português, os aprendentes podem não ter dificuldades na compreensão das orações adjetivas, mas sim, ter dificuldades ou até medo de produzir este tipo de orações.

3.1.2. Erros de intralingua

Além dos erros de interlíngua, os aprendentes de uma língua estrangeira também podem cometer erros que são causados pela complexidade desta língua estrangeira, no aspecto da pronúncia, da gramática e do vocabulário. Neste âmbito, aprendentes que são de origem diferente podem cometer erros do mesmo tipo porque, agora, o problema está dentro da língua estrangeira e não da língua materna que cada um deles fala.

Richards (1980: 174-181) resume este tipo de erros de maneira seguinte:

3.1.2.1. “Over-generalization”

Generalização excessiva: que envolve em geral a criação de uma estrutura errada em vez de duas regulares e nela há instantes em que o aprendente cria a estrutura errada na base da sua experiência de outras estruturas na língua alvo, como por exemplo:

(17) *Os homens *ques* falam português são meus professores.

Neste exemplo, verifica-se que o aprendente já tem um certo conhecimento da flexão do substantivo e do adjetivo que o modifica no aspeto do género e sobretudo do número, então, acrescenta um “s” depois de “que” para indicar que esse “que” é um modificador do substantivo que o antecede. Mas não sabe que os pronomes relativos em português, além de “o qual”, “cujo” e as respetivas formas destes, não mudam de género nem de número. Portanto, cria a estrutura errada conforme a sua experiência anteriormente adquirida.

(18) *A menina *cuja* cabelo é comprido é irmã do Luís.

Neste exemplo, o aprendente sabe que o pronome relativo “cujo” tem uma forma feminina, contudo, ignora que o substantivo a que “cujo” tem de corresponder quanto ao género é o que está depois de “cujo”, sendo “cujo” tanto um pronome que liga o antecedente e a oração relativa como um adjetivo que modifica o substantivo que aparece depois dele. Então, o género de “cujo” não está dependente do género do antecedente da oração adjetiva.

3.1.2.2. Ignorância de restrições de regras

Aplicação de regras aos contextos onde não se aplicam. Por exemplo, depois de o professor ter explicado ao aprendente que “quem” se refere a pessoa(s), o aprendente pode produzir assim:

(19) *Não conheço o homem *quem* está a falar com o meu pai.

O aprendente não presta atenção à restrição de regra ao emprego de “quem”, que é geralmente antecedido por uma preposição. Mas, mesmo depois de isso ser explicado pelo professor, o aprendente comete ainda erros como:

(20) *Não conheço o homem *a quem* está a falar com o meu pai.

Desta vez, o aprendente já sabe que antes de “quem” deve haver uma preposição, mas essa preposição tem a ver com o verbo da oração relativa. Se o verbo não exige nenhuma preposição ou já tem uma preposição na oração, não é preciso pôr mais nenhuma preposição antes de “quem”, substituindo assim “quem” por “que”.

(21) *O homem *em quem* se referi está em minha casa.

Se o verbo da oração relativa exige a preposição “a”, o aprendente comete um erro pondo “em” antes de “quem”.

(22) *A Universidade *onde* está no norte da cidade foi fundada em 1950.

Uma vez que o aprendente saiba que o pronome relativo “onde” indica um lugar, usa esse pronome sempre que este aparece depois de um substantivo de

lugar. Só está correto parcialmente porque, para usar “onde”, esse pronome tem de ter uma função de complemento circunstancial na oração relativa. Neste caso, como falta um sujeito a esta oração, temos de selecionar um pronome que pode desempenhar a função de sujeito, que é “que”.

3.1.2.3. Aplicação incompleta de regras

O erro da estrutura representa o grau de desenvolvimento de regras requeridas para produzir discursos aceitáveis, como por exemplo, quando o professor manda o aprendente explicar “*O que é poluição*”, ele pode estar com a intenção de que este responda com uma estrutura do tipo “*É um fenómeno que ...*”, a fim de fazer o aprendente praticar a estrutura de oração relativa que acaba de ser aprendida, mas o aprendente, responde assim: “*A poluição é causada pela sujidade*”, etc.

3.1.2.4. Falsos conceitos hipoteticizados

Richards (1980) fala ainda no aspeto de falsos conceitos hipoteticizados, como por exemplo, depois de saber que “que” é marca de orações adjetivas, usa-se sempre este pronome para construir orações adjetivas:

(23) *Este é o lugar *que* nasci.

Neste exemplo, verifica-se que o aprendente tem um conceito hipoteticizado de pensar que o pronome “que” serve sempre para introduzir uma oração relativa e de facto, para indicar um lugar, precisa-se de usar o pronome “onde”.

3.2. Correção dos erros cometidos

Depois de cometer erros, o aprendente, o que é que vai fazer? E o papel do professor/ensinante, qual será?

Com o método clássico, o aprendente pode ser criticado, até ser punido, se cometer um erro ou erros, porque o ensinante que segue este método controla totalmente a aula. Portanto, o aprendente aprende uma língua quase “morta” em comparação com a língua viva, que, hoje em dia, a maioria dos ensinantes segue, ou melhor, que é aconselhável que todo o ensinante siga.

Com o método direto, a situação da aula melhora bastante. Na aula, o aprendente repete uma estrutura, oralmente em especial, até fixar, e quando cometer erros, o ensinante dá indicações de como corrigi-los na língua estrangeira que aquele está a aprender e espera até atingir o resultado ideal – os erros são auto-corrigidos. E os exercícios que o aprendente faz não são frases artificiais ou inven-

tadas, mas sim, têm a ver com a vida real, numa situação de comunicação e, às vezes, o ensinante pode só fazer perguntas ao aprendente para este responder com a estrutura que acaba de ser aprendida com a finalidade de que este fixe na memória essa estrutura aprendida.

4. Considerações finais

Em todas as situações de ensino, tem que haver um aprendente motivado, um ensinante bem formado e um método adequado para que o processo de aprendizagem corra com sucesso. E para o ensino de uma língua estrangeira como a língua portuguesa aos aprendentes chineses no âmbito das orações relativas, a análise contrastiva e o método de análise dos erros podem contribuir para uma melhor aprendizagem. Essas duas análises podem funcionar independentemente, mas se combinarmos os dois métodos, podemos obter um resultado efetivo para reduzir os erros que os aprendentes vão cometer ao longo do processo de aprendizagem da língua estrangeira.

Referências bibliográficas

- Cunha, C. & Cintra, L. F. L. (2005). *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- Girard, D. (1975). *Linguística aplicada e didáctica das línguas*. Lisboa: Editorial Estampa, Lda.
- Li, C. N. & Thompson, S. A. (1989). *Mandarin Chinese*. Oakland: University of California Press.
- Li, J. (1992). *Nova gramática do chinês*. Beijing: Commercial Press.
- Lv, Sh. (1982). *Gramática resumida da língua chinesa*. Beijing: Commercial Press.
- Richards, J. C. (Org.). (1980). *Error analysis, perspectives on second language acquisition*. London: Longman Group Limited.
- Raposo, E. B. P. et. al. (Org.). (2013). *Gramática do português, Vol. 1*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Xing, F. (1980). *Lições de gramática moderna do chinês*. Wuhan: Hubei Popular Press.
- Zhao, Y. (1979). *Gramática do chinês coloquial*. Beijing: Commercial Press.

Perceção acústica de palavras homógrafas e parónimas: um estudo exploratório com alunos chineses de PLE

Acoustic perception of homographs and paronyms: an exploratory study with Chinese students of PFL

Zhao Mengjie

DLC, Universidade de Aveiro
zhaomengjie@ua.pt

Sara Pita

DLC, Universidade de Aveiro
saratopete@ua.pt
ORCID: 0000-0001-8429-4189

RESUMO

A perceção dos sons de algumas palavras homógrafas e parónimas (Dubois, 1993) pode ter implicações na interpretação da mensagem e na própria escrita de alunos de Português como Língua Estrangeira. O estudo exploratório aqui apresentado visava investigar os sons mais problemáticos nos homógrafos e parónimos e o eventual impacto do (não) reconhecimento de certos sons na escrita a partir da aplicação de um teste de perceção de discriminação e outro de grafia (totalizando 78 palavras em análise), a 64 alunos chineses a frequentar Cursos Superiores de Língua Portuguesa em Portugal. As palavras homógrafas usadas integravam uma tipologia proposta pela autora com base no "Dicionário de homónimos e parónimos" de Barbosa (1987), dividida em três categorias: pares com (a) diferentes classes gramaticais, (b) a mesma classe gramatical e (c) acentos diferentes. Relativamente às palavras parónimas, as tipologias de Bolshakov (2003) e Popescu (2019), aplicadas ao português, serviram de referencial teórico. Os dados obtidos revelaram dificuldades na distinção dos sons *-r/-l-*, *-l/-u-*, *-e/-i-*, *-um/-om-*, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE

Perceção acústica, palavras homógrafas, palavras parónimas, PLE, estudo exploratório, estudantes chineses.

ABSTRACT

The perception of the sounds of some homographs and paronyms (Dubois, 1993) may have implications for the interpretation of the message as well as in the way a Foreign Language student writes Portuguese. The present exploratory study aims to investigate the most problematic sounds in homographs and paronyms and the possible impact of the (non) recognition of certain sounds in writing, based on the use of a discrimination perception test and a spelling test (78 words under analysis in total), administered to 64 Chinese students attending Higher Courses of Portuguese Language in Portugal. The homographs used were part of a typology proposed by the author based on Barbosa's "Dictionary of homonyms and paronyms" (1987), divided into three categories: pairs with (a) different grammatical classes, (b) the same grammatical class and (c) different accents. Regarding paronymous words, the typologies of Bolshakov (2003) and Popescu (2019), applied to Portuguese, served as a theoretical framework. The data obtained revealed that students have difficulty distinguishing mainly the sounds *-r/-l-*, *-l/-u-*, *-e/-i-*, *-um/-om-*, *en/-in-*, among others.

KEYWORDS

Acoustic perception, homographs, paronyms, Portuguese as a Foreign Language, exploratory study, Chinese students.

1. Introdução

As palavras estabelecem relações entre si, não só a nível formal, mas também em relação ao som e à grafia. Neste âmbito, incluem-se os fenómenos da homografia e paronímia, estudados no presente trabalho. O primeiro abrange as palavras que possuem a forma igual na grafia, mas apresentam som e significados diferentes (Duarte, 2000). Por seu turno, a paronímia refere a relação das palavras similares na fonética e na grafia, mas com significados diferentes (Câmara Jr., 1991; Nicola & Infante, 1993; Ferreira, 1999; Löbner, 2013; etc.).

Devido às semelhanças do som e da grafia, estas palavras compõem um campo problemático para aprendentes de Português como Língua Estrangeira, causando ambiguidade lexical. Especialmente para alunos chineses, a dificuldade aumenta devido à distância linguística entre idiomas, já que o Mandarim, com um sistema de escrita ideográfico, é marcado por caracteres monossilábicos e por recorrer à tonalidade de estrutura fonológica. Esta situação acarreta consequências quer ao nível da compreensão do oral, já que a não identificação da palavra pronunciada pode influir na interpretação dos outros termos que com ela se relacionam (Fiorin, 2003), quer da escrita, pois, como indica Sim-Sim (2006, p. 63), “a mestria da oralidade afeta indubitavelmente o domínio da escrita”. Atendendo a que muitos destes estudantes pretendem aplicar a Língua Portuguesa profissionalmente, torna-se fundamental obter dados mais concretos sobre as questões mais problemáticas para este público.

Numa primeira fase deste trabalho, esclarecer-se-ão os conceitos-chave, nomeadamente homografia (e com ele obrigatoriamente a distinção entre homonímia total e parcial) e paronímia. Em seguida, indicar-se-ão categorias para classificação de palavras homógrafas e parónimas, a partir do levantamento das palavras inseridas no “Dicionário de homónimos e parónimos” de Barbosa (1987). Uma vez constituído o suporte teórico, apresentar-se-á o estudo exploratório desenvolvido, que envolveu a aplicação de um inquérito por questionário a 64 alunos chineses, com o objetivo de identificar as dificuldades de reconhecimento das palavras parónimas e homógrafas, bem como os sons mais difíceis.

2. Homografia e paronímia

As relações formais e semânticas entre palavras constituem uma dificuldade para a aprendizagem de Português como Língua Estrangeira, sobretudo em estágios iniciais da aprendizagem, quando a consciência fonológica ainda não está

totalmente desenvolvida. Ter a capacidade de reconhecer e manipular os sons é fundamental para o processo de distinção das palavras homógrafas e parónimas, ao qual se junta a capacidade de identificação do sentido de cada palavra.

Em termos conceptuais, a **homografia** integra, juntamente com a homofonia, o campo da homonímia parcial, já que a correspondência formal apenas se dá no domínio da grafia ou do som, respetivamente (Bechara, 2009). Para Duarte (2000), a homografia é a relação entre lexemas que possuem forma igual na grafia, mas apresentam som e significados diferentes. Estes lexemas podem diferenciar-se devido ao som de algumas vogais (a) ou à acentuação esdrúxula ou grave da palavra, o que culmina na alteração da sua classe morfológica (b).

Exemplos:

- (a) corte (ato ou efeito de cortar) vs. corte (residência de um monarca); besta (animal) vs. besta (arma de arremesso)
- (b) cópia (n.) vs. copia (vb.); número (n.) vs. numero (vb.)

Por seu turno, a **paronímia** descreve a relação das palavras parónimas que são similares na fonética e na grafia, mas com significados diferentes (Câmara Jr., 1991; Nicola & Infante, 1993; Ferreira, 1999; Löbner, 2013; etc.). Devido às semelhanças do som e da grafia, estas palavras compõem um campo problemático, visto que o fenómeno linguístico das palavras homógrafas e parónimas tem a ver com fatores como a variação da fonética da grafia, das semelhanças fonéticas ao pronunciar uma sequência de letras e do reconhecimento das sílabas átonas.

Exemplo: cavaleiro (n.) vs. cavalheiro (n.)

2.1. Uma potencial taxinomia das palavras homógrafas

Para o estudo, considerou-se necessário definir categorias de análise das palavras homógrafas que imprimissem maior rigor aos resultados, devido à não existência de uma taxinomia de suporte. Nesse sentido, concebeu-se uma classificação, com base nos lexemas contidos no “Dicionário de homónimos e parónimos” de Barbosa (1987). Importa referir que a escolha deste livro produzido no Brasil deve-se ao facto de não existir um documento análogo em Português Europeu.

A taxinomia proposta resulta de um cruzamento entre dados morfológicos e fonéticos, nomeadamente uso diferenciado de vogais orais semifechadas /e/ e

/o/ e vogais orais semiabertas /ɛ/ e /ɔ/. Divide-se em três categorias organizadas por ordem de frequência:

1. pares pertencentes a diferentes classes gramaticais;
2. pares pertencentes à mesma classe gramatical;
3. “pares falsos” que diferem quanto à existência do acento.

1.ª Categoria: pares pertencentes a diferentes classes gramaticais¹

As palavras constantes das próximas tabelas pertencem a classes gramaticais distintas. Na primeira, destacam-se os exemplares com as categorias morfológicas *nome* e *verbo*.

Tabela 1 – Homógrafas pertencentes a classes gramaticais diferentes: caso particular Nome Vs Verbo

	/o/	/ɔ/	/e/	/ɛ/
Nome Masculino Singular vs. Verbos na 1.ª P. do Presente Indicativo	Nós já assinamos o <i>acordo</i> .	Eu <i>acordo</i> às 8 horas.	Ele deu-me um <i>aceno</i> para eu passar.	Eu <i>aceno</i> um adeus quando partir.
Nome Feminino Singular vs. Verbo na 3.ª P. do Presente Indicativo	Ele tem muita <i>força</i> .	Ele <i>força</i> -me a correr.	Está ali a <i>cerca</i> de arame.	A corda <i>cerca</i> a árvore.
Nome Masculino Singular vs. Verbo no Infinitivo Pessoal	—	—	Come a sopa com a <i>colher</i> .	Está na altura de <i>colher</i> as cerejas.
Nome vs. Verbo no Imperativo	Visitei a <i>torre</i> de Belém.	<i>Torre</i> o pão, por favor.	Não <i>meta</i> a roupa em cima de cama.	Ele chegou à <i>meta</i> .
Nome Masculino vs. Verbo no Pretérito Perfeito	—	—	Já <i>leste</i> o livro?	A China fica a <i>leste</i> .

¹ Para mais exemplos, consulte o documento “O domínio das palavras homógrafas e parónimas: um estudo com alunos chineses”, de Zhao Mengjie disponível no Repositório Institucional da Universidade de Aveiro (<https://ria.ua.pt/>).

Na próxima tabela, incluem-se as palavras homógrafas que têm variações relativamente às vogais previamente mencionadas e que pertencem a classes gramaticais diferentes.

Tabela 2 – Homógrafas pertencentes a classes gramaticais diferentes

	/o/	/ɔ/	/e/	/ɛ/
Preposição + Determinante Demonstrativos vs. Verbo no Pretérito Imperfeito do Conjuntivo	—	—	Tirei o livro <i>desse</i> monte.	Se me <i>desse</i> a oportunidade, agradecia.
Preposição + Determinante Demonstrativos vs. Verbo no Pretérito Perfeito	—	—	O projeto é <i>deste</i> género.	Já me <i>deste</i> a almofada?
Preposição vs. Verbo no Presente Conjuntivo	A audição é <i>sobre</i> um acidente.	Espero que a comida <i>sobre</i> .	—	—
Adjetivo vs. Nome	A saia está <i>rota</i> .	A nova <i>rota</i> aérea já está aplicada.	Esta página está <i>pegada</i> .	Eu segui as <i>pegadas</i> dele.
Nome vs. Determinante Demonstrativo	—	—	<i>Este</i> carro não é meu.	Hoje o vento vem de <i>Este</i> .

2.ª Categoria: pares pertencentes à mesma classe gramatical

Tabela 3 – Homógrafas pertencentes à mesma classe gramatical

	/o/	/ɔ/	/e/	/ɛ/
Nome vs. Nome	Gosto da <i>cor</i> vermelha.	Eu sei a tabuada de <i>cor</i> .	Estou com muita <i>sede</i> .	A <i>sede</i> é em Lisboa.
Verbo vs. Verbo	—	—	Vou <i>pregar</i> um prego na parede.	Ele vem <i>pregar</i> um sermão.

3.ª Categoria: pares “falsos” que diferem quanto à acentuação

Tabela 4 – Homógrafas falsas (com / sem acentuação)

	com acento	sem acento
Nome vs. Verbo	Hoje vem cá um <i>crítico</i> (n.) gastronómico.	Eu nunca <i>critico</i> (vb.) sem razão.
	A <i>distância</i> (n.) que nos separa é imensa.	A criança nunca se <i>distancia</i> (vb.) dos pais.

A distinção e a produção dos sons certos das palavras homógrafas é um tema bastante complexo, uma vez que a variação vocálica depende de informações morfofossintáticas na maioria dos casos. Porém, a distinção pela variação das vogais não se resolve sempre com a consideração da classe gramatical, visto que existem pares de homógrafas que diferem na pronúncia, embora pertençam à mesma categoria gramatical (ex.: “sede” com o fonema /e/ e /ɛ/). Nesses casos, o critério semântico é essencial para determinar a pronúncia apropriada face ao contexto.

2.2. Classificação das palavras parónimas

O fenómeno das palavras parónimas é também complexo nos aspetos léxico-semântico, fonético e gráfico, devido à possibilidade de se confundirem as grafias das palavras com formas fonéticas similares. Embora alguns prouneiros e dicionários deem atenção a este tipo de relação de palavras e ofereçam exemplos, a utilização incorreta destes itens ainda ocorre, talvez em virtude de o reconhecimento das palavras parónimas pela audição ser um desafio para os alunos.

Como as palavras parónimas diferem entre si tanto na fonética, quanto na forma, é possível construir classificações. De entre as classificações já existentes (Bolshakov, 2003; Popescu, 2019), foram selecionadas neste estudo as que se adaptam ao português. Começamos, em primeiro lugar, pela classificação das palavras parónimas verdadeiras:

Tabela 5 – Categorias para classificação de parónimas verdadeiras

Categorias	Palavras (e significados)
adição proclítica de uma vogal, consoante ou ditongo	conselho (opinião que se emite sobre o que convém fazer) costumar (ter costume ou hábito de) aconselho (dar um conselho) acostumar (ter o costume de)
inserção de uma vogal, um ditongo ou uma consoante	acético (relativo ao vinagre) vultoso(que faz vulto) ascético (austero, monacal) vultoso (face em que os lábios estão excessivamente vermelhos e inchados, os olhos salientes e mais ou menos congestionados)

Categorias	Palavras (e significados)		
Com fonemas vocais ou consoantes (não) correlativas	-r- / -l-	absorver (sorver) dirigente (que dirige, gere)	absolver (perdoar, inocentar) diligente (aplicado, eficiente)
	e- / i-	emergir (vir à tona) emigrar (deixar um país)	imergir (mergulhar) imigrar (entrar num país)
	e- / in-	evocar (recordar) evasão (ato ou efeito de evadir)	invocar (trazer) invasão (ato ou efeito de invadir)
	en- / in-	enfestar (dobrar ao meio) enformar (colocar em forma)	infestar (invadir) informar (avisar)
Com fonemas vocais ou consoantes (não) correlativas	de- / di-	deferir (atender) delatar (denunciar)	diferir (distinguir-se, divergir) dilatir (alargar)
	-e- / -i-	branqueado (tornado branco) revezar (alternar)	branquiado (tem brânquias ou guelras) revisar(revisar)
	-e- / -a-	degredado (desterrado, exilado) retificar (corrigir)	degradado (estragado, rebaixado, aviltado) ratificar (confirmar)
	-e- / -o-	ponche (tipo de bebida) apóstrofe (figura de linguagem)	poncho (um tipo de vestimenta) apóstrofo (sinal gráfico)
	-l- / -u-	calção (calça que desce até à coxa ou joelho) calda (mistura mais ou menos xaroposa de água com açúcar obtida por fervura)	caução (valor aceite como garantia do cumprimento de uma obrigação) cauda (apêndice posterior, mais ou menos longo, no corpo de alguns animais)
	-l-/ -lh-	perfilar (traçar o perfil de) cavaleiro (que anda a cavalo)	perfilhar (assumir legalmente a paternidade de) cavalheiro (homem de boas ações e sentimentos nobres)
	Consoante surda/sonora	mandato (missão; encargo) espavorido (apavorado)	mandado (adj. que recebeu ou recebe ordens; n. ato ou efeito de mandar) esbaforido (ofegante, apressado)

Tabela 6 – Parónimas morfélicas com diferentes prefixos

Parónimas morfélicas com diferentes prefixos	Palavras (significado)	
Pre- / pro-	prescrever (receitar) preferir (dar preferência a)	proscrever (exilar por sentença ou voto escrito) proferir (enunciar)
Des- / dis-	discriminar (tirar a culpa a; legalizar) destorcer (desfazer a torcedura; endireitar)	discriminar (distinguir) distorcer (desvirtuar)

3. Metodologia do estudo exploratório

As palavras parónimas e homógrafas, por tudo o exposto, colocam dificuldades aos aprendentes não nativos de português, nomeadamente aos alunos provenientes da China. Para identificar com maior precisão os tipos de palavras mais difíceis para este público, procedeu-se à criação de um inquérito que visou:

- a) identificar os sons mais difíceis por meio de exercícios de audição e compreensão do oral;
- b) identificar as dificuldades no reconhecimento de palavras parónimas e homógrafas na escrita.

O inquérito realizado, de autoria própria, integrava, para além de algumas questões iniciais sobre a amostra, exercícios de escrita e um teste de perceção. Os exercícios de escrita diziam respeito à seleção de palavras adequadas conforme o som indicado (exercício 2) ou o contexto (exercícios 3 e 4). Por um lado, procurava-se verificar se o (não) reconhecimento de dado som acarretava implicações na escrita (exercícios 2 e 3), por outro lado, se os aprendentes reconheciam o significado das palavras e as conseguiam aplicar corretamente (exercício 4), através de uma *check-box*. Este último teste estava intrinsecamente relacionado com o teste auditivo, uma vez que as palavras utilizadas eram as mesmas.

O teste de perceção, especificamente de discriminação, era composto por 13 estímulos, num total de 52 palavras homófonas e parónimas. Neste, os respondentes tinham de selecionar duas palavras de entre quatro opções dadas, por exemplo, flagrante, inflação, fragrante, infração.

Os estímulos do teste foram criados integralmente pela investigadora, de modo a permitir o uso de palavras identificadas previamente no enquadramento teórico. Como tal, correspondem a estímulos artificiais que tinham como objetivo responder às necessidades de investigação delineados no início do trabalho. A gravação dos vários enunciados foi realizada por um falante nativo português, residente na zona de Aveiro, com formação académica superior e com idade compreendida entre 20 a 25 anos. Os estímulos foram gravados sem recurso a um laboratório, utilizando algumas ferramentas disponíveis online. A fim de verificar a fiabilidade da gravação, foi realizado um pré-teste com alguns estudantes chineses de Língua Portuguesa.

Os respondentes tinham cerca de três minutos para a realização do exercício, correspondente à duração da gravação, e foi solicitado que não parassem a

gravação e só repetissem três vezes a audição. Contudo, como o teste foi realizado online através da plataforma chinesa wjx.cn, por razões pandémicas, não foi possível controlar o ambiente, nomeadamente o número de repetições ou as pausas efetuadas, o que pode ter alterado alguns resultados.

Este instrumento foi distribuído por 64 alunos chineses, em julho de 2020, que frequentavam à data cursos de Língua Portuguesa. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos do inquérito e assinaram uma declaração de consentimento para tratamento dos dados. A maioria dos participantes tinha entre 20 e 26 anos de idade, o que significa que a maioria ainda estava em processo de aprendizagem da língua portuguesa à data do estudo. Dos participantes, três eram bilingues (mandarim e português). Optou-se pela manutenção destes no estudo, pois em termos práticos o mandarim era dominante no seu quotidiano, embora frequentassem o sistema educativo português há mais anos do que os restantes inquiridos. Além disso, considerou-se que poderia ser um fator importante de diferenciação de resultados, que espoletaria futuras investigações. Os inquiridos tinham um nível de proficiência da Língua Portuguesa que se situava entre o B1 e o C1, resultante de um período de aprendizagem de cerca de 4 anos. De ressaltar que a maioria dos inquiridos decidiu aprender a Língua Portuguesa por questões laborais.

4. Resultados alcançados

4.1. Teste de percepção

No teste de percepção foram mobilizadas as seguintes palavras para análise dos respetivos sons (em transcrição ortográfica):

Tabela 7 – Relação entre termos em análise e som

Alínea	Palavras	Som em análise
1.	Fragrante, flagrante; infração, inflação	<i>r/l</i>
2.	Calção, caução; alto, auto	<i>l/u</i>
3.	Delatar, dilatar; descrição, discricção	<i>De-/di-</i>
4.	Autuar, atuar; aferir, auferir	<i>Com/sem ditongo decrescente</i>
5.	Invocar, evocar; invadir, evadir	<i>in-/e-</i>
6.	Prescrito, proscrito; procedente, precedente	<i>pro-/pre-</i>
7.	Revisar, revezar; tráfego, tráfico	<i>e/i</i>

Alínea	Palavras	Som em análise
8.	Vultoso, vultuoso; florescente, fluorescente	<i>Com/sem ditongo crescente</i>
9.	Comprimento, cumprimento; comprido, cumprido	<i>-um-/om-</i>
10.	Infestar, enfeitar; informar, enformar	<i>en-/in-</i>
11.	Dotar, adotar; aconselho, conselho	<i>Adição proclítica de uma vogal</i>
12.	Emenda, ementa; mandado, mandato	<i>Consoante surda/sonora</i>
13.	Ratificar, retificar; degredado, degradado	<i>-e-/a-</i>

O panorama geral do desempenho dos inquiridos mostra que a maioria dos sons constitui um obstáculo, uma vez que apenas cinco alíneas estão acima dos 50%.

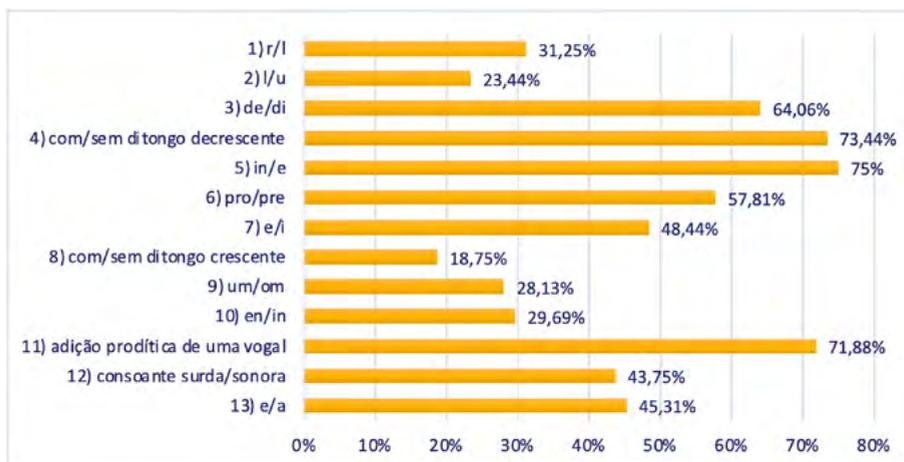


Gráfico 1 – Resultados obtidos no exercício 1

Observando os dados, constata-se que as palavras *com/sem ditongo decrescente*, *in-/e-* e *adição proclítica de uma vogal* não são problemáticas, pois as taxas de acerto superam os 70%, e alguns sons, como *pro-/pre-* e *de-/di-*, apresentam valores médios. No espectro oposto, encontram-se as palavras *com/sem ditongo crescente*, que regista uma taxa de acerto de apenas 18,75%.

As palavras que graficamente apresentam *r/l*, *l/u*, *-e-/i-*, *-um-/om-*, *en-/in-*, *consoante surda/sonora*, *-e-/a-* revelam-se também bastante difíceis. Relativamente às vogais *-e-/o-* do prefixo *pre-/pro-*, observa-se que confundem os alunos chineses no caso de ficarem nas sílabas átonas em que o som [i], [e] e [o]

respetivamente, se aproxima na maneira de ser produzido: [i] e [e] são centrais e [o] é recuado quanto à região de articulação da cavidade bucal; quanto ao grau de abertura da boca, que determina o timbre das vogais, [i] é fechado, [e] é entre aberta e semiaberta e [o] é semifechado. Em suma, as vogais que constituem dificuldades para os alunos têm características comuns ou diferenciam-se muito pouco no processo de produção das mesmas. O mesmo acontece nas vogais nasais [ũ]/[õ] e [ẽ]/[ĩ]: os dois pares têm características comuns na região de articulação, sendo que [ũ]/[õ] são recuadas e [ẽ]/[ĩ] são anteriores; mas diferem apenas no timbre, pois [ũ] e [ĩ] são fechadas enquanto [õ] e [ẽ] são semifechadas.

Relativamente aos sons de -al- e-au-, quando a letra “l” fica no fim de uma sílaba ou no fim de palavra é pronunciada como [ɫ]. Porém a coincidência do encontro com a letra “a” apresenta a semelhança com o ditongo -au-. Neste ponto, importa mencionar que a capacidade de distinguir este som está intrinsecamente relacionada com a forma como o mesmo é pronunciado, já que alguns falantes nativos, dependendo da região de proveniência, pronunciam como o ditongo [aw].

Para além das vogais, os alunos ainda têm dificuldades nas palavras parónimas que diferem nas consoantes r/l, ambas orais alveolares/apicoalveolares quanto ao ponto de articulação, mas, quanto ao modo de articulação, o /l/ é lateral enquanto o /r/ é vibrante. Essa única diferença na produção dos sons talvez não seja suficiente para que os alunos chineses a consigam reconhecer.

Os pares parónimos que incluem surdas e sonoras também se revelam difíceis para os alunos chineses, pois a diferença reside na existência de vibração das cordas vocais na produção. Ademais, quando as consoantes surdas são seguidas por vogais, a sonorização dos consoantes torna-se possível por causa dessa conexão.

Quanto à vogal inserida que não forma semivogal com conexão com outra vogal próxima é muito possivelmente ignorada pelos ouvintes, em virtude de ser pronunciada de forma breve, singular e pouco nítida.

Por fim, nos casos com/sem ditongo decrescente e da adição proclítica de uma vogal, os resultados positivos advêm do facto de a pronúncia dos termos utilizados ser claramente distinta.

4.2. Teste de grafia

A escrita, enquanto representação do oral, está intimamente ligada à própria linguagem oral, o que implica que a mestria da oralidade afeta indubitavelmente o domínio da escrita. (Sim-Sim, 2006, p. 63)

Partindo desta premissa, considerou-se necessário avaliar o impacto do conhecimento grafo-fonético sobre a escrita, através da aplicação de alguns exercícios de escrita.

O **exercício 2** visa analisar a competência dos participantes na identificação da palavra correta em função da pronúncia indicada. Para tal, formularam-se as seguintes questões:

Alínea 1. *A(s) frase(s) com a vogal oral semiaberta [ɔ] da letra O sublinhada na palavra a negrito é(são):*

- A. Eu **acordo** todos os dias às 8 horas.
- B. O **jogo** das escondidas é popular.
- C. Eu **jogo** com as oportunidades.
- D. Eu fiz um **acordo** com o meu banco.

Alínea 2. *A(s) frase(s) com a vogal oral semifechada [ô] da letra O sublinhada na palavra a negrito é(são):*

- A. Ele tem muita **força**.
- B. O povo sofreu grandes **cortes** nos subsídios.
- C. O William foi educado pelo rei na **corte** real.
- D. O meu pai **força**-me a lavar as mãos.

Alínea 3. *A(s) frase(s) com a vogal oral semifechada [ê] da letra E sublinhada na palavra a negrito é(são):*

- A. A **sede** da empresa é em Lisboa.
- B. Vou **colher** milho com a família.
- C. Eu uso a **colher** para comer sopa.
- D. Tenho **sede**.

Alínea 4. *A(s) frase(s) com a vogal oral semiaberta [ɛ] da letra E sublinhada na palavra a negrito é(são):*

- A. **Este** questionário é grande.
- B. O negócio deu-me grande **interesse**.

- C. Quanto custa? Não é que me **interesse** o preço.
- D. A montanha fica a **este** de Aveiro.

Os resultados obtidos são insatisfatórios, com taxas de acerto inferiores a 20%. Apesar de estes dados revelarem dificuldades em distinguir os sons semiabertos e semifechados, não se pode descartar totalmente a possibilidade de os inquiridos não identificarem o símbolo fonético usado no enunciado. Não obstante esta salvaguarda, especula-se que a realidade observada se deva aos seguintes fatores:

- a) Desconhecimento da existência da pronúncia diferenciada das vogais;
- b) Desconhecimento do próprio conceito de palavras homógrafas “verdadeiras”, que poderia fornecer um suporte teórico que auxiliasse a resolução do exercício;
- c) Não reconhecimento da regularidade das palavras homógrafas “verdadeiras”, nomeadamente do facto de a pronúncia das vogais “e” e “o” do radical variar entre semifechada e semiaberta de acordo com o contexto em que estão inseridas;
- d) Dificuldade na distinção dos sons corretos mesmo com o auxílio de informações morfossintáticas e semânticas.

Parece, portanto, que os respondentes não possuem, nesta fase, uma visão holística da língua, que lhes permita recorrer a elementos de outros componentes quando um está em défice; em concreto, de recorrer ao contexto da frase ou ao significado e à função que determinado lexema assume no seu interior, para determinar o som em questão. Considerando que muitos destes participantes pretendem usar a língua como ferramenta de trabalho (como intérpretes ou tradutores), justifica-se um estudo mais aprofundado destes fenómenos.

No seguimento do anterior, o **exercício 3** resulta da necessidade de compreender as debilidades dos inquiridos na combinação som-grafia-conteúdo semântico. Nesse sentido, aplicou-se um teste para seleção de homógrafas que diferem na acentuação, tendo sido dadas as seguintes hipóteses:

- 3.1. A Ana trabalha numa empresa que _____ carros. *Fabrica ou Fábrica?*
- 3.2. Ontem à noite ela passou na _____ do chefe. *Secretaria ou Secretária?*
- 3.3. A Ana _____ que possa continua a trabalhar lá. *Dúvida ou duvida?*

3.4. Ela ficou aliviada porque o chefe renovou o contrato e deu-lhe uma _____. *Cópia ou copia?*

Como se pode observar pelo próximo gráfico, a maioria dos inquiridos acertou nas alíneas 3.1), 3.3) e 3.4). Contudo, na pergunta 3.2), quase metade apresentou dificuldades. Conclui-se, assim, que a identificação e a aplicação das palavras homógrafas que diferem ao nível da acentuação não é uma tarefa complicada.

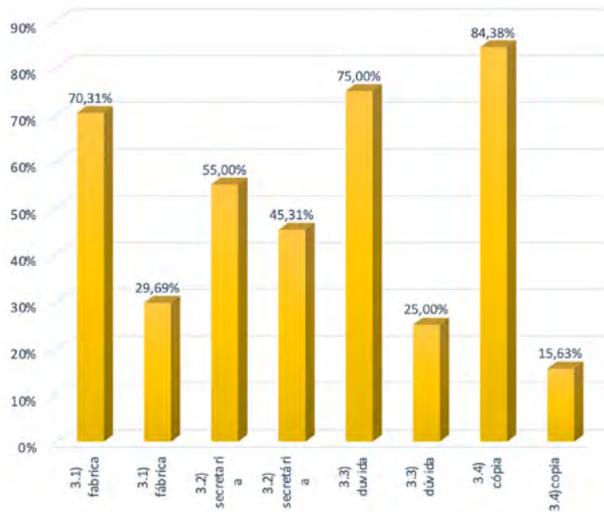


Gráfico 2 – Resultados do exercício 2 (homógrafas falsas)

Importa fazer uma menção à alínea 3.2, que, aparentemente, coloca mais dificuldades devido ao facto de os dois lexemas pertencerem à mesma classe gramatical. Embora se trate de lexemas frequentes e conhecidos dos participantes do estudo, isso pode, como indica Duran et al. (2015), potenciar a ocorrência de erros ortográficos, contrariamente ao que se poderia pensar.

Quando uma forma acentuada é muito frequente, ela tende a apresentar um número de formas com erros ortográficos, sem acento, que são confundidas com as formas corretas não acentuadas dos falsos homógrafos, inflando a frequência destas últimas. (Duran et al., 2015, p. 270)

O último **exercício (4)** tem como objetivo proceder à correta seleção das palavras parónimas inseridas no contexto de frases, sob a premissa de que o

conhecimento da pronúncia destas palavras auxilia na tomada de decisão relativamente à opção adequada. O exercício é composto por 13 perguntas, com 13 tipologias e 26 frases.

Exemplo: 4.1. O prazo já estava _____. A médica _____ o medicamento para o paciente.

A. *proscrito* ✓ B. *prescrito* C. *prescreveu* ✓ D. *proscreeveu*

A próxima tabela apresenta a relação entre a tipologia das palavras parónimas e os vocábulos utilizados durante o exercício.

Tabela 8 – Relação entre categorias de parónimas e termos em análise

Alínea	Grafia das palavras parónimas	Vocábulos
4.1.	pro- / pre-	Proscrito / prescrito Proscreeveu / prescreveu
4.2.	de- / di-	Delatou / dilatou Descrição / discríção
4.3.	-r- /-l-	Fragrante / flagrante Infringir / infligir
4.4.	-um-/-om-	Cumprimento / comprimento Cumprido / comprido
4.5	Consoante surda / sonora	Mandato / mandado Ementa / emenda
4.6.	-e- / -a-	Retificar / ratificar Degredado / degradado
4.7.	e- / i-	Emigrem / imigrem Eminência / iminência
4.8.	-e- / -i-	Tráfego / tráfico Inquerir / inquirir
4.9.	in- / en-	Infestou / enfestou Informem / enformem
4.10.	-l-/-u-	Calção / caução
4.11.	in- / e-	Instância / estância
4.12.	Ditongo decrescente	Vultoso / Vultuoso
4.13.	Adição proclítica de uma vogal	Dotou / adotou

Como ilustrado pelo gráfico 3, os inquiridos revelaram muitas dificuldades em distinguir todos os tipos de parónimas em geral, pois as taxas de acerto são inferiores a 50%.

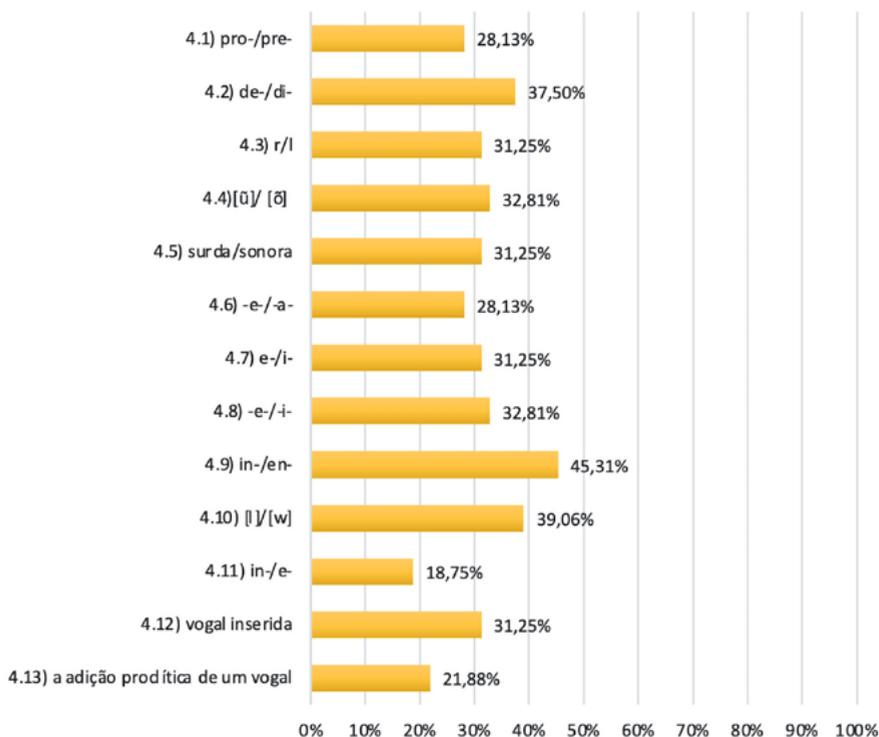


Gráfico 3 – Resultados alcançados no exercício para distinção de parónimas

Ao analisar o gráfico precedente, constata-se que as situações mais problemáticas incluíam as palavras parónimas com *in-/e-* (a), *adição proclítica de uma vogal* (b), *pro-/pre-* (c) e *-e-/a-* (d).

(a) Ele *dotou* / *adotou* os seus guerreiros de novos equipamentos.

Pouco a pouco, *acostumei-me* / *costumei-me* ao frio no planalto.

(b) O prazo já estava *proscrito* / *prescrito*.

A médica *prescreveu* / *proscreeveu* o medicamento para o paciente.

(c) A Sílvia não gosta de bonecos porque acha que *invocam* / *evocam* espíritos. Voltar para a China era a última *instância* / *estância* para sobreviver.

(d) As novas medidas a *retificar* / *ratificar* o acerto das votações no Congresso Nacional. Ele foi *degredado* / *degradado* por ter falhado nas negociações com o fornecedor do material.

Como se observa pela leitura das hipóteses, os termos em uso enquadram-se num registo de língua mais cuidado e formal, com o qual os participantes estão pouco familiarizados. Tal significa que muitas destas palavras são totalmente desconhecidas, quer gráfica, quer foneticamente. Ademais, a semelhança entre as palavras suscita incerteza e dúvida nos participantes, tanto mais quando as palavras são mencionadas simultaneamente, o que também pode ter originado os valores apresentados. Assim, considera-se pertinente realizar um novo teste, após fornecer o significado das palavras menos conhecidas aos participantes, para verificar se os resultados se mantêm.

Contudo, considera-se que estes dados são interessantes quando se procede ao seu cruzamento com o exercício 1 do teste auditivo, de onde se destacam alguns casos.

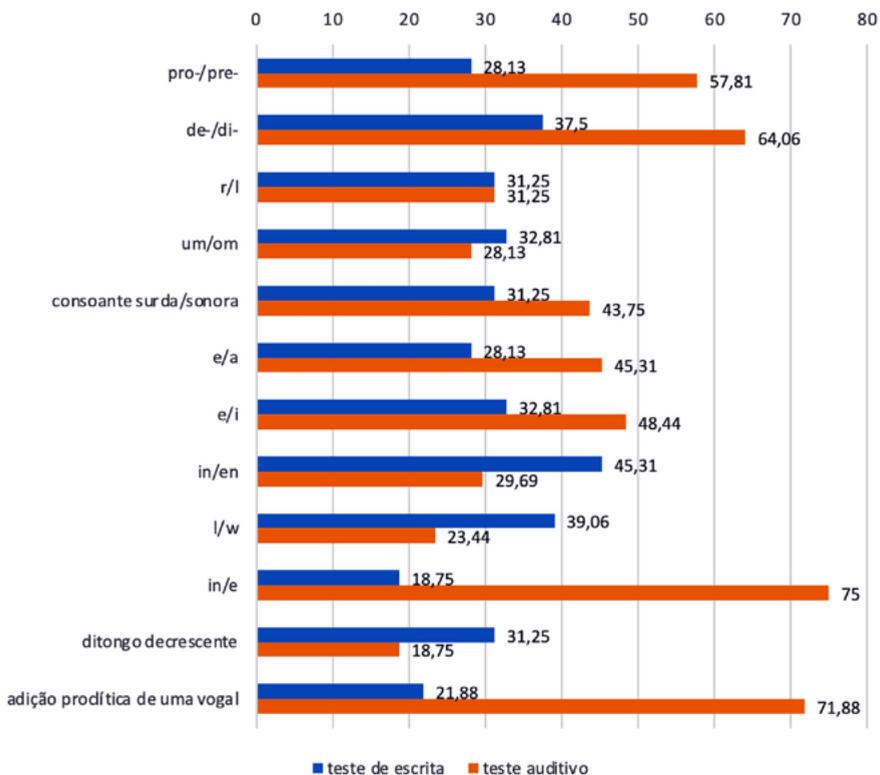


Gráfico 4 – Confronto entre teste auditivo e teste escrito

No caso das palavras parónimas com *adição proclítica de uma vogal*, a percentagem de acerto no teste auditivo é consideravelmente superior ao de escrita, o que significa que os alunos conseguem ouvir a vogal -a-, mas não conseguem identificar o termo ortograficamente adequado ao contexto. Isto permite concluir que o conhecimento lexical não acompanha o reconhecimento fonológico.

Pelo contrário, na questão que implica o uso (ou não) de *ditongo decrescente* (ex.: vultoso e vultuoso), os inquiridos foram capazes de selecionar a opção correta no teste escrito, mas incapazes de reconhecer o som, pois a vogal pode ter sido produzida como semivogal, formando um ditongo crescente.

Em relação ao par *in-/e-*, apesar de serem capazes de distinguir os sons, esse facto não os ajudou na seleção do termo correto no exercício 4, possivelmente porque não reconheciam o significado das palavras.

No campo oposto, encontram-se as palavras parónimas com *l/w* e *in-/en-*, as quais apresentam melhores resultados no teste de escrita. Esta situação pode dever-se a dois fatores: em primeiro lugar, as palavras a uso são mais familiares para os inquiridos, reconhecendo o seu significado no exercício de escrita; em segundo lugar, devido à proximidade dos sons, no teste auditivo os inquiridos não foram capazes de as diferenciar. Como referido anteriormente, no caso de -al-, por se encontrar no fim de sílaba (ex.: calção/caução e alto/auto), assume um som próximo ao ditongo -au-, tornando-se difícil para os estrangeiros. Em *in-/en-*, a dificuldade reside na identificação do timbre das vogais, já que [i] é fechada e [ẽ] é semifechada, e no facto de poder existir a junção com a palavra anterior no momento de produção, o que também pode influenciar os resultados.

Estes resultados revelam que é absolutamente imprescindível fomentar um conhecimento holístico da língua, promovendo o conhecimento fonológico, ortográfico e semântico, pois todos trabalham, metaforicamente, como uma orquestra afinada.

Conclusões

O presente trabalho revela que os alunos chineses apresentam dificuldades acústicas e cometem desvios ortográficos com homógrafas e parónimas. A partir da análise dos dados, considera-se que estes fenómenos podem ter origem no domínio incompleto dos sons/fonemas, repercutindo-se quer no âmbito da produção/interação oral, quer da compreensão oral, quer da escrita, uma vez que

o “*escrevente recorre sobretudo à estratégia fonológica*” (Frith, 1980, como citado em Sousa, 1999, p. 56).

Como estes alunos, por se encontrarem em pleno processo de aprendizagem, não possuem um vasto conhecimento lexical que lhes permita mitigar as dúvidas que as palavras homógrafas e parónimas colocam, é fundamental trabalhar estas questões com mais profundidade em contexto escolar. Convém ainda relembrar que os inquiridos pertencem a um sistema linguístico totalmente diferente, o que significa que não lhes é possível estabelecer um paralelismo com os sons da sua Língua Materna (Munro & Bohn, 2007).

Os resultados permitem identificar alguns sons problemáticos, como o *ditongo decrescente* ou *l/u*, e outros que não colocam grandes entraves, como o *ditongo crescente* ou *in-/e-*. Não obstante estes dados, considera-se que este estudo exploratório é, claramente, insuficiente face ao extenso volume de estudantes chineses de Português, pelo que se entende que no futuro seria importante conduzir alguns estudos, a saber:

- a) Alargar os testes a mais alunos chineses, de vários níveis, de modo a obter informações sobre o impacto do tempo de estudo na distinção dos sons, e em ambientes distintos, nomeadamente em imersão, de modo a verificar se o local de estudo influencia os resultados;
- b) Estender estes estudos ao longo de alguns anos, a fim de observar se o tempo de contacto com a língua tem influência nos resultados.

Em suma, espera-se que este trabalho suscite o interesse dos docentes sobre estes fenómenos, levando-os a considerar dar uma maior ênfase a estes aspetos na sua leção, e dos investigadores, para que continuem a recolher informações pertinentes e úteis para o ensino da Língua Portuguesa para Estrangeiros.

Referências bibliográficas

- Barbosa, O. (1987). *Dicionário de Homônimos e Parônimos*. Brasília: Thesaurus.
- Bechara, E. (2009). *Moderna Gramática Portuguesa*. (37.ª edição). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bolshakov, I. A., & Gelbukh, A. (2003). Paronyms for Accelerated Correction of Semantic Errors. *International Journal “Information Theories & Applications,”* 10(2), 1–7. <http://sci-gems.math.bas.bg:8080/jspui/bitstream/10525/936/1/ijita10-2-p13.pdf>
- Câmara Jr., J. M. (1991). *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa – Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Dubois, J. (1993). *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix.
- Duran, M. S., Avanço, L. V., Nunces, M. G. V. (2015). A Importância dos Falsos Homógrafos para a Correção Automática de Erros Ortográficos em Português. *Proceedings of Symposium in Information and Human Language Technology*. Natal, RN, Brazil, November 4–7, pp. 265-273.
- Ferreira, A. B. de H. (1999). *Novo Aurélio – O Dicionário da Língua Portuguesa: Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fiorin, J. L. (2003). *Introdução à Linguística I – Objetos Teóricos*. São Paulo: Contexto.
- Löbner, S. (2013). *Understanding semantics*. Nova Iorque: Routledge.
- Munro, M. J., & Bohn, O.-S. (2007). The study of second language speech. *Language Experience in Second Language Speech Learning. In Honor of James Emil Flege*, 3–11. <https://doi.org/10.1075/llt.17.06mun>
- Nicola, J., & Infante, U. (1993). *Gramática contemporânea da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione.
- Popescu, F. (2019). Paronyms and Other Confusables and the ESP Translation Practice. *Analele Universității Ovidius Din Constanța. Seria Filologie*, 30 (1), 220–232. https://www.researchgate.net/publication/329428635_Paronyms_and_Other_Confusables_and_the_ESP_Translation_Practice
- Sim-Sim, I. (2006). *Ler e Ensinar a Ler*. Lisboa: Edições Asa.
- Sousa, Ó. (1999). *Competência Ortográfica e Competências Linguísticas*. Lisboa: ISPA.

Hsingling and Honour-Seeking Translatorial *Hexis* – An Interpretation of Lin Yutang’s Translation Strategies in *Six Chapters of a Floating Life*

Hexis tradutológica em *Hsinling* e na busca de honra – Uma interpretação das estratégias de tradução de Lin Yutang em *Six Chapters of a Floating Life*

Wu Yue

Central Conservatory of Music, Beijing, China
robellen@163.com

ABSTRACT

The recent theory of translatorial *hexis* postulates that a cultural honour-seeking *hexis* observable in textual details might be embodied in the translated text, thus offering fresh interpretations on the translation strategies employed by the translator. Using this theory as a basis, this paper attempts to re-examine some of Lin Yutang's translation strategies in his widely acclaimed English translation *Six Chapters of a Floating Life*. The case study indicates that both Lin's voluntary retention, foreignising strategies in the forms of zero translation and liberal translation of Chinese *Hsingling* in the source text indicates his translatorial stance that strives to display quintessential Chinese idiosyncrasies and seek Chinese cultural honour.

KEYWORDS

Translatorial *hexis*, *hsingling*, cultural honour-seeking, *Six Chapters of a Floating Life*.

RESUMO

A teoria recente da *hexis* tradutológica postula que uma *hexis* de busca de honra cultural observável em detalhes textuais pode ser incorporada no texto traduzido, oferecendo assim novas interpretações sobre as estratégias de tradução utilizadas pelo tradutor. Usando essa teoria como base, este artigo tenta reexaminar algumas das estratégias de tradução de Lin Yutang na sua famosa tradução inglesa de *Six Chapters of a Floating Life*. O estudo de caso indica que tanto a retenção voluntária de Lin como as estratégias de estrangeirização nas formas de empréstimo direto, bem como a tradução livre do chinês *Hsingling* no texto de origem, indicam o seu posicionamento de tradutor que tem como objetivos exibir as idiossincrasias chinesas pela excelência e buscar a honra cultural chinesa.

PALAVRAS-CHAVE

Hexis tradutológica, *Hsingling*, busca de honra cultural, *Six Chapters of a Floating Life*.

As one of the best-known Chinese figures in the twentieth century, Dr. Lin Yutang has marked the history with many titles: an outstanding writer and translator, the first Chinese nominee for the Nobel Prize in literature, a philosopher and a lexicographer.

By distilling the philosophy of Chinese sages and presenting it to the Western world in a modern and understandable fashion through his translation or literary works, Dr. Lin has rendered an inestimable service for bridging the wide gap between the Oriental and the Western civilization. A close look at his translations revealed that Lin also translated with some specific intention in mind. As an ardent interpreter of Chinese culture, he was more than eager to present the most authentic, characteristic aspects of Chinese culture to the Western world through his translation works.

This paper aims to explore Dr. Lin Yutang's translation intentions, and examine his translation of *Six Chapters of a Floating Life* by relating his translating techniques and strategies to the hypothesis on a translator's *hexis*.

1. *Hexis* Theory and Foreignized Translation

Translation has long been recognized as a shift of source text (hereafter referred to as ST) manners and forms on a linguistic level as well as the transference of culture and customs as far as its communicative function is concerned. Nord holds that "translating means comparing cultures" (Nord, 2001, p. 34). More and more translation research and practices have shown that it is the cultural elements, rather than the linguistic factors that posed the most challenges for translators.

1.1. Translational *Hexis*: A Short Discussion

The currently prevalent sociological model postulates that the nation is often an external aspect of the cultural reality which provides a framing for identities, while national culture is deciphered as the basic unit for explaining cultural behaviors. Social action theory believes that social structure, politics, religion, ideology and culture are in constant dialogues with each other, which on the other hands resonates with the assumption that cultural identities are in effect constituted by a variety of things, ranging from "religious belief, ancestry, language, discourse", to "community, family, activities, region.... food, dress, political attitudes, many of which can cross national boundaries" (Holliday, 2010). Nudging this into the translation studies, Daniel Simeoni put forward a new term—translating habitus, i.e.

“culturally pre-structured and structuring agent mediating cultural artefacts in the course of transfer” (Simeoni, 1998). Before the cultural turn in translation studies, translators seem to have been in a secondary place in the majority of translating activities, from being subservient to the author, to the client, to the text, to the language, all of which can be summarized as the deep-rooted ideology of subservience. The truth is, such tendency to subservience is internalized and ingrained in the norms forced upon the translators. Hence, translators’ habitus is the product of occupational norms, the psychological/ behavioral dispositions underpinned by the socio-cultural context where a translator lives.

The habitus of translators, reflected by their tendencies of subservience, can be further consolidated by Bourdieu’s assumption of the bodily *hexis*. Bodily *hexis* refers to the “political mythology realized, embodied, turned into a permanent disposition, a durable manner of standing, speaking and thereby of feeling and thinking” (Bourdieu, 1977, p. 123). Bourdieu suggested that bodily *hexis* indicates the expression of all the factors which make up one’s habitus and the socio-cultural values co-shared by people with the same cultural identity, as the body is a mnemonic device upon which and in which, the very basics of culture are imprinted and enacted. Accordingly, as people are aware that their attitude and patterns of behavior could be perceived as honorable by their peers in the same community, their own bodily *hexis* in the meanwhile could represent and express their faith and self-esteem. Crucially, the *hexis* “embodies, through gesture and posture, a person’s culturally determined expectations about what will be recognized within their culture as honorable or dishonorable” (Charlston, 2013, p. 51). By analogy, the translatorial *hexis* embodies “an honor-seeking, bodily stance” (Charlston, 2013, p. 51) in the minutiae of the translated text. To specify the term in the field of translation, a translator’s *hexis* could be further interpreted as the choices he made in the translating activities:

The translator’s lexical choices could be the embodiments as his translatorial *hexis*. Especially when translating key philosophical terms in an ideologically sensitive text, the translator’s lexical choices embody his or her expectations about what will be recognized as honorable or dishonorable with reference to one or more social sub-fields of his endowing philosophical peers. (Charlston, 2013, p. 56)

Analysis of the lexical and stylistic details of a translated text with regard to the translatorial *hexis* could clarify the translators’ complicated, decision-making

processes in any translation activities. Apart from the concerns about the equivalence between the ST and target text (hereafter referred to as TT), or the readability and the coherence of the TT, the translator is “also concerned, in an honor-seeking way, with its potential role and reception in the target culture, and with her or his own reputation in the field” (Charlston, 2013, p. 57). It can thus be postulated that a translator’s *hexis*, defined by his cultural identity, could be revealed via his decision-making processes, lexical choices, and ideological stance — the embodiment of his translatorial habitus, a honor-seeking tendency in his own favor. On the other hand, a translator’s translatorial habitus, reflected in his para-texts or texts related to his translation activities, also determines his strategic, stylistic and lexical choices of his future translations.

1.2. Foreignized Translation and Honor-Seeking *Hexis*

When it comes to the way of adequately transmitting the uniqueness of source culture into the target culture, there are only two possibilities: “either the translator leaves the author in peace as much as possible and moves the reader toward him; or he leaves the reader in peace as much as possible and moves the writer toward him” (Schleiermacher, 2004, p. 141). Admitting that these two paths are vastly different, Friedrich Schleiermacher declares that they are alternative to translators, but should not be combined, or “any mixture of the two would produce a highly undesirable result” (Schleiermacher, 2004, p. 141). Later on American scholar Lawrence Venuti brought this theory to fuller play and came up with two new concepts: “foreignization” and “domestication”. Yet the main difference between Venuti’s theories and those of others is that domestication and foreignization strategies take into account the influence of cultural and ideological factors on translation and consider the influence of translations on the target readers and cultures as well.

Venuti pointed out that “all translation is fundamentally domestication and is really initiated in the domestic culture” (Venuti, 1995, p. 46). Clearly, domestication favors the reading convenience of the target-text readers, thus making translators transparent and invisible. Yet, the prevalence of fluent domestication has fostered a kind of inhumane culture, mainly the British and American cultures that are “aggressively monolingual, unreceptive to the foreign, accustomed to fluent translations that invisibly inscribe foreign texts with English-language values and provide readers with the narcissistic experience of recognizing their own culture

in a cultural other” (Venuti, 1995, p. 15). In order to challenge the hegemony of Anglo-American culture and improve the status of translators, Venuti proposed a foreignizing strategy. Foreignized translation designates the type of translation in which a TT “deliberately breaks target conventions by retaining something of the foreignness of the original” (Venuti, 1995, p. 49). Most translators from the subservient culture in this global village favor foreignization, as it seeks to resist the dominant target language (TL) culture values and signify the linguistic and cultural difference of the foreign text. “It is a strategic cultural intervention pitched against the hegemonic English-language nations and the unequal cultural exchanges in which they engage their global others. Foreignized translation in English can be a form of resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism, in the interests of democratic geopolitical relations” (Venuti, 1995, p. 20).

In view of Charlston’s theory on translatorial *hexis*, a translator’s cultural identity and habitus have underpinned his translating decision, the embodiment of his cultural *hexis*. The method of domesticating translation thus is not desirable for translators who deem their own national culture as honorable and a fulfilling addition to the world cultural community. Domestication, being an egoist and imperialist viewpoint on translation, will surely damage cultural diversity and put the non-Anglo-American cultures in a second place for a long time. Ever since the Cultural Turn in the 1970s, disputes over domestication and foreignization has been viewed from a brand-new perspective. The conflict between domestication and foreignization as opposite translation strategies can be regarded as the cultural and political rather than linguistic extension of the time-worn controversy over free translation and literal translation. To counter the act of translating in a “transparent, fluent, invisible style” in order to minimize the foreignness of the TT (Munday, 2001, p. 146), Venuti proposes the strategy of “resistant translation” (i.e. foreignization) against the tradition of “smooth translation”—the translator consciously foreignizing the unique elements of the source text that to his beliefs are honorable and deserve better appreciation around the world, for the decent and healthy survival of non-Anglo-American cultures in the increasingly globalized world.

2. Lin Yutang’s Honor-Seeking Endeavor

The son of a Chinese Presbyterian minister, Lin Yutang was educated for the ministry. However, he renounced Christianity in his early twenties and developed a fascination with Taoism and Buddhism. There is a turning point in Lin Yutang’s turn

to the Chinese culture. When teaching at Tsinghua University, he found himself extremely ignorant about the glorious Chinese history and culture. "He knew that Joshua's trumpet blew down the walls of Jericho, but did not know the folktale of *Meng Jiangnu*, whose tears for her lost husband at the Great Wall caused a section of the wall to collapse and expose his dead body" (Lin, 1999, p. 7). In his effort to make up for the inadequacy, Lin found himself attached to the Chinese philosophy and later received wide acclaims for revealing the history and culture of China to Americans through essays, nonfiction books, and novels. *My Country and My People* (1935) and *The Importance of Living* (1937) established his reputation as an eastern voice for western audiences. In an editorial upon his death, the *China Times of Taiwan* said: "For some in the West who were not well-informed, they heard about Lin Yutang before they heard about China, and heard about China before they heard about the glory of Chinese civilization". Dr. Lin once described himself as "think with the brush of Chinese and write with the typewriter in English". Yet, he was not only bilingual, but also bicultural as well. Educated in Saint John's University, a Christian school located in Shanghai and later in Harvard and Leipzig for master and doctoral degrees, Lin Yutang ensured that his understanding on the two different kinds of culture shaped his living styles as well as his translation work, which is driven by his admiration for Chinese philosophical thinking and characterized with unique cultural elements.

2.1. Earthly Joy: Lin Yutang's Cultural Pursuit

After spending twenty years in Western countries, Lin Yutang was able to explore Western society with in-depth observances. To him, "the West had grossly misunderstood materialism, separating it from intellects and casting it into some primeval void"¹. Impelled by the great advancement of industrialization and modernization, the States has become a completely rational and unconcerned society, which resulted in the rule of automation, He wrote, in the *On Wisdom of America* that "efficiency, punctuality, and the desire for achievement and success.... are the things that make the Americans so unhappy and so nervous." In this respect, Western philosophy was no more than the mind's chemical toilet since it had become too rigid and emptied of the sensual content of life. Western thinkers, in his eyes, all devote themselves to mystic searches for the ultimate meaning of a man's existence in the world, yet the earthly joy that gives meaning to men's living and the

¹ Quoted from the website <http://www.umass.edu/wsp/sinology/persons/lin.html>

essential qualities that define a human being, like curiosity, humor, and waywardness are all unexceptionally overlooked in their thinking regime. So he debased the Western philosophers as a kind of swimmer who dives into the water and is proud that he never comes up to the surface again.

In comparison, the Chinese philosophers are much better, because they are the kind of swimmers that dive but must soon come up to the surface again, for they need to live a life before they can find anything meaningful about life. Among the many schools of Chinese philosophy, Lin Yutang (2008, p. 173) attached the most importance to Taoism:

There is a natural romanticism and a natural classicism in a nation, as in an individual. Taoism is the romantic school of Chinese thought.....Actually, Taoism is romantic throughout.

He found the freedom to enjoy life is the ultimate spiritual good. To him, the true culture is essentially a product of leisure, accordingly, the most spectacular merits of Chinese culture is that it calls for an integration of the mundane life with arts and leisure. His real-life experience in China proves that many trifles in life are imbued with artistic elements whereas the aesthetic features of arts are materialized in daily life:

The Chinese ideal of happiness was, then, not the exercise of one's powers along lines of their excellence as was that of the Greeks, but the enjoyment of this simple rural life, together with the harmony of social relationships. (Lin, 2008, p. 180)

In retrospect, Lin Yutang believes that American society has already been alienated by the modern machinery, and its culture was drowned in the roaring of industrialization, but one can still turn to the philosophical Chinese culture to find peace and tranquility, to live a comfortable, yet also a fruitful life. It is this love for the witty culture that he decided to serve as an interpreter of China and translate the classics of his country for the Western world.

2.2. Six Chapters of a Floating Life and Hsingling Spirit

Long revered as a Chinese literary classic, *Fu Sheng Liu Ji*, or *Six Chapters of a Floating Life* in English, is a multi-faceted, autobiographical narrative of the author Shen Fu, a young poet and painter of the Qing dynasty. The name of the book is a

reference to a couplet in Li Po's poem, "Our floating life is like a dream; how often can one enjoy oneself?"(浮生若梦, 为欢几何?) In the book, Shen Fu talks about a tranquil yet colorful life with his beloved wife Chen Yun and each chapter is framed with a certain thematic topic: the *Wedded Bliss*, the *Little Pleasure of Life*, *Sorrow*, the *Joys of Travel*, *Experience in Formosa (missing)* and the *Way of Life (missing)*. As the story unfolds, Shen Fu manages to weave a complex tale of romance, camaraderie, family obligations and human tragedy, and presents an excellent portrait of daily life during the Qing dynasty in eighteenth-century China. However, this book is much more than a record of daily trifles, "In form, it is unique, an autobiographical story mixed with observation and comments on the art of living, the little pleasures of life, some vivid sketches of scenery and literary and art criticism" (Lin, 1999, p. 23).

In 1981, Chinese scholar Yu Pingbo wrote in the preface of the book's German translated version that "the writing of the book is delicate, refreshing and tactic, even more impressive than some other masterpieces"². Actually, as early as in the 1920s Yu Pingbo had already hailed his high praise for the book in the preface of the reprinted Chinese version: "there is not a single redundant word, no cynical complaints, or dogmatic preaching in the book", "the writing is exquisite, romantic, and gentle, but also candid and simple. It is a splendid work that deserves wide attention"³. Apart from the exquisite artistic style of the book, what is more attractive is the author's worldview and idyllic perspectives on life revealed between the lines. As Lin Yutang has put in the preface of his translation, "he (Shen Fu) made no effort to whitewash her (Chen Yun, the lovely wife) or himself. In him, too, lived the spirit of truth and beauty and the genius for resignation and contentment so characteristic of Chinese culture" (Lin, 1999, p. 22). In ancient China, to live the spirit of truth and beauty and to live in contentment are the typical worldview advocated by the *Hsingling* culture (性灵 in Chinese, meaning the spiritual culture), of which Shen Fu is a pious follower and practitioner.

Hsingling means a man's true nature, free from any external influences or personal feelings or passion. The advocates of *Hsingling* culture held high that when writing a literary piece, a writer should leave behind his personal misfortu-

² Dr. Yu Pingbo's remarks was published in Chinese, his exact words are 言必由衷谓之真, 称意而发谓之自然。其宛转清新, 犹觉后来居上—translated into English by the author of the paper.

³ The reprinted *Fu Sheng Liu Ji* was published in 1923, and Dr. Yu Pingbo's exact words in the preface are "统观全书, 无酸语, 赘语, 道学语", "情思笔致极旖旎宛转而又极真率简易", "在中国就文苑中, 是很值得注意的一篇著作"—translated into English by the author of the paper.

nes or happiness, put aside the religious beliefs or mundane struggle for fame and wealth, but just to express a real himself and his real emotions. Rather than portray the natural scenery as the embodiment of morality, or purity of his nature, *Hsingling* followers prefer to present the Mother Nature's most authentic feature, reveal to the full extent their unsophisticated love of beauty, and strive to reach *Hsingling's* highest pursuit of "not pleased by external gains, and not saddened by personal losses".

A passionate lover and artistic wanderer in life, Shen Fu suffered many unbearable pains and losses: disowned and kicked out from the family by his parents, failed in career, hit hard by the death of his beloved wife and loss of his only son..... Yet, all those misfortunes did not beat him down, instead he devoted himself to the love of beauty and the pursuit for the pure essence of *Hsingling*. Hence, *Fu Sheng Liu Ji* presents its readers a kaleidoscope of Shen Fu's life and travels in an objective and detached tone without a slight hint of complaint and cynicism.

As has been discussed above, ever since Lin's return to the Chinese civilization, he was greatly fascinated by the colorful Chinese culture and began to hold some grudges against the Western culture for its inhumanness, impassiveness and surrender to the rule of automation. Such pride in his home-country's culture, together with his self-esteem, an idiosyncrasy of any Chinese scholars, determined that mere transmission of Chinese philosophy cannot satisfy him; his ultimate goal is to arouse the Western readers' acknowledgement and empathy in the Chinese culture, the best embodiment of which would be the *Hsingling* wisdom and lifestyle revealed from the book *Fu Sheng Liu Ji*, or, *Six Chapters of a Floating Life*.

2.3. Lin Yutang's Intention of Translating *Six Chapters of a Floating Life*

The extant version of *Six Chapters of a Floating Life*, or *Fu Sheng Liu Ji* was first published in 1877, but the last two chapters were lost for some unknown reasons. Lin Yutang translated the book and published it in 1935 in Shanghai, bringing it a fame that Shen Fu could not even dream of. Yet Lin's encounter with the book also brought him some pleasant surprises. Modern Chinese scholar Fu Lei remarked that "choosing the source text resembles making friends: I would avoid those who will be ever incompatible with me; as to those who make me feel like old friends from the start, I would regret not having met them earlier". *Fu Sheng Liu Ji* was such a friend to Lin Yutang. Disappointed by politics, Lin decided to indulge himself with

a life of letters in his writer's studio. While he was pondering with pain the question of happiness as "for those who do not know it, happiness is a problem, and for those who do know it, happiness is a mystery", the reading of Shen Fu's story gave him "this sense of mystery of happiness, which transcends all bodily sorrows and actual hardships" and confirmed his belief that "a humble life happily lived is the most beautiful thing in the universe" (Lin, 1999, p. 22).

Fascinated by Chen Yun, the guileless, aesthetically-inclined heroine of the book and the loveliest woman in Chinese literature in his eyes, he decided to translate the couple's story into English. Lin started his work with a clear purpose in mind:

I am translating her story just because it is a story that should be told to the world; on the one hand, to **propagate** her name, and on the other, because in this simple story of two guileless creatures in their search for beauty, living a life of poverty and privations.... I seem to see the essence of a Chinese way of life as really lived by two persons who happened to be husband and wife. (Lin 1999: 20-21)

Hence, it can be concluded that Lin's intention of translating the book into English is to promote the couple's peaceful yet aesthetic lifestyle to the Western readers; moreover, as Lin has pointed out in his books, Chinese culture infuses arts into daily life, thus, Shen Fu and Chen Yun's life surely echoes the marrow and essence of the living philosophy of Chinese people. In this respect, the transference of their story definitely helps to his mission of being an interpreter to Western minds of the customs, aspirations, peace-loving thoughts and fears of his people that endures despite flood and famine, war and politics, and of their country—China, the great and tragic land suffering and striving in the muds of World War Two.

3. Honor-Seeking Strategies in Lin Yutang's Translation of *Fu Sheng Liu Ji*

Proud of the leisurely *Hsingling* spirit, Lin Yutang, though never making it clear that he was prone to the method of foreignizing his target text, nodded to a discursive strategy that deviates from the prevailing hierarchy of dominant discourses, such as the dense archaism that once filled the English translation of Chinese classics; and that highlights the quintessential Chinese life philosophy and idiosyncrasies in the TL cultural values.

3.1. Lin Yutang's Perspective on Translation

Being one of the most influential translators, Dr. Lin translated in accordance with his own translation principles and criteria. He believes translators should be responsible for the source language (SL) writer, the target language (TL) reader as well as his own artistic tastes, while on the other hand, fidelity, smoothness and aesthetic beauty shall be the paramount criteria for evaluation and criticism.

In Lin Yutang's opinion, literature is "lyrical in origin," where "only ideas that come straight from man's heart will survive." (Lin, 2008, 312) The lyrical origin of literature makes it possible for one to regard literature as a reflection of mankind's soul, and to think a nation's literature as a reflection of the country's spirit. *Fu Sheng Liu Ji* to Lin Yutang is an ideal portrait of the Chinese nation's unique temperament, so free, easy and resilient, that he wanted to acquaint the Western readership with this attitude toward life:

I have always taken fancy to the book *Six Chapters of a Floating Life*, therefore decide to express my desire to translate it into English, and to make people on this world know the lovely life of a Chinese couple, who are quite in minds and are indifferent to fame or gain. (Lin, 1999, p. 21)

Driven by the purpose of "to make people on this world know the lovely life of a Chinese couple", Lin Yutang himself acts as the initiator and the translator in the process, and is free to select any translation strategies, employ any techniques to reproduce the ST in a English-speaking culture, as long as those choices can fulfill his translation purposes — presenting the world the leisurely *Hsingling* spirit, the proper lifestyle to counter a volatile and ferocious contemporary world alienated by modern industries and world wars.

A thorough reading of Lin Yutang's translation shows that he has aesthetically recreated Yun's image in the TT and faithfully reproduced the spirit and connotation of the *Hsingling* culture in the ST. Though the texts are imbued with idiomatic expressions or Chinese specific phenomena, which posed a lot of challenges to the translational work, Lin Yutang still shifted Shen Fu's story to the Western readers in a very meticulous way. The author has spotted about 95 examples of the culture-bound occurrence. A classification revealed that about 63 of these examples can be regarded as being translated in a foreignized way, while the other 32 are transferred to the TL by domestication. Such a proportion echoes Lin Yutang's

aspirations of translating his cultural honors — the distinct Chinese characteristics, and the broad-minded living philosophies of Chinese people.

Cultural transmission is a major skopos for Lin to reproduce in the TT. To promote Chinese thoughts in the Western world, the TT inevitably needs to be filled with the “exotic” Chinese elements, so as not to be confused with the “English-specific elements”. In this respect, Lin Yutang mainly adopted the strategy of foreignizing translation to provide the TL readers with the most authentic oriental ingredients. In the process, two techniques, i.e. zero translation and literal translation, are employed to help fulfill the goal.

3.2. Zero Translation for Cultural Items

Example one—things unique to China

1. 维幼长者皆能琵琶而已.....

.... that all of them, old and young, could play the *p'ip'a*...

2. 星烂抱得琴来, 未闻绝调.....

Hsing-lan has brought a *chi'in* along....but we haven't heard him play on it yet.

3. 遇设蓬瀛茗者, 就之。烹碧螺春, 饮之极佳。

Seeing a tea shed there, I approached it and enjoyed a most wonderful cup of *p'iloch'un*.

4. 《楚辞》为赋之祖, 妾学浅费解。

The Chu'u Tz'u is, of course, the fountain head of *fu* poetry, but I found it difficult to understand.

5. 王闻言出, 请吾母点刺梁后索等剧, 权芸出观, 始称快。

Hearing this, Miss Wang left first and asked my mother to select more cheerful plays like *Ch'iliang* and *Househ*...

6. 善写松柏或梅菊, 工隶书,

He was very good at... as well as writing the *lishu* style of calligraphy...

7. 写草篆, 镌图章,

They would then either write “*grass-script*” or “*chuan-script*”, or carve seals....

Example Two—cultural figures

1. 入门经韦陀殿, 上下光洁.....

Entering it and passing through the Hall of *Weit'ou* [defender of Buddhism against devils].

2. 临门有关圣提刀立像, 极威武。

At the door, there was a most imposing standing figure, representing General *Kuan Yu*, the Chinese God of War and Loyalty, holding a huge knife in his hand.

The above examples serve as the representatives of leisurely lifestyle cherished by Chinese literati and are all transferred by way of zero translation. Some of these examples are rendered by transliteration and perplexing, some intelligible only by referring back to the context. In the hope of reserving authentic Chinese elements in the TT, Lin Yutang forced those transliterated words into the target language at the cost of the target readers' adequate comprehension. It is worthwhile, though, as he believes "indeed, trying to understand foreign nation with a foreign culture, especially one so different from one's own as China's... there must be a certain detachment...from oneself and one's subconscious notions, and from the deeply imbedded notions" (Lin, 2008, pp. 29-30).

Zero translation is now commonly termed as translators purposefully do not shift ST words and expressions with the equivalent ones of target language, which implies (i). certain words in the ST will intentionally not be transferred to the TT and (ii). equivalent words that already existed in the TL will not be used. Yet to fully understand this term, one needs to know first why translators will choose not to translate. The great monk Xuan Zang (玄奘) of Tang dynasty proposed a set of criteria for translators to evaluate before they adopt zero translation methods. He first clarified that zero translation literally means transliteration, in the context of Chinese. Usually, under five situations can a translator choose to transliterate the word: 1) certain words in ST might be of sacred, or divine connotations, like the incantation in Buddhist scripts or noble texts in the Bible (秘密故不翻); 2) certain words may contain multiple meanings in one context, like a pun (多义故不翻); 3) certain phenomenon or things can only be found in the source culture, without any equivalents in the target culture, like 铁观音 in China or Pass-over in Israeli tradition (此无故不翻); 4) certain words that have been widely accepted in the target language, like kowtow, jiaozi in English (顺古故不翻); 5) certain words that may arouse reverence if transliterated (生善故不翻). As a matter of fact, these special words are translatable from a linguistic translation point of view and will be intelligible in the TT, yet "the transliteration angles an approach towards a consistency between the TT and source culture, [which may] conduce the cross-cultural communication" (Zhu Chunshen, 2011).

Lin Yutang's transliteration of the above words echoes the principles of "此无故不翻" and "生善故不翻". For example, a *ch'in* is a wooden stringed instrument, unique yet indispensable for Chinese scholars and reclusive hermits, that symbo-

lizes their noble pursuit of inner-peace and spiritualization. In spite of the many stringed instruments in the Western culture, none resembles a *ch'in* both in shape and in its special usage. The transliteration of *ch'in* fuses a little bit of mysticism and exoticness into the TT, which will arouse the TL readers' curiosity to find out the connotation and spiritual pursuit it represents—a self-motivated way in Dr. Lin's idea to seek exposure and visibility for his motherland culture. Similarly, the Westerners have long enjoyed the tradition of having tea, which is mainly imported from China and India. Yet if being asked about *p'iloch'un*, most likely they will have no idea of what it is, despite that they have heard about Chinese green tea and dark tea. To Lin Yutang, this ignorance of Chinese characteristics is disappointing. After all, it is those segmented and trivial parts that constitute the greater Chinese culture as a whole. Thus he insists on transliterating the Chinese culture-specific words to break down the established language scheme of Western readers, such as the Chinese green tea being the spokes-item for all types of tea, or the abbreviated word “poetry” to stand for all the poems, whether it is the *fu* (賦) of Han dynasty, or *ci* (詞) of Song dynasty. Confusing as those transliterated words are in some situations, they are still understandable thanks to the consistent nature of the English writing, because Lin purposefully put some pre-positive attributives and postpositive attributives in the context to disperse target readers' perplexities. The readers can guess and extrapolate the transliteration's meaning by referring to those hints. Take *Ch'ihliang* (刺梁), *Househ* (后索), and *lishu* (隶书) for example. Lin Yutang has added the attributives of “cheerful plays” and “...style of calligraphy” before or behind the *pinyin* words, which as a result successfully transmitted the Chinese cultural elements without impeding readers' adequate comprehension. For decades, the English language has assimilated many transliterated Chinese *pinyin* words, like *kongfu*, *kowtow* and *jiaozi*, and they have already become “naturalized” in the target culture. Probably this can be attributed to the long-time foreignization of Chinese cultural elements, a goal that Lin Yutang longed for through the foreignizing strategy.

Besides, cultural figures are also translated through zero translation, for the reason that these types of words are extensively used by most people. An example is the word *weit'ou* (韦陀), who is a defender of the Buddha against evils, as Lin explains in the text. This figure, originally named as Veda in the Sanskrit culture, was brought to Chinese through the translation of Buddhist scripts. Most Westerners know him as Veda, but Lin Yutang refused to back-translate it and he is justified in doing so. *Weit'ou* was first revered as a protector during the Song dynasty

(960-1279), when people began to erect his statue in the major hall of a temple and worship him as a protector of Buddha, monks, as well as the disciples. Later on he became General Weit'ou (韦陀将军), ranked first among the 32 divine generals in the Heavenly Court of the Chinese mythology. But when he first came to China, he was merely a faithful defender against evils. Hence ever since the Song dynasty, he is no longer the old Veda of the Sanskrit scripts. As the embodiment of Chinese civilization's innovative integration with the world, Lin Yutang's chose a resistant strategy to highlight the transformation of connotations that a religious figure experienced from being the protector of a Buddha, to the protector of the men, an uplift of his role and an echo to the *Hsingling* spirit that cherishes mundane life and commoners.

3.3. Literal Translation for Cultural Beliefs

In most cases, a liberal way of translation leaves the impression that the source text "is rewritten in domestic dialects and discourses, registers and styles", but such a way of rewriting could result in "the production of textual effects that signify only the history of the receiving language and culture" (Venuti, 2004, p. 485). To further promote the customs, social beliefs and even taboos that have shaped the unique Chinese lifestyle, Lin Yutang adopted the approach of word-for-word translation, highlighting the unique mindsets underlying the exotic expressions.

Example One—Chinese Culture-Loaded Terms & Idiomatic Expression

1. 世传月下老人专司人间婚姻事

It is said that **the Old Man under the Moon** is in charge of matrimony...

2. 倩绘一像，一手挽红线，一手携杖悬姻缘簿。

It was a picture of the Old Man, in one hand, a red silk thread, and in the other, a walking-stick with **the Book of Matrimony** suspended from it.

3. 此号穴场，故地气旺。

This is a propitious place for burial, that is why **the spirit of the earth** is so strong.

4. 迁仓米巷，余颜其卧楼曰宾香阁，盖伊芸名而取如宾意也。

After we had moved to Ts'angmi Alley, I called our bedroom the "Tower of My Guest's Fragrance", with a reference to Yun's name, and to the story of **Liang Hung and Meng Kuang who, as husband and wife, were always courteous to each other "like guests"**.

Due to the beliefs in geomancy, most people in ancient China would spend a lot on finding a good spot with propitious *fengshui* as burial site. So to fully transmit this unique, national mindset, Lin Yutang translated “地气” as the “spirit of the earth” to add more “Chineseness” in the target text. As for the “月下老人” (*the Old Man under the Moon*) and “姻缘簿” (*the Book of Matrimony*), readers might suspect that Lin Yutang is trying to carry coals to Newcastle, for there are equivalent expressions in the Anglo-American culture. Several goddesses the Greek and Roman mythologies are just in charge of love and matrimony, like Hora, Aphrodite and Venus, while Cupid and his golden arrows can certainly fulfill his mission of binding two lovers together, saving much time of searching and matching in the heavy “book of matrimony”. The reason to make those detours is that this word-for-word method of translation highlights the foreignness of the ST and can “restrain the violently domesticating cultural values of the English-language world” and can “protect the ST from ideological dominance of the target culture” (Munday 2001, p. 147). Justified by his translatorial *hexis*, Lin Yutang took every chance to draw a clear line and accentuate the material and mental differences between the East and West, so to preserve the uniqueness of Chinese culture in the TL dominated by Anglo-American cultures.

When transliteration or literal translation can be somewhat confusing, the compensation of meanings becomes essential for the target readers’ adequate comprehension. Ways to compensate meanings can be diversified, such as the adding of attributives, complements, subordinate clauses, and notes to the text. In the translation of *Fu Sheng Liu Ji*, Lin Yutang tried to make up for the elusiveness of the foreignized expressions within the text. For example, “如宾” in the above example is nothing new to Chinese people as it is an abbreviation of the idiom “相敬如宾” (meaning a Chinese couple named *Liang Hung* and *Meng Kuang* treating each other with courtesies). But to the target readers, the story could be irrelevant and the act of referring to a spouse as guest could even be enigmatic. Nevertheless, Lin Yutang will not surrender such ideological uniqueness for the target text’s fluency, thus, a subordinate clause (“who, as husband and wife were always courteous to each other like guests”) to explain the connotations behind the word “guest” may be of some help to the proper rendition of that romantic love between Yun and Shen Fu.

3.4. Foreignization of Chinese logics

Benefiting from his experiences overseas, Lin Yutang wants his readers also to take a literary “trip” abroad to see and feel for themselves how Chinese people behave and examine their inner-self in accordance with their logical thinking. He thus faithfully reproduced in the TT this set of “foreign” logics via the foreignized translation of none Anglo-American way of thinking—his distinctive way of resisting the prevalent and “undaunted” course of modernization in Western society, as this paper has discussed in its first part.

Examples—traditional Chinese logics

1. 真所谓乐极灾生, 亦是白头不终之兆。

True it is that *when the cup of happiness overflows, disaster follows, as the saying goes*, and this was also an omen that we should not be able to live together until old age.

2. 吾父素无忌讳, 点演“惨别”等剧。

Scorning all taboos, my father asked for the performance of a scene called “Sad Parting”.

For centuries, Chinese people are constantly in awe of the potential doom, and have developed a reverence for the mystically unknown, together with a preference for maintaining a low profile. They believe moderation in all things is the best of rules, and things will turn into their opposites when they reach the extreme. So if happiness comes in extreme abundance, bad lucks will also follow in its wake to take away what they do not deserve. In the above examples, Lin Yutang reproduced this sense of humility by a blunt rendition of Shen Fu’s obsession with misfortune and his minor bitterness towards his father’s contempt for social taboos.

4. Conclusion

The introduction of translatorial *hexis* provides a theoretical tool for examining textual details, and the embodiments of the translator’s cultural habitus and disposition in the translating process. Lin Yutang regards the translation of *Fu Sheng Liu Ji* as the best one of all his translational works. The study on his background and travelling experiences reveals that his later converting to traditional Chinese wisdom empowered his aspiration as a cultural mediator, and that he pursues a full expression of the cultural heritages and spirits that he cherishes. Such trans-

latorial *hexis* prompts his translation to seek “cultural diversity, foregrounds the linguistic and cultural differences of the source language and transforms foreign cultural values in the target language”. (Venuti 1995:309) To accomplish such goals, the postmodern perspectives on the exoticness and foreignness in a target text justifies his methods of zero translation and liberal translation of the indigenous *Hsingling* spirit.

References

- Bourdieu, P. (1977). *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Polity Press.
- Charlston, D. (2013). Textual Embodiments of Bourdieusian *Hexis*. *The Translator*, 19(1), 51-80.
- Holliday, A. (2010). Complexity in Cultural Identity. *Language and Intercultural Communication*, 10(2), 165-177.
- Lin, Y. T. (1933). On Translation. In S. T. Wu (2008). *An Anthology on Translation Studies* (pp. 309-315). Beijing: Guanghai Publishing House.
- Lin, Y. T & Huang, J. D. (Trans). (2008). *My Country and My People*. Xi'an: Shanxi Normal University Publishing House.
- Munday, J. (2001). *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. New York and London: Routledge.
- Nord, C. (2001). *Translation as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press.
- Schleiermacher, F. E. D. (1813). On the Different Methods of Translating. In A. Lefevere, (Ed.). (2004). *Translation, History, Culture: A Source Book* (pp. 141-166). Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press.
- Shen, F. (1999). *Six Chapters of a Floating Life* (trans by Y. T. Lin). Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press.
- Simeoni, D. (1998). The Pivotal Status of the Translator's Habitus. *Target*, 10(1), 1-39.
- Venuti, L. (2005). *The Translation Studies Reader*. New York & London: Routledge.
- Venuti, L. (1995). *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. New York & London: Routledge.
- Wilss, W. (2001). *The Science of Translation: Problems and Methods*. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press.
- Wright, G. H. von (1963). *Norm and Action: A Logical Enquiry*. Los Angeles: Humanities.
- Zhu, C. S., & Zhang, J. F. (2011). “不折腾”的不翻译:零翻译、陌生化与话语解释权. *China Translators' Journal*, 11(1), 68-72.



东游

EDITORES-CHEFES 主編 CHIEF EDITORS

Carlos Morais · Cheng Cuicui

EDITORES ASSOCIADOS 副主編 ASSOCIATE EDITORS

Ran Mai · Ying Han

AUTORES 作者 AUTHORS

Anabela Rodrigues Santiago

Ana Varela

António de Abreu Freire

Carlos Borrego

Dingcheng Dai

Dongmin Lin

Hio Kuan Lao

Isabel Morujão

Jiayin Deng

Jorge Tavares da Silva

José Eduardo Franco

Kit Ieng Kuok

Lin Li

Renato Epifânio

Ruirui Sun

Sara Pita

Simon Ming-Yuen Lee

Wenjun Gu

Wu Yue

Xu Yixing

Yilan Shen

Zhao Mengjie



universidade de aveiro
instituto confúcio
阿威罗大学孔子学院



大连外国语学院
DALIAN UNIVERSITY OF FOREIGN LANGUAGES